ANTERO DE FIGUEIREDO • D. SEBASTIÃO REI DE PORTUGAL • •

Digitized by Google

Original from
THE UNIVERSITY OF TEXAS

2 DP 612 F47 1925 LAC
2

THE LATIN AMERICAN COLLECTION
of
THE LIBRARY
THE UNIVERSITY OF TEXAS AT AUSTIN

THE SIMON LUCUIX
RIO DE LA PLATA LIBRARY
Purchased
1963

DP
612
F47
1925
LAC

LATIN AMERICAN COLLECTION

Digitized by Google
Original from UNIVERSITY OF TEXAS

IBRO
577
DEO

Digitized by Google

Original from
THE UNIVERSITY OF TEXAS

Digitized by Google

Original from
THE UNIVERSITY OF TEXAS

This Book is Due on the Latest Date Stamped

LITHO

Digitized by Google

Original from
THE UNIVERSITY OF TEXAS

DO AUTOR:

TRÍSTIA (2.ª edição).
ALÉM.
PARTINDO DA TERRA.
PALAVRAS DE AGNELO.
A ESTRADA NOVA (Peça em 3 actos).
RECORDAÇÕES E VIAGENS (3.ª edição).
CÓMICOS (4.ª edição).
DOIDA DE AMOR (7.ª edição).
D. PEDRO E D. INÊS (6.ª edição).
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER (Conferência). (3.ª edição).
LEONOR TELES (4.ª edição).
JORNADAS EM PORTUGAL (4.ª edição).
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO (Discurso).
SENHORA DO AMPARO (4.ª edição).
ESPANHA (3.ª edição).
D. SEBASTIÃO (8.ª edição).

NO PRELO:

DOIDA DE AMOR (8.ª edição).
LEONOR TELES (5.ª edição).
D. PEDRO E D. IGNÊS (7.ª edição).
RECORDAÇÕES E VIAGENS (4.ª edição).
JORNADAS EM PORTUGAL (5.ª edição).

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Sciências de Lisboa
e da Academia Brasileira

D. SEBASTIÃO

REI DE PORTUGAL

(1554-1578)

«Si quam fortis eras, tam felix ipse fuisses,
Major Alexandro, forte Sebaste, fores.»

6.ª EDIÇÃO, REVISTA

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS-LISBOA

1925

Digitized by Google

Original from
THE UNIVERSITY OF TEXAS

Todos os exemplares são rubricados pelo autor

Composto e impresso na *Tipografia da Emprêsa do Anuário Comercial*
Praça dos Restauradores, 24—Lisboa

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

«Thierry avait appelé l'histoire *narration*; Guizot, *analyse*; — je l'appelle *résurrection*.»

MICHELET.

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Digitized by Google
Original from
THE UNIVERSITY OF TEXAS

A

CARLOS MALHEIRO DIAS

Meu querido amigo:

Numa tarde de Outono, pisámos juntos a campina trágica de Alcácer-Quibir. Com os pensamentos amarfanhados de recordações pesarosas, quedámo-nos mudos no meio da vasta planície, longa a perder de vista, para além do rio Mucazim, entre os oiteiros de Bugemme e o Luco, com a cordilheira lilás do Gibel, ao sul, distante, no extremo horizonte.

Depois, saindo do nosso pungimento, debruçámo-nos sôbre o chão onde foi a tremenda batalha, fidalga como nenhuma outra. O Carlos colheu um cardo séco — símbolo de amarguras; eu apanhei e guardei um punhado daquela terra, avermelhada e pulverulenta, que, um dia, sob tórrido Agôsto, embebida em bravo sangue português, o Heroísmo e a Dor sagraram.

A luz sanguenta do poente polvilhava-se no ar e rastejava-se pelo chão africano, onde as nossas sombras, alongadas, eram tiras cinzeas na resteva dos cardos ressequidos.

Passaram-se longos minutos meditabundos...

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Já do sol morto havia apenas um clarão de fogueira por detrás do Sadi-Guedar aviolado, ao longe. O silêncio dilatava o vastíssimo campo. Impregnados da mágoa daquela hora e das recordações históricas que nos quebrantavam as almas, regressámos calados e recolhidos em nós.

.....

Como lembrança dessa dorida peregrinação a um lugar onde a nossa história foi tragédia, ofereço-lhe êste livro, em que se exaltam sublimes arrancadas portuguesas nessas paragens adustas. Que a sua alma generosa desculpe a pouquidade, aliás representativa da homenagem do meu espírito e do meu afecto ao seu coruscante talento coroado de louros, ao seu poderoso e formoso coração coroado de espinhos.

Todo seu

Antero.

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

PREFÁCIO

Como os meus livros «D. Pedro e D. Inês» e «Leonor Teles», êste «D. Sebastião» é ainda *um trecho de história pôsto em arte.* Não é um falso romance histórico, nem simples história narrativa. Estima ser melhor que romance: ser vida. Deseja ser superior à vida: ser beleza. Pondo em pé corpos mortos e nêles seu espírito ausente; animando scenas e movendo quadros parados; iluminando paisagens que luz ida mostrou; — entram êstes trabalhos no campo das reconstituïções históricas, das ressurreições literárias, que se realizam com pesquizas para reünir informes, critério para os apurar, análise para perscrutar almas, auditiva para ouvir vozes esparsas, visão para enxergar claridades sumidas, engenho para gerar vida, arte para criar beleza. Desta maneira, fornecidos de factos e da sua possível crítica, presente sempre o comentário pessoal, que busca ler fundo nas raízes das almas e das coisas, e, sobretudo, com o espírito em vibração estética, instalamo-nos no mundo das revelações, balouçando-nos entre a verdade e a fantasia, mas com tal propósito, jeito e medido

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

devaneio no invento verosímil, que a vida da arte valha a vida da realidade, pois, como diz Renan, «le talent de l'historien consiste à faire un ensemble vrai avec des traits qui ne sont vrais qu' à demi.»

Duvido um tanto ou quanto da sciência histórica, ainda a feita ùnicamente de informações miúdas e praticada com métodos austeros. Acredito pouco nas conclusões da história filosofada e nada nas visões da filosofia da história, que são esforços superiores do juízo agudo e altaneiro, em rebusca das ideias gerais que pretendem tudo iluminar de cima, mas, às vezes, tudo deixam no escuro profundo — «elle, l'histoire, qui met souvent de l'ombre lá où l'on voyait des rayons», escreveu Hugo.

A verdadeira história, a que, psicológica, fizesse a história da alma da História Universal e profundamente lhe penetrasse o sentido — essa, parece, não está ao alcance da minguada crítica humana.

Filosofia da história! Mal por mal, antes Poesia da história.

Que me perdoem êste meu atrevido dito os sábios historiadores e pensadores, passados, presentes e futuros, que aliás me deliciam com seus voos, gigantescos e belos, pelas alturas.

Desculpem-me também os pacientes beneditinos que em suas celas, com bem humorada perseverança, tudo minuciosamente esquadrinham; e ainda aquelas silenciosas toupeiras eruditas, que

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

gastam a vida humilde nas sombras das abóbadas dos arquivos, a lurar, a lurar, para, num instante, nós outros nos instruirmos còmodamente, com as pesquizas da sua longa e laboriosa existência.

Prestimosas almas, perdoai-me!

As razões em que me estribo (pouquidades, bem sei) já as expus, sucintamente, no prefácio da «Flor de altura», parte do qual reproduzo:

«Todos os historiadores deformam a verdade ao visioná-la através dos seus preconceitos críticos; e tanto mais desviada é essa deformação, quanto maior o seu esfôrço de encontrar interpretações novas e de se abalançarem a sínteses concluentes. Mesmo fora da sistematização extrema, ou da maior ou menor relacionação scientífica de factos, êste desvio é fatal, pois basta a simples leitura preconcebida de um inocente documento para logo aí entrar a parte subjectiva do historiador — o seu sentido pessoal — que tudo transporta. Pensou, alterou. As ideias gerais são para os filósofos o que as emoções são para os poetas. Uns e outros vêem a existência através de preconceitos que julgam verdades absolutas e que não passam de visões e sensações individuais. Da história pode dizer-se não só que ela é (como Amiel disse da paisagem) um estado de alma emotivo, mas ainda um estado de alma intelectual, isto é, a síntese da associação das ideias do historiador».

. . . . . .

Confirmando o que escrevi então, acrescento

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

hoje duas frases que raros conhecem (estão num album particular [1]) em que dois notáveis pensadores portugueses, acentuam quanto é precária a sciência da história, quando ela se põe a interpretar factos que não viu, e a aplicar-lhes crítica imprudente, senão precipitada, que a leva a destruir hoje o que construiu ontem, a negar aqui o que afirmou além, já por deficiência de elementos, já por excessiva sistematização de juízos. Raramente três gerações seguidas apreciam do mesmo modo uma mesma época, que uns glorificam, outros menosprezam, desestimando êstes o que aqueles aplaudiram. Tudo é fazer e desfazer; — tudo é raspar o que se escreveu para escrever por cima dizeres que outras gerações apagarão, substituindo-os por novas e terminantes afirmativas — «ne varietur» — as quais, a seu turno, um dia serão igualmente raspadas e substituídas por outros — «ne varietur». E sempre tem sido assim, e continuará a ser.

Nas obras admiráveis dos Niebuhrs, tidos por impecáveis, entram as análises sábias dos Mommsens, e tudo corrigem e alteram; e sôbre os clamorosos entusiasmos de um Michelet, a exaltar os homens da Revolução, caem as sentenças austeras de um puritano Carlyle, condenando-os. E quando não são, assim, historiadores diferentes que se atiram abaixo uns aos outros, são os próprios autores que se emendam a si mesmos: — os Taines, que, vivendo muito e progredindo sempre, tendo principiado, dentro de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

um ponto de vista, obra longa, terminam-na, escrevendo os últimos volumes dentro de teorias antagónicas às expostas nos primeiros tomos.

Em resumo: todos os novos livros de história são revisões dos livros anteriormente publicados a respeito do mesmo assunto. Sob vistas diferentes, corrige-se o que se escreveu. A's vezes não fica pedra sôbre pedra!; outras, porém, volta-se ao que já fôra rejeitado. E' uma marcha ora para diante, ou para trás, e sempre em dissídio uns com outros. No entanto, a história tem fome e sêde de justiça!

Depois, em história surgem casos inesperados que, embora de maneira nenhuma destruam as leis da causalidade, obturam absolutamente tôda a previsão. Factos na aparência mínimos, circunstâncias de aspecto rasteirinho, geram tal complexidade de fenómenos, que seus efeitos trasbordam e logo tudo mudam e trasmudam, alteram e transformam, em resultados inteiramente imprevistos. São fermentos que se desdobram e pronto levedam montanhas; são sementinhas de mostarda que arborescem e enchem bosques. E estas pequenas circunstâncias escapam à sagacidade mais afiada, ao raciocínio mais esperto, ao estudo mais meticuloso dos pormenores que ninguém supõe possam vir a actuar decisivamente num determinado acontecimento social. Porém, estas diminutas causas de tal modo se engarfam umas nas outras, se entrecruzam, se enredam, se complicam, que sua acção exageradamente mul-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tiplicada, vertiginosamente acelerada, produz resultados estupendos.

Algumas imprevistas nuvens de chuva, fora do tempo (em pleno Junho quente e sêco) molhando, na véspera da batalha, o campo de Waterloo, impedem que a artelharia francesa rode e se instale de maneira que a batalha comece seis horas antes, não tendo, assim, dado tempo a que Blücher acudisse a Wellington com os seus reforços, sem os quais os aliados ingleses, prussianos e holandeses, jamais teriam vencido Napoleão. E em plena batalha de Alcácer-Quibir, no instante preciso em que o exército cristão batia às portas da vitória, um monossílabo, um simples e desastrado monossílabo, gritado por uma voz imprudente (ou criminosa?) lança o pânico nos combatentes portugueses, engendra o desastre e precipita no cativeiro a alma livre e gloriosa de um reino até então ufano da sua secular independência.

A «circunstancialidade» (chamemos-lhe assim) é um mundo imponderável, um mistério, um «quid obscurum» que, por vezes, tem decidido da sorte das batalhas antigas e modernas, transformando, de um instante para o outro, anunciada vitória em aniquiladora derrota. Em história, pela extensão e complexidade das suas raízes e radículas, há causas insondáveis. Na história há milhões de incógnitas. O mistério do Futuro não é maior que o mistério do Passado. A História é o mais profundo dos silêncios.

Finalmente, tendo-se sempre, há séculos, cha-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

mado à História a grande «mestra da vida», averigua-se que a humanidade ainda não aprendeu migalha com as suas lições! E' que, na história como na vida, ninguém aprende senão à sua custa. Homens e povos só se levantam depois que caem... A vida é preciso andá-la e cada um por seu pé.

(1) Os pensamentos a que atrás me refiro são de dois nossos grandes escritores contemporâneos: Oliveira Martins e Antero de Quental. Escreveu o primeiro: «A história é um palimpsesto permanente». Escreveu o segundo: «A história é uma série de remendos numa série de buracos».

*
* *

De D. Sebastião tem-se dito o pior! As setas que os frecheiros de Diocleciano cravaram no corpo nu e cristão do soldado santo, seu homónimo, que, no dizer compungido de um piedoso apologista, mais ficou «ouriço que homem», — são nada comparadas aos mil ditos, remoques, agravos e sentenças com que serenos historiadores e críticos sisudos (e também parciais acusadores) têm cravado na fama dêste rei singular. E' um não acabar nunca de objurgatórias à sua atitude, de aspérrimas censuras aos seus planos, quando não são chuveiros de mofas escarninhas à sua augusta emprêsa de nobilíssimo idealista.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Numeroso côro de biógrafos vêm clamando, pela história fora, seu feitio de aventureiro desastrado, seu romanticismo tonto, sua vaidade estulta, sua teimosia de rocha, suas imprudências de arrebatado, suas estoiraverguices de maluco, seus impulsos e destrambelhos de desaustinado. E a própria virtude da sua clara castidade foi classificada de patológica!

Seria curioso, embora demorado, reproduzir aqui os muitos adjectivos feios, os vários qualificativos disformes, e ainda as diversas chocarrices de menosprêzo com que tem sido etiquetada a ânsia patriótica, o sonho audaz dêste ânimo potente e raro. Há de tudo nessa verrina violenta e truanesca, desde o chamar-lhe «paranoico» [2], «monomaníaco» [3], «insano mental» [4], ferido de «loucura positiva» [5], «supinamente tolo [6], até classificá-lo de «pateta» [7], «idiota» [8], «fanfarrão», [9], «romântico e inexcedível pedaço de asno» [10]; desde «doido varrido» a «misógino» [11], ou estigmatizá-lo de «homosexualidade degenerativa» [12]. Escreveu-se que «não era um rei, mas um monge militar» [13], que intentou «uma guerra não só injusta nos seus motivos, mas perniciosíssima para êste reino» [14]; e que, «imprudente, teimoso e fanático» [15], comprometendo tudo e todos, «levou (afirma outrem) Portugal à carnificina inglória de Alcácer-Quibir» [16]. E um afamado professor e clínico de renome, contemporâneo [17], escreveu contra êle um tremendo libelo, procurando demonstrar que D. Sebastião,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

«irresponsável», é «o tipo acabado e perfeito do epiléptico», exteriorizando estigmas somáticos expostos nos quadros dos degenerados e apresentando as deficiências, irregularidades e anomalias psíquicas, descritas por Lombroso nos seus trabalhos de alienista. Como êsses tipos, o tarado D. Sebastião tem todos os sindromas da epilepsia hereditária, da nevropatia acumulada por herança de consanguíneos: alucinações, divagações nocturnas, suspensões passageiras; obnubilações e crepúsculos de inteligência; perversões do sentido genesíaco; desequilíbrios morais: inveja e jactância mórbidas; autofilia; ausência das qualidades afectivas substituidas pelas paixões veementes; fanatismo e glutonaria; obstinação e deambulismo; amuos, vágados, arrebatamentos de ira e logo quebras bruscas, rebentinas e prontas acalmias.

Quantas, quantas opiniões aviltantes cuspidas na memória dêste bravo e galhardo espírito! Aos cavaleiros do ideal compete levantar a luva e, na verdade, não têm faltado escritores e poetas que, descendo à liça, em prol das qualidades e virtudes dêste rei, hão composto prosas laudatórias e entoado estrofes que o dignificam.

Outros, de espírito simples e verbo oculto, prezaram sua memória no íntimo da alma, em silêncios de oratório, memória engrandecida pelo entusiasmo que, nalguns, agrupados em seitas, se transformou em obsessão devota, criando nos peitos lusos um sentimento novo, feito de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

saudade e esperança patrióticas: — o sebastianismo.

*

* *

Neste estudo, não é meu intento defendê-lo, mas apenas explicá-lo. Uma vez mostrado, êle se defenderá por si próprio. Seus erros são, parte, os da sua época; parte, individuais. Os colectivos vinham de longe; os pessoais constituíam a sua psicologia de herói, que é feita de belezas e defeitos, de teimas obstinadas e de acertos admiráveis; e, lado a lado, (tão próprio dêstes temperamentos explosivos) toques de desvairo, um tanto ou quanto de arrebatamento belo que excita, intensifica, timbra e doira a vida; e sempre àlerta aquele rebentino vento de temeridade, a açular os ânimos, a atirá-los à acção fulminante, o que, num dado momento, é a solução adivinhada e instantâneamente executada pelas almas de arrôjo, precipitando-se, loucas, no perigo onde caem mortas ou de onde irrompem gloriosas. A vitória endeusa os heróis; a desgraça vexa-os e aniquila-os. Num instante, êles desafiam o Desconhecido e batem-se com o Imprevisto, deuses do Mistério, que, generosos, os coroam, ou, cruéis, os fulminam. E não é, nunca foi, e jamais será outra a trajectória do triunfo, percorrida pelos impulsivos e pelos bravos.

O espírito da aventura não é estultícia nem romanticismo, mas sim aquele impulso para além,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

do comedido raciocínio lógico; mas sim aquele instrumento espiritual de realização, de conquista, que perfura, trespassa e excede. A aventura é o nervo do heroísmo, o dinamismo dêste clarão.

No instante do perigo iminente, a aventura é uma iluminação, uma inspiração — um rasgo genial. A aventura é uma escapada no sobrenatural.

Mas a aventura, para ser proficua e coroada, exige a aquiescência de um deus bem-fazejo, como quem diz, o simpatia dos Fados, a graça do mistério da vida, pois, já o escreveu Carlyle: «That which we call hazard rules many things».

Que sabem os homens?

Sem uma boa estrêla não há heróis. Nos socalcos de Valverde, êste astro benéfico transmudou em heroicidades as temeridades de Nuno Álvares; e a não presença dêle nos plainos de Alcácer-Quibir — fêz de D. Sebastião um «Nuno Álvares da perdição». Alcácer-Quibir foi, pois, uma Aljubarrota desastrada, como Aljubarrota tinha sido um Alcácer-Quibir afortunado. D. Sebastião é o avatar de um Nuno Álvares que tivesse morrido em Valverde.

¿Então não foi o saber, a inteligência e a serenidade que, em terras de Odiana, venceu as mesnadas do conde de Niebla e as hostes dos mestres de Alcântara, Calatavra e Santiago? Não. Quem triunfou foi o arrojo temerário de Nuno Álvares que, com uma álgara de lanças

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

desguarnecidas de retaguarda, metendo-se quarenta léguas pela Espanha dentro, a tudo se expôs.

E ¿porque é que nas águas de Ormuz seis navios e quinhentos homens, apenas, bastaram para destruir, dispersar, e desorganizar sessenta naus e duzentos galeões do rei persa? Porque o sobre-humano Afonso de Albuquerque teve a genial temeridade e a audácia sublime de atacar de improviso.

¿Porque é que, ontem, venceram os franceses no Marne e, como conseqüência, se salvou Paris do assenhoramento alemão? Pela sciência da arte da guerra? Pelo tino dos altos generais que de longe comandavam? Pela afoiteza do soldadinho francês — o valente, o alegre, o airoso «peludo»? Não. Triunfou por uma esplêndida desobediência, um admirável ímpeto de génio de Galieni, que, imprudentemente desguarnecendo Paris, atirou com milhares de homens para as planícies do Marne.

Esta audácia no perigo é o que se chama temeridade, e, quando feliz, é a marca do herói. Ela fêz parte da teoria guerreira de Nuno Álvares, que dizia que «só as temeridades ousadas podem ser fecundas». E' aquele estigma que Voltaire assinalou em Gustavo Vasa, antepassado de Carlos XII da Suécia: «Son génie formait de ces entreprises que le vulgaire croit témeraires, et qui ne sont que hardiesses aux yeux des grands hommes.» O mesmo que Oliveira Martins reco-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

nheceu nas almas de alguns dos filhos de D. João I: «Todos os motivos deliberantes dos actos humanos parecem doidices, quando excedem o nível médio do comum das coisas.»

O espírito do herói tem uma lógica diferente da dos mais espíritos. Suas grandes intenções avaliam-se pelos grandes resultados. E' um ser aparte. E' preciso medir a sua alma pela craveira dos semi-deuses. Ideais excessivos? Sim. Utopias? Sim. Mas «nada grande se faz sem quimeras», diz Renan, e Le Bon acrescenta: «La foi dans un ideal, les rites et les symboles sont les soutiens invisibles des édifices sociaux.»

¿ Que tem sido a grandeza em história senão a realização de sonhos aparentemente impossíveis, feitos por iluminados precursores que vêem no Além, que lêem no Futuro?

*
* *

Em história, há factores externos e factores internos. Actuam nela causas materiais e causas espirituais. A fome e a sêde são tão imperiosas como a religião, o amor e a beleza. Se há uma humanidade mesquinha que se atropela para conquistar a felicidade terrena comprada com dinheiro, também uma outra humanidade existe que se abala e move no anelo das belezas morais.

Viver é planear sonhos. Por êles se peleja a tôda a hora e durante tôda a vida. Na cami-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

nhada para tais aspirações a alma vive, por vezes, em relâmpagos de claridades celestes: a Felicidade; mas na maior parte dos casos, encova-se em negrumes: a Dor. Realizar é gozar; não realizar é sofrer. Fluxo e refluxo, o movimento é permanente, e chama-se luta. A história só sabe representar duas peças e ambas no mesmo tablado: a vaga Felicidade; a nítida Dor. Tudo o mais são episódios mais ou menos cínzeos. Tudo o mais é crepúsculo.

. . . . . .

Serenos racionalistas, de visão rectilínea em almas didácticas, corações frios como sorvetes e sêcos como palhas, esquecem-se, por vezes, de que, se os homens são feitos de pensamento, também o são de sentimento; e de que, se o raciocínio os guia, também a sensibilidade os move, para não afirmar radicalmente como Eduardo Barrios: «La emoción es la esencia virtual de las cosas. La emoción es el alma.»

Como o homem não vive só de pão, igualmente as nações não se sustentam sòmente de materialidades. ¿ Que importa que as Cruzadas degenerassem em política e conquista, comércio e indústria, se foi santo o sonho de Pedro Eremita e de uma parte dos que o acompanhavam? Muito práticas foram as emprêsas comerciais dos portugueses em Marrocos e na guerra à pirataria: no entanto, elas tiveram a fomentá-las o tradicional e antigo espírito de cavalaria re-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ligiosa de bater infiéis, e o de vingar cristãos que nessas paragens haviam sofrido cruentos martírios. Não haja dúvida: cristandade, cavalheirismo, política e comércio andavam então liados. Se na conquista de Ceuta girou a mesquindade dos dinheiros dos comerciantes judeus, isto não tira que, sob outro aspecto, essa emprêsa fôsse impulsada (além de bem calculadas vantagens nacionais) por anseios de fé e de glória patrióticas, que tufavam os peitos do rei, dos infantes, dos principais, dentro daquele fidalgo e político programa de Nuno Álvares: «Honra e Proveito», coisas que, ao contrário da proverbial sentença, cabem no mesmo saco, quando o saco é uma alma tão nobre como assisada, tão prática como idealista.

¿Porque não querem ver nestes homens a vida interior que os possuía?

*
* *

Erros? Sim, D. Sebastião cometeu vários. E' humano. Alguns são os defeitos das suas qualidades: o paladino a irromper no político, o cavaleiro andante a galopar ao lado do capitão. Por vezes, seu génio impedia-o de ser inteligente. Mas a par dêles, além de obras bem estudadas e bem realizadas, de planos sensatamente elaborados e executados, ¡quantos sonhos formosos, quantos propósitos alevantados, quantos extraordiná-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

rios movimentos de energia, quantos admiráveis exemplos de tenacidade praticados pela férrea vontade de bem servir sua nação, por ela se sacrificando até à morte. Quantos! Era um louco de amor! Seu espírito viveu na vibração do desejo ardente do renome da pátria querida, que em tudo queria ver dilatada, afamada, ditosa, grande.

A religiosidade das almas; a moralidade nos costumes; a verdade iluminando de alto; a justiça distribuída por igual; o vinco militar que viriliza e disciplina; a economia da nação e a instrução das classes médias; a honestidade e a parcimónia no vestir; a sobriedade no comer e no beber; a polidez nas maneiras; — foram a permanente preocupação dêste rei religioso, militar, nobre e pai, que para os seus vivia como em família nacional. E seu sonho colonial e estratégico de reconquistar e manter português o noroeste africano, dilatá-lo, fincá-lo no interior, num «hinterland» de muitas léguas, — é, trezentos anos passados, o sonho diplomático da França, da Espanha e da Inglaterra de hoje, a quem D. Sebastião precedeu em visão política.

Edifiquemo-nos no que nêle houve de belo; e esqueçamo-nos do que nêle foi desacêrto, tirando, aliás, lição inteligente dêstes erros (tão lindos!), avisando o nosso atrevimento, ensinando o nosso entusiasmo. Utilizemo-nos de tôdas as lições do seu valor pessoal, tomando-o como modêlo de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

virtudes guerreiras, de energias inquebrantáveis, de tenacidades aturadas, imitando seu trato fidalgo, copiando seu alinho moral e seu galhardo aprumo.

O denodo sublime dêste rapaz de vinte anos, sua constituïção de herói, seu misticismo orgânico e construtivo; sua alta noção de fidalguia, que impõe ao herdeiro honrar a herança com a prática de novos feitos gloriosos; seu ideal sempre extasiado de rei que ao morrer quer deixar o reino maior do que o recebeu; sua vontade rija; sua energia de gigante na acção pertinaz; seu arrojo no perigo; — são um tema de arte universal, repleto de beleza nobre e humana, que nos educa pela lição e nos deslumbra pela irradiante poesia que contém. Porisso o colhi.

Demais, é nosso, bem nosso. E' um grande assunto nacional. A coragem heróica dêste moço faz parte do património belo do passado português, que devemos exibir e enaltecer para nêle nos doutrinarmos. Maior que um homem, por vezes é lenda; maior que um facto, por vezes é tradição. Nesta hora sombria, paremos diante de semelhante figura de sonho, estudemo-la com amor, tocando-nos da sua formosura. E' um dever.

Diz o grande Alexandre Herculano: «Sejam as memórias da pátria, que tivemos, o anjo de Deus que nos revoque à energia social e aos santos afectos da nacionalidade. No meio de uma nação decadente, mas rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma espécie de magis-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tratura moral, é uma espécie de sacerdócio. Exercitem-no os que podem e sabem, porque não o fazer é um crime».

Eis a ordem do mestre, que procurei cumprir.

Possam estas páginas, baças como arte, mas coruscantes pelas intenções alevantadas que as impulsam, acordar ânimos adormecidos, pôr em pé corpos jacentes e nêles enrubescer o sangue apático, vibratilizar os nervos lassos, e fogachar as almas com aquelas línguas de fogo-espírito, descidas do céu, e, irrompido da terra, excitá-las com aquele frenesim vibrante, combativo e formoso como um frenesim de amor arrebatado, que os heróis ofertam à Pátria. Possam estas páginas aprumar as espinhas dorsais dos avergados portugueses de hoje; retesar-lhes os músculos dos braços; refechar-lhes, em dedos de náufrago a mão agarrada ao punho da espada decidida, de lâmina rebrilhante, que canta no ar scintilações de prata e pedrarias, como o sol nos tremores do mar; possam elas entumescer os peitos de freimas valorosas, alvoroçar os olhos de scismas belas, e pôr nas íris de sonho o arroubo das esperanças de oiro, jogando as almas às alturas e eclectrizando-as com audácias a que se seguem as acções tensas e perseverantes, para, rompendo por tudo e através de tudo, elas escreverem a história nobre dos povos redimidos pela fé, pelo saber, pela bravura. Que as intenções, os propósitos, os desígnios patrióticos destas

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

laudas se enfileirem em aguerrida hoste e organizem uma flor de cavalaria nova: — a que, ardorosa e airosa, se bata em prol das Virtudes Perdidas, que antes foram no nosso religioso e honrado Portugal.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Digitized by Google

Original from
THE UNIVERSITY OF TEXAS

D. SEBASTIÃO

I

O «DESEJADO»

LENDA DO NASCIMENTO

PORTUGAL sofre alucinações! Anda no ar uma epidemia de ideias funestas, que a todos amedronta, adoece, enluta e traz apreensivos. Os olhares são scismentos e os passos inseguros, como quando se anda, entre lusco e fusco, por caminhos de pedregulhos soltos. A luz do sol é luz de eclipse — de louza violácea, que entristece os verdes e anuvia o espelhado das águas paradas. As sombras das árvores estremecem cinzentas e frias. Calor timorato, que não aquece; luz de mágoa, que não alumia; crepúsculo de agoiro, que confrange os espíritos arrepiados. São horas diurnas de ideias nocturnas, entenebrecedoras do pensamento; horas negras de pesadelos, opressoras dos corações.

E' um momento inquieto, torturante, em que os portugueses a si próprios se esmagam sob

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

o pêso das suas desolações, ou, desesperançados, crispam as almas em torturas.

Em Lisboa há quem tenha visto, de dia, uma nuvem de crepe, em forma de ataúde, pairar, fúnebre e sinistra, por sôbre a cidade horrorizada. Alguns contam, com olhos varados de pavor, que durante a noite, nascidos da treva, se ouvem rosários de suspiros e de estertores de moribundos; e que nas profundezas da terra ecoam estrondos de batalhas distantes, com troar de bombardas, estoirar de arcabuzes, esmalhar de lorigas, choque de armas, golpes de espadas em morriões, lanças que se entrecruzam e quebram [18].

Uns sonham que vêem as águas do Tejo, sempre correntes e de tintas azuis como o azul celeste, sùbitamente turvarem-se e estagnarem-se em compacto lôdo de sangue pisado. Outros, com o olhar assombrado, alcançam, além, em longes de campina, movediças mangas de mouros de tez brônzea, barbas negras e olhos de carbúnculos luzentes, envoltos em jilabas de saragoça e albornozes brancos tufados ao vento, que trazem nas mãos brilhantes alfanges temerosos. Como em aludes de cavalgadas furiosas, essas álgaras de tufão atiram-se de encontro a inimigos e levantam no ar rolos de poeira vermelha que o sol poente, a pousar no horizonte da campina rasa e longa como o màr, — ensangüenta.

A princesa austríaca D. Joana, viúva, em

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

vésperas de parto de um filho póstumo, arrepiada de pavor, é das pessoas que mais alucinações sofre. Há dias, viu ela entrar na sua câmara, em soturnos passos de silêncio, uma espectral dama vestida de vaso negro, expressão parada e álgida como a morte, e longo véu de luto a arrastar sua cauda fúnebre pelos tejolos da sala [19]. Sinistra, aponta para uma tocha acesa, cuja chama logo empalidece, mingua e morre, esfumando-se em espirais funestas, que sobem ao teto e o traspassam. Ontem à noite, sòzinha na sua quadra, pressentiu que bôcas ocultas na sombra lhe apagavam, uma a uma, tôdas as velas que, em candelabros de prata cinzelada, a alumiavam [20].

Como, nesta hora de mêdos, é chúmbea a atmosfera de Lisboa, e esmaga as almas pávidas!

* * *

¿Qual a causa de tamanha dor? ¿Quem degradou espíritos portugueses a semelhantes penas? ¿Porque esta crucificada agonia? E' que Portugal, já tão esmorecido de fé nos seus destinos, já tão minguado no valor das suas gentes, vai sumir-se, desaparecer, morrer! Como? Por falta de rei. Porquê? Por, naquele incerto momento, morto o príncipe D. João, que era uma clara esperança de formoso anúncio, não

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

haver um directo herdeiro ao trono de Portugal, embora êste príncipe deixasse pejada, e no fim do tempo, sua mulher a princesa D. Joana.

São passados quinze dias sôbre a morte do último filho de D. João III. Eram nove. Todos foram caindo — uns de dias, outros de meses, alguns de anos. Juraram-se herdeiros D. Manoel, D. Filipe, D. Dinis, D. António, e nenhum chegou a herdar o reino: morreram! Restava D. João: morreu também. Levou-o a «paixão diahabética», aos 16 anos, depois de precocemente casado, aos 14, com outra criança da mesma idade, a princesa D. Joana, irmã de Filipe II e filha de Carlos V, que o príncipe português dotara com o reino de Portugal.

Se naquela hora falecesse o doente D. João III, ¿quem subiria ao trono? ¿Algum dos três irmãos do rei: o cardeal D. Henrique, o infante D. Luís, ou sua irmã D. Maria? ¿D. Duarte, duque de Guimarães, tão estimado? ¿Um representante da casa real de Aveiro, por exemplo o marquês de Tôrres Novas, ou da de Bragança, por exemplo D. Catarina, mulher do sexto duque? Não. Quem subiria ao trono (mal podem contar com o descendente do enfêrmo príncipe D. João) seria um castelhano, reünindo as duas coroas de Portugal e Castela: D. Carlos, filho de Filipe II, e neto, por sua filha, de D. João III. Assim se combinou, num tratado secreto, quando do casamento de D. Maria de Portugal com o príncipe das Astúrias,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

único filho varão de Carlos V, imperador da Austria, das Espanhas, das terras flandrinas, — o grande, o magnífico, o arguto, o sereno polftico que, sempre pensando na coroa de Portugal, começou por casar com D. Isabel, filha de D. Manoel, e depois casou o filho com a infanta D. Maria, filha de D. João III, olhos no trono português, preparando, trinta e oito anos antes, a absorção de 1580. Sempre o velho e torturante pesadelo de Portugal: a hegemonia da Castela absorvedora.

Mas neste céu baixo e de opressão há bocadinhos de sol a romper por entre ennovelados de nuvens de chumbo fimbriado de sangue: ¿quem sabe se a criancinha que está para nascer não vingará? Esperemos. Mas é uma esperança precária, uma melindrosa esperança, porque, de um momento para o outro, no luto d'alma que vai na côrte, essa delicada mãe pode perceber que lhe ocultam a morte do marido, e, perturbada com o desolamento da sua viúvez, tudo prejudicar... Por isso, nos Paços é cada vez maior o segrêdo. Todos aparentam expressões sorridentes, e as vozes são alegres e altas, a espantar tristezas. A longa ausência do príncipe D. João (quinze dias) explicam-na os áulicos à princesa por êle ter ido para uma caçada de ursos e javalis em brenhas distantes, internando-se nas Beiras. Na côrte teme-se a menor indiscrição.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

E' um risco. Vive-se em sobressalto. As almas estremecem de inquietude dolorosa.

No entretanto, continua a scintilar aquela aresta de esperança: tudo pode pender para bem. Uma circunstância feliz decide da situação. ¡Ah, se a princesa tivesse um filho varão e forte, Portugal estava salvo! E o oiro da esperança salvadora fulgia ao longe!...

Então um desejo potente, ardendo em veemências vindas das profundezas das almas repletas de amor pátrio, a todos abala, em todos irrompe, embriagando os olhos de alegria criadora. A Esperança, clarão distante, é irmã mais nova da Fé. Já os cérebros arquitetam imagens ridentes. A alucinação toma outro aspecto: espalha-se que vão chegar ao Tejo doze naus com os porões cheios de trigo: é a abundância. Que entrarão também galeões pesados de oiro: é a riqueza. As imaginações enfloram-se, a fantasia cria. Tudo pode ser, tudo pode ser! Levantam-se os corações. A piedade portuguesa, sempre doce, congratula-se com o azul do céu onde sobe a sua religião feita, sobretudo, de sentimento. O lindo firmamento de Portugal, azul, sereno, pacifica as almas. Basta olhá-lo! Deus é bom e sempre tem sido amigo dêste reino. Cristo crucificado foi o nosso padrinho nos campos de Ourique. Portugal é afilhado de Jesus e da Cruz. A confiança instala-se. Já todos rezam, ervorosos, rogando aos céus uma boa horinha

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

para a princesa parturiente, e que ela dê ao reino um filho varão. E há lacrimosas mulheres que, como penitência dos seus pecados, oferecem o sacrifício de severos jejuns, prometendo, outras, esmolas de vicentes de oiro. E' Portugal inteiro em oração, nas cidades, nas vilas, nas aldeias — o Portugal ribeirinho a olhar para o mar; o Portugal leal das planícies; o Portugal grado dos oiteiros solhosos; o Portugal sonhador das serras e dos montados. Por tôdas essas igrejas fora os sinos chamam pelos fiéis e há preces. E nas ermidas sertanejas e nas capelinhas aldeãs, à missa do dia e no fim do «Bemdito», o bom povo português, a quem dizem que, se ficar sem rei, tudo se pode perder, em brados vindos do fundo do peito, trémulos de soluços e húmidos de lágrimas — clama, numa toada quente de fé e de ternura:

— ¡ Senhor, Senhor, salvai Portugal!

* * *

Em Lisboa e arredores a devoção é posta em movimento. Em Santarém, dirigidas pela Misericórdia, tem havido, quási todos os dias, procissões rogativas à Senhora do Monte, a São Domingos, a São Francisco — com o «Santo Milagre». Andam de mosteiro em mosteiro.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Nos púlpitos, dentro das igrejas, fora sob as galilés, os frades prègam ao povo, junto em mós de valencianas pardas, desanuviando-lhe os espíritos preocupados.

Há clarões de bons anúncios: Diz-se que, uma noite, em Santa-Cruz de Coimbra, D. Afonso Henriques saíra do seu túmulo, armado de cota, braçais, elmo, montante, e comunicara boas novas a um frade devoto; e certa velha beata predissera a certo padre da Companhia:

— Mais um confrade. Assente lá: chamar-se há Sebastião.

E deu de esmola um real de prata [21].

* * *

Ao lado destas almas delicadas, há ondas e ondas de almas grosseiras—mercadores, mercadores! — que, cobiçosos, pensam ùnicamente, materialmente, nos seus mil negócios, atarefando-se, acotovelando-se na feira febril e alucinada, que, desde as primeiras naus do Oriente, é esta Lisboa, embora a ilusão da fartura maravilhosa da Índia já se houvesse eclipsado. A feitoria de Flandres fôra uma ruína. Falira. O último reinado passara-se, financeiramente, numa luta contínua para acudir ao império e às reclamações dos agiotas. O «deficit» era enorme. O mar devorara armadas, tripulações

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

e cargas. A África tinha sido um sumidoiro de vidas e haveres para sustentar as praças. Sangue e dinheiro—cada vez mais dinheiro, cada vez mais sangue para as manter. Por fim, abandonaram-se!

A colonização do Brasil reduzira a população do reino, já exígua. Periòdicamente, havia fome e peste que matava milhares de pessoas. Parte dos alimentos e quási tôdas as manufacturas vinham de fora. O oiro português vai para Inglaterra, Flandres, Itália.

A corrupção da Índia desacreditou a nobreza; e êste povo das cidades, que assiste, com cruel prazer, ao morticínio dos judeus, e às tragédias dos autos de fé, espectáculos que lhe pervertem o sentimento religioso, o amedrontam, o acobardam, o amesquinham, é, além de ignorante, barbaresco e rudo, um povo dessorado e apático, e tão incerto, tão vário que com êle pouco ou nada se pode contar. Catavento, um dia, como nas clamorosas recepções dos afamados vizo-reis da Índia, parece enlouquecer de nobre júbilo patriótico, mas dias depois adormece diante dos seus mais vitais problemas e, esmagado e mísero, deixa-se apodrecer!..

Pela província fora, lá longe, em aldeias isoladas, postas em cêrros, distantes de tudo e de todos, chegam vagas, tresmudadas para pior, estas novas agoirentas da perda do reino. O povo supersticioso, matutando, comenta en-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tre si se a calamidade de que todos se arreceiam ¿não será castigo de Deus pelos pecados dos que mandam e os abandonam, a êles, nas suas magras glebas, entre léguas de baldios estéreis, onde o povoamento do Brasil e as levas para a Índia e África, tudo deixaram sem braços? Não há homens, não há gados, não há charruas!

Vive-se na miséria. Albergam-se, cobertos de farrapos, em colmatos lado a lado de pocilgas, comem pão grosso de milho não joeirado, sardinhas amarelentas da salmoira ardida, e bebem vinhinho tragante de ruda factura. Miséria! ¿Não será castigo?

Vergam-se sob as pressões dos prazos, das igrejas, dos encargos das aposentorias, das caudelarias, dos vexames do fisco inclemente. ¿E as injustiças—pão nosso de cada dia—dos grandes contra os pequenos? ¿E os permanentes roubos, à benta luz do sol, e de noite, no escuro, ao viandante que, de caminhada, moureja o seu pão? ¿Não será castigo?

E seus pensamentos são novelos de enredadas interrogações, e seus sentimentos, revoltas abafadas, amarguras repêsas; mas, gente lusa e religiosa, disposta à quebreira e à resignação, logo se queda, calada, e molenga. Os velhos acabam por ceder a tudo, vencidos; e as mulheres, sentadas nas soleiras das portas, pondo esmorecidos olhos de mágoa na luz de mais um dia triste que desce

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

e passa, mastigam seus automáticos Padre-Nossos e suas Ave-Marias, ao lusco-fusco, e murmuram, por fim, conformadas:

— ¡Seja tudo pelo divino amor de Deus!

* * *

São passados assim dezóito dias. sôbre a morte do príncipe herdeiro D. João — dezóito angustiosos dias e angustiosas noites, entre desalentos e esperanças. Estamos em sexta-feira 19 de Janeiro. Chegaram as dores do parto — dores de salvação ou de perdição!

Noite alta. O nascimento está por horas. Em Lisboa, na ânsia das primeiras notícias, muitos magotes de curiosos instalam-se no Terreiro do Paço, e, com olhos sôfregos, postos nos vidros iluminados das altas janelas reais, seguem todos os movimentos de luzes que perpassam no interior das quadras. Querem ser os primeiros a conhecer a grande nova e, alviçareiros, a trazê-la, correndo, aos outros.

Anda na rua, vinda da sé, uma procissão rogativa, com a relíquia do braço de São Sebastião num relicário, sob pálio com estrêlas de oiro.

Ao chamamento do arcebispo, incorporou-se o cabido, a nobreza, sotainas de muita clerezia, hábitos de frades, lobas de doutores,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

capas de mesteirais. A massa é variegada: ao lado da gorra o morrião, dos calções as fraldilhas, do pelote a vasquinha. Há damas cobertas de véus espessos, que vão descalças, penitenciando-se. E tudo é cercado de múrmura mó de povoléu, baça, na mancha dos mantéus pardos pela cabeça, dos saios de chamalote, seus sombreiros de feltro negro, seus calções de pano escocês. Misturados com famintos, mendigos de aljubetas esfarrapadas e mouros de jilabas e capuzes, soldados e colarejas, amaltam-se vadios, escravos e rufiões, que aproveitam a noite para roubar e os encontros da multidão para se meterem com moçoilas e praticar desacatos. Entre luzes de tochas, brilham as cruzes de cobre e de prata das confrarias. Entoam-se monótonas ladaínhas lacrimosas. As vozes súplices das boas mulheres e dos homens bons são sinceras: vêm do fundo dos seus ardentes desejos patrióticos. A independência ou a dependência de Portugal está por um fio — está «pindurada de uma coisa incerta», como escreveu um cronista [22].

De longe em longe, na noite densa e húmida, o sino grande da sé plange suas badaladas profundas, de pensamentos atribulados, a anunciar as cruciantes dores do parto — as dores sagradas de uma mãe que está servindo a pátria, agudo sofrimento de que se condoem, a essa hora, tôdas as mães portugue-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

sas que ouvem o magoado sino. E piedosas mulheres há que bichanam rezas e acendem velas bentas as quais, mesmo de longe, têm o poder espiritual de aliviar as parturientes gemebundas. Lisboa é um trono de velas a arderem nos oratórios, de esperanças a luzirem nos corações. E a procissão das angústias lá segue, lá segue por êsses terreirinhos e ruelas de «Via-Sacra».

Além Tejo, para os lados de Palmela, apontam no céu invernio os primeiros livores da madrugada. Os sinos dos mosteiros tocam horas de prima — aqui, acolá, vozes de prata no clarear matutino.

Agora a procissão, regressando à sé, vem à entrada da rua dos Escudeiros. A ladaínha é sumida, as vozes cansadas. As cabeças dos frades são negrumes dentro dos seus capuzes de sombra. Sob a chuva miüdinha, as roupas ensopadas penetram humidade até os ossos; as alparcas metem-se nas pôças negras das betesgas às escuras. E a multidão arrasta-se, arrasta-se enxarcada, sonolenta, exausta.

Súbito, cala-se o grave e pesaroso sino grande, e logo as pequeninas garridas da catedral começam a tintinar tôdas juntas, à uma, vivas, febris, doidas de alegria, repicando a grande nova: o nascimento de um infante!

Então, aquela fatigadíssima e sonâmbula

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

massa nocturna, antes esmagada sob o pesadume das suas anuviadas preocupações, desperta, sobressalta-se, rejuvenesce-se, toma-se de vida buliçosa e repentinamente se transforma numa onda de júbilo piedoso que estoira nos corações, nos olhos, nas faces, e todos clamam, religiosamente felizes:

— Louvado seja Deus!

E ainda:

— Bemdito seja São Sebastião que nos livra da peste e, em seu dia, nos dá um rei!

Riem, choram, palram, cantam! Deus e Pátria! Que alegria! E essas almas, de leves, como que levitam os corpos. Já aquela arrastada procissão de arrastadas amarguras se trasmuda em agitado andar de festivo gáudio. De leva acabrunhada de pecadores, passou a rancho hilare de remidos. ¡Como salta, como pula, como chalra! E' a jovialidade em desgarre; a piedade cantante e enfeitada; os peitos ufanos de orgulho nacional. Tanta alegria tudo acorda: almas e coisas.

Arrepiam caminho, sobem a Viela, irrompem de roldão na sé. Nos vidros das janelas altas coalha-se a luz alvaiada da primeira hora fresca do dia.

No altar-mor acendem-se muitas velas, muitas. Queima-se incenso. Toca o órgão; e, então, aqueles outros cantos de rôgo, substituindo-se por cantos de agradecimento, elevam-se sonorosos num *Te-Deum laudamus*

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

gratíssimo, que trasborda dos corações, se avoluma, e sobe às alturas das abóbadas da velha catedral, traspassa-as e ergue-se aos céus.

Hossana! Hossana! Nasceu, finalmente, o «Desejado!», o «Desejado!».

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

II

O CORPO
E A ALMA DOS ANTEPASSADOS

ENFIM, após temores, desesperanças e mortais sobressaltos, há um directo herdeiro à corôa portuguesa.

O principezinho recèm-nascido tem da mãe a pele de leite e os cabelos de sol e cobre, herdados por ela de sua quarta avó, a formosa Isabel de Portugal, que no dia da sua partida para as terras flandrinas do duque de Borgonha, seu marido e senhor, passeara pelas ruas de Lisboa, montada em baia hacaneia, de ricos jaezes, indo à rédea D. João I, pai da noiva, e aos estribos a «ínclita geração, altos Infantes» — seus irmãos.

Eram tinta maravilhosa êsses cabelos de oiro-ruivo, com timbres de clarim nos reflexos metálicos, e promessas de delícias tontas no insondável ennovelar das suas massas de sombras fulvas... A luz rica de tais cabelos estranhos fôra interpretada pelo flamengo Van Eyck no sol vermelho de Estremoz, e fixada

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

na tábua que êle levou ao magnífico duque, seu senhor. Ao vê-la, em rebentina sensual se lhe facetaram de brilho seus ramudos olhos claros e lhe arderam de gôzo as pupilas luxuriosas, como se diante dêle se abrisse um pórtico sôbre colina de topázios incendiados, postos em céu de lapis-lázuli luminoso. Escandecido pela sua sensualidade coruscante, o temperamento bravo de Filipe o «Bom» logo cogitou em criar algo que celebrasse e perpetuasse, com ufania e honra, semelhante côr de preciosíssimo dom; e na mente do gentil conde da Flandres e de Artois surgiu a ideia-lume dessa galante cavalaria do velocino voluptuoso, instituído em homenagem às donas dos cabelos de loiro-ruivo: o Tosão!

Era dêste quilate a côr da penugem que pungia no crâniozinho da criança acabada de nascer.

* * *

Um lídimo príncipe!

As atenções focam-se nêsse corpinho de camélia e oiro, no balbuciar dessa alminha em rebento, ser de carne e de espírito, portador de complexo passado, contendo o mistério de um futuro desastroso, mas belo — ser dos dias de ontem e dos dias de amanhã.

O passado!

D. Sebastião é filho do príncipe D. João, oi-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tavo filho de D. João III de Portugal e de D. Joana de Castela, filha de Carlos V, casado com D. Isabel irmã dêste D. João III, um dos dez filhos de D. Manoel, e da sua segunda mulher e cunhada D. Maria filha dos «reis católicos». D. Sebastião é neto de Carlos V e bisneto de Filipe o «Belo» e de Joana a «Louca», transmissora, por duas linhas, de suas predisposições doentias: por ser mãe de sua avó D. Catarina e de seu avô Carlos V, neta da mulher de D. João II de Castela casado com Isabel de Portugal, que endoidecera em Valhadolid sôbre o cadáver de seu marido morto de peste, e filha dos primos Isabel e Fernando I de Aragão que morreu melancólico.

Herança mórbida!

Os pais de D. Sebastião são duas vezes primos carnais, visto D. João e D. Joana serem filhos de dois irmãos (D. João III e D. Isabel) e ambos netos de D. Manoel, rei de Portugal. E entre primos vinham sendo os casamentos dos ascendentes dos bisavós de D. Sebastião (Filipe o «Belo» e Joana a «Louca»): os Bourbons Luís II e Pedro I casaram com suas primas Ana Dauphine e Isabel de Valois.

Herança de consanguíneos!

A mãe, D. Joana, representa, em linha directa, o grande Carlos V de Espanha, Maximiliano I de Áustria, e uma dinastia seguida de valentes e audazes: Filipe o «Atrevido», o

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

vencedor dos armanhaques e navarrezes; João «Sem mêdo», o violento borguinhão; e Carlos o «Temerário» que aos vinte anos se bate como um leão em Rupelmonte e Norbecque.

Herança de políticos e de bravos!

D. Manoel, bisavô de D. Sebastião, continua, por sua avó D. Leonor, mulher de D. Duarte, a casa de Aragão, antes introduzida em Portugal por Santa Isabel, mulher de D. Dinis, neta, por seu pai, de Violante meia irmã de Santa Isabel da Hungria da dinastia dos Arpaghs, um dos quais, Santo Estêvão, cristianizara os magiares, e terceira neta de Humberto III, o santo saboiano. E na ascendência de seu avô Carlos V brilha, no tôpo do ramo de Bourbon, Luís IX—São Luís, rei de França.

Herança mística!

Que intrincado riço de heranças!

Herança de doentes, de heróis, de santos; herança mórbida e herança sã; herança de pecado e herança de beleza; — eis o passado de sombra e também de luz, contido nesta frágil criaturinha em que a vida amanhece. Ela guarda o segrêdo sôbre que se debruçam os sorrisos e a confiança dos portugueses obcecados de fé na salvação da independência do reino ameaçado, e na glorificação dos dias heróicos que hão de vir.

Ah, que diversas e contraditórias heranças!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Que tremendos conflitos ocultos deve haver entre as várias tendências paternas e as várias tendências maternas, ao procurarem, obstinadamente, aqueles e estas, preponderar nas suas transmissões aos filhos! Quanta insistência, quanto afinco! E o campo da luta é o próprio ser em geração; e o desastre ou a vitória — o ser criado! No final aparece, umas vezes, um indivíduo que é a expressão da diferença entre as fôrças produtoras de sinais contrários, ou a da soma delas, se são parcelas positivas. Outras vezes, porém, resultando de um complexo conjunto de condições inapreciáveis, há anulações, regressões e, mais extraordinário, surgem surpresas, desvios imprevistos, desiquilíbrios ora mórbidos, carreando em si os males passados, ora superiores e belos, picados de estranheza e génio. ¡Quantas incógnitas nos factores do carácter inato! Quantas! De doidos nascem sãos; de sãos nascem doidos. Bandidos geram santos; e santos há que são pais de facínoras! Da doente merencória Isabel de Portugal, mulher de D. João II de Castela, nasce a sã Isabel a «Católica» que, aliás, é mãe de Joana a «Louca» cuja filha póstuma é a serenissima rainha D. Catarina. E de uma família como a dos Bórgias, onde há o enfêrmo avarento Papa Calixto III, o tirano cardeal Pedro Luís, o assassino Alexandre VI, o fratricida César Bórgia, a fascinadora Lucrécia, de corpo de onda e

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

olhos felinos, mulher do belicoso Afonso I, duque de Este;—um momento chega em que, desta sarça de crimes e vícios, surgem os honrados duques de Gândia e dêles irrompe e brilha na terra, some-se do mundo e resplandece no céu, o espírito fidalgo do vice-rei da Catalunha, a alma santa de São Francisco de Borja!

Ah, as heranças complexas! Parece que a Natureza se repousa ou se fatiga para criar génios ou santos!

No caso de D. Sebastião encontram-se, na sua ascendência, todos os excessos; e, bem pensando, de todos há precisão, pois sendo o génio o acume mental de uma família, exige grandes valores sobrepostos nos quais se filtre a síntese da visão luminosa e adivinhante, que perfura o Tempo e vive no Futuro.

Sim, há no seu passado tôdas as espécies de grandezas:

Há a santidade de Isabel de Aragão, em quem a humildade do amor humano, com os olhos em Deus, transformava em flores cândidas os fétidos lepromas dos gafos, beijados por ela com caridade excelsa.

Há obsessões profundas, como o silêncio-paixão da viúva de Filipe o «Belo», a arrastar, enlutada e calada, nos braços um recém-nascido póstumo, a sua mortal saudade, nesse trágico entêrro de Burgos a Granada, pou-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

sando de mosteiro em mosteiro, ou fazendo altas de negrume nos descampados da Castela-a-Velha, só por aldeias, pois seu nôjo não se permitia atravessar cidades ou vilas, e em caminhadas nocturnas, por entender que «um rosto de viúva não deve nunca ser tocado pelo sol». E Joana a «Louca», durante dezenas de anos jamais saiu de junto dêsse cadáver embalsamado, acreditando no dizer de certo cartuxo que lhe cravara no cérebro a ideia fixa de que ela, pela pressão contínua do seu maravilhoso amor de potente espiritualidade, poderia chegar a vitalizar um cadáver pôdre, a ressuscitar um morto idolatrado!

No passado de D. Sebastião há a visão política de Carlos V que sonhou com a monarquia universal — o imperador de maior senhorio europeu, depois de Carlos Magno.

Há a bravura épica do último duque de Borgonha, temido senhor, dentro de cuja tenda de veludo encarnado nenhum príncipe jamais entrou sem tremer. O violento Carlos o «Temerário» — homem de grandes olhos francos, espadaúdo e audaz, atacando, frente a frente, cara a cara, êsse torcido, astuto, dissimulado e cruel Luís XI — tão orgulhoso era da sua altiva ascendência anglo-portuguesa, que, um dia, em momento desabrido, respondeu, alto e bom som, a certos flamengos seus súbditos, omissos de lealdade e arrastados em lhe entregar os tributos de que êle urgentemente

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

carecia para gastos de guerra e mantença de sua pessoa e estado:

— «Nous autres portugais nous avons pour coutume que si ceux que nous croyons amis se font amis de nos enemis, nous les envoyons aux cent mille diables de l'enfer!»

Assim, daqueles em que já vivera e lhe ficaram para trás, D. Sebastião foi o herdeiro das tendências más, do estrambelho dos nervos estragados, das manias e fobias das mentes desequilibradas e também das tendências boas, da afoiteza dos espíritos bravos, das temeridades belas do ardimento valoroso, e ainda das fugas celestiais das almas santas! De tudo! ¿Porque se há de herdar sòmente o negrume dos pecados, o vinco dos erros, o hábito dos vícios e não se há de herdar igualmente as belezas da virtude, os raios da branca estrêla da manhã da santidade puríssima? ¿Porque só hão de actuar os estigmas do corpo e não as claridades do espírito? ¿Porque só havemos de ser herdeiros da escravidão e não havemos de ser herdeiros da liberdade? ¿Qual é mais forte uma tendência física ou um carácter moral?

Em D. Sebastião uma ignota e feliz sobreposição psíquica acumulou nêle o misticismo dos seus santos e o heroísmo dos seus bravos — essências depuradas na morte; e estas foram as fôrças organizadoras da sua indivi-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

dualidade de potente domínio sôbre si próprio que, fazendo-o possuïdor e senhor da sua pessoa espiritual, o alimpou dos erros herdados e deu arrancada magnífica de fôrça e de beleza ao seu génio de herói votado ao engrandecimento do seu reino, ao orgulho jubiloso de o fazer grande entre os maiores — obra de virtudes guerreiras até o paroxismo, que os vindouros lhe pagaram pondo sua memória em saudade de amor grato e desvanecido.

Mas ¿como se eliminaram as tendências más? Como triunfaram as tendências boas? ¿Como, na herança, se corrigiram os defeitos e se temperaram os excessos? ¿Como se realizou esta selecção e se fez êste apuro? ¿Que interposições eficazes houve? ¿Quais as intercorrências sãs que travaram a correria dos dinamismos mórbidos e afrouxaram as opressões das influências doentias? ¿Com que mecânica se multiplicaram as fôrças dos heróis? ¿Com que artifício se firmaram as virtudes dos justos? ¿Com que arte refloriram as claridades dos santos?

Não o diz a sciência racionalista, mas adivinha-o a sapiência espiritualista — a sabedoria de amanhã. A intercorrência (pensamos) foi a potência das virtudes dos seus belos mortos passados — brilho que nada empana, dinamismo divino de virtualidades celestes

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

que perduram através de gerações, embora em tantos e tantos casos seus fulgores se dispersem no Tempo e no Espaço, em gotas siderais que a Vida empolga...

Deram-se em D. Sebastião, herói, aqueles atavismos das bravuras idas, semelhantes aos das virtudes antigas que fizeram com que as almas santas de um remoto Fernando III, de Leão, e de um distante São Luís IX, de França, entrefiadas, como luz do céu, nas sombras das gerações degeneradas e criminosas das velhas famílias dos Plantagenistas e dos Gaunts, perdurassem com tal poderio e engenho que, de entre a turba negra dêsses epilépticos, alcoólicos, alucinados e aberrativos, surgiu um dia, incólume e límpida, a figura da nossa Filipa de Alencastro, rainha de hieráticas virtudes em sua ternura grave.

E a-pesar dos estigmas somáticos que, de longe, vinham ferreteando seus ascendentes paternos e maternos, a tetraneta do corcunda Edmundo, a sobrinha neta de Eduardo o das «mãos longas», a bisneta do moreno gascão Duarte II de Inglaterra, a neta do estrábico Henrique, a filha do desbragado e emperrado João de Gaunt, o «gago» — saiu, afinal, alta, de corpo escorreito, bem composta de rosto, a pele branca, a tez macia, amarelos de oiro seus cabelos finos e brilhantes, pura a linha dos olhos, pura a luz da íris garça, serena a testa e a bôca, comedida a palavra, e pronta

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

a voz de lindo timbre real. E sua robustez física e seu valor moral ratificaram-se numa forte geração de filhos celebrados entre os quais um houve tão resignado mártir nos areais de Fez, que seus gemidos mal se ouviram: — êle, D. Fernando, o «Príncipe Constante», de Calderon, justo e humilde, ainda não santificado pela Igreja, mas há muito beatificado pela ternura portuguesa.

*
* *

Do entrechoque das pederneiras negras fuzilam faíscas de luz! Como é misterioso o dobar das almas nas almas! E como a Natureza se abala e estremece, em prenúncios estranhos, sempre que vai surgir na história um santo ou um herói! Ah, que profundas eram as razões dessas lendas, ora tenebrosas, ora jubilosas (semelhantes a eclipses fatídicos ou a auroras festivas) que causavam, umas, lúgubres apreensões, outras, alegrias cantantes em volta do nascimento dêste príncipe como nenhum outro anciosamente esperado, veementemente «Desejado» — realidade querida antes de ser realidade, criatura amada antes de nascida!

O «Desejado»! O «Desejado»!

E' que vão rebentar relâmpagos de luzes de oiro na história de Portugal — cavalaria da

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

aventura heróica, cavalaria do assombro do coração guerreiro.

E estas acções sublimes viverão, brilharão na relembrança dos dias futuros — acções cometidas por um rei em quem o grande Camões fêz o prognóstico de «maravilha *fatal*» (necessária) da nossa idade, mas que as contingências da história, dando outro sentido ás palavras, transformaram o significado do verso em «maravilha *fatal*» (funesta) de opressivos dias em que a Pátria morreu, embora depois, forte e galharda, ressuscitasse esplendorosamente!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

III

SCETRO DE OIRO EM MÃOS DE CRIANÇA

Aos oito dias, no oratório do Paço, sendo madrinha sua avó D. Catarina e padrinhos seu avô D. João III e o infante D. Luís, irmão do rei, — o grave cardeal D. Henrique, vestido de púrpuras, baptiza a criancinha, de carnes de camélia e de penugem loiro-ruivo, que chora nos braços da camareira-mor, D. Joana de Eça. Fica-se chamando Sebastião — nome do santo do dia em que nasceu. Fazem côrte aos reis e aos infantes, alta clerezia, pessoas de título e principais. Repicam a um tempo todos os sinos da cidade, no mais festivo gáudio; e foi de sol claro e céu limpo êsse dia de Janeiro.

Mas na mesma manhã do nascimento, manhã de revoadas alegres, que festejavam esperanças prometidas, comunicou-se à viúvinha, D. Joana, a tristíssima notícia do falecimento do marido. E quando os delicados mensageiros supõem que lhe vão causar do-

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

lorosíssima surpresa, ela, os húmidos olhos azuis repletos de tristeza linda, ennodado na garganta o timbre da voz dorida, murmurar como só para si:

— Nunca deixei de o entender em minhas suspeitas!...

O seu instinto de mulher dolorida tudo adivinhara. Os outros, pasmos, nada lhes acudindo responder, silenciosos e respeitosos curvaram-se diante dela.

A côrte tomou, então, conhecimento oficial dessa morte. Os fidalgos vestiram-se de dó preto, e muitos rostos se fecharam em sincero pungimento.

D. Joana, coberta de sarja e na cabeça olhandilha tinta[23], tôda dentro de si (a viúvez é silêncio), e meditando no seu dote atirado ao mar — na sua realeza desfeita — estacou numa dor muda encrustada em nobre pudor. Desoladíssima, sentindo-se só no mundo, pensou em esconder-se num recanto; e, despeitosa, vendo sem sentido tanta beleza, quis cortar seus formosos cabelos — fios de cobre e sol, naquele câmbio de tons de ruivo doirado, que caracterizavam os da sua avoenga a linda Isabel de Borgonha.

Pouco depois, faz-se a comemoração fúnebre do príncipe, «morto de amores», havia semanas depositado sob as abóbadas manoelinas dos Jerónimos. Há exéquias em todo o reino. Choram-se lágrimas sentidas por alma de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

D. João, tão novinho arrebatado; e os poetas da pléiade quinhentista, como Camões, Sá de Miranda, António Ferreira, Andrade Caminha, Montemaior e Teive, que haviam celebrado seus esponsais com jubilosos epitalámios, pois êle era a mais viçosa esperança de então, escrevem agora, pungentes epicédios e lavram elegíacos epitáfios à morte dêste «gentil» príncipe de «divina incrinação», amante das letras portuguesas pelas quais se vinha interessando desde os seus literários 13 anos precoces:

> O príncipe Dom João de Portugal
> he morto, ouçam a grande natureza
> que nolo dera em mostras de imortal.
> .....
> Aquele real corpo bem nascido,
> entendimento muito mais que humano
> sùbitamente desaparecido. [24]

* * *

E assim vão misturadas horas tristes com horas de contentamento, de que é símbolo aquele sermão de exéquias, prègado em Lisboa, que principiado com lágrimas «por quem Deus levou» se termina com sorrisos gratíssimos «por quem Deus nos deu»; — e já o luto de alma se alivia, se dissipa e se transforma em atitudes de acção congratulatória.

Símbolo é ainda êsse bergantim em que,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

mais adiante, entra no Tejo, para regressar a suas terras de Castela, a princesinha D. Joana — bergantim real, lacado, doirado, mas meio coberto de damasco negro, a atravessar, fúnebre e lento, as águas do Tejo, de mil azuis, onde o sol reverbera pedrarias. O oiro e o crepe, eis o tema dêste período de sobressaltos contínuos, ora penosos ora jubilosos — dêste reinado que, anunciando uma epopeia se termina em elegia!

* * *

Três anos corridos, uma sexta feira, depois da meia noite, nos Paços da Ribeira, o gotoso, o soroso D. João III, molengo e pesadão, que tinha jantado tarde e bem, conversava sonolento com a rainha e com D. Henrique, quando se sentiu sùbitamente mal. Afrontado, levou as mãos ao peito e à cabeça, esgaseou os olhos, e tombou para a banda, pálido, uma pálpebra trémula no ôlho pisco, a face repuxada pela bôca torcida, e a língua prêsa: — uma apoplexia! Alarmados, chamaram à pressa o confessor do rei, Fr. Gaspar do Casal, o físico-mor Diogo Lopes, e expediram críados com ordens urgentes para que nos templos e mosteiros da cidade se rezasse por D. João III, em perigo de vida, e pronto saíssem a terreiro procissões rogativas,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Os Paços enchem-se de reboliço. Os corredores atulham-se de muitas pessoas atarefadas, preocupadas, de olhares atónitos. O vai-vem é contínuo. Cruzam-se vozes diversas. Nos pátios, em baixo, a criadagem tudo comenta com palavras condoídas: o rei era tão boa pessoa!

No entretanto, os cirurgiões sangram abundantemente o doente. D. João III sai um tanto ou quanto aliviado das mãos dos físicos. Chega o confessor; e logo piedosas pessoas, apavoradas com a ideia de que o rei possa morrer sem sacramentos, soerguem aquela pesada massa inerte e põem-na de encontro ao cabeçal. Agitam-no. A rainha, corajosa, chega a dizer-lhe:

— Vamos, ânimo, pensai que ides morrer.

Mas o moribundo, meio consciente, pôde apenas balbuciar uma curta e baça confissão. Mal acabara, quando o arcebispo de Lisboa acorre com o viático.

D. Catarina reza.

O rei abre um ôlho espantado e interrogativo, e, quási inconsciente, comunga. Quer falar, mas a língua entaramela-se-lhe na bôca. Irrita-se, gesticula com o braço livre. Logo surge um novo incidente mais grave: D. João perde a fala e, pouco depois, cai em coma. Debruçam-se sôbre o doente, auscultam-lhe o coração, tateiam-lhe o pulso, recolhem-lhe o bafo sôbre um espelho limpo. Gorgoleja-lhe

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

o estertor na garganta! O cardeal D. Henrique, vendo-o em transe, ministra-lhe a extrema-unção. O rei não dá o menor acôrdo de si. Pela madrugada, estremeceu e morreu.

Estavam presentes o cardeal, os infantes e as infantas. A rainha D. Catarina, ânimo forte, fechou-lhe serenamente os olhos. D. Henrique foi o primeiro a desanojá-la com um ceremonioso e apenas esboçado abraço de dõ.

Daí a pouco, em tôdas as tôrres das igrejas de Lisboa, plangiam sinos pelo falecimento de um rei de Portugal — o décimo quinto, o mui católico D. João III.

Como Mestre que era de Cristo, vestiram-lhe o hábito da Ordem, com estoque e escudo. Tôdas as comunidades o encomendaram. O entêrro fez-se do Terreiro do Paço para Belém, numas andas, entre muitas tochas acesas, compacta clerezia, a rezar, em cantochão soturno, as orações dos mortos. Encorporaram-se os seus sobrinhos D. Duarte, D. António e grandes do reino, títulos, todos com suas roupas de côres variegadas, e mangas de povoléu que comovidamente acompanhou o féretro; e o brado, o pranto e as gritas eram tantas que se ouviam longe — do lado de lá do Tejo, nas colinas barrentas em que se empoleirava a branca Almada.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

O herdeiro do trono era D. Sebastião que tinha três anos e alguns meses de idade. Uma criancinha! ¿A quem entregar a regência do reino? E logo interveio a política e ferveram as ambições. O cardeal D. Henrique amava as grandezas. Era um pretendente. Tinha em volta de si partidários, mas eram em maior número, e melhores, os de que dispunha a rainha, na côrte, no conselho, contando, externamente, com o apoio de seu sobrinho Filipe II e ainda com o de seu irmão Carlos V que, embora no retiro de São Justo, não deixava de pensar nos negócios políticos de Portugal [25]. ¿Seria, pois, cêdo para a ascenção do cardeal? Era. Êle próprio apalpou o terreno e sentiu que nos Paços portugueses as vozes eram pela rainha. Demais, dissidências vagas subiam das classes populares, embora manifestadas a mêdo... Preferiu, então, esperar, mas aproximando-se, desde já, de D. Catarina, ajudando-a e, depois, transferindo para si a fôrça que dela lhe adviesse, empolgar a situação, se é que, com o tecer dos negócios políticos, o poder lhe não viesse cair nas mãos. Confiava. Por agora, entender-se-hiam os dois a tornarem-se fortes, antes que qualquer

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

outro partido, entre grandes, ou alimentado pelo povo (aliás menos de recear) se formasse e os estorvasse.

Começaria, pois, por instalar a rainha na tutoria e na regência. Demais (calculava) estas deviam ter sido as ideias de D. João III. ¿Que diria o testamento? Procurou-se. Não se encontrou. Apareceu apenas um rascunho em que, na verdade, se indicava o nome da rainha para regente, mas tal papel não estava assinado pelo rei, nem a letra era dêle. Comtudo, seria uma insinuação preciosa, orientadora e legítima, se se provasse que fôra ditado por D. João III — documento expresso da sua vontade postremeira. ¿Quem o escreveu? Soube-se logo: foi o secretário de estado Pedro de Alcáçova Carneiro, que o copiara de uma minuta do chanceler-mor Gaspar de Carvalho a quem D. João III incumbira de, dentro de certas instruções, redigir um instrumento jurídico de que o rei se pudesse servir, como testamento legal, para nomear a rainha tutora do neto e regente do reino.

Não era necessário mais. O querer do rei estava patente. Deviam segui-lo. Fariam finca-pé nêle, aproveitando as comoções daquèle dorido momento de pêsames, em que seria ofender o sincero dó de todos o opor-se às derradeiras vontades do monarca falecido, tão estimado. Tornava-se, portanto, indispensável

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

autenticar sem demora êsse papel e dar-lhe foros de título inteiramente respeitável, legal. Ouviu o cardeal as testemunhas Gaspar de Carvalho e o secretário do rei que, sob juramento, afirmaram: aquele, que o redigiu a pedido do rei; êste, que o copiou para dêle se servir D. João III, mas a morte súbita do rei impedira-o de ratificar seu intento, lavrando um documento autêntico. E de tudo isto se lavrou um auto para constar e produzir os devidos efeitos. ¿Que mais faltava? Ouvir a cidade, como representante do povo. Assim se fêz. Mas aí a vontade popular manifestou-se contra a decisão palaciana em que ela menos confiava por supor que a austríaca e castelhana D. Catarina faria a política de Filipe II e de Carlos V. E estas vozes, ainda que brandas, denunciavam um fundo pensar nacionalista, que não via com bons olhos as contínuas aproximações de Castela, em alianças e casamentos, não escortinando que não eram sòmente os de lá que, nestes arranjos, tinham encobertos propósitos de hegemonia, mas também os de cá, pois que os reis de Portugal, desde Aljubarrotá, se consideraram tão fortes ou mais que os de Castela.

Discutiu-se muito. Houve «diversos pareceres, alegando cada um as razões que melhor lhe pareciam» — diz um cronista. Porém, estas vozes, em minoria, foram vencidas numa votação, e os vereadores deram, finalmente, o

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

seu parecer de acôrdo com o do conselho — dos grandes, com os quais o cardeal, de preferência, queria entender-se.

Instalaram, então, a rainha como governadora dos reinos, na menoridade do seu neto, até à idade de 20 anos cumpridos — criação, tutoria, curadoria e governança. O auto desta posse era longo e nítido [26]. Dizia-se aí que a rainha aceitara a missão de que o seu amado marido a incumbira, mas que ela, para bem se desempenhar de tão pesada tarefa, contava com a ajuda do senhor cardeal D. Henrique. As coisas conciliavam-se, aparentemente...

Em seguida, em sessão solene, prestaram-lhe homenagem de beija-mão os três estados: nobreza, clero, povo. Os nobres eram representados pelos duques; a clerezia, pelo cardeal D. Henrique; o povo, pelo vèdor da fazenda e pelo regedor das justiças.

Dias depois, aclamava-se oficialmente o novo rei.

Nos Paços da Ribeira, no salão dos tudescos, colgado de rases, reuniu-se a côrte, prelados, títulos, senhores, os reis de armas de Portugal, Algarves e Índia, vestidos com suas polidas cotas, suas opas de gala. O rei de armas e os porteiros tinham derrubadas nos ombros maças de prata. Armou-se um trono com dossel de brocado, sob o qual estava o pequenino rei vestido de cetim branco, gorrinha de veludo e plumas, sendo caudatário do curto

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

manto o marquesito de Tôrres Novas, primogénito do duque de Aveiro.

Infantes, duques, barões, um cardeal, um arcebispo, um bispo, priores, comendadores, o regedor das justiças e outros grandes cercavam o trono. No primeiro degrau, o condestável D. Duarte, estava em pé, estoque desembainhado, punho firme, braço pronto! Impuseram na mão do reizinho um pequenino scetro de oiro. E a ama e a sorridente camareira-mor entretinham o menino com brinquedos, enquanto se lia o auto e um orador discursava. Em seguida, o alferes-mor desfraldou a bandeira das quinas e bradou arrogante e sonoroso:

— «Real, real pelo muito alto D. Sebastião, nosso senhor, rei de Portugal!»

E êste pregão, logo sôlto nas ruas de Lisboa, foi, depois, repetidamente, vozeado nas praças, nos rossios, nos terreirinhos de todo o reino, por arautos a cavalo ou a pé, entre homens que rufavam nas caixas e batiam nos tambores, depois da cerimónia lutuosa da quebra dos escudos, e de, em sinal de nojo e dó, se arrastarem bandeiras pelo chão.

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

IV

A REGENTE

A rainha D. Catarina tinha cincoenta anos frescos, embora muitas vezes mãe; cincoenta anos altaneiros, a-pesar-de viúva e de haver perdido nove filhos[27].

A pele branca e macia do seu rôsto redondo, um pouco cheio e rebarbativo, conservava ainda o esmalte da juventude. Brilhavam, cheios de energia, seus quentes olhos castanhos, de inteligente espectativa, e a linha da bôca prudente mantinha o mesmo perfeito desenho môço em que o beiço austríaco, apenas acentuado, era mais beleza que defeito. No todo da figura havia a nobreza do seu sangue gótico, e na expressão — serenidade e domínio[28]. Profunda e sãmente piedosa, em extremo prudente, era, de raça, um espírito político. Quando, vinte e um anos depois faleceu, gravaram-lhe no epitáfio, entre outros, estes louvores: «pietatis eximiae, prudentiae, singularis». Era verdade. Outro elogio me-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

recia: — grande política. Tinha nas veias o sangue austríaco e borgonhês de seus avós Maximiliano e Maria de Borgonha, sangue político poderosamente assinalado em seu irmão Carlos V e em seu sobrinho Filipe II.

D. Catarina viveu lado a lado das constantes cobiças de Castela sôbre Portugal, e soube manejá-las não em proveito dessa nação, mas sim em vantagem nossa. E sempre teve engenhoso talante para insinuar no ânimo do marido o desviarmo-nos das contendas políticas a que nos queria arrastar a aspiração desmedida de Carlos V, êsse orgulhoso César que, para ostentar a potência do seu império, pusera no brazão nacional as colunas de Hércules, e adoptara a divisa «Plus ultra», a dizer a insaciável ambição de possuir o mundo e coroar-se um dia rei universal. Ela, porém, soube defender-se de semelhante absorção. Ainda agora o velho imperador, a-pesar-de retirado da política e quási retirado da vida (vai morrer no ano seguinte, 1558), lhe escreve do seu insulamento no mosteiro de São Justo onde, na velhice precoce (57 anos), espreita o trono português em que se senta uma criança de três anos — trono que êle pretende para outro neto mais directo em linha varonil: D. Carlos, filho de seu filho Filipe II. E' preciso (pensa o imperador) que se firme um nítido compromisso político relativo aos direitos de Castela, no caso de falecer o reizi-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

nho português. O precedente estava aberto nas negociações ante-nupciais de D. Manoel com as filhas dos «Reis Católicos», em que se estipulou dar-lhe a coroa de Espanha, se D. Fernando e D. Isabel não tivessem lídimos herdeiros. Êste seria um tratado *absolutamente secreto*[29]. ¿E quem escolheu Carlos V para embaixador de tão grave missão? O fidalgo jesuíta, que fôra duque de Gândia e um dia havia de ser São Francisco de Borja, aquele doloroso coração varado (dizia-se) por um íntimo drama de amor que o atirara para fora do mundo. O emissário veio de Palência a Lisboa, com uma carta de crença do imperador, em que este nome era cifrado no de Francisco Morales. D. Catarina leu o escrito e ouviu o padre, que já estimava desde 1553, quando êle pela primeira vez viera a Portugal. Ficou aterrada!. ¿Que seria dela, se pela cabeça do povo português passasse a sombra da suspeita de semelhante conluio?

— «Y nos apedrerian à mi y a vos[30],» murmurou ela, ao ouvido do provincial, ao mesmo tempo que intencionalmente olhava de revés por uma janela aberta, do Paço de Xabregas, que dava para o lado mais populoso da cidade.

— Nem pensar nisso! — concluiu, levando as mãos aos olhos cerrados e recolhidos.

O jesuíta, em pé, mudo, petrificou-se. Era um homem alto, de ampla fronte precocemente calva, barba negra em face doentia de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

amarelo mate, malares salientes e olhar macerado nas órbitas cavadas. Linhas duras, sua expressão era a do pensamento profundo e obstinado. Todo envolto em rodada capa preta, com a decepção sofrida, a sua austera figura física e moral ainda ficou mais sombria [31].

D. Catarina sepultou em si o segrêdo político de seu irmão, ela sempre fiel ao povo português que, por vezes, suspeitara das amizades castelhanas desta rainha austríaca. Era injusto. E a rainha avó tanto tinha a consciência desta desconfiança, que, ao aceitar a regência, logo começou por convidar a colaborar com ela no poder o insuspeito D. Henrique representante, por cunhadia, da casa de seu marido. Além dêste motivo, o cardeal, como inquisidor-mor, tinha em si um valor de que D. Catarina se serviria politicamente naquela hora de reacção. Ela via com nitidez a situação, sem precisar do conselho do seu confessor o P.e jesuíta Miguel Tôrres, que, aliás, isto mesmo lhe aconselharia, se a rainha o houvesse consultado.

* * *

O cardeal D. Henrique era, ao tempo, de quarenta e cinco anos [32]. Corpo meão, magro, macilento, parecia trazer em si mal crónico que definha, castiga e envelhece. Como sua

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

figura sêca, sêcas eram suas palavras, e calada a sua alma, vivendo muito em si, falando para dentro. Humanista, sabia latim, grego e hebráico; e, versado em teologia, escreveu em latim um volume intitulado: *Meditationes homiliae in aliqua mysteris salvatoris, etc.*

Era cumpridor dos seus deveres religiosos, altamente zeloso dos serviços régios e, como homem, em tudo honesto. Humilde por fora, sua alma tinha o fraco de estimar as grandezas e a vaidade de exigir as mais extremadas e públicas atenções. Não era pròpriamente um ambicioso, antes sim um vaidoso. Se amava o poder, era pelas honras que dêle lhe advinham. O luzimento da coroa seduzia-o, e, neste aspecto, teria sido um faustoso príncipe da Igreja da Renascença, incurso nalgum daqueles pecadilhos de ostentação que o Concílio de Trento apontou a certas altas dignidades purpuradas. Esta era uma das suas fraquezas. A rainha conhecia-as. Ela as manejaria em seu proveito político.

Clérigo aos catorze anos, logo foi nomeado prior de Santa Cruz de Coimbra; aos vinte e dois era arcebispo de Braga; inquisidor geral de Portugal e possessões ultramarinas, aos vinte e sete; no ano seguinte, em 40, primeiro arcebispo de Évora; e cardeal, em 45, aos trinta e três. Não ficará por aqui: em 1561, a rainha D. Catarina conseguirá de Pio V institui-lo «Legatus à latere»; será depois arçebispo de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Lisboa; e, mais tarde, a mesma rainha obterá para êle uma culminante, uma máxima honra terrestre — quinze votos do Sacro Colégio, no conclave pelo falecimento de Paulo III [33]. E êste vaidoso homem que chegou a ser rei, teve, num dado momento, a visão de poder ser Papa!

Desta arte, a rainha trá-lo satisfeito, dando-lhe a impressão de que administram os dois, quando, na verdade, só ela governa, ouvidos os seus conselheiros: duques de Bragança e de Aveiro; condes de Castanheira e Vimioso; barão de Alvito; Gaspar de Carvalho, chanceler-mor; e Pedro de Alcáçova Carneiro, secretário de Estado.

Também D. Catarina ouve os cultos jesuítas, tão insinuantes, que três anos depois de se introduzirem em Portugal, logo se instalaram na família real, começando por ser perceptores do príncipe D. João, pai de D. Sebastião, para quem, aliás, o rei já havia escolhido como mestre o abalizado Damião de Goes, ao tempo na Flandres. D. João III escrevera-lhe, rogando-lhe que, para êsse fim, regressasse à pátria. Neste entremeio, porém, os seus conselheiros, receosos de que Damião de Goes, viajeiro em reformadas terras flandrinas, conhecido de Lutero e Melanchton, e hóspede de Erasmo, trouxesse de fora o veneno das ideias novas (êle que, um dia, havia de ser classifi-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

cado de «hereje luterano afastado da nossa santa religião»), demoveram-no de tal intento, e conseguiram que um padre da Companhia, Simão Rodrigues, fôsse o preferido para preceptor do príncipe. Êste, diziam, dava garantias de pureza de fé, que aquele sábio letrado jamais daria.

Sim, D. Catarina sabe quanto êles são insinuantes, e como o brilho da sua cultura ofusca os padres minguados de estudos. E embora desde 1555 seja seu confessor o jesuíta Miguel Tôrres, ela, que, anos antes, em tempo de D. João III, assistiu à oposição da nobreza e clero contra os recem-chegados, não desconhece as dilatadas pretensões dêsses padres que tinham casas por Portugal fora, e atraíam a si e faziam noviços entre os filhos-famílias mais importantes em valor intelectual e haveres. Admira-os, respeita-os, ouve-os, mas está de sobreaviso contra seus desejos de domínio e maneira habilidosa de proceder.

Por isso não é para ela surpresa que, anos depois, em côrtes, o povo chame a atenção dos governantes para êsses padres «muito diferentes do que no princípio se mostraram, os quais começaram a ensinar latinidade de graça e agora levam mil cruzados»!

. . . . . .

A-pesar disto, os jesuítas cada vez melhor se instalam, cada vez mais progridem. O cardeal D. Henrique, fundador de um co-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

légio de padres da Companhia em Évora, cria agora, aí, repleta de previlégios, uma Universidade de sciências maiores, pedindo ao P.e Francisco de Borja que lhe mande bons mestres para as cadeiras de teologia, escolástica, positiva, moral, filosofia, matemática, retórica, letras humanas e gramática. Não tardará a fundar-se o Real Colégio de São Paulo, em Coimbra, junto da Universidade; no Pôrto, um outro, consagrado a São Lourenço, e em Braga levantar-se há um seminário para os padres da Companhia, por iniciativa do arcebispo Fr. Bartolomeu dos Mártires, chegado de Trento. Espandem-se e fixam-se.

* * *

Correm anos. A rainha D. Catarina tem sofrido contrariedades tais que chegou a pensar, com penoso desgôsto, em deixar o poder e entregá-lo a D. Henrique, «seu irmão», poder que em «nenhuma outra pessoa cabia melhor», dizia ela aborrecida mas paçã. ¿Que desgostos teriam sido êsses? Não o diz na sua carta circular aos bispos, títulos, cidades e vilas do reino, em que apenas dá por motivo da sua resolução a falta de saúde e o «pêso dos anos». ¡Velha, ela, com cincoenta e dois anos robustos e frescos! Não pode ser. Era um pretexto. A causa devia ter sido ou-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tra. Qual? Pontos de vista divergentes entre ela e o cardeal; pretensões injustas que a rainha não podia apadrinhar e lhe criaram inimigos nos pretendentes; intrigas políticas de tôda a espécie, ora inimizando-a com o clero, ora com os nobres, e ainda com o povo, fazendo-lhe saber que a gente portuguesa tinha menos confiança nela por a considerar estrangeira e amiga de Castela. E' provável que fôsse tudo isto. E é provável, porque o expediente que D. Catarina adopta nesta dificuldade tem todo o aspecto de uma pregunta ao povo português:

— ¿Quereis-me ou ao cardeal?

Deseja ser esclarecida. A resposta po-la há em cheque a ela, ou porá em cheque o cardeal. E' uma consulta ao reino, ou melhor uma moção de confiança que se põe à votação. E se não foi suspeita, mas estratagema, êste deu certo: obteve os esclarecimentos que buscava. O clero, pela bôca dos arcebispos de Braga, dos bispos do Pôrto e de Leiria, manifestou-se a favor da rainha, rogando-lhe, em longas cartas amistosas e de alto louvor à sua «inteireza e prudência» — que não deixasse o poder. Que, dadas «as torvações e calamidades em que estão os outros reinos, não é tempo de inovar e alterar regimentos de reinos que estão sossegados» — diz-lhe de Braga o seu velho, sábio e santo amigo Fr. Bartolomeu dos Mártires [34].

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Semelhantemente, o bispo do Pôrto, em uma extensíssima carta, desenvolve várias considerações tôdas convergentes à conclusão: «Vossa alteza não deve largar o govêrno dêstes reinos até el-rei nosso senhor, seu neto, ter idade para por si se reger.» E terminava: «assim se evitarão inquietações e desassossêgos». O portuense percebia as ambições que lavravam na côrte, e estava ao facto do que se dizia em Lisboa.

O bispo de Leiria foi o último a responder, e explicou a demora, por seu ânimo se haver tolhido com a triste nova do afastamento da rainha. Demais, ¡que grande responsabilidade a de aconselhá-la! Pensou muito, disse; e, antes de responder, êle e o seu cabido fizeram preces canónicas, suplicando a Deus lhes esclarecesse o tardo entendimento com a luz alta da razão. Pôsto isto, a sua resposta foi a mais explícita de tôdas. O bispo «pôs o dedo na ferida» e os «pontos nos ii», como hoje se diz em rasteira locução. Considerava: saindo D. Catarina do govêrno, tudo mudaria. Até então, sob a sua regência, vivia-se como no tempo de D. João III, em que estavam sempre francas as portas reaes. ¿O que aconteceria no dia em que a rainha deixasse êsses Paços? ¿Continuariam abertas? Talvez que mudassem «os pensamentos e após êles os humores» — escrevia o arguto D. Fr. Gaspar do Casal. Acrescentava: «Digo isto pelo que cá

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

soa por estas estradas e pelo que dizem passar lá em as praças».

Deviam ter chegado aos ouvidos do bispo os rumores do que se passava na côrte, suas intrigas e, decerto, o desejo vivo dos jesuítas em procurarem ter assinalada influência na situação. Entregar o poder ao cardeal D. Henrique, amigo e protector dos jesuítas, era concorrer para o predomínio da Companhia de Jesus. Disso se arreceiava o bispo; e sua voz era ainda a intérprete do pensar da vária clerezia regular e secular. Insistia, insistia para que D. Catarina não abandonasse o govêrno do reino. Tirava exemplos da história pátria em que outras rainhas tinham feito igual sacrifício. Citava-as. Era o seu dever como rainha. E afoito: «Eu não consinto na sua renúncia». Arreceava-se do futuro. Mais vale prevenir que remediar. Entendia que era melhor «sangrar em saúde para fugir a enfermidades».

Também o povo, pela voz do senado de Lisboa, suplica à rainha que fique, pois «com a perseverança de vossa alteza na governança dêstes reinos tantos bens se conservam e tantos males se impidem», — escreviam êsses senadores.

Semelhantemente se expressavam outras cidades e vilas do reino e ainda vários fidalgos a quem a rainha dirigiu a sua circular.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Tôdas estas vozes eclesiásticas, nobres e populares soam a unfssono. As preocupações dêstes homens visam o mesmo ponto, antevêem o mesmo perigo: saindo a rainha e ficando o cardeal só, a sua administração tenderia, sobretudo, para coisas religiosas «por ser o génio dêste príncipe (D. Henrique) mais activo para promover os aumentos espirituais da Igreja que os políticos da monarquia» — escreveu-se. O remédio, entendiam êles, estava em manter o «statu-quo» governativo: D. Catarina no poder, com o cardeal D. Henrique por auxiliar. Confiavam na prudência da rainha e no merecimento dela em, tudo vendo, tudo fiscalizando, equilibrar-se entre ambições várias e opostas.

Esta consulta foi esclarecedora. A rainha viu e ouviu que a opinião pública era por ela. Ilucidada, lisonjeada e estimulada, desistiu do seu propósito de renúncia, se é que tudo isto, repetimos, não foi uma hábil pregunta política aos Estados, uma queixa em voz alta ao reino, onde já se bacorejavam comentários graves a respeito das desinteligências e intrigas que iam nos Paços da Ribeira entre a rainha, o cardeal, os jesuítas e alguns nobres.

Ficara instruída e edificada.

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Correm mais dois anos. Aquelas desinteligências cresceram, tomaram vulto. Agora, além dos costumeiros lios dos Paços onde a Lisonja e a Intriga são personagens teúdas e manteúdas, radicam-se importantes opiniões opostas, prestes a chocarem-se. Há partidos na côrte e fora da côrte. E' agudo o desacôrdo entre a rainha e o cardeal. A última divergência grave — a sabida gota de água que estravaza um copo cheio — foi o caso do cêrco de Mazagão, praça mandada defender pela rainha que seguia em oposição aos que entendiam dever soltá-la. Com êstes estava o cardeal-infante que, nesta altura da política africana, pensava ainda como primeiramente pensara seu irmão D. João III a respeito das praças de Azamor e Çafim, por êle abandonadas aos mouros.

Então vivamente contrariada, desgostosíssima, aborrecida de ditos e de injustiças, a sempre fiel e leal D. Catarina não pôde mais e tomou a irrevogável resolução de deixar o fatigante regimento do reino e a falsíssima vida da côrte; e, entregando o govêrno ao cardeal D. Henrique, recolhe-se ao convento da Esperança, seduzida pela tranquilidade da sua câmara caiada, pelo silêncio e pela paz

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

das horas clausturais, entre cicios de rezas doces, na companhia simples e sincera das boas monjas.

Tomando esta terminante resolução, reüniu, em nome de D. Sebastião, as suas primeiras côrtes, onde fez ler, pelo doutor António Pinheiro, a carta de renúncia, alegando não poder com o pêso do govêrno de tão dilatado reino e senhorio, «e, principalmente, por grande desconsolação».

Nesta palavra ia tôda a sua queixa inconfessada. Terminava indicando para o govêrno o «senhor cardeal seu irmão».

Os três Estados, clero, nobreza e povo, tomando conhecimento desta súbita resolução da rainha, perturbaram-se. Repetia-se a situação de dois anos antes. Como nesse tempo, os mais cordatos entendiam que, para evitar questões maiores, era preferível que ela continuasse no poder por mais alguns anos. Rogaram-lho. A rainha, agradeceu, mas não os atendeu. A sua resolução era agora definitiva.

Então, muito ventilada a matéria, as côrtes puseram-se em desacôrdo; e patenteou-se acentuadamente a existência de dois partidos: um a favor da rainha, outro a favor do cardeal e dos seus amigos. A nobreza dividiu-se; o clero, regular e leigo, pendeu para a rainha; e o povo, embora mais por D. Catarina que por D. Henrique, dividiu-se também, pois alguns definidores havia que não simpatizavam

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

com a sua qualidade de estrangeira, que (pensavam êles) naturalmente a levaria a tender para os seus—para a política de Espanha, o que, aliás, não era verdade.

A discussão foi longa: durou de Outubro a Dezembro.

Por fim, foi aceita a renúncia da rainha, mas a indicação, feita por ela, de que o cardeal a substituiria no poder durante a minoridade de D. Sebastião, ficou limitada a um praso de seis anos, até o dia em que o rei completasse catorze, emancipando-o então, à moda de Espanha.

Os partidários do cardeal venceram em grande parte. Estava no poder o infante D. Henrique. Os jesuítas entendiam-se melhor com êle que com a rainha; e a nobreza estava certa de que muito conseguiria do regente, ora lisonjeando-lhe a vaidade, ora espicaçando-lhe a brandura. Era, sobretudo, necessário, num dado momento, tirá-lo das irresoluções que lhe entorpeciam o critério e paravam o braço.

Lourenço Pires de Távora, o cabeça do partido nobre no Conselho de Estado, que por sua iniciativa se acabava de criar, (em que, um tanto ou quanto, se coartava a liberdade do cardeal) redigiu um programa de governação que ofereceu a D. Henrique. O infante tinha-o a seu lado. Estava pronto a prestar-lhe todos os serviços políticos, e dar-lhe as luzes do seu entendimento, os conselhos de sua madureza.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

No escrito se dizia quais os primeiros problemas de resolução mais urgente e as providências imediatamente necessárias; qual a atitude enérgica que o cardeal devia ter ante a gente do reino: «muito rigor, antes parecendo cruel que piedoso» para não cair nos inconvenientes que já tinha «experimentado por sua misericórdia e brandura».

Outros nobres punham-se igualmente ao lado do cardeal. O embaixador D. Álvaro de Castro, escrevendo de Roma a D. Henrique, permitia-se também enviar-lhe instruções que, humildemente, intitulava simples «lembranças». Chamava a atenção do regente para as injustiças cometidas e recomendava-lhe que era preciso acabar com a «corrupção de Portugal e plantar novo reino, novos homens, novas leis, novos costumes».

A nobreza, instruindo e defendendo o regente, defendia-se a si própria do «braço popular», que nessas mesmas côrtes de 1562 apresentara um longo articulado de legítimas censuras aos erros e injustiças que, por via de alguns nobres, se vinham praticando na governança. Ao mesmo tempo, o povo, pela voz do seu cabeça, aproveitou o ensejo para dizer de sua justiça e mostrar o seu descontentamento. Indicou então novas provisões para melhorar os vários serviços de administração pública, desde o modo na justiça à forma na fazenda, e ventilou ainda diversas espécies de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

problemas relativos aos negócios daquém e dalém mar. Foi longo e minucioso.

A respeito de D. Sebastião disse, entre várias coisas, que o rei fôsse educado, em tudo, à portuguesa; e que, quando chegasse à idade de «nove anos, o tirassem dentre mulheres e o entregassem aos homens» [35].

Enquanto a frades, não queria mais conventos: «pelos que há; e por serem prejudiciais e enfadonhos tantos peditórios». Para os jesuítas foi áspero. Enfim, o povo falou claro e afoito. D. Catarina estava, em parte, vingada. E na paz religiosa da sua câmara conventual saboreou a doçura de estar, finalmente, longe das ambições, das intrigas, dos enredos, das mentiras das almas — coisas do mundo lá de fora!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

V

O AIO E O PRECEPTOR

Tem D. Sebastião seis anos e é seu aio, ajudado de quatro sumilheres, o respeitável septuagenário D. Aleixo de Meneses. Linda figura a dêste velho fidalgo português! Alto, espinha direita como a de um rapaz de vinte anos garbosos, cabelos brancos, e barba branca descida na face rubicunda. Sob espêssas sobrancelhas alvas, havia nos seus olhos, de grande mancha negra e húmida, a expressão da probidade concentrada dos homens de honra que entram pela velhice dentro, em pé, cabeça erguida, ânimo forte, viril e firme. Os gestos sóbrios, vincados e polidos, eram o retrato linear do seu rígido e fidalgo carácter moral.

Filho segundo de D. Pedro de Meneses, que, por suas façanhas, D. Afonso V fizera conde de Cantanhede, esteve em África na conquista de Azamor, na Índia na tomada de Zeila e de Calaiate, e entrou nas pelejas de Malaca e de Melique. Fôra conselheiro de dois reis, D. Ma-

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

noel e D. João III, fazendo-o este embaixador junto de Carlos V, que o estimava a ponto de o convidar para padrinho do seu neto Carlos, filho de Filipe II. A comadre, a infanta portuguesa D. Maria (a quem, em sua curta vida, êle serviu em Castela como mordomo-mor) nomeou-o seu testamenteiro com a tença de cinco mil «reales» de renda anual nas alcavalas de Sevilha, elevadas ao dôbro por Carlos V, quando aprovou o testamento [36].

Era tão admirado como protótipo de honradez, que dêle dizia o grande imperador Carlos V:

— «Para D. Alexo nò ha menester mas razon, si nò que — es D. Alexo!» [37]

Prestigioso fidalgo!

* * *

Bem servido de aio, e de aia que era D. Joana de Meneses, tratava-se agora de escolher um bom preceptor para D. Sebastião. A rainha, castelhana, pensou no insigne autor do «Simbolo de la Fé» e da «Guia de Pecadores», o prègador Fr. Luís de Granada — grande dominico espanhol que nessa ocasião residia em Lisboa. Pensou igualmente em Fr. Luís de Montoya, eremita-agostinho, outro notável clérigo castelhano. Era também candidato a «mestre del rei», o doutor António Pinheiro, afa-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

mado prègador, que já o fôra do príncipe D. João, seu pai [38].

O cardeal D. Henrique não pensava em nenhum dêstes, pois quem logo pretendeu êsse ofício de mentor foi a Companhia de Jesus, lògicamente dentro do seu programa de educadora que se instala cedo na inteligência e na consciência dos seus educandos. A ilustração dos jesuítas, além de sòlidamente humanística, era cheia do brilho das sciências novas nascidas da Renascença, que espertos e cultos padres admiràvelmente aproveitavam. Atraíam pelo saber, como se impunham pelo aprumo moral. Já o cardeal, junto da rainha, lhes exaltava a sabedoria e as virtudes.

Na côrte, se todos pensavam assim quanto à sciência e piedade dos padres da Companhia, pessoas havia que discordavam da escolha, por entenderem que os jesuítas não eram os mais idóneos educadores de um jóvem rei, sobretudo nessa época de decadência em que se tornava imperiosamente necessária outra ordem de estímulos além dos da sabedoria e devoção. Os gabos de «pacífico» dados a D. João III não eram o título que mais convinha naquele momento a um rei português. Assim, alguns nobres entendiam que o fundo do carácter dêste príncipe devia ser feito de virtudes guerreiras, embora a piedade não deixasse de ter o seu lugar, e assinalado, na alma do rei. O conde de Vimioso, e com êle o

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

conde da Vidigueira, preferia um mestre leigo e humilde que bem o instruísse, mas jamais aspirasse a ter ascendente no ânimo do discípulo. O fidalgo D. Lourenço Pires de Távora, nesse momento uma das mais autorizadas vozes, é de opinião diferente: vota na escolha de um competente mestre estrangeiro que, desligado de partidos, se possa conservar sempre neutro. E voltando-se para os outros, num meio sorriso e num meio olhar espertos:

— Cessariam assim todos os receios de que — sinto-o bem — vós suspeitais...

D. Aleixo de Meneses, solicitado a dar o seu autorizado voto, e opinando semelhantemente aos outros consultados, escreveu a sua resposta à volta dessas mesmas ideias; e enquanto à devoção do rei, citava uma frase ouvida por êle em Castela ao grande Carlos V, seu senhor e amigo:

— «Os príncipes bem instruídos nas artes do govêrno e da guerra tinham suficiente piedade sabendo rezar por umas contas!» [39]

A rainha ouvia, calava e meditava. Também ela tinha receio de que os jesuítas, sábios, hábeis e insinuantes, se apoderassem do espírito do seu neto e o tolhessem para a vida de armas, tão necessária naquela hora de reorganização colonial, de reconquista africana, enfim, hora ao mesmo tempo de ar-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

roubo e de vincada política prática de que tanto havia mister.

E a controvérsia durou dias.

No entretanto, os jesuítas Miguel de Tôrres, Leão Henriques, e vários outros, em defêsa das suas pretensões, teciam plânos, dispunham arranjos junto do cardeal D. Henrique. Êste, bem instruído e conduzido, acabou por se servir, para obter o voto de D. Catarina, decisivo naquele momento, da hábil pressão do confessor dela, e dos bons jeitos da sua camareira-mor e valida D. Joana de Eça, tia do jesuíta Luís Gonçalves da Câmara. Muito cercada, muito apertada, muito rogada, a prudente rainha cedeu, por fim, mas a custo. Mais uma vez os jesuítas ficaram sabendo que não podiam contar demasiadamente com a rainha-avó.

* * *

A pessoa escolhida para preceptor foi o jesuíta Luís da Câmara, de nobre e limpo sangue, ao tempo em Roma, com altos créditos de erudito e segura fama de virtuoso. Estudara em Paris, e tinha vindo para Coimbra, chamado por D. João III, quando, em 1537, êste rei reformara a Universidade e convidara para o ensino afamados mestres portugueses e estrangeiros. [40] Foi aí reitor do Colégio de São Paulo, depois visitador de Portugal,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

e em Roma viveu de perto com Inácio de Loiola que o tinha em tão grande conceito que, numa carta a D. João III, afirmava: «*déjanos de si mucha edificacion y contentamiento*»; e numa apresentação aos superiores da Companhia, em Espanha, escrevia dêle: déem-lhe tanto crédito «*como á mi mismo*» [41].

O P.e Luís da Câmara, de perto de quarenta anos, era homem de aspecto medíocre, e, no dizer do veneziano Tiépolo, «*di brutta presenza,* sem um ôlho e mui gago».

No entanto, conversado, tornava-se agradável e, pouco a pouco, as luzes do saber e da virtude, que o enchiam, dissipavam nêle sua exterior fealdade ante os que o admiravam e estimavam. A sua cultura humanista era profunda; perspicaz a inteligência; grande mas fria sua perfeita piedade.

Quando, meses depois, êste preceptor do reizinho passou, substituindo o eremita-agostiniano Luís de Montoya, a ser também seu confessor, como já o tinha sido de seu avô D. João III e de seu pai o príncipe D. João, o velho e intransigente D. Aleixo de Meneses, ressabiado do ascendente jesuítico, dizia, a meia voz, para os seus amigos:

— O padre já conheceu a natureza do rei; não tarda a apoderar-se-lhe do ânimo.

E, num momento azado, expôs à rainha suas longas e preocupadas considerações. D. Catarina chorou, agradecendo-lhe o zêlo.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Demais o compreendia ela! Mas...; e terminou recomendando-lhe ainda maior desvelo na educação do neto [42].

E, então D. Aleixo, todo solícitos cuidados pelo régio pupilo, reforçou-se no plâno concebido de, cada vez mais afincadamente, contrabalançar esta instrução devota com educação insistente nas «virtudes de fidalguias, letras, madureza e conhecimentos das cousas do mundo» — e tudo o mais de que havia mister um rei para ser rei. D. Aleixo, cavaleiro, queria formar um rei cavaleiro; D. Aleixo, aio, além de se guiar pelos seus princípios, que em nada alterava, tinha a reforçar as suas opiniões aquele voto do povo nas côrtes de 62, que desejava ver em D. Sebastião, sobretudo, um rei à antiga com tôdas as qualidades guerreiras dos bons reis portugueses, como até ali haviam governado com grande amor à justiça e ao bem da grei. Para isso o povo requereu que se mandassem imprimir as crónicas dos nossos reis passados para suas famas servirem aos novos. Que em tudo seja educado «à portuguesa»: «vista à portuguesa, cavalgue à portuguesa, coma à portuguesa, fale à portuguesa, — que todos os seus actos sejam portugueses». O povo já apontara a necessidade de, aos nove anos, se tirar o rei «dentre mulheres e o entregassem aos homens». Não estimando alianças com a falsa Espanha, indicára que o casamento do reizinho, «pôsto que não te-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

nha idade» se fizesse desde já em França; e que a princesa escolhida, embora ainda menina, a trouxessem para Portugal para ser criada à maneira portuguesa, começando, de novinha, a conhecer e a amar o povo que um dia havia de governar.

«A' maneira portuguesa!» Eis um programa inteiro de lealdade e ternura, de coragem e cortesia.

Esta espontânea voz popular, que vinha da raiz do sentimento nacional, foi em grande parte ouvida pelos instrutores e educadores do rei-menino; mas, mais tarde, foi fundamente sentida e amada por D. Sebastião, quando êste rei, por seu instinto esperto e entendimento ilustrado, se demorou a pensar nela. E logo, corrigindo alguns defeitos comunicados, e avolumando excelências de educação, firmou seu ingénito sentir no sentir da grei; e, aturando, assinalando em si virtudes antigas, fez-se o «rei antigo» tal qual em côrtes requeria êsse braço representativo do Terceiro Estado — do que restava ainda de bom no povo português, aliás decadente nessa hora timorata.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

VI

AMBIENTE RELIGIOSO

A época era de reacção religiosa. O Humanismo, que estudou, directamente, nas fontes trilingues, [43] as letras, a filosofia e a história antigas; a Renascença, que criou um entusiasmo novo pelo classissismo das linhas serenas, e das atitudes impassíveis; a Reforma, que atacou a Igreja na sua simonia e pelos crimes dos Papas e abusos dos seus ministros obcecados de poder temporal, ávidos de riquezas, voluptuosos de luxo e de mundanismo; — agitaram o pensamento dos cultos e estremeceram a sensibilidade dos artistas, pondo uns e outros em crises de fé.

Erasmo e Lutero são os representantes de uma só revolução: a da sobrevivência do mundo antigo no pensamento e factura literárias, na palavra e no sentido evangélico, e isto junto do agrado que as almas vinham votando à beleza das linhas e proporções da arte greco-latina. São fanáticos, cada um no seu campo.

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Revivem ideias e sensações passadas. A vida plena da arte antiga enamorou a emoção; o pensamento livre perturbou os espíritos; e as consciências, regressando ao Evangelho, buscam ouvir directamente a dulcíssima voz de Jesus, sentir o calor do seu ardente coração e só com êle cada um se entender. Já na bôca dos eruditos e dos artistas livres sorriem fios de scepticismo culto — ironia risonha e doirada, companheira airosa que de braço dado leva à descrença... No norte, esfusiam contra os frades as zombarias do flamengo Erasmo, as sátiras do escossês Buchanan; no sul são violentos os ataques do temido Aretino; e em Portugal o clero palaciano é contundido pelas dicacidades de Garcia de Rèsende, e pelas mordacidades de Gil Vicente em suas farsas e autos.

O catolicismo alarmou-se e armou-se. A Igreja que, desde séculos, vinha, em seus concílios, reprimindo aqueles denunciados abusos, reconheceu que em nada fôra ouvida nos seus paternais avisos, pouco atendida nos seus rôgos, menos obedecida nas suas ordens disciplinadoras. A corrupção aumentara nos altos eclesiásticos, e o miúdo clero, secular e regular, seguia-lhe os maus exemplos. Não podia ser, não devia ser. Impunha-se urgente e completa correcção. Mas era um pouco tarde... Já a heresia lavrava fundo nos países do norte onde as almas religiosas, pensadoras e hon-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

radas, aceitaram conscientemente a Reforma nova. Deu-se o alarme do perigo. O primeiro a acudir foi o *sentimento* cristão das humildes ordens monásticas que se lançaram a prègar, boamente, a suave doutrina do suave galileu. Não bastava! Eram palavras meigas e havia precisão de palavras severas. Trovões e não murmúrios! A hora era de luta. Havia mister de criar uma milícia católica, uma cavalaria de Igreja, armada de espadas de fogo, que irrompesse em tropel furioso, derruísse o êrro e de novo reconstruísse e consolidasse a verdade religiosa que maus ventos, num momento, combaliram. Esporas valiam mais que sandálias; factos, melhor que palavras; acções, melhor que orações. Apareceu, então, o *pensamento* dos clérigos sábios e enérgicos que se organizaram em «companhias», isto é, em disciplinados regimentos de soldados da fé. Sim, uma aguerrida hoste para percorrer o mundo em missões de ensino, construindo, desde a escola, a consciência católica, para edificar o futuro. Para corrigir o presente, outros organizariam corpos de polícia aos costumes e instituïriam tribunais julgadores dos delitos das ideias religiosas, scientíficas, filosóficas, ou literárias dos que tocassem nos dogmas, ou, livremente, se referissem às doutrinas ortodoxas. E assim apareceram êstes novos instrumentos sociais defensores do catolicismo: a «Companhia de Jesus», o «Santo Ofício» e a

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

«Inquisição». E como o momento era de reacção, houve excessos até a crueldade, o que sempre acontece em períodos de exaltação até o fanatismo.

Hora de rigor e de pavor! Tinha-se mêdo de tudo, proïbia-se tudo. Não se queimam sòmente os livros francamente heterodoxos como os de Lutero, de Húiten, de Melanchton; mas proïbe-se também a leitura de todos os autores suspeitosos na fé, como Erasmo, Maquiavel, Guicciardino; e sujeitam-se à expurgação as obras de Vergílio, de Ovídio, de Petrarca, de Dante, de Tomás Moro e ainda as de Fr. Luís de Granada, as de Montemór e de tantos e tantos outros.

Se a sciência embate com a fé, ou se os sábios avançam mais longe em suas interpretações, metendo, menos ortodoxamente, pelos mundos da teologia, os Galileus arriscam-se a arder nas fogueiras expurgatórias. Se a história se põe em desacôrdo com o cânone bíblico, línguas de fogo consomem os livros suspeitos. Se a literatura se demora em comentários independentes, preciso é rasgar o auto do «Jubileu», amputar o de «D. Duardos», e o da «Lusitânia» de mestre Gil, e de tantos outros mestres, desde Roterdão a Lovaïna, de Basileia a Nurimberga; e se as artes se desnudam, necessário se torna cobrir os frescos sixtinos do pagão Miguel Ángelo, apologista estético do corpo humano, na rítmica beleza

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

das suas linhas e «proporções divinas», como dizia Leonardo.

Mêdo de tudo!

E o mundo viu então, frente a frente, num duelo de vida e de morte, duas fogueiras obcecadas, uma antiga e outra moderna, uma formosa e outra tremenda! Luta de gigantes! Combate de ideias, combate de sentimentos. A vida pagã de um lado, a vida cristã do outro. O gôzo da vida e a renúncia à vida. O sol irradiante e fecundo, e a sombra meditabunda e acabrunhadora. O templo grego bate-se com a catedral gótica. Homero degladia-se com São Francisco de Assis. Já, em arquitectura, as impassíveis linhas clássicas levam de vencida as linhas «bárbaras»; e, nas letras, a forma erudita de polido arranjo, se impõe ao corriqueiro da escrita oral, sôlta mas de viçosa polpa, original estrutura, pitoresco meneio e bom sabor.

Mas nas almas nobres triunfa a divina fé, argumentando com o sensualismo belo; e nas simples domina-as o sentimento cristão impondo-se à sua ignorância timorata.

Em breve esta fé, tão hàbilmente, tão fortemente organizada, miliciada, e mobilizada como um exército, constitui uma potência na Europa, de que os príncipes se querem aproveitar, pondo semelhante fôrça nova ao serviço das suas pretensões de tôda a espécie. E viu-se então aquelas instituïções, criadas ùni-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

camente para defender doutrinas religiosas e ideais morais, imiscuírem-se tanto na vida social dos povos que elas passaram a servir as ambições dinásticas dos reis e dos príncipes, as ambições políticas dos chefes e dos grandes, quando não ódios de raças—de árias contra semitas, de cristãos velhos contra cristãos novos.

* * *

Portugal, isolado numa extrema do mundo, latino, sensualmente peninsular, sempre uno na enorme maioria do seu cristianismo de raiz, é um inexpugnável castelo de fé católica. Aquelas dissidências religiosas que andam lá por fora em cérebros cultos e consciências puritanas, são para nós outros, almas sòlheiras do sul, frias opiniões de precária consistência. Aqui não entram confissões de pouca forma. No entanto, os que de tudo se arreceiam e com tudo se assustam, começam por lançar, ao longo das fronteiras, um cordão sanitário à crença, e, cá dentro, logo buscam armar-se também com os elementos da defesa nova. Criam-se seminários em tôdas as dioceses; em Lisboa aceitam-se, entre as oliveiras de São Roque, os primeiros modestos padres da «Companhia de Jesus»; e, depois, insta-se para que venham mais, se estabeleçam, se fixem.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Por outro lado, e porfiadamente, roga-se aos Papas (acabando por tudo conseguir) que Portugal possua também essas instituïções repressivas de erros, apuradoras da fé, as quais, exigentes, conduzem o são pensamento, afervoram a crença e disciplinam a sociedade anarquizada pela liberdade ignara e excessiva — fôrças vivas que bem ajudam os príncipes no duro ofício de reinar.

D. João III foi um rei do seu tempo. Não se era bom rei político sem se ser bom rei piedoso. Neste campo, as diplomacias papais e régias entendiam-se a uníssono. D. João III teve sempre deligentes e piedosos plenipotenciários junto de Paulo III e Júlio II, que tudo conseguiram com seus jeitos e zelos perseverantes.

O nosso embaixador Lourenço Pires de Távora, «exortando o Papa pelo melhor modo que pôde», foi um dos que mais instaram com Pio IV para a reabertura do Concílio de Trento, fechado oito anos antes por Júlio III. Aberto êle, a representação portuguesa em Trento luziu com a sapiência dos nossos mais abalizados prelados (o arcebispo de Braga, os bispos do Pôrto, de Coimbra e de Leiria); dos nossos mais doutos teólogos e jesuítas, que Pio IV a todos honrou em elogioso Breve, dando graças a Deus, dizia, «pela grande e insigne piedade com que Portugal concorreu para esta saudável obra». E tão amigas eram então as rela-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ções entre a Santa Sé e Portugal, e tanto a contento dos Papas, que embaixadores houve, que servindo o reino os serviam a êles: êsse Lourenço Pires de Távora (a quem o senado de Roma concedeu o título de cidadão romano) terminou instalando-se familiarmente no Vaticano, junto dos aposentos de Pio IV, como pessoa grada e parente. Na sua despedida, o Papa fê-lo acompanhar por uma guarda de cavalos e pelo correio-mor, através dos seus Estados pontifícios, onde os governadores o recebiam com banquetes e festins pomposos, acompanhados de musicatas, recitando-lhe aos «post-prandium» saudáveis orações congratulatórias, como se êle fôra pessoa vinda do melhor sangue de reis, e de longe. E na sua recredencial, Pio IV, entre vários encómios, teve esta frase de alto louvor e delicado afecto: «dêste amado filho e nobre varão *(dilecti filii nobilis viri)*" a quem se podem encarregar tôdas as coisas por mais grandes e dificultosas que sejam, a memória nos será sempre agradável e suave enquanto vivermos».

E êste foi o ambiente de fé católica e de política religiosa que D. Sebastião respirou fundamente e fundamente o impressionou entre os 6 e os 14 anos, de 1560 a 1568, estando na regência o senhor infante D. Henrique, cardeal e inquisidor-mor do reino de Portugal — am-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

biente severo e embiocado, que não deve ter concorrido pouco para a

...austera, apagada e vil tristeza

que. então tolheu braços armados, empanou alegrias sòlheiras e embaciou aquele brunido ardor que outrora rebrilhara nas audazes almas portuguesas.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

VII

EDUCAÇÃO RELIGIOSA E MISTICISMO GUERREIRO

A-PESAR das várias divergências entre o jesuíta Luís Gonçalves da Câmara e o fidalgo D. Aleixo de Meneses — entre o mestre novo e o mestre antigo — num ponto os educadores se encontraram em pleno acôrdo: no rei de Portugal devia formar-se um carácter guerreiro. Esta opinião era natural no aio; meditada, no preceptor. Um tinha-a no sangue; outro, na inteligência culta, observadora e reflectida. O P.e Luís da Câmara reconhecia ser êste o sentir íntimo e tradicional da nação cristã e guerreira, que, como a Espanha santiaguesa, amava a cruz em forma de espada. Se Portugal vinha, desde D. Manoel, mas, sobretudo, depois de D. João III, esmorecendo no seu feitio rompante, fôra isto excepção — decadência de que era necessário sair pelo acendramento da alma épica que tão belamente nos havia atirado às ardentias das Navas de Tolosa, do

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Salado, de Aljubarrota, de Ceuta, de Arzila, de Cochim, de Ormuz, de Damão, de Diu. No último reinado, ensarilharam-se armas, arrearam-se velas, desguarneceram-se fortalezas, abandonaram-se praças. Não podia ser! Desde os antigos reis portugueses, sempre a luta contra o mouro foi o primeiro artigo no nosso programa de conquista; como os descobrimentos e a colonização foram o segundo. Preciso se tornava voltar a essas realizações belas e práticas. Impunha-se êste espírito de continuidade. Era indispensável, para realizar tais interêsses, manter aqui à porta de casa uma escola de luta com inimigos da nossa fé — aula prática de rasgos e heroismos, onde se adestra a coragem e se ensina a desprezar a vida pelo ideal da pátria. O recente cêrco de Mazagão mostrara a ingénita disposição dos ânimos portugueses para guerras de África. Que embriaguez, que entusiasmo delirante!

A nobreza ofereceu os filhos; os aldeões — braços e terras; os mercadores ricos — seus dinheiros em vicentes, meios vicentes e cruzados de oiro amarelinho; e enlevadas donzelas, filhas de algo, bordavam nos guiões e balsões de damascos verdes, carmesins e brancos, religiosas cruzes de Cristo, de Avis, de Santiago, e também leões rompentes, aguias voantes e outros altaneiros símbolos heráldicos dos grandes do Nobiliário. A piedade, a nobre-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

za, a galhardia, o sonho. E competiam velhos e rapazes! Ah corações em chama!

A África, que tinhamos próxima, era melhor colónia que a Índia, que tinhamos longe. «A Índia nada rende», dizia a fala censurante do terceiro braço, nas populares côrtes de 1562. A África, sim. Lá o havia escrito o autor do «Institutio Sebastiani», o célebre humanista Diogo de Teive, traduzido em versos brancos pelo cronista-mor Francisco de Andrade:

> Agora aquele rei, que por milagre
> Nos foi dado, fará com seu esfôrço
> Que os termos da espaçosa, larga Índia
> Se acabem lá onde o mundo os seus acaba
> A isto ajuntará com gloriosas
> Vitórias a infiel terra africana.
>
> .....

O P.e Luís da Câmara ouvia estas vozes, via aqueles factos, e, portanto, esclarecida e inteligentemente lançava tais ideias no espírito do rei môço em quem, aliás, já pressentira naturais tendências belicosas em ânimo aventureiro, encaminhado e acirrado por D. Aleixo de Meneses que, no seu ofício de aio, o vinha alimentando com uma vibrante educação tôda feita na apologia ardente das sublimadas virtudes guerreiras e cavalheirescas dos seus esforçados avós e dos capitães maiores que nesta terra houve. E pena tinha êle (dizia

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

D. Aleixo) de ser tão velho, pois estava no seu programa acompanhar um dia o seu educando às partes de África, tal o aio Vasco Fernandes de Ataíde, ao lado do infante D. Henrique, nas betesgas mouras de Ceuta, e morrer por seu príncipe, se tanto fôsse preciso. Mais um motivo, portanto, num tempo em que as virtudes cívicas se não podiam separar das virtudes cristãs, para que a instrução religiosa que o jesuíta lhe vinha dando, fôsse sciente e arraïgada, de maneira que o rebentar fragoroso da sua vivíssima fé guerreira se alicerçasse profundamente em vivíssima fé católica.

D. Aleixo, depois de fazer passar diante dos olhos do discípulo as grandes páginas do heroismo português, vinca-lhe, no coração e na inteligência, as altas noções de nobreza. Diz-lhe que a fidalguia herdada deve ser transmitida aumentada. Recebe-se com ufania, entrega-se com orgulho. Quem se honra em herdar deve honrar-se, ainda mais, em legar. A nobreza alimenta-se, dia a dia, de feitos de honra, decisões valorosas, aprumos morais, e extremadas galanices. O fidalgo deve ser ao mesmo tempo uma alma piedosa e ardorosa, um espírito recto e galante.

D. Sebastião considerava-se não um simples continuador da linhagem, mas, maiormente, o aperfeiçoador da estirpe, e esta era a mais completa noção da fidalguia. Em tal aluno, a

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ideia de nobreza havia um dia de subir ainda à noção de formosura, transmudando-se, tocando-se de santidade.

Ao lado disto, fazia seus estudos místicos, aprendia uns laivos da *Instituta*, basta história, algumas letras antigas, um pouco de esfera e mapas, sua gramática, e suficiente latim para ler e entender os textos litúrgicos. Dizia-se então:

— «Ler, rezar, dansar e... latim».

Assim, aio e preceptor, guiados por tradições portuguesas de cristianismo e fidalgos alardos patrióticos, dispuseram a lenha e acenderam o lume no espírito de um reizinho que, mais tarde, pelo génio sôlto do seu heroismo nato, em si próprio havia de atear a labareda do misticismo católico e guerreiro, até as belezas das línguas de fogo alto que iluminam a terra e projectam deslumbramento na história pátria.

* * *

Tirante o rir folgado com as farsas e autos de mestre Gil, os quais pedia lhe representassem nos salões da Ribeira e da Alcáçova e se montavam aí como nas seroadas dos Paços no tempo do seu bisavô D. Manoel [45]. — quási que não brincou êste adolescentezinho precoce. Quando o levavam a assistir

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

às tragicomédias do Colégio de Santo Antão, o pequeno monarca não ria: — alvoroçava-se com os belos feitos antigos das grandes figuras históricas, exaltadas nas peças eruditas dos jesuítas educadores.

Só mais tarde, môço, voltou a rir de vontade com os paçãos bobos «Panasco», «Castilho» D. Briando, D. Felix, que, por vezes, lhe feriavam a alma vinda de meditações prolongadas. E, então, achava graça aos seus ditos e arremêdos, suas pilhérias, partidas e picarices.

Sim, riu, porque o génio dos heróis é bem humorado. A heroicidade, sendo uma superioridade, uma franqueza, uma galhardia, é sãmente e abertamente bem disposta. E D. Sebastião que um dia calemburará, a propósito da palavra «cometa», ria dos trocadilhos dos truões, das suas burlices e chocarrices, êle que não se lhe daria de ser um D. Pedro de Meneses, primeiro fronteiro de Ceuta, um conde do Redondo, ou um D. Álvaro Vaz de Almada, almas abertas, que tinham tão prestes a bravura como o bom dito. E' que o sorriso são e bondoso é um nimbo de claridade interior que vive nas almas viradas aos propósitos bons e belos, e tanto brune as faces dos heróis como esmalta as dos santos.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Em criança, o aspecto pomposo e colorido das suas primeiras côrtes, a que assistiu aos oito anos; o dos magnificentes esponsais das filhas do infante D. Duarte; e o das festas da publicação da Bula pela conclusão do Concílio Tridentino, em que êle era sempre, preeminente, o senhor principal, constituiam espectáculos que lhe cravavam na alma as noções de império, cujo sentido a sua consciência, orgânicamente realenga, pressentia ser a fôrça e a forma de que há precisão um príncipe poderoso e justo para bem servir e engrandecer seu reino.

A estas festas juntavam-se as de igreja, com faustosa liturgia, o que tudo, causando-lhe íntimo gôzo, condizia em seu espírito de rei e de católico. O offício divino e as práticas piedosas disciplinavam-no; e os sacramentos fortaleciam-lhe a alma, cedo começada a viver a vida interior onde no sobrenatural se enraíza fundamente o nobilíssimo sentido da passageira existência humana. Ouvia missa todos os dias e comungava aos oito, particularmente, no Oratório dos Paços. Porém, nas festas solenes, recebia a comunhão à vista do povo, na sé ou São Domingos, para a todos dar exemplo da sua piedade, indo até a ajudar à missa, e a acompanhar o viático nas ruelas de Lis-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

boa, sempre que ouvisse tocar a «Senhor fora»; e, nas cerimónias de Semana Santa, em Quinta-feira Maior, a lavar os pés a doze pobres, beijando-os, diminuido e sumido, com verdadeira humildade cristã. Rezava diàriamente o «Ofício Divino» a Nossa Senhora, e aos sábados ouvia uma segunda missa em honra da Mãe Santíssima. Nunca passou diante de um crucifíxo que não dobrasse o joelho; e sempre se descobria e recolhia ao pronunciar a palavra Jesus [46].

* * *

Com êstes mesmos olhos devotos começou a estudar a história de Portugal, que, por seus triunfos miraculosos, logo se lhe afigurou ser a crónica de um povo escolhido a quem Deus doara, num canto do mundo, uma tira de terra, iluminada com fartura, bem molhada de rios e regatos, húmida de veigas, oiteiros ao sol, vinhedos e milhedos em abastança, laranjais que cheiram bem, serranias de lapis-lázuli, jardins floridos, e esmaltados pinhais de verde-musgo, tudo sobranceiro ao mar azul esflocado de neve nas praias fulvas.

Lia e ouvia ler, umas ainda manuscritas, outras já impressas, as crónicas de Fernão Lopes, de Gomes Azurara, de Rui de Pina, onde se contavam as vidas e os feitos dos

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

primeiros reis de Portugal, nas suas refregas contra os mouros, limpando de infiéis esta terra de cristãos. Lisboa, Santarém, Silves — que conquistas! D. Afonso Henriques, D. Sancho I, D. Sancho II, D. Afonso III levam os mouros adiante dêles, de roldão, para o sul, até os atirar ao mar!

Depois, as vitórias dos portugueses contra os castelhanos: D. João I — grande rei; Nuno Álvares — grande capitão; Aljubarrota, uma maravilha de serenidade; Valverde, um prodígio de atrevimento; Atoleiros, um milagre de piedade.

O preparo e a conquista de Ceuta deslumbravam-no. O quadro heróico e místico de D. João I, na mesquita de Ceuta, no meio de um sedeiro de lanças e piques portugueses, erguidos e triunfantes, armar cavaleiros seus três filhos D. Duarte, D. Henrique e D. Pedro, que batalharam com as espadas abençoadas, à hora da morte, por sua mãe D. Filipa de Lancastre, ardia ante os seus olhos com côres tão vibrantes como se êle presenceasse uma scena guerreira passada no céu, presidida por Deus, entre a sua milícia refulgente de miríades de anjos e arcanjos a soarem por milhares de tubas de prata um uníssono clamor de vitória.

D. Afonso V era o seu modêlo. As suas insistentes surtidas africanas, em porfia do

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

triunfo, eram a mais perseverante e firme escola de tenacidade. Para êsse rei, as adversidades, as derrotas, longe de o descorajarem, estimulavam-no cada vez mais atrevidamente. Nêle as virtudes guerreiras alimentavam-se de dificuldades, como as virtudes dos santos se sustentam de contrariedades. A luta — que beleza! D. Sebastião sentia que a sua alma era filha directa da de D. Afonso V. Melhor: sua irmã gémea. Queria ser como êle. Havia de ser! Devaneava: Como D. Afonso V, um dia, «ouvida sua missa solene e pregação mui devota», embarcaria no Restêlo, em nau de alto bôrdo, entre fustas e barinéis, acompanhado de muita e luzida gente. Ouvir-se-ia o clangor das trombetas bastardas, e, levantadas as âncoras das caravelas, na praia loira, compacta multidão colorida, com lágrimas de alegria e saudade, acenaria à armada, de muitas velas brancas e pandas, a descer o Tejo de azul lavado, no estuário de mil côres ridentes, a fazer-se ao mar largo, rumo ao sul. No segundo dia, dobrado o cabo de São Vicente, depois de arrear a latina e a bujarrona, em homenagem à memória do mártir, chegaria a Sagres e daí aproaria à costa de África, com vento norte bem terçado para a derrota. E como D. Afonso V conquistou Alcácer-Ceguer, tomou Tânger, escalou Arzila, filhou aduares, e se apossou de montados e veigas mouras, também de novo êle

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

queria retomar, escalar, cercar, filhar essas praças de Azamor e Çafim abandonadas por seu avô D. João III, essas campinas perdidas, essas enseadas verdes de águas tão lindas e tão úteis. E depois de um dia de sanguenta peleja, já sôbre a tarde, talqualmente fêz D. Afonso V ao armar cavaleiro seu filho D. João na mesquita de Arzila, junto do ataúde onde estava deposto o cadáver de D. João Coutinho, conde de Marialva, «morto com muitas feridas por serviço de Deus e nosso», [47] — de igual modo se armaria entre grandes e principais, após sua proeza africana que, como essas outras dos seus régios antepassados, entraria no rol de oiro das maravilhas lusas.

Preguntava-se:

— ¿Não devo eu ser o continuador dos meus maiores?

— Sim!, respondia-se com tal energia furiosa que a alma se lhe estremecia, os dentes se cerravam em freima decidida, e os olhos eram fogo.

* * *

Diante da vida política de D. João II, debruçava-se e cogitava precocemente:

— «¡Como êste grande rei soube usar do seu poder absoluto em proveito da unidade da

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

nação! ¡Como êle conhecia bem o áspero cargo de reinar!»

Admirava-o ainda como rei-soldado que, aos dezóito anos, se batera em Arzila e aos vinte e um triunfara em Toro.

Mas D. Sebastião sofria de que a política interna, absorvendo-lhe todos os cuidados mores, o houvesse desviado de pensar demoradamente na África do norte, como, aliás, era tenção sua: «como os desejos del-Rei eram fazer sempre guerra aos infiéis, e se fazia prestes para em pessoa passar em África» [48].

A D. Manoel admirava-o menos pelas descobrimentos que abrilhantavam o seu reinado, pois, a êste respeito, fôra apenas um herdeiro venturoso, do que pelas tomadas e conquistas que obtivera no norte africano, por êle organizadas: Arzila, Azamor, Tite, Çafim, Almedina e Tudueste. Sobretudo, entusiasmava-o aquela sua determinação rija de querer passar a África, à testa de um forte exército português, para o que duas vezes, decidido, se dispôs a partir. Isto, sim, era cavalaria belicosa, — tradição quebrada que era preciso reatar.

O que D. Sebastião verdadeiramente amava era a bravura criadora. Dobrava-se então a meditar nas lições da história portuguesa, que o seu aio lhe punha em frente dos olhos. Lia, devorava o «Comentário do grande Afonso de Albuquerque, capitão geral que foi das Índias

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

orientais» ; e, ante os feitos dos grandes capitães que com poucos soldados haviam vencido poderosos exércitos, — seu olhar coruscava.

O prodigioso Duarte Pacheco, com menos de duzentos homens seus e cêrca de quinhentos incertos naires do rajá, seu aliado, algumas caravelas e chalupas, defendeu, no passo de Cambalão, a cidade de Cochim ; e em oito sucessivas batalhas, sempre triunfantes, derrotou o poderosíssimo exército do rei de Calecute, composto de trinta mil frècheiros e uma esquadra de cento e cincoenta paraus e fustas ! Combates sobreumanos de um contra trezentos. Maravilha !

O fidalgo D. Francisco de Almeida, vencedor dos assaltos de Mombaça, com vinte velas portuguesas contra quatrocentas do Samorim, tem estratagema e valentia para envolver e derrotar o seu poderoso inimigo índio, na batalha naval das águas de Cananor.

Apenas com uma pequena esquadra de seis navios guarnecidos de quinhentos homens, Afonso de Albuquerque toma, no gôlfo pérsico, Curiate, Mascate, Soar, Orfacale ; e no amplo pôrto de Ormuz, atacando de improviso a enorme armada de Coge-Atar, composta de sessenta naus, duzentos galeões e muitas terradas, destruindo umas, dispersando outras, enchendo de pavor uma população de dez mil homens, impõe a vassalagem do rei persa ao

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

rei português, obrigando aquele a pagar cada ano quinze mil xerafins de oiro.

Na tomada da fortaleza de Pangim havia um português contra oito índios; e Gôa, a-pesar-de defendida por um exército de turcos, incomparavelmente maior que o nosso, foi assaltada, saqueada, conquistada. O mesmo aconteceu em Malaca em que poucos milhares de portugueses tiveram de combater com inúmeros e ferozes malaios.

O primeiro cêrco de Diu foi um rosário de heroismos, de poucos portugueses contra milhares de turcos e janízaros, sempre renovados, sempre reforçados. Os assaltos eram incessantes, incessantes as repulsas. As muralhas, derruidas pelas explosões da pólvora, num pronto se reparavam. Luta tremenda, durante semanas. Prodígios de valor! Milagres do céu! A guarnição ficou reduzida a meio cento de homens, mas não se rendeu. Pelo contrário, tão duramente resistiu, que o inimigo, persuadido que os portugueses eram ainda numerosos e invencíveis, levantou o cêrco, fez-se à vela e abalou mares fora. D. Sebastião decorava o nome de António da Silveira, herói desta defesa, como o do segundo cêrco, D. João de Mascarenhas, ao lado do de D. João de Castro.

E outras e tantas outras acções de valor! Um Diogo de Meneses que, no cêrco de Chale, com muito menor número de soldados

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

que o inimigo obriga o Samorim a levantar os seus pavilhões.

Um D. Constantino, filho de D. Jaime, duque de Bragança, que apenas com alguns homens conquista Damão.

As vitórias alcançadas por D. João de Meneses, capitão de Arzila, que no tempo do seu bisavô D. Manoel, à frente do um punhado de bravos, matara mais de quatrocentos mouros, cavaleiros e peões, sem perder um único português! E D. Sebastião ia à sé de Lisboa admirar as bandeiras conquistadas, entretecidas de prestígios [49].

De outra vez, o mesmo capitão entrou no porto de Larache e, sob fogo inimigo, tomou uma galé, cinco galeotas e dois bergantins aos mouros, queimando as embarcações que não pôde trazer. ¿¡ E os outros feitos dêste bravo no cêrco de Arzila pôsto pelo rei de Fez?! Como D. Sebastião o admirava! [50]

E aquelas estupendas avançadas cometidas nos mouros por um conde de Vimioso, por um visconde de Vila-Nova-de-Cerveira? Foi maravilhosa a defesa da cidade de Çafim, organizada por Nuno Fernandes de Ataíde [51]. As muitas entradas, correrias, avassalamentos nos mouros, sucessivamente, como que à porfia, realizadas pelos vários capitães de África — os condes de Alcoutim, os Diogos Lopes, os Joões Coutinhos e tantos outros — enchiam-lhe a alma, incita-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

vam-lhe o ardor em arrebatamentos esplêndidos!

As façanhas contemporâneas do cêrco de Mazagão duraram um mês, tanto quanto o sítio. Os portugueses não chegavam a três mil, e os mouros eram muitos milhares. Que entradas arrebatadas, que defesas admiráveis! O paroxismo da heroicidade! Por fim, vencemos. Mas quantos sacrifícios, quantas dedicações! Houve quem armasse caravelas à sua custa; e outros que pagaram do seu bôlso soldos a quarenta e cincoenta homens. Que entusiasmo, que loucura! Tantos queriam partir, que a regente deu ordem para que nenhuma vela saísse de Belém «sem seu certo recado». Como fôra grande Álvaro de Carvalho — o governador da praça de Mazagão!

Seus olhos de criança, quási adolescente, ficavam redondos de espanto, brilhantes de admiração, e nêles já scintilava a luz heróica dos passos arriscados e belos de algum dia!

* * *

Depois estudou as conquistas da costa ocidental de África, os descobrimentos das ilhas adjacentes, das remotas terras da Índia, o domínio asiático desde Malaca às Malucas, e a colonização do Brasil.

O infante D. Henrique e Vasco da Gama —

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

gigantes; as proezas de África e da Índia — epopeias; e os descobrimentos — emprêsas arriscadas, servidas com sciência certa e ânimo aturado. Os vizo-reis da Índia pareciam-lhe semi-deuses; os capitães africanos, figuras lendárias!

Como o pequenino Portugal fôra grande! A impressão era profunda, exaltando-o até a perturbação! Meditava nessas belas lições e concluía de si para si, convicto, que a guerra contra os infiéis era um dos sentidos religiosos de Portugal, como a sua expansão colonizadora, um dos seus sentidos políticos.

Tanta grandeza, tamanhos favores do céu!

Reflectindo nos acasos providenciais que, num dado momento, decidem da vitória a favor dos portugueses (a morte do grão-mestre de Santiago, na batalha de Valverde, em que o seu estandarte derribado, provoca a fuga dos castelhanos; a maré, tão apropósito, na batalha de Cochim; e tantos e tantos outros) conclui que Deus ajuda os destemidos, quando justos em seus propósitos e fiéis em sua crença.

Eram aqueles «cristãos atrevimentos» de que, anos depois, falará Camões. Êsses acasos considerava-os favores especiais descidos das alturas celestes, em socorro dos portugueses. Por seu profundo espírito católico e por sua alma disposta a fugas pelo sobrenatural, ao devaneio e à poesia heróica, crê cegamente nos

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

milagres e aceita plenamente o maravilhoso. Crê que Deus acudirá sempre aos esforçados na defesa da pátria amada. Crê em Jesus crucificado e em sua Mãe Santíssima, protectores de Portugal. Crê, crê no auxílio divino. O que é preciso é que tais emprêsas sejam, antes de tudo, do agrado do céu. E porque confia em Deus; e porque o seu instinto bélico lhe diz que é capaz de grandes acções; e porque sente em si uma imperiosa lei de continuidade histórica, uma transmissão de fôrça, uma sucessão de poder; e porque se considera um paladino da geração dos cavaleiros medievais, um cruzado renascido a quem o céu confiou uma tarefa patriótica; — D. Sebastião, agora, já não se pregunta se deve ser o continuador dos seus grandes antepassados, mas afirma orgulhoso:

— Serei maior do que êles!

E em seu devaneio e orgulho de herói precoce, via-se grande entre os antigos, grande entre os vindouros — máximo entre os maiores.

* * *

Esta alma inflamada logo sentiu que, para as pelejas de algum dia, em prol do engrandecimento da sua pátria, precisava de ter uma constituïção sã, um corpo forte, ágil e destro, que bem o servisse. O seu prestígio moral

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

devia começar no seu prestígio físico. A robustez alimentaria a fortaleza. Buscava a saúde, raiz da alegria que dá a flor da lealdade.

Assim alcançaria a «virtus» antiga de que é constituído o homem forte e recto, cumpridor de todos os deveres e pronto a todos os sacrifícios pela causa comum, para que, algum dia, uma nova Isabel a «católica» se referisse a êle como essa outra a seu avoengo D. João II:

— «Se morió el hombre!»

Como o pulso dêste grande rei, queria também que o seu pulso fôsse valente: — que de um golpe de espada cortasse sete grossas tochas em pilha.

Assim resolvido, passava os dias nas coutadas de Almeirim e Salvaterra, acompanhado de amigos, de cavalos e monteiros de pé. E logo, fragueiro, se lançou nos exercícios de bravura: metia-se por brenhas em caçadas a javalis. Tinha onze anos apenas, quando matou o seu primeiro porco bravo!

Amava o perigo êste príncipezinho montador de frisões não domados, que, depois, já rei, havia de achar gôsto a ir para o mar alto lutar com as ondas encapeladas, em horas de temporal desfeito. A caravela ora se empinava quási a pique, ora a pique descia no cavado tenebroso das águas que pareciam abrir-se para a engolir. Ante a catástrofe iminente, o espírito de D. Sebastião era sereno e até seus olhos e

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

sua bôca, sorrindo subtis, pareciam saborear a tempestade. O perigo seduzia-o como a outros seduz a beleza. O risco era para êle um atraente mistério. Amava-o. D. Sebastião era o poeta do perigo.

Depois, voltou-se para os exercícios de destreza: correr toiros; para os de galantaria: lançar canas, entrar em justas e torneios; e, cortês, numa hora de folga, aprendeu a brincar com aves, para saber de tudo e seguir a tradição dos reis portugueses que mui bem sabiam da especiosa e fidalga arte de altanaria. E D. Sebastião foi tão conhecedor destas artes como o tinham sido seus antepassados, tal o rei D. Fernando que dizia:

—Não hei de folgar até que povoe em Santarém uma rua em que haja cem falcoeiros.

E todos êstes exercícios tinham para D. Sebastião nobre e alto sentido: vigorar e adestrar o corpo, estimular e encorajar o ânimo para os pôr, um e outro, ao serviço da Pátria—dama a quem eram devidas suas bravuras e também preitejadas suas galanices de português cavaleiro e doneador. E esta era a sua cavalaria. Enfim; aparelhava-se para a guerra, e ilustrava-se e educava-se para reinar.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Aos treze anos D. Sebastião lia o «Memorial das Proezas da Segunda Távola Redonda» que, Ferreira de Vasconcelos lhe oferecera como «A. B. C. e princípio de suas heróicas obras», seguro de que na pessoa do novo rei «os fados prometiam gloriosas e extremadas emprêsas».

De-certo leu a «Filosofia de Príncipes», de Dias de Carvalho, e, com certeza a «Educação de Príncipes», de Jorge Ferreira, que se perdeu.

Lera o «Cid»; e, como o campeador espanhol, queria também ganhar aos mouros espadas de fama, para poder dizer delas o que o terror dos sarracenos dizia das suas: — «Tizona»: — ganhei-te no cêrco de Valência, tirando-a ao rei mouro que a cingia. «Colada»: — foste do conde de Barcelona e tomei-te no ataque do castelo de Brianda.

Leu as novelas «Os Nove da Fama», com a história apologética de Alexandre, o Grande, e de Júlio César, e leu ainda vários romances de cavalaria, como o «Amadis», o «Palmeirim», e «Vida e guerra», de Jorge Castrioto.

¿Que lhe ensinavam êstes últimos livros? As nobres noções de servir ideais, de levantar afrontas, de desafiar insultadores, de defender a verdade, de batalhar pela justiça, de ser leal, de ser fiel, de ser generoso, de morrer pele-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

jando por uma grande emprêsa. Estas lições incendiam-lhe a alma, por instinto e educação, tecida de belos atrevimentos. A honra era uma religião, e suas leis — sagradas. Palavra dada — inscrição aberta em pedra dura. Ser fiel era ser aturado em compromissos de brio. As armas, espada ou lança, eram feitas de aço e de espírito: — tinham alma, vontade, carácter, virtude e beleza. A espada vivia na luz da justiça e resplandescia pundonor. Criar boa fama era esmaltar a alma e pô-la em movimento vibrante que se fica vendo, em movimento sonoroso que se fica ouvindo pela história fora.

O espírito antigo da cavalaria medieval renasceu no seu ânimo, em sonhos de resplandecentes proezas que o assinalassem na crónica dos feitos valorosos. Mas no seu coração português tais ideias e sentimentos, vistos a uma luz nova, transformavam essa cavalaria andante e galante na galopada de uma cruzada cristã e nacional, que engrandecesse sua pátria amada e pela terra além lhe pregoasse a fama, e dêle, herói, deixasse no mundo memória de espanto.

Assim educado e instruído, lançava-se em devaneios coloridos: sua alma mística sonhava azul; sua alma guerreira sonhava vermelho.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Êste senso precoce tem a intuição exacta de que o pragmatismo é a matéria necessária das ideias levantadas que precisam de corporizar-se para se humanizarem. Nos místicos activos, os anseios exigem de si próprios o organizarem-se em milícias terrestres. A forma serve o culto interno, como a palavra serve a poesia mais remontada, como a imagem soergue e ilumina o mais subjectivo e puro coração apaixonado.

Se as Ordens Militares não estivessem criadas, sê-lo-iam por êste príncipe, que nelas via realizado o consórcio dos espíritos místicos e guerreiros, alimentando-se mùtuamente, e ambos servindo a pátria com ideal denôdo.

Por isso eram para êle um augusto sacerdócio os Mestrados de Santiago, Avis e Cristo, corporizados numa só administração por seu avô D. João III. Quando soube que a Ordem estava fechada, e como que abandonada, apressou-se a vivificá-la. Com que solenidade reüniu o capítulo de Santiago! Tronando na grande sala de São Francisco, fez-se assistir dos comendadores, dos cavaleiros professos e eclesiásticos e dos principais priores. Em nome dêles, falou D. Diogo de Gouveia, gran prior de Palmela, sábio teólogo, capelado de branco

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

pela Universidade de Paris, que disse eruditas e lustrosas palavras congratulatórias. D. Sebastião respondeu-lhe, fazendo solenes compromissos de acrescentamento e engrandecimento da Ordem. Contassem com êle.

E todos admiraram os propósitos nobres dêste reizinho de dez anos, que mais parecia um homem que uma criança.

* * *

Sua alma cada vez mais se esmaltava de intenções formosas; e seu corpo vestia-se de castidade. Pudibundo em extremo, apenas permitia ao seu camareiro que lhe vestisse as roupas de fora. Não deixava que nenhuma dama lhe tocasse, e quando passeava a cavalo pela Rua Nova, ou pelas betesgas da velha e mourisca Lisboa, jamais levantava os olhos para as donzelas que chegavam às ventanas ou curiosamente espreitavam por detrás das verdes adufas árabes.

Era que seu espírito, vivendo exclusivamente para o catolicismo e para a guerra, queria servir estas ideias com alma pura e corpo casto.

Uma manhã, na igreja de São Roque, confessado e comungado, recolheu-se todo em si, a cabeça inclinada para o peito, em profunda absorção. Esteve assim muito tempo. Depois,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ergueu a fronte, pôs firmes os olhos num crucifixo alto, e, entre grossas lágrimas, rogou com a alma inteira:

— Senhor, vós que a tantos príncipes haveis concedido impérios e monarquias, concedei-me ser vosso capitão! [52]

Eram três as suas orações diárias:

— Que Deus o inflamasse no zêlo da fé que êle queria propagar pelo mundo.

— Que Deus o tornasse um ardido guerreiro.

— Que Deus o conservasse casto.

Ser casto!

Para êle, a castidade era uma graça física que o tornava forte, uma fortaleza que o fazia ledo. A castidade dilatava-lhe a alma, amando a todos — ao reino, à grei. Era uma pureza que, vivendo em si, marcava conceito nobre em todos os seus propósitos, lhe punha frescura no olhar e lhe brunia as faces com sorrisos brancos. Ser casto era vestir um arnês de candura.

* * *

A's vezes, alheava-se de tudo, lançado fora de si... No seu olhar havia estranha luz de fé e desvairo.

Uma tarde, nos Paços da Ribeira, estavam sós, o rei e o P.e Luís da Câmara, sentados

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

um de-fronte do outro. Havia terminado a lição. O preceptor tinha exposto as razões políticas e económicas pelas quais D. João III largara aos mouros as nossas praças de Arzila, Çafim, Azamor e Alcácer, não sem que, antes, deixasse de ouvir o conselho das pessoas de Estado e de consultar o Papa. O professor concluía:

— Mas foi um êrro!

Acrescentou:

— O avô de vossa majestade, no fim da vida, arrependeu-se dêste mau passo, e rogou perdão ao Papa, que lhe enviou a bula da absolvição.

A tarde descia. Já o crepúsculo ensombrava as coisas e o silêncio ante-nocturno as parava... Os dois, o preceptor e o discípulo, mudos na hora muda, descaíam em suas meditações, descendo dentro de si próprios. De-repente, D. Sebastião põe-se resolutamente em pé. Sombra densa na penúmbra incerta da quadra, era intrépida a mancha da sua postura: braço erguido em comando, o peito abaũlado, a cabeça alta e decidida, a bôca entreaberta, o olhar alerta, fixo, além. Freme. A sua figura irradia sonho e valor.

O P.e Luís da Câmara, admirado, levanta para o príncipe os olhos pasmos e, com gestos suspensos, interroga-o a mêdo:

— Que está vendo vossa alteza?

D. Sebastião continua imóvel na sombra e

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

não responde. Parece que o fervor lhe prega os pés no soalho, que uma alucinação deliciosa lhe prende o olhar num ponto belo e distante.

O preceptor, preocupado, insiste:

—¿Em que pensa o rei de Portugal?

D. Sebastião, sem se voltar, a cabeça sempre erecta, o olhar sempre fixo—mancha negra na sombra dura—responde com voz firme, serena, convicta e enamorada:

—Penso em tomar a África, quando eu fôr de idade conveniente [53]!

O P.e Luís da Câmara, agora calmo, busca acordá-lo do sonho e chamá-lo à realidade. O príncipe não o ouve. O padre cala-se, meditabundo. A sombra e o silêncio enchem a quadra. Andam no ar frémitos do Passado, clarões do Futuro. D. Sebastião tem cerrado os olhos como para visionar melhor o seu colorido e delicioso sonho. As narinas frementes, e a bôca sorridente—gozam; e a sua voz murmura, vaga e devaneada:

—Um dia! Um dia!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

VIII

REI

D. Sebastião tem catorze anos sãos e perspicazes. Parece ter mais [54]. E' um homem feito, um espírito feito. Não esperam pelos vinte: emancipam-no. ¿Foi isto uma conquista do seu desenvolvimento precoce? Foi. Um acto político? Também. Qual? O afastamento de D. Henrique do poder e a aproximação da rainha-avó e do seu partido que, embora de longe, jàmais, durante os últimos seis anos, deixara de vigiar a regência do cardeal um tanto ou quanto desestimado pela nobreza e pelo alto clero, por suas demasias de amizade para com os jesuítas.

A serena D. Catarina, uma vez junto do neto, conta com a sua influência pessoal, com a fôrça do seu partido, e ainda com o apoio indirecto da Espanha nos conselhos de seu sobrinho Filipe II. Assim disposta, hábilmente dirigirá D. Sebastião nos negócios públicos, nacionais e internacionais.

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

¡Como se engana ela e todos os que supõem ser o rei pessoa que se impressione com a opinião dos mais, que se deixe orientar por conselhos de outrem, guiar por intentos estranhos, ou conduzir por vontade alheia! Não. D. Sebastião, individual, pensa por si, resolve por si. Uma alta e consciente visão interior o norteia e encaminha. Ser de ar livre, a sua estrada riscá-la há êle próprio no espaço livre.

* * *

Nem alto, nem baixo — mediano. Direito como um prumo. A linha do rôsto é de contôrno marcadamente oval, descendo da fronte larga e angulando para o queixo austríaco apenas indicado. Fino e nobre o traço do nariz. A bôca pequena, arqueada nos cantos, feminina, desdobra-se em beiços de menino, róseos, húmidos e redondinhos. Herda da mãe a pele muito branca, as faces setíneas tatuadas de capilares sanguíneos. A testa é alta e afirmativa, os olhos azuis são redondos no mando, e em lentícula de puro desenho, quando, cerrados, sorriem graciosos. A linha da sobrancelha direita é levemente mais baixa que a da esquerda, alta, em fuga. Aflora-lhe o lábio superior um buço ruivo-cobre da côr dos cabelos que usa curtos, puxados à testa escanteada e às orelhas longas de lóbulo pa-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

pudo e arrebitado. Tem as mãos brancas, leves, de dedos estreitos, aguçados e longos, da sua formosa avó a imperatriz Isabel; mas, de prêsa fortíssima, são tenazes de aço nos rojões, garras nos punhos das espadas: como dentes raivosos, ferram e não largam. Bem parecido, a sua cândida alegria vem da saúde e da castidade. Sereno, respira confiança em si próprio. E todos êstes dotes de corpo e de alma florescem nêle com a espontaneidade das coisas naturais [55].

*
* *

Expressão aberta, fisionomia resoluta, atitude pronta para a acção — suas ideias são fôrças, fôrças seus sentimentos. O ânimo natural belicoso e a tenacidade aturada, armá-lo-hão para a guerra.

Eis um potencial de rebustez física e de energias morais que se vêm cumulando e concentrando nêle para um dia explodirem bravamente em estilhaçada beleza.

Alma de investida, ¿até onde irá? Seu programa de expansão tem como limite o horizonte dos horizontes africanos; o de místico — o infinito. Como o sal no lume, seu espírito crepita, faúlha, scintila! Seu olhar, que, por vezes, se crispa em rebentinas de ímpeto, é de arroubo e predestinação. Dentro dêle, ardem chamas de scismas formosas. ¿Até onde

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

irá? Deus o sabe! Visa ao bem comum: quer realizar o anseio de todos. «Pola lei e pola grei!» — como D. João II. A glória a que aspira para o seu nome será feita da glória do seu povo. Quer honrar a coroa que herdou, dilatando-a de coroa «aberta» de rei a coroa «fechada» de imperador. Esta coroa é símbolo e divisa.

Seu corpo forte está preparado para viver; seu feitio de mando para governar, sua alma de rei — para reinar. Espírito tecido de misticismo, alimenta-se de pão ideal.

Tôdas as suas acções são norteadas por princípios religiosos.

Agudesa e penetração, vê súbito e adivinha audaz.

Virado aos grandes empreendimentos, o arroubo transporta-o a emprêsas temerárias e belas.

Homem de acção, tem ascendente poderoso nos irresolutos. E' um ser de domínio. Seu ardor contagía; seu ideal incendeia. A alma dêste rei irradia como o fogo ou o amor.

Carácter de uma só peça, vontade dura e persistente, eis o modo de ser dêste férreo temperamento.

Ideia em que seu espírito trabalhe, cada vez mais se estabiliza, arraigando-se nêle profundamente. Depois, o que parece teima obstinada é convicção firmada — penedia!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

De D. Sebastião dirá um dia o embaixador Fourquevaulx a Catarina de Médicis:

—«Il est terriblement obstiné en ses opinions» [56].

Mais exacto dissera:

— «En ses convictions».

* * *

Nos Paços dos Estáos, na grande sala de madeira, recoberta de panos de Flandres, D. Sebastião, presentes a soberana D. Catarina, o infante D. Duarte duque de Guimarães, D. João duque de Bragança, duque de Aveiro e marquês de Tôrres Novas, conde de Vimioso, conde de Portalegre, conde de Vidigueira, vereadores da cidade de Lisboa, muitos fidalgos e pessoas principais; — D. Sebastião toma conta dos selos do reino. Ao entregar-lhos o cardeal D. Henrique, D. Sebastião estremece num íntimo arrepio de orgulho, como se recebesse a espada de Nuno Álvares que brilhou em Aljubarrota, a de Afonso V que scintilou em Arzila, e o fizesse dizer para si:

— «Eu as usarei com honra, eu as engrandecerei com feitos!»

Ei-lo rei de Portugal e dos Algarves, dàquem e dàlem mar em África, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

da Etiópia, Arábia, Pérsia, da India, do Brasil.

Rei!

Lavrou-se um lustroso auto. Houve beija-mão. Na côrte exteriormente colorida mas, em parte, quebradiça de vontade, de pensamento dúbio, de cogitar vago em tudo que diz futuro, só há uma luz nítida, uma luz certa — a da fé, a da confiança em si que brilha nos olhos do rei.

Terminada a cerimónia, D. Sebastião dirige-se a São Domingos a dar graças a Deus por ser rei e a pedir-lhe que o ajude a bem reger seu reino.

Nesse mesmo dia, comunica ao Papa Pio V a sua exaltação ao trono, pedindo-lhe, diz, que também êle «rogue ao Rei dos reis e Senhor dos senhores para que aderece suas tenções e acções, conforme os seus desejos no caminho da justiça». Desta protecção divina, desta «influência» celeste, sim, carecia D. Sebastião; da «influência» dos astros, fôssem êles favoráveis como o Sol, benígnos como Júpiter, ardentes como Marte, inconstantes como Mercúrio, ou doentios como Saturno (consoante lhe insinuou Pedro Nunes); — desta ria-se. A sua alma religiosa vivia tanto pelas alturas que não poderiam entorpecê-la os maus olhados das almas rasteiras ou as insciências dos astrólogos judiciários.

E assim, seguro em Deus, começa a reinar.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

D. Sebastião nascera para rei, fôra educado para rei, fôra instruido para rei. Meditando no seu cargo, não sente que êle lhe pese como pesava a D. Duarte o camelo simbólico de pano branco que, recortado, mandara coser nas costas interiores do seu gibão de veludo preto. Não. A realeza é um presente de Deus aos seus eleitos, o qual se agradece dignificando o favor com a prática do dever heróico. Assim pensa D. Sebastião ao lançar as suas cogitações num livro confidente. São frases esparsas, acêrca do que êle considera a intervenção de Deus nos negócios da fazenda, da justiça, da guerra, da administração pública. E' o catecismo político da sua alma religiosa. Eis alguns dêsses períodos: [57]

— «Terei a Deus por fim de tôdas as minhas obras e em elas me lembrarei dêle.»

— «Em me deitando e levantando, com êle conversarei em particular».

— «Cuidarei à noite do que falei durante o dia.»

— «Quando houver de fazer alguma coisa, comunicá-la-hei primeiro com Deus.»

.....

— «Trabalharei muito por dilatar a fé de Cristo e para que se convertam os infiéis.»

.....

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

— «Favorecerei muito as cousas da Igreja.»

. . . . . .

— «Farei justiça ao grande e ao pequeno, sem aceitação de pessoas.»

. . . . . .

— «Farei mercês aos bons e castigarei os maus.»

. . . . . .

— «Proverei os cargos e ofícios em quem fôr para isso e não por outros respeitos.»

. . . . . .

— «Tirarei as onzenas e alguns tributos.»

. . . . . .

— «Não terei junto de mim senão homens tementes a Deus, e mostrarei as leis que eu fizer a homens de virtudes e letras.»

. . . . . .

— «Em negócios, terei primeiro conta com o bem comum, depois com o particular.»

. . . . . .

— «Devassarei dos oficiais da justiça e de fazenda de cada ano.»

. . . . . .

— «Reformarei os costumes, começando por mim no comer e no vestir.»

. . . . . .

— «Serei pai dos pobres e dos que não têm quem faça por êles.»

. . . . . .

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

— «Não desmaiarei nas dificuldades, antes terei maior fé e confiança em Deus.»

. . . . . .

Oh príncipe de sonho, todo fé, propósitos admiráveis e amor louco por teu reino — cuidado! Não te esqueças de que a tira celeste que traçaste para tua estrada política tem de descer do firmamento e ser lançada na terra entre homens de desvairados sentimentos e pensamentos. Vem até êles. Humano, sê mais político e menos poeta. Desarticula a tua alma para com todos te entenderes, e de todos tirares o proveito de que hão mister as coisas públicas.

Príncipe de alma transparente e olhos de encanto, que Deus afaste do teu caminho os maus, os preguiçosos, os invejosos, e os minguados de lealdade que, todos, crê, te espreitarão dos cotovelos das betesgas traiçoeiras!

* * *

Com a subida de D. Sebastião ao trôno vai abrir-se uma vida nova. Há épocas que devem ser de movimento; outras, de quietação. Portugal marasmado precisava de ser sacudido. Viver ou morrer!

Ante a claridade sonorosa de hoje os dias de ontem são sombra que emudece.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

«Ontem» é o cardeal D. Henrique retirando-se do poder e sepultando no mosteiro de Alcobaça seus despeitados 56 anos de doente gasto pela febrinha lenta. Uma cela, o silêncio, o esquecimento...

«Ontem» é o octogenário D. Aleixo de Meneses, que se afasta da côrte de segredadas intrigas entre paçãos, ambiente que enche de tédio mortal êsse grande ânimo franco. Êle quer descer ao túmulo, honrado, merecido pela perfeita lealdade da sua longa vida. Vai retirar-se. As suas derradeiras palavras são «lembranças» fiéis e zelosas — tão amigas que êle justa e formosamente as intitula «o último atrevimento do seu amor». O aio venerando deseja, testemunhado por fidalgos, pronunciá-las êle próprio diante do seu bem amado pupilo. São as finais!

O rei acaba de ouvir a sua diária missa no oratório do Paço, e vai a sair, quando, na câmara contígua, D. Aleixo lhe sai ao encontro, gravemente o detém, rogando-lhe que, por mercê, o ouça. O rei pára, e o velho, esforçando-se por manter direito seu corpo alquebrado e firme sua voz cansada, onde as lágrimas também querem falar, lê a D. Sebastião o seu sincero arrazoado — o «testamento da sua lealdade», como êle lhe chama. Diz que lhe assistiu à «criação com vigilância e cuidado». Reconhece-lhe «grandeza de ânimo inclinado a empreender coisas grandes», mas

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

teme que o seu «supremo senhorio», o dispense de ouvir conselhos de pessoas prudentes, como a rainha, o cardeal, os «fidalgos antigos da escola dos reis D. Manoel e D. João III». Os conselheiros velhos! E' que D. Aleixo confia pouco nesse punhado de gente nova, vivaz e atrevida, que vê no cêrco do môço rei. Arreceia-se o prudentíssimo varão de que os impulsos dêste príncipe, tão exaltado no engrandecimento da sua pátria, o levem mais longe do que será para desejar — que o «arrebatam a emprêsas que vão além do que permitem as fôrças do reino». Depois o ancião alarga-se em variadas considerações, lembrando a D. Sebastião que escolha, de preferência, ministros seculares; que se defenda dos pretendentes às mercês novas; que seja cauteloso nas reformas futuras.[58]

Termina a leitura. O esfôrço que fez, enrubesceu-lhe a testa, afogueou-lhe a face, fatigou-lhe a voz. Na sua cabeça congestionada, parecem agora mais nevados seus cabelos e suas barbas brancas. Entrega o papel e vai, a custo, dobrar o joelho, mas D. Sebastião, gentil, não deixa que o velho fidalgo, em lágrimas, lhe beije a mão. O rei, que o ouviu de boa vontade, agradece-lhe os paternais conselhos e sorri-lhe complacente. Neste discreto e bondoso sorriso vai não só o reconhecimento dos serviços prestados pelo aio, mas ainda a segurança de que entre o rei e êle há setenta

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

anos de diferença, que torna impossível o vislumbre de certa estrêla — certa ideia — que a mocidade avista no alto, num rebrilho novo que a enamora e entonta.

O bom velho!

Era o passado a temer-se do futuro! Era a voz do bom-senso, comedido e ponderado, a falar à alma invocadora que sempre vôa para além daquilo que está e é, em busca dos avanços da humanidade através de revoltas de êrro aparente. Êle, aio, ignorava que o génio é uma demasia de virtudes; e que se as sociedades se estabilizam pelas suas qualidades de equilíbrio, êste só vem depois das revoluções que, irrompendo em excessos clamorosos e, às vezes, criminosos, trazem quási sempre, dentro de si os elementos do progresso vivo, de que ésse equilíbrio colhe, no furacão, no incéndio e na morte, a flor alta da verdade e da justiça, que aproveita à maioria dos homens. Que se é certo ser o «bom senso» o «génio das nações», não é menos verdadeiro que «o mundo só avança pelos seus doidos de génio».

«Ontem» era também o relatório do cardeal D. Henrique, ao depor a regência, «memória» feita de coisas que «respeitam a Deus», mas parco de providências referentes à organização do reino, seu fomento e economia, sua administração e arranjo, falho dos negócios da vida colonial e nulo do espírito guerreiro

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

e do das emprêsas heróicas, que vitalizam as nações, as acrescentam, as nobilizam e fazem parte do programa ardoroso em que tanto pensa e a que tanto aspira D. Sebastião [59].

«Ontem» eram ainda as preocupações do astrónomo-astrólogo Pedro Nunes que, observado o maléfico Saturno, entronado no Aquário, em aspecto de quadratura, predizia tristezas graves para êste rei imprudente na escolha do dia da sua coroação: uma aziaga terça-feira de Janeiro nublado!

«Ontem» — sombra de crepúsculo a descer, a entenebrecer-se — era a velhice que não sabe, porque não pode, o que é subir e sorrir à confiança altaneira de onde se avista a glória!

* * *

Um dos primeiros actos do rei de Portugal é nomear um novo vizo-rei da Índia por nesse ano de 1568 terminar seu mandato D. Antão de Noronha. O rei escolhe D. Luís de Ataíde, grande nome que fizera sua fama na Ásia dos descobrimentos, das conquistas, do comércio dos tecidos, das porcelanas, das pedrarias e das especiarias. Fidalgo de longe, que já militara no oriente, havia sido religiosamente armado cavaleiro pela mão de D. Estevão da Gama, em pleno mar Vermelho, aí, nessa paisagem bíblica, à vista do deserto arábico, que

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tinha ao fundo a mancha cinzenta do Sinai de tenebrosa lenda mosaica.

D. Sebastião, numa longa conversa, instrui-o largamente sôbre pontos de polítca colonial, seu comércio, sua administração; mas quando tem de dar-lhe instruções religiosas, prefere fazê-lo por escrito para que nenhuma palavra se perca, tão preciosas elas se lhe afiguram. Então o rei de Portugal aproxima-se de uma mesa para as registrar; e, porque são dizeres sagrados, entende dever escrever de joelhos, como se a sua humildade se prostrasse para receber do céu inspirações divinas. Assim faz. A mão reza sôbre o papel. O escrito começá:

«Fazei muita cristandade; fazei justiças; conquistai quanto puderdes; tirai a cobiça dos homens; favorecei os que pelejarem.» [61]

. . . . . .

E assim por diante. Tal era o teor destas credenciais religiosas-polítco-económicas, que então, vazadas na apologia das virtudes cristãs, davam a seus embaixadores os católicos reis dêste católico Portugal.

O vizo-rei lá partiu, rumo ao sul, a caminho da Índia, com suas naus de alto bordo, de mastaréus topeados de flámulas frementes no azul puro, símbolo vivaz do ardente desejo de governar com sabedoria, justiça e «limpeza», tendo sempre presente um dos artigos ditados por D. Sebastião, referentes à obra da con-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

versão: «ajudando, honrando e favorecendo os convertidos.»

E, dentro dêste programa, D. Sebastião continua a governar.

* * *

O aspecto moral da nação interessava-o primeiro que tudo; e por isso, logo fêz descer o prêço da moeda que, valendo mais que o metal, se prestava a que os ingleses a cunhassem lá fora por quási metade do custo e a introduzissem fraudulentamente no nosso mercado.

Virou-se a corrigir os costumes de uma sociedade viciada, e as desordens da vida doméstica tomada da loucura da dissipação. Desgostava-o o luxo das sêdas e das joias: — capas, pelotes, gorras de veludo, telas listadas de prata, vestidos de damasco, de gorgorão e de razo; colares de esmalte, coifas de rêde de oiro; recamos de pérolas, diamantes, esmeraldas e rubis; os forros das andas, as selas, os arreios doirados, e os xairéis, a matiz, das hacaneias.

Enjoavam-no as prodigalidades dos festins, com mesas lautas ajoujadas de tudo que fôsse bom e caro, pois até nisto entrava o luxo, luxo que êle sentia ser, como mais tarde o definiu Fr. Luís de Sousa: «riquezas ociosas.»

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Também o aborrecia o modo de vestir estrangeirado dos homens de prol, e os artifícios das donas e donzelas que mentiam nas suas belezas e saúdes, feitas com o engôdo dos cabelos pintados de açafrão ou de avelã, das faces carminadas e lapisadas, com sinaizinhos maliciosos, e polvilhos perfumados de âmbar.

Ofendia-o o que nisto havia de falsidade, magoava-o o que havia de desperdício. Fêz então rever as leis antigas de sumptuária, desde as de D. Afonso V, e de D. João II às de seu avô D. João III. Acêrca de vestuários, começando pelos das pessoas que tinham moradia e assentamento, escolheu os mais convenientes tecidos que se haviam de empregar e mencionou quem e como os poderia usar. Exigiu que os nossos embaixadores se vestissem «à portuguesa» e indicou os panos a aplicar e o corte que deviam ter.

Mais tarde, estudou quanto cada casal devia gastar com o seu passadio diário. Foi minucioso e rigoroso, chegando a contar os pratos que deviam ir à mesa de cada português e a qualidade dêles: — «um assado, um cozido e um picado ou desfeito, ou arroz com cúscos, e nenhum doce com manjar branco, bôlos de rodilha, ou outra cousa desta qualidade.»

Pretendia, assim, ensinar a nação a ser sóbria no comer, modesta no trajar, levando-a, quanto possível, a desprezar-se nas coisas vãs da vida e tôda se voltar para a beleza das

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

virtudes, para a nobreza dos pensamentos, para as práticas proveitosas ao robustecimento da grei, entregando-se a acções belas que engrandecem a pátria e lhe dilatam o renome. Puritano, era isto uma tentativa de ascetismo e espartanismo colectivos. O místico e o soldado — o sentimento e a acção — eram os dois valores de que a pátria precisava para se levantar da decadência a que descera, e com êles realizar conquistas novas.

Audaz de nascença, íntegro de natureza, religioso por educação, queria fundar em virtudes os seus empreendimentos. Estimava triunfar com nobres qualidades e, embora prevenido contra os falsos, jamais usar o fingimento, a dissimulação, a má-fé, o embuste, o lôgro, dando a palavra e retirando a palavra, prometendo e faltando, lisongeando e corrompendo, servindo-se de todos os meios, falsos, maus ou perversos, para conseguir os seus fins, indo até à violência, à crueldade, tendo ora a «manha da raposa» ora a «ferocidade do leão», como ensinava, algumas dezenas de anos antes, o maquiavelismo italiano, num livro aliás ainda em voga, e que constituía cartilha cínica para uso dos príncipes novos.

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Por outro lado, a sua orgânica ideia de hierarquia de classes, inerente à disciplina social, levava-o a exigir uma apresentação diferente nos individuos principais e para si, portanto, um distintivo supremo, que a todos o impusesse, cercando-se o rei de vistosos aspectos servidos de rigorosa pragmática. A tanto o forçava a sua noção de realeza! Isto, porém, é mero aparato: no íntimo, êle continua a impor-se sobriedade em tudo. Herdeiro do orgulho de seu avô Carlos V, que jamais suportou que D. João III o não tratasse por majestade, usou também para si o título de majestade; e foi o primeiro rei de Portugal que pôs na cabeça a corôa fechada dos imperadores de quem era herdeiro. Demorou-se em pontos de etiqueta, proíbindo, entre outras coisas, que nos Paços, os môços fidalgos, com menos de quinze anos, usassem capa, assim como nenhum môço de câmara, de capela ou reposteiro. D. Sebastião nem diante do Legado do Papa tirava o seu barrete de veludo, e sempre se sentava primeiro que os outros, fôssem êles os mores prelados do reino. A' mesa, em jantares de parada, comia em baixelas de oiro, cercado de dez pagens de joelhos, como sempre, também de joelhos, tinha junto de si o bobo «Couto» —

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

em humilima posição, para que suas chocarrices não fôssem verdades tão nuas que faltassem ao respeito devido ao rei. Um outro pagem, por detrás da sua cadeira, em pé, grave e silencioso, tinha-lhe a espada decidida e justa [62].

A sua armadura milanesa era de aço tauxiado de oiro; e a sela do seu soberbo cavalo tinha o assento de oiro e o debrum do arção, bordado de diamantes, pérolas e rubis. Nas suas cavalariças havia duzentos ginetes anafados, escovados e lustrosos, que se aparelhavam com cabeçadas e selas de brocados e jaezes preciosos e se cobriam com telizes de veludos de Génova e de Flandres.

Criou um corpo de alabardeiros «vestidos de pano preto, com capas compridas até meia perna, saios com faldas pelo joelho e botas largas de cordovão negro»; — e desta guarda real, tôda composta de gente portuguesa, capitaneada pelo seu camareiro-mor, se rodeava quando saía à rua, ou seguia viagem, assim, em sombrio fausto.

Enfim, êle queria ser rei em tôda a significação antiga e dilatada dêste prestigioso termo: no império absoluto que dimana do poderio divino; no valor das acções extraordinárias que assinalam os homens; na posição eminente de quem de um alto tudo vê, tudo ordena, tudo conduz, e nos conselhos de Estado pode dizer, como, quási um século

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

depois, em França, dizia Luís XIV: «eu sou o meu primeiro ministro»; — um rei, no aspecto soberano de que se reveste a sua augusta pessoa, a quem é devido o preito à dignidade e o culto máximo à jerarquia, que faz de um chefe um ser respeitado, admirado, amado e, se fôr preciso, temido.

Finalmente, um rei tal como o anunciavam as «Trovas» do poeta-profeta que (viram-no mais tarde os seus sectários) a êle se referiam:

Este rei tem tal nobreza
Qual eu nunca vi em rei:
Este guarda bem a lei
Da justiça e da grandeza.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

IX

APOS ORAÇÕES, CONSULTA A NAÇÃO

Um ano depois, D. Sebastião vê em volta de si pretensões várias, partidos diversos, e pressente, aqui e além, tendências opostas: umas de gente da côrte e clérigos de patriotismo mesclado de interêsses meúdos e ambições desmedidas; outras, limpas, de honrados fidalgos e homens-bons obcecadamente amantes do seu torrão. Mas sente também, entretecendo e entorpecendo os ânimos, o marasmo torpe de um povo decadente.

Patriotismo enamorado, enflorado, ardente e clamoroso, como desejava que houvesse — êsse sonho sentia-o êle em si, mas raramente o via nos outros.

D. Sebastião era um rei medieval vestido à moda da Renascença. Entre êle e o seu povo havia um século de distância. Ser de verdade, ofendia-se com a mentira humana: e à roda de si quási tudo era mentira. Só não mentiam as almas de estirpe, as almas patrí-

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

cias — aqueles «vassalos excelentes» de que, em breve Camões lhe falará. Verdadeiros também os homens-bons e ainda algumas mãos cheias de povoléu são. Quem mais? A mocidade lida, aguerrida, florida, de sangue rubro, com quem sempre poderá contar.

D. Sebastião, ser activo, doi-se da apatia, e o que êle mais vê é indiferença, indolência e tibieza cobarde.

— Enganar-me-hei? — preguntava-se.

—«Talvez!» — responde nêle próprio um raio daquela esperança que sempre coabita com o optimismo dos bons e dos fortes.

Precisa de conhecer, o mais de perto possível, o estado moral das almas do seu reino e ainda suas necessidades temporais. Busca, então, fazer uma inculca ao pensar e ao sentir predominantes. Como sempre, inicia os seus trabalhos rogando a Deus que o esclareça nas suas dúvidas, afaste dêle dificuldades, lhe ilumine o entendimento, o encha de saber, lhe ministre tino e jeito para bem governar homens. Reza. Em seguida, organiza a consulta à nação.

Vai escrever às gentes. Bom propósito? Excelente. Mas também algo da candura dos místicos, da ingenuidade dos bem intencionados. A's suas preguntas ¿quem sinceramente responderá? Os homens de prol; os homens de boa vontade; e ainda os simples. Nestes últimos, seus juízos são luzinhas de candeia apou-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

cada mas, às vezes, estas azeitoninhas de luz pura valem mais que os clarões das grandes luzernas. Os políticos são, em tantos casos, almas dúplices, tríplices que jogam de maromba sôbre águas incertas, e respondem, esquerdamente, sempre com mira nos seus interêsses partidários, nas suas ambições pessoais.

D. Sebastião escreve cartas aos juízes, aos vereadores, aos procuradores, e roga-lhes que o avisem das suas precisões, escrevendo directamente ao seu rei, sem se preocuparem que tal «pareça contrário ao tratamento costumado da sua Pessoa e Casa» [63]. Êle quer que lhe digam tudo, que lhe denunciem tudo o que vai pela nação, pondo-o ao corrente das suas queixas contra quem os agrava com injustiças, pressões e abusões de tôda a espécie. Quer ainda que o informem das desordens havidas nos costumes, êle que deveras «deseja sua reformação, restituindo êstes aos antigos a que é muito afeiçoado». E'-lhe grato ouvir os seus alvitres acêrca dos meios necessários para realizar reformas. Chama as atenções dêles, principalmente, para a gente meúda e pobre «que determina ter em especial cuidado». Como seu avoengo D. Pedro I, de látego em punho, deambulou pelo reino fora, obcecado pela ideia fixa de fazer inteira justiça às partes, também D. Sebastião (embora sereno e não trigoso) se propõe entender-se directamente com os pro-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

curadores, para que a justiça não mingúe nos pleitos, sobretudo entre gentinha humilde, aquela por quem êle tem a melhor afeição por a saber mais desamparada.

Ao mesmo tempo escreve aos bispos, insistindo no «aumento do culto divino que é a primeira e principal obrigação dos reis católicos». Pede-lhes para recomendarem aos párocos que, à hora da missa, digam ao povo que reze por seu rei, rogando a Deus a luz de um alto esclarecimento no govêrno do reino. E para melhor estimular as preces do povo, pede ao Papa um jubileu universal que muito aproveite a quem ore pelo bem de Portugal. Pio V atende de boa-mente D. Sebastião, e logo lhe envia um generosíssimo Breve, pleno de graças absolutórias, que pronto se publicou por todo o reino e conquistas, enchendo de alegria piedosa os corações devotos beneficiados por êle.

Eis a sua ideia: para bem governar um povo, seu prudente rei precisa, antes de tudo, de armar-se de fé e encher-se de saber; e ao mesmo tempo a nação deve enraízar suas energias, para sãmente fundamentar suas pretensões, numa perfeita consciência cristã sem o que a justiça é minguada, a paz precária. E estas eram para êle verdades vitais, das quais partiam suas acções privadas e seus actos públicos, tendo, desta maneira, Deus a assisti-lo em tudo.

Assim pensando, ratificou D. Sebastião, por

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

decreto, a aceitação das conclusões do Concílio de Trento, e oficiou aos bispos, dizendo-lhes que usassem das novas e amplas prerogativas outorgadas por êsse Concílio, embora com prejuízo da jurisdição da coroa — sacrifício que o rei de Portugal oferecia ao bem comum, uma vez que de tal aumento de autoridade clerical adviesse, como estava certo, melhoria nos costumes do reino, ao tempo muito longe de serem sãos [64].

Enfim, sua alma vivia no afan das intenções puras e no do nobre proceder: um justo; na tradição católica e guerreira dos seus melhores antepassados a quem desejava «imitar e seguir»: um português; no saber do governamento e também no vigor do mando: — um rei.

* * *

Correm meses. Já vêm chegando aquelas respostas desejadas. Por elas, o rei auscultou, tanto quanto possível, o pensamento e o sentimento públicos; por elas se aproximou, o melhor que poude, das almas, sempre mais ou menos refechadas sôbre si. As respostas foram várias, diferentes, e, por vezes, contraditórias; mas, em suma, esclarecedoras. Viu-se que os negócios do povo andavam mal amanhados uns, muito ao abandono outros. A igno-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

rância, infinita; os costumes — uma lástima! A respeito de política interna, reconheceu-se, sem dúvida nenhuma, que a rainha tinha o seu partido e que em volta do cardeal se agrupavam os jesuítas. D. Sebastião ficou ensinado. Meditou no que lhe escreveram e disseram; e, silencioso, continuou reinando, mas precavido contra certos laivos de iberismo, vindo de alguns cortesãos que estimavam Castela; contra as ambições temporais de muitos clérigos; contra D. Catarina e seu partido, cujas simpatias em Espanha cada vez mais lhe desagradavam, desconfiando delas. O rei quer libertar-se de tôdas as influências internas e externas. Pátria! Pátria! E êste brado faz estremecer os brios do partido nacional, sempre alerta ante os manejos de Castela onde trona um rei político e ambicioso, verdadeiro continuador de outro de cobiça universal: Carlos V.

Surge uma crise. Já a excelente rainha avó indica ao neto óptimos nomes para novos ministros: Pedro de Alcáçova Carneiro, experimentado político; Tomé de Sousa, primeiro governador do Brasil; Julião de Alva, seu esmoler. Eram todos criaturas dela. D. Sebastião, de pé atrás, não hesita: rejeita todos êsses nomes e escolhe Miguel de Moura, João de Castro, D. Martinho Pereira, grupo em que havia também amigos do cardeal D. Henrique;

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

e continua a manter junto de si, como escrivão da puridade, o seu bem-quisto Martinho Gonçalves da Câmara.

D. Catarina, justamente desgostosa, envia cartas aos tribunais da côrte e aos grandes do reino, a anunciar-lhes o seu afastamento dos despachos a que até então, por deferência régia, e amizade pessoal, vinha assistindo. Na côrte queixa-se também.

O caso, referido por diversas pessoas, é vivamente comentado nas ruas, nos rossios, e diverte as seroadas dos Paços.

Estávamos na Semana-Santa. O rei, muito aborrecido com o que se passa, com o que se diz, abala abruptamente de Almeirim para Lisboa, uma noite, Quarta-feira de Trevas. E' quási um corte.

Esta situação prolonga-se e cada vez mais tensa.

Já a rainha escreve cartas a Filippe II e a D. Joana, mãe de D. Sebastião, censurando o rei de ser temerário em caçadas a ursos e porcos bravos, a que se atira tão destemido, que expõe a vida. E' um pretexto de desabafo! Refere-se também aos lisonjeiros que o cercam. Nas entrelinhas destas cartas aninham-se os seus legítimos despeitos e as suas antipatias contra o cardeal, e ainda contra os jesuítas para quem, na verdade, nesse momento muito pende o pensamento e a estima de D. Sebastião.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Passa-se tempo.

O rei permanece na sua altiva atitude de reinante. Quási que não responde às cartas de seu tio Filippe II e às de sua mãe D. Joana. Só aparentemente, cortêsmente, aceita a intervenção dos bons offcios do duque de Feria, enviado pelo rei de Espanha; e continua surdo a todos os movimentos de opinião causados pelas queixas de D. Catarina, que, mais adiante, quando resolve retirar-se para Castela, chegam, por intermédio do embaixador português, residente na Cúria, até Pio V que solicitamente escreve ao rei de Portugal sôbre êste melindroso assunto. Vem de Madrid à nossa côrte o enviado D. João de Borja. Intervem o bispo do Algarve, D. Jerónimo Osório, a rogar à rainha D. Catarina que não se ausente do reino, e no mesmo sentido os mesteres do senado de Lisboa lêem uma representação ao rei de Portugal. Embora: D. Sebastião continua, inalterável, na sua política nacional, dentro do orgulho português de querer viver sôbre si; e para não fomentar intrigas internacionais, que a presença dela em Madrid poderia tecer, não permite que sua avó se ausente de Portugal e tenha a menor interferência na vida política portuguesa.

¿Que importam as opiniões dos outros a quem só pela sua se norteia e guia? ¿Não era êle o rei de Portugal? Sê-lo-ia em tudo. Tinha como ninguém a ingénita noção do poder pes-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

soal absoluto. E D. Sebastião repetia para si a frase de D. João II:

— «Não merece chamar-se rei o que se sujeita à vontade de outrem!»

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

X

SUA DAMA

Na meninice, quando D. Sebastião tinha apenas uns seis anos, e brincava, Catarina de Médicis, lá na França política de Henrique II, havia pouco falecido, do cardeal de Lorena, dos Guisas, e do almirante Coligny, pensou em casá-lo com a sua já azougada filha Margarida, quási da mesma idade, [65] e disto instruiu o seu embaixador Mr. De Limoges, ao tempo em Madrid, [66] escrevendo também (e no assunto interessando) a sua filha Isabel, rainha de Espanha. Porém Filipe II, que desestimava a aproximação entre Portugal e a França, não querendo que esta tivesse predomínio sôbre nós para só êle o ter, e ainda porque se entendia melhor com a coroa austríaca, logo, à suspeita de tal desejo, tratou de desfazer êsse plano, ao mesmo tempo que dispunha as coisas para o casamento do rei de Portugal com uma das arquiduquesas de Áustria, suas sobrinhas, filhas de sua irmã Maria e de Maximiliano. Êste projecto parece

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

que não agradou ao imperador, mas sim à imperatriz, que, tendo por embaixador o geral dos jesuítas lhe escreveu para que disto falasse a Pio IV. Também a avó e a mãe de D. Sebastião, ambas austríacas, viam com agrado tal enlace que contribuiria para realizar um velho plano de política ibérica com intervenção da casa de Áustria.

No entanto, as negociações dêste prematuro casamento, apenas iniciadas, logo foram abandonadas. Mais tarde, D. Sebastião soube tudo o que se planeou e como foram aceitos êsses projectos.

Passam-se tempos. D. Sebastião emancipa-se. Nesse mesmo ano Filipe II enviúva, pela terceira vez. Morta Isabel de Valois, Catarina de Médicis, ao enviar a Madrid o cardeal de Guisa, para apresentar pêsames ao seu genro, recomenda ao embaixador que, aproveitando a melhor oportunidade, ofereça ao rei de Espanha a mão da sua outra filha, Margarida de Valois, continuando-se, assim, a aliança política estabelecida com o casamento dêste rei em França — ela que sempre tivera o sonho político de ver unidas as coroas francesa, espanhola e austríaca. Dentro do mesmo desígnio, já anteriormente Catarina de Médicis havia pensado em casar esta sua filha com o príncipe D. Carlos, de Espanha. Ora Filipe II, que fizera o seu primeiro casamento

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

em Portugal, o segundo na Inglaterra, o terceiro em França, procurava nesse momento fazer o quarto na Áustria, com sua sobrinha Ana, cuja aliança, como lhe anunciara seu futuro sogro Maximiliano II, lhe seria útil, e preferível a qualquer outra, «por lhe ser mais conveniente ter por aliados os alemães que os franceses nos seus interêsses de Flandres e da Itália». Igualmente Catarina de Médicis estima ligar a França à Áustria pelo casamento de Carlos IX com a arquiduquesa Isabel e pelo de Margarida com o arquiduque Rodolfo; mas Filipe II, a quem esta aliança não convinha, busca estorvos, pois pretende que as filhas de Maximiliano sejam uma para seu filho D. Carlos, outra para seu sobrinho D. Sebastião.

E consegue, em parte, desfazer tais planos.

Então a rainha de França volta as suas vistas para o primitivo plano de casar Margarida com o rei de Portugal, atendendo à reviravolta, ditada pelos recônditos pensamentos políticos, de Filipe II que, tudo conduzindo, escolhe para si a filha mais velha do imperador austríaco, D. Ana, e dispõe da outra, D. Isabel, para Carlos IX, ficando Margarida de Valois, irmã mais nova dêste rei, para D. Sebastião, ao tempo príncipe de quinze desenvoltos anos. Neste projecto, o rei de Espanha contava reduzir o sobrinho a feitura sua, por estar a liberdade dêste adolescente enta-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

lada entre a vontade firme e hábil de sua avó D. Catarina, que vivia mais ou menos junto do rei de Portugal, e a de sua mãe a princesa D. Joana, que, embora em Madrid, comunicava a miúdo com o filho, nêle actuando, por meio de longas cartas, nas quais cada vez mais colaborará seu irmão o poderoso senhor de Castela e Flandres. Catarina de Médicis não podia ter melhor auxiliar; no entanto, reforçando o empenho, mete ainda nas negociações o novo Papa Pio V para êle actuar no sentido dos seus desejos junto do embaixador de Portugal e ainda do jesuíta Francisco de Borja que escreve ao P.e Luís Gonçalves da Câmara, dizendo-lhe que Sua Santidade «tiene mucho deseo que aya efecto el matrimonio que se trata entre su Alteza y la hermana del Rey cristianisimo». [67]

O casamento era também a contento das simpatias dos homens-bons portugueses que, avessos, por permanente desconfiança, aos ventos e aos casamentos vindos de Espanha e talvez às ambições de Áustria, viam com os melhores olhos uma noiva escolhida em Paris, como já em côrtes lho apontaram: «Que case el-rei em França e a mulher se traga e se crie neste reino.»

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Margarida de Valois, filha mais nova de Catarina de Médicis e de Henrique II, irmã dos reis de França, Francisco II, Henrique III e Carlos IX, é linda e esperta, culta e interessante. Fala várias línguas, toca cítara e, muito novinha ainda, já fazia composições literárias no francês aristocrático dos grandes senhores do Louvre.

Tem nas veias o sangue florentino dos Médicis e a peçonha deliciosa dos filtros galantes e doirados, aliás postos de sobreaviso na cantilena do seu magnífico avô Francisco I:

Souvent femme varie
Bien fol qui s'y fie.

Sua pele branca tem a macieza e o tom da flor da magnólia; os cabelos são de um preto tão retinto que o sol azula-os, como faz à plumagem dos corvos; e olhos negros, em brilhante alerta, preguntam sorrindo. O seu púbere corpinho de bolęio suave, irradia amavios; e seus meneios, quando dansa o «Razzamento» e a Pavana, que mestres italianos e espanhóis lhe ensinaram, são gracis e já voluptuosos. Há anúncios de malícia subtil nos tiques das comissuras da sua bôca gordinha, no pinçar

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

dos lábios de húmida escarlata; e o fundo enigmático dos olhos, que madrugam cheios ainda do mistério da noite, pronunciam vagos dizeres de vaga sensualidade, que um dia serão fala eloqüente, luz estranha e deliciosa; braveza relampejada e crepuscular quebranto; fuga de dragão e cicio de reza; — poesia e... dor![68]

* * *

Conduzindo as negociações, Catarina de Médicis escreve a Fourquevaulx, seu embaixador em Madrid; e logo Filipe II envia expressamente a Lisboa o duque de Feria. Mas esta mudança de atitude do rei de Espanha surpreende e melindra o brioso rei de Portugal, e magôa sua avó que, fixa no anterior projecto, continua a preferir ver o neto ligado à sua católica Áustria que à livre França onde lavra a peste da heresia reformista, causadora das conjuras de Amboise e Meaux, da chacina de Vassy, e da intermitente guerra civil, entre católicos e ugonotos, assanhada nesse momento nas batalhas de Jarnac e Roche-Abeille. Neste sentido escreve a seu sobrinho rei de Espanha, estranhando-o. Semelhantemente ferida, também D. Joana envia uma carta a seu irmão Filipe, mostrando-lhe o seu desgôsto.

Mas o rei de Espanha, em longas cartas a

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

D. Catarina, à irmã e ao sobrinho, justifica-se. A rainha avó transige; D. Joana aceita as razões apresentadas pelo irmão; e D. Sebastião responde, cortês, ao rei de Espanha, dizendo-lhe que sim, embora com intenção reservada de ir adiando semelhante casamento, e tanto êste era o seu firme propósito que tempos se passam sem, da parte de Portugal, se voltar mais a falar nêste assunto.

Filipe II, porém, não desiste da sua pretensão, ligada com interêsses políticos que êle traz em mente; e, farto de esperar, envia a Lisboa Fernando Carrilho a pedir, terminante, as devidas autorizações para, em nome de D. Sebastião, fechar em França os ajustes dêste consórcio. Ao mesmo tempo, encarrega sua irmã D. Joana de escrever ao filho, apertando com êle nêste sentido, o que ela faz, dizendo-lhe, entre outras coisas, que «Su Majestad mira esto con tanto amor, que seguramente puede fiar V. A. del que tendrá mas cuenta con mirar por su authoridad, y reputación, que con otra ninguna cosa».

E qual não é a surpresa de ambos (tio e mãe) quando de Lisboa o seu embaixador os informa de que D. Sebastião se recusa a dar-lhe êsses poderes, comunicação logo confirmada por uma terminante carta de D. Sebastião a sua mãe, em que há êstes períodos:

«Señora: Espantome mucho de V. M. per-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

suadirme tanto que envie los poderes para tratarse de mi casamiento em Francia habiendo de antes trabajado tanto por estorbarlo».

Diz que os de França não lhe «pueden dar nada por el estado en que estan». E que a sua resolução tem por causa, além destas, «otras consideraciones de mayor importancia» para não casar em França. E conclui firme: «Y es escusado tratarse agora mas por mi parte deste casamiento»,

Estava, pois, liquidado o caso.

*
* *

— «¿Porque semelhante resolução? ¿Que motivos houve para esta mudança?» — deve ter preguntado Filipe II. E, desconhecendo as razões interiores que imperavam no pensar e no sentir de D. Sebastião, logo imagina que o ânimo do sobrinho, de quinze anos, e muito devoto, é de feição maleável a ser fácilmente conduzido pela vontade de outrem, e, portanto, atribui à influência dos padres jesuítas o desvio de opinião do jovem rei de Portugal.

Do mesmo parecer é o embaixador francês Fourquevaulx, quando escreve a Catarina de Médicis: «L'autre bande dissuade et defend de le marier». A «bande» eram os teatinos!

Enganavam-se. O rei de Portugal não se deixava dominar fôsse por quem fôsse; e nêste

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

período o P.e Luís Gonçalves da Câmara interessava-se pelo casamento, como diz numa carta ao P.e Francisco de Borja: «Penso que se alguma culpa tenho é a de me ter demasiadamente empenhado na realização dêste casamento».[69]

Enganavam-se, sim. D. Sebastião, embora ouvindo uns e outros, havia-se determinado por moto próprio.

Filipe II é de tudo informado. Embora! Pelejará! Longe de se «resentir y ofender y quedar desobligado» (palavras suas), escreve a Fernando Carrilho, do seu conselho e seu embaixador, e, ao mesmo tempo envia-lhe uma carta para ser entregue a seu sobrinho. Na que escrevia a Carrilho pedia-lhe que dissesse a Sua Alteza, da sua parte, que êle, seu tio, em tudo isto procede com «verdadero amor», pois o considera como filho, «y que sea cierto que ninguno le puede aconsejar ni advertir con mas amor ni con mas sano fin».

Aponta-lhe tôdas as vantagens do casamento. E' sedutor e astuto: mas isto de nada vale. D. Sebastião, fixo na sua ideia, permanece no seu propósito, não o atende, como não atende o conselho de Estado, a quem, por mão do escrivão da puridade, manda entregar uma resposta escrita por seu próprio punho, e nestes termos:

«Pelo Reyno porey a vida muitas vezes; e pela honra e pela Fé, porey honra, e vida, e

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tudo; pelo proveito do Reyno, e meu, não porey a honra do Reyno, e a minha, pois este foy o caminho dos Reys, que o ganharam. Hoje, Domingo, 18 de Setembro de 1569.»

Alega vários motivos para não casar em França. O primeiro, em nome do seu brio de português: está molestado com o insulto feito recentemente por esta nação a Portugal, saqueando a nossa ilha da Madeira, do que nunca fizera restituições nem, ao menos, apresentara escusas corteses. O segundo, de natureza política, por ver que daí nenhum proveito virá ao reino. O terceiro, religioso, diz respeito aos ventos heréticos que por lá sopravam — o veneno ugonoto da França do sul. Tais eram as razões externas; as internas, essas, não lhe aprazia expor.

Ora as satisfações sôbre o caso da ilha da Madeira prontificava-se Filipe II a obter-lhas; como nítidos e serenos esclarecimentos desvaneceriam o perigo religioso, menos grave para o catolicismo ocidental do que ao reizinho português se lhe afigurava. E estas satisfações e explicações bastariam, se não houvesse outros motivos íntimos, que imperavam no espírito de D. Sebastião, em virtude dos quais êle foi pondo tôdas as dúvidas, todos os reparos que podia, delongando as negociações feitas, espaçando os compromissos tomados, aliás apenas formais; enfim: «Interpondo tardanças e embaraços».

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

De-balde o assediam. Já Filipe II, persistente, lhe manda no mês de Dezembro de 1569, novo emissário: João de Borja, para que D. Sebastião envie poderes ao seu embaixador em Paris, Francisco Pereira; e mais uma vez sua mãe lhe escreve de Madrid uma longa carta, com certeza inspirada (senão ditada) pelo rei seu irmão, em que não só se aconselha o casamento, se pedem cartas de crença com poderes necessários para firmar contratos antenupciais, mas ainda se aponta o perigo internacional de deixar «en muchos años ofendido el Rey de Francia, que con tanta razon lo estará». D. Joana lembrava também que semelhante recusa «agraviarà mucho a mi hermano a quien tanto se deve».

A-pesar-de todo êste cêrco, de todo êste ataque cerrado, de tôda esta tenaz insistência, a atitude dêste môço de quinze anos varonis é inabalável! «Aquilo que êle quer, quere-o decididamente», como escrevia o seu perceptor ao geral dos jesuítas.

E mais um ano se termina, ficando as negociações neste pé, senão mais paradas que nunca.

Adiante, esta situação repete-se. De França comunica-se a Pio V que, por intermédio do embaixador Tôrres, então em viagem de Roma para Madrid, insista, na sua passagem por Lisboa, com o rei de Portugal a respeito do

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

sêu casamento. D. Sebastião, ouvido o diplomata, promete responder directamente ao Papa. Escreve-lhe, na verdade, mas sôbre o assunto — nem uma palavra! E quando, em fins de 71, o cardeal Alexandrino vem à península e a França tratar, em nome de Pio V, da «Liga contra os turcos» e, ao mesmo tempo, dêste casamento, D. Sebastião, que punha ardente empenho em que Carlos IX também entrasse nesta cruzada, diz ao Legado que anuncie ao rei de França que casará com Margarida de Valois, e que o melhor dote que êle poderá dar à irmã é fazer parte desta «Liga».[70] Isto sim, é que o preocupava, e não o casamento. E se a mão de Margarida não estivesse já dada (como, na verdade, estava) a Henrique de Navarra, D. Sebastião encontraria maneira de se desfazer do compromisso tomado, — de se esquivar de qualquer modo.

Evidentemente, não queria casar em França, nem na Áustria, nem em parte nenhuma. Tinha «poca gana de casarse», como antes escrevera o embaixador espanhol, D. João de Borja, a Filipe II.

Porquê?

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Nas côrtes francesas, espanholas, e pontifícias ignoram-se os motivos íntimos de tantas delongas, que são interpretadas diversamente, pensando os embaixadores de França e de Espanha que se trata de antigos compromissos com a coroa de Áustria: referem-se àquele projectado casamento de D. Sebastião com a arquiduquesa Isabel. Carlos IX suspeita que tudo isto é mais uma astúcia do manhoso Filipe II; e Tourquevaulx continua a conjecturar que o estôrvo vem dos jesuítas Câmaras (chama-lhes «hypocrites») que desviam o rei dêsse casamento por êles desestimado, o que, aliás, seria natural, pois se a princípio o protegeram, não podia ser agora grande a simpatia dos teatinos por uma aliança com país eivado de protestantismo e por um casamento com leviana princesa educada no desacreditado Louvre, «en la plus maudite et corrompue compagnie», como Joana de Albert, que um dia havia de ser sua sogra, escrevia a seu filho Henrique.

Também devem ter concorrido para tal desagrado os equívocos louvores da excessiva desenvoltura de espírito de Margarida de Valois, e ainda o que por êsse tempo já se bacorejava a respeito dos seus amores com o duque de Guisa... — boato que não teria deixado de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

reproduzir João de Mascarenhas, casado com uma sobrinha do P.e Luís Gonçalves da Câmara, quando êle regressou de Paris, onde fôra, em missão reservada, informar-se das crenças e práticas religiosas dessa princesa e de tudo o mais que dizia respeito às suas qualidades de espírito, costumes e maneiras.

Buscando explicar o proceder de D. Sebastião, outras espécies de dúvidas se lançaram. Uma delas foi a errónea interpretação da sua castidade que, não sendo admirada como virtude, fôra suspeita de patológica. Neste sentido, fizeram-se delicadas pesquizas. Filipe II chegou a mandar a Lisboa, com particularíssimas instruções, um médico da sua côrte. Mas pelas informações enviadas por êste ao rei de Espanha e pelas do embaixador Fourquevaulx a Catarina de Médicis, ficou nítidamente assente que nenhuma dessas suspeitas tinha o menor fundamento: pelo contrário, D. Sebastião era, afirmavam, asseguravam os doutores, um homem «sain et robuste», belo e viril.

*
* *

Outro, muito outro o motivo recôndito, e nobre que imperava no ânimo de D. Sebastião; — e êste era de natureza cavalheiresca e mística. Em semelhante coração amoroso, o anelo (aquele «Désir» do seu avoengo D. Pedro)

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

mira mais alto que a um ledo ser femenino. O seu ardido espírito estava todo afeiçoado, todo luminosamente absorvido no sonho africano, religioso, guerreiro e político, que êle tinha de servir com corpo e alma puros. E esta razão predominante, obcecando-lhe a mente e o peito nobres, abalava-lhe a alma de místico. Primeiro esta emprêsa santa; depois o passo do casamento necessário. E porque era muito novo, de quinze anos robustos, podia esperar, devia esperar. Acima de tudo, êle devia a sua fidelidade de cavaleiro à pátria portuguesa, valor excelente que mais obriga que uma mulher.

Demais, D. Sebastião não queria casar simplesmente, como qualquer outro príncipe que vê nesse acto apenas o dever político da sucessão dinástica. A sua cavalaria dizia-lhe que precisava de nobilitar-se nas armas para, ganhando honra, merecer noiva. Antes, pois, necessário era armar-se cavaleiro após um grande feito. Lembrava-se daquele formoso dizer de D. Filipa de Lancastre a D. João I:

— «Meus filhos ainda não conquistaram nenhuma honra e têm, para a adquirir, de expor suas vidas aos perigos».

O seu misticismo impunha-lhe deveres de pureza: oferecer sua virgindade antes à pátria depois à noiva, pois entendia que tanto (ou mais) exigia sua pureza o primeiro campo de batalha onde entrasse como o primeiro tá-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

lamo conjugal em que dormisse. A pátria era a dama celeste, a outra, a dama terrestre — ambas imaculadas. Pela primeira se bateria esforçado, o espírito em ideal e puro o corpo — estado de alma livre, criador de potência sublimada. O trato da mulher empana o brilho desta beleza, mareia a graça desta pureza, amolece o ardor, diminui a bravura. Homem de honra, tinha o culto da sua dignidade, o respeito de si próprio; e esta era a fidalguia da sua alma e o engenho formidável de vencer impulsos carnais, aliás subjugados pela sua vida de trabalho, e distraídos pela sua ânsia de empreendimentos. A virgindade seria a sua mais alva e brunida armadura. Intemerata nas intenções, pertinaz na acção, — era ardida e celeste por ser feita de pátria e fé. A virgindade física em alma devota e arroubada é o estado em que o ser humano é menos corpo e mais espírito.

Em D. Sebastião a alegria é sã e voluntariosa; e a coragem de tal vigor é, que com ela não pode coexistir a noção de mêdo. Nêle há a simplicidade na fôrça; a nitidez na resolução. Sua face é jovial como a dos justos; seu sorriso é fresco como o das crianças; e o seu claro e fácil heroismo tem um tanto ou quanto de familiar. D. Sebastião quer ofertar a sua virgindade á patria; entrar virgem numa grande batalha; pelejar virgem; virgem triunfar! E êste era o voto íntimo da

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

sua fidelidade de guerreiro ao seu sonho de místico.

Seu amor a uma mulher devia ter raízes e sentido no seu ideal de pátria. Antes de ser donzel de amor, devia ser donzel de armas.

O amor à pátria excede nêle o amor à mulher. A ternura é um meio tom, um doce falar baixinho que o seu coração, de vozes intrépidas e sonorosas, não sabe ciciar. Para D. Sebastião temas de amor são pátria e grei. Tudo o mais afigura-se-lhe miúdo e quiçá mesquinho. Sua obra será uma obra de amor dilatado até um grande sacrifício de amor. Sua vida é um voto à vida pela grei; um voto à morte pela pátria. E' a vida no amor, a morte no amor.

Eis a razão da sua divisa:

«Amor, Fé e Amor».

* * *

Uma noiva? Sim, mas mais tarde. Naquele momento, a noiva do rei de Portugal era a sua amada pátria portuguesa. Por ela — «por sua dama» — queria primeiro bater-se; depois, quando esta o exija, casará... com a outra!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XI

A LIÇÃO DOS MORTOS

Em Maio de 69, começa a correr em Lisboa certo andaço de doença suspeita, que se não sabe ao certo o que seja, e se manifesta por pintas, inchaços, postemas, tudo acompanhado de febre escaldante, causando, às vezes, morte súbita:

— «Estão duas pessoas a conversar, e, vai, uma cai para o lado, morta» — [71] diz uma testemunha do tempo.

Os velhos, que se lembram ainda, com pavor, da última epidemia havida uns quarenta anos antes, classificam o mal de peste e da pior — da «refinada». Mas a gente môça, ignorante e imprudente, ri dos juízos dos antigos, e não se defende. Atacados, morrem.

O mal alastra. Os casos fatais são cada vez mais numerosos.

D. Sebastião reúne uma junta de médicos para averiguarem da natureza do morbo; e pelos doutores, estudada a matéria, é-lhe respondido que se trata, na verdade, da contagiosa e terrivel pestenença!

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

O rei de Portugal principia por se virar para o céu, e logo promete uma igreja votiva ao santo do seu nome; depois, manda vir físicos de nomeada, afim de, com suas medicinas e cirurgias, tratarem os doentes. Ao mesmo tempo, dá amplas ordens ao vèdor D. Martinho Perèira, para tirar da Fazenda Real todos os cruzados que forem precisos a fim de socorrer os pobres. Pronto se improvisa, na praia do Tejo, um hospital de tabuado (abarracamentos) para 500 e 600 doentes; e se organiza a possível assistência, material e espiritual, de socorro aos atacados. Mas tudo foi insuficiente porque o galope da epidemia era vertiginoso e mortal, deixando atrás de si o chão alastrado de cadáveres. De Maio ao Natal a peste matou, só em Lisboa, sessenta mil pessoas — metade da população!

Esta hecatombe ficou-se chamando a *Peste Grande* e nunca houve nem voltou a haver tão mortífera epidemia em Portugal [73].

* * *

Enquanto durou a peste, o rei, ora em Sintra, ora em Óbidos, Alcobaça, Leiria, Tomar, Montemor-o-Novo, Évora — ia administrando o reino à moda antiga de se pôr em contacto com o seu povo, de todos ouvindo, directamente, falas, queixas, agravos, súplicas, escla-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

recimentos, e logo atendendo as suas reclamações quando bem cabidas, a todos desejando fazer recta e pronta justiça. Bem informado, e procurando deferir com acêrto os muitos requerimentos que por bôca e por escrito lhe apresentam, escreve cartas, passa alvarás, manda sindicar de juízes, inquirir dos vereadores, devassar aos oficiais da fazenda, tudo examinado, estudado e resolvido em conselhos diários, que, quando vai de longada, tem nas casas onde pousa, nos rossios onde pára, ou em campo aberto, sob velhas carvalheiras, como nos remotos tempos dos primeiros reis portugueses da medieva dinastia, rudos, hirsutos, pele tisnada, alma e músculos enrijecidos na aspérrima lida com o mouro estremenho e algarvio.

Viaja a cavalo, cercado de pessoas da côrte, de cavaleiros do seu conselho, oficiais de despacho, seguido de basta criadagem e de azêmolas com provimentos e aprestos. A cavalgada tem côr e lustro. O rei monta à gineta em sela mourisca de viagem, arção alto, freio doirado e bons arreios cordoveses, que ringem.

O povo das aldeias, (logo a nova corre) domingueiro, deixando suas moradas, suas belgas, soutos e pinhais; vadeando ribeiros, transpondo serrados e descendo colinas, acode às bôcas dos caminhos, para o ver passar, saudar e também para lhe expor suas queixas e o ouvir

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

de sua justiça. As gentes das vilas recebem-no festivamente à entrada, sob arcos de buxo, e as mulheres cobrem o chão com espadanas verdes, funcho e rosmano cheiroso. Os cidadãos postam-se às portas do burgo. São grupos de mesclas de valencianas e de grã, com o bispo à frente, de pluvial, mitra e báculo, o alcaide-mor, o senado municipal, suas capas pretas e bofes de cambraieta, títulos com suas veneras, e justiças com suas varas brancas. Cumprimentam-no com grandes maneiras, e logo conduzem o seu rei, sob pálio, entre pessoas principais, como aconteceu em Alcobaça, onde, atraído pelo cardeal D. Henrique, (não desiste de influir no ânimo do rei), passou um mês, vivendo a vida religiosa dos frades bernardos, seus hospedeiros, com êles rezando horas canónicas, como outrora fizera D. Afonso Henriques com os crúzios de Coimbra, freqüentando-lhes o côro.

* * *

Aí, em Alcobaça, numa hora de abalo patriótico e místico, rebentou-lhe na alma, orgânicamente feita na noção da continuidade histórica da realeza em Portugal, a ideia de prestar homenagem a alguns reis portugueses, seus avós, visitando-os nos túmulos, vendo-lhes, sempre que pudesse, os corpos mortos,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

para, sob a confrangedora impressão dêsse sombrio espectáculo, recordando suas vidas, evocando seus feitos, temperar a alma nas almas dêles. Queria, ante os despôjos dos que foram grandes exemplos de bem reinar, colher, na lição dos mortos a lição dos vivos; e, uma vez mais, firmar, à fé da sua relembrança, compromissos de honra de, sendo príncipe herdeiro, fielmente os continuar, servindo seu reino. E D. Sebastião, que já sagrara seus pés pisando o campo de Ourique [73]; que já se debruçara do Penedo de Sagres, impregnando a alma, acolá, da ardentia das emprêsas do «Conquistador», aqui, dos sonhos do «Navegador», queria agora enfrentar-se com os restos mortais de outros grandes, para meditar nas virtudes dêles e crismar sua fé guerreira.

Começou pelos reis que jaziam no mosteiro de Alcobaça [74].

Na claustra gótica de D. Dinis e na capela de São Vicente, mandou abrir as arcas tumulares de D. Afonso II, de D. Afonso III e as das rainhas D. Urraca e D. Brites [75]. D. Sebastião admirava em D. Afonso II a tenacidade com que êste rei, em seu afinco de opinião, lutara com reis e papas — com Afonso IX de Leão, Afonso VIII de Castela, e Inocêncio IV — preferindo morrer interdito, a transigir com as pretensões dos seus inimigos, as quais, em seu entender, seriam desprestigiadoras do

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

poder real e nocivas para os interêsses do reino. Diante da sua múmia sêca, lamentava-o como excomungado, mas admirava-lhe a rija têmpera de homem de inabalável convicção.

O corpo de D. Afonso III, de enorme estatura, estava conservado. Que valente não devera ter sido! Outro morto, êste, que D. Sebastião admirava não só pelo grande amor que teve ao povo, mas ainda por ter sido perfeito político, e, sobretudo, pela façanha excelente de estender o território português na conquista do Algarve — último bocado na ocidental praia cristã ainda sujo com a presença daquelas almas infiéis.

Da bela filha de D. Afonso «o sábio» restava apenas um mirrado despôjo feio e triste; mas a rainha D. Urraca, a doce amiga do «Poverello» de Assis, e fundadora em Portugal dos primeiros conventos franciscanos, essa conservava-se inteira, e, embora chupadinha, a expressão do seu rôsto de cidra, como a das suas mãos de cera, era plácida e bondosa. Estavam vivos seus cabelos de oiro e intactas as régias vestes que a cobriam, e como novas suas sapatas vermelhas, bicudas e apantufadas, com os «sinais» antigos de Portugal no coturno, em oiropel. [76]

D. Sebastião cogitou no valor espiritual da santidade que, depois de depurar, de aformosear a alma, embalsama o corpo — que torna

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

incorruptível a carne dos justos, e a perfuma com o cheirinho bento das sedas velhas e guardadas, onde, algum dia, passou a mirra e o incenso.

Meditando no poder das virtudes, foi-se a outros túmulos.

No arco cruzeiro da igreja, estavam, carinhosamente a par, com suas baldaquinadas estátuas jacentes, que solícitos arcanjos turiferavam, dois sarcófagos belos: o de D. Pedro e o de D. Inês de Castro. Eram de pedra branca, gótica e religiosamente lavrada, leves como espuma. Continham dois potentíssimos corações de amor violento e lírico. Tinham-se querido um ao outro com perdição!

D. Sebastião, para quem o amor a uma mulher era cousa pouca ante o amor da pátria, não via a névoa de graça que nimbava êsses filigranados cofres, nem ouvia os fios de harpa, fluindo dêles em humana canção eterna. Pelo contrário, olhou-os com desgôsto e disse consigo:

— «¿Para quê tanto dispêndio de engenho em lavrar arcas de mármore, que, afinal, guardam corpos onde as almas foram sem valor?!»

E quando os hortelãos do convento iam a apontar os pés de cabra às rachas das pedras para levantar as tampas dos mausoléus maravilhosos, D. Sebastião, o sobrecenho arrenegado e no ar um gesto brusco de mão,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

mandou suspender os trabalhos: aqueles túmulos não o interessavam. Cresceu o espanto nos olhos de todos que tinham coração, que tinham sentimento. O rei ia a retirar-se, mas não se teve que, tornando atrás, e apontando para o sarcófago do desaustinado rei amoroso, não dissesse, num riso de mofa e desdém:

—Mesquinho homem que não tiveste fôrça para te vencer no amor por uma mulher! Nos braços dela te esqueceste do nosso Portugal! Que lástima me causas, oh rei mulherengo! [77]

E voltando-lhe desprezivelmente as costas — abalou.

E outro não poderia ser o pensar da Virgindade em face da Sensualidade; o da perfeita fidalguia, que nenhum arrebatamento desapruma, diante do turbilhão medieval da paixão plebeia; o de um rei cujo coração era tão grande, que só o amor da pátria o poderia encher.

* * *

Mas no mosteiro da Batalha, [78] na capela de Nossa Senhora da Piedade, em frente do cadáver incorrupto [79] de D. João II, D. Sebastião, tomado de profundo respeito, tira a sua gôrra chata de veludo negro, dobra o joelho, e, silencioso, cabeça baixa, está minutos em oração mental.

D. João II, em pé, dentro do caixão man-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

dado pôr ao alto por D. Sebastião, é majestoso na sua farta opa de brocado carmesim com franja de oiro, e aberto para os lados o lençol de fina olanda branca, amplo como manto de templário. A face de pergaminho velho, ressequida e repuxada; os cabelos longos e longa a barba grisalha; duramente cerrados os olhos no fundo das órbitas sombrias; conservam ainda, no rígido e augusto aspeito, a severa expressão antiga.

Scenário: uma capela gótica, seus colunelos, ogivas e abóbada da artezoados, cuja meia claridade é atravessada, obliquamente, iluminando o cadáver, pela poeira colorida de um feixe de luz, que desce de um vidral antigo.

D. Sebastião continua a rezar. Talvez rogue à alma forte e justiceira que animara aquele vulto, e o povo um tanto ou quanto beatificara, lhe comunique suas virtudes e ensinamentos na espinhosa arte de bem reger.

Ergue-se; e, sempre em silêncio, sem desferrar os olhos admirados da tremenda fisionomia do tôrvo rei assassino, reflecte que, na sua idade, D. João, ao tempo príncipe real, esforçadamente batalhara em África, ajudando seu pai a filhar Arzila, e mais adiante, com indústria e denôdo, triunfara em Toro. Depois, pensa quanto na administração interna e na política externa êle fôra sempre grande rei. Personificava o poder pessoal pôsto ao serviço da Lei e da Grei — ao serviço da unidade mo-

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

nárquica. E, sempre considerando nêle profundamente, de-certo cogita na tragédia moral que se passou dentro daquele arcabouço, e quanto o penoso cargo de reinar obriga, às vezes, um «Príncipe Perfeito» a ser cruel por necessidade, a matar por dever, a fazer mal por bem!

Em seguida, D. Sebastião aproxima-se do cadáver, toca-lhe, toma-lhe a espada, alça-a na sua direita, e, voltando-se para o jovem duque de Aveiro [80] diz-lhe imperioso:

— Beijai com orgulho a mão do vosso bisavô! [81]

O duque, prostrado, começando por beijar a mão de D. Sebastião, oscula em seguida a mão descarnada, sêca e amarela de D. João II.

O trágico da scena estremece as almas, e esfria as espinhas dos fidalgos e as da comunidade dominicana, que assiste muda e esmagada de comoção.

Então o rei de Portugal profere em voz altissonante, dirigindo-se, em roda, aos que o cercam:

— Êste foi o maior oficial que houve do nosso ofício. [82]

Repõe-lhe entre as mãos mortas a espada fúlgida; e ainda, durante algum tempo, o contempla maravilhado. Por fim, despede-se dêle e vém murmurando:

— Êste é o meu rei, êste é o meu rei! [83]

Todos se retiram arrepiados de calafrio.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Silenciosos, as suas pesadas sapatorras ressoam nas lajes húmidas do templo gótico, austero nas suas altas naves de pedra, severo na sua nudez frígida e triste.

* * *

Em Coimbra vai ao mosteiro de Santa Cruz visitar os túmulos de D. Afonso Henriques e de D. Sancho I [84]. Acompanham-no o cardeal D. Henrique; seu primo D. Duarte, duque de Guimarães; o bispo-conde frei João Soares; doutores com seus capelos rôxos, amarelos, verdes, encarnados e brancos; títulos; pessoas principais; larga mancha sombria de escolares de capas e batinas pretas; e povo, muito povo, de trajar mesto, e de graves e lindas vozes musicais.

Espera-o no «portal da majestade» o prior-mor D. Lourenço Leite, revestido de pontifical, com a comunidade dos nobres regrantes de Santo Agostinho, com suas murças de arminhos.

Beijado, de joelhos, o Santo-Lenho que o Dom prior lhe apresenta, D. Sebastião sobe a larga nave entre cónegos, prebendados e coreiros, que entoam o «Benedictus». As vozes, misturadas com as do órgão, sobem e ressoam nas abóbadas manoelinas de bocetes de oiro.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Entra os cancelos da capela-mor. Ajoelha. Reza. Depois, em pé, toma das mãos do Dom prior o hissope de prata e asperge com água benta as estátuas de D. Afonso Henriques e de D. Sancho I, jacentes em nichos sob dosséis flordelisados, nos moimentos erguidos, com riqueza e aparato, por seu bisavô D. Manoel, que imoderadamente amou as pedras mui ornadas. Olha para a estátua de D. Sancho e pensa no assaltante de Silves, no arroteador dos baldios, no povoador das aldeias arrasadas.

Apresentam-lhe a espada de D. Afonso Henriques [83], que fulgiu, vitoriosa, no campo de Ourique e no cêrco de Santarém. D. Sebastião, embevecido, considera nela em longo silêncio.

Diante dos seus olhos surge, em luz de milagre e côres celestes, o quadro da aparição de Jesus Cristo crucificado, naquela tarde remota e santa, véspera da batalha de Ourique, em que o Senhor prometeu a D. Afonso protegê-lo, começando por dar vitória às suas minguadas gentes contra o poderio de cinco reis mouros que, com as fôrças de Sevilha, Badajós e os fortes do Alentejo, haviam juntado formidável e temeroso exército para bater es cristãos.

Vê o herói, num arrojado ardil, pela calada da noite, em segrêdo e silêncio, escalar, à frente da sua hoste, as muralhas inexpugná-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

veis de Santarém — baluarte sarraceno, numa eminência dominadora, como que defendendo tôda a terra semita do sul de tôda a terra ária do norte.

Vê-o sitiar Lisboa com ingleses, flamengos, lorenos; e, depois de cinco longos meses de porfiados ataques, tomar, enfim, a cidade «rainha do oceano».

Vê-o expulsar dos seus castelos os mouros de Sintra, Almeida, Palmela; tomar Alcácer do Sal; assaltar e submeter Beja, Évora, Moura, Serpa, Alcouche e Elvas, espavorindo-os pela charneca trastagana fora.

Que grande pelejador! Que grande conquistador!

Então beija religiosamente a espada, e diz:

— Esta é a espada que libertou Portugal do jugo dos mouros [86]!

Põe-na com delicadeza nas mãos brancas do Dom prior. Súbito, arrebatado por seu nato ânimo belicoso que dentro dêle o impulsa e desvaira, fixa seus olhos azuis e de sonho nos olhos negros e calmos do Dom prior, e diz-lhe com voz firme, repleta da convicção de um herói continuador de heróis:

— Guardai, padre, esta espada, porque ainda um dia me hei de valer dela contra os mouros, metendo Portugal pela África dentro [87].

Sussurra nas gentes um borborinho de admiração.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

D. Sebastião retira-se. O cortejo desce a larga nave. Todos veem vibrando na emoção desta augusta visita; e os pensamentos e os corações registam o compromisso de honra firmado naquelas palavras guerreiras, em que o génio adivinho lança o programa inteiro de uma política futura: — «Portugal pela África dentro» !

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XII

REBATE DE ALMA

DEVIAM ter nascido tristes as flores da primavera de 1570: a terra fôra adubada com cadáveres! Lisboa, após o pavoroso tufão da «Peste Grande», que ceifou milhares de vidas, era, tôda ela, um vasto cemitério. Nenhuma família deixou de pagar à morte êste lúgubre tributo de vidas, tão desumano que houve casas em que morreram famílias inteiras. Mas porque, finalmente, o terrível flagelo passara, os sobreviventes — corpos cobertos de vaso, almas maceradas pelas dôres do luto — juntaram-se agradecidos e fizeram a procissão de «Nossa Senhora da Saúde» [88], composta de tôdas as religiões, clerezia, confrarias, fidalgos e povo, num longo cortejo que, tendo por fora o aspecto da devoção grada e festiva, era por dentro plangências de saudades dolorosíssimas por quem Deus levou — pais, mães, filhos, irmãos! A procissão saiu de manhã da sé e recolheu tarde a São Domingos; e o povo, a ba-

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ter tambores e pandeiros, a moer sonfonas e a agitar adufes, folgou o dia inteiro em bailadas, coros e folias devotas, derredor da charola da Virgem e dos cofres de prata lavrada, com relíquias preciosas, que tôdas vieram para as ruas e betesgas, rossios e terreirinhos. Na véspera, a cidade iluminou-se com milhares de velas por detrás das ventanas e das rótulas mouriscas; nos larguinhos ergueram-se fogueiras; puseram-se luminárias nos campanários e fogaréus nas grimpas.

D. Sebastião, grato ao braço de Deus, que suspendeu o castigo, cumpriu o voto feito: mandou erigir um templo ao santo do seu nome, e, caritativo, logo cuidou das mulheres que a terrível epidemia deixara na viúvez desolada, e das crianças em orfandade desamparada. Criou então o «Instituto de Santa Marta» para recolhimento daquelas e educação destas; e quando, anos depois, as meninas eram maiores, entregou-as a D. Luís de Meneses, governador de Estado no Brasil, que consigo as levou para, dotando-as com terras, por lá as casar, protegendo-as e vigiando-as de perto com amor de pai. E êste foi um terno capítulo da sua política colonial, nascido do sentimento e do entendimento.

Dos sete navios desta frota, um, que se chamou «Navio das órfãs», levava as meninas. Nau de virgens, devia ser tôda pintada de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

branco, brancas as velas de linho honesto, branco o cordeame, branca a mastreação, brancas as flâmulas vivazes como a esperança, a franzirem sorrisos joviais no ar puro e no azul imaculado. E tudo seria alegria môça nestas almas viçosas e viajeiras, se, na hora da abalada, ao descerem o Tejo espelhado, e ao contemplarem da amurada a linda Lisboa das sete colinas e nelas montículos de casario caiado no pendor das almoínhas verdes, seus pesarosos corações de órfãs se não confrangessem, seus pensamentos se não turvassem, considerando que a cidade deixada, talvez para sempre, era o cemitério das suas mães, dos seus pais, dos seus irmãozinhos arrebatados pela pavorosa «Peste Grande»! E esta lembrança pungentíssima mareava-lhes os olhos de lágrimas, anuviava-lhes as expressões, desfiando-lhes as almas em saudade lenta, lenta como o deslizar daquela nau, branca por fora, cinzenta por dentro..., nau de alegria e de tristeza — nau da Vida! — que ia vogando rio abaixo...

* * *

D. Sebastião leva todo êste ano e o seguinte absorvido nos negócios externos do reino (preocupa-o a pirataria, capitaneada por ugonotos, que além de cruel, era causadora dos maiores prejuízos para o nosso comércio com o Bra-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

sil e outras colónias) [89] e nos negócios internos, no renome de Portugal, na firmeza da sua fé, na instrução das classes, na educação do povo a quem êle próprio é o primeiro a dar alto exemplo de crença exaltada, de probidade nos contratos, de austeridade nos costumes, amando a verdade e a justiça, enfim, em tudo procedendo, religiosa e honradamente como justo e puritano que era. Prega a acção; firma-se na sua fôrça; e tanto confia na sua bravura desmedida e sublimada, que, místico, já no seu espírito se debuxa a ideia de ser um predestinado.

Rodeia-se de fidalgos môços, portadores da Esperança e criadores do Futuro (um Cristóvão de Távora, um Álvaro de Castro, um Luís da Silva) que pensam e sentem como êle, vivendo, assim em consórcio de ideal, com a franca juventude, forte e alada.

Tem dezassete anos. Sua alma formosa arde em misticismo, abala-se de guerreirismo. E, a-pesar dos nossos triunfos na Índia, que tanto o excitam à glória, preocupa-se com as ameaças do Oriente [90]. E é neste estado de espírito que o encontra o cardeal Alexandrino, quando, em missão especial à Península e à França, vem pedir a D. Sebastião, em nome de Pio V, que Portugal faça parte da «Liga contra o Turco», na qual entrarão vários reis cristãos, e, entre êles o rei de França e o da Polónia [91]. A «Liga» era a reedição das ideias

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

do Papa Nicolau V e das exortações de Calisto III contra os turcos.

D. Sebastião exulta!

Uma cruzada! A guerra santa entusiasma-o, arrebata-o! Jubilosíssimo, como outrora Afonso V ante igual convite trazido de Roma pelo bispo de Silves, pronto se dispõe a aparelhar uma grossa armada composta de seis galeões, doze galés, quatro galeaças, num todo de cinco mil homens, pensando em ir êle próprio como capitão dêstes novos cruzados. E quando a Senhoria de Veneza, para o mesmo fim, lhe envia o seu embaixador Tiepoli, igualmente o rei português, confirmando a sua resolução, anuncia-lhe que vai escrever aos seus governadores no Oriente para êles serem também contra o Turco — inimigo comum dos príncipes cristãos.

O cardeal retira-se satisfeito pelo bom êxito do seu recado e na esperança de que D. Sebastião case, enfim, com Margarida de Valois (foi êste um outro número da missão de que o Papa o incumbira) e porisso, uma vez em França, e em Blois, juntamente com o embaixador português João Gomes da Silva e com Francisco de Borja, geral dos jesuítas, companheiro do Legado, tratou do assunto. Era tarde! Desde um ano que Carlos IX, e os seus homens de Estado, aborrecidos com a política torta de Filipe II (a quem tudo atribuíam) vinham preparando o casamento da infanta com

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Henrique de Navarra, o príncipe herege, que um dia seria o católico e grande rei Henrique IV de França.

Passam-se vários meses.

Em princípios de Setembro chegam a Lisboa notícias do São Bartolomeu («Saint-Barthelemy») — da matança dos ugonotos. Nêste facto, D. Sebastião não vê a política de França e, em especial, a de Catarina de Médicis; vê sòmente o ruidoso triunfo da causa católica; a vingança da carnificina de Nimes, e quiçá a represália dos martírios infligidos pelos ugonotos, em 1570, nos nossos jesuítas P.e Inácio de Azevedo, nos seus trinta e nove companheiros, feridos e atirados ainda vivos ao mar, e nos doze missionários, da Companhia, mortos em 71, pelo corsário João Capdeville [92]. A sua alma religiosa enche-se de orgulho, o seu coração católico, de vitoriosa alegria. Porque a sua fé é maciça como a sua coragem e tôda ela vida e movimento, D. Sebastião, rejubilante, ordena que saia uma longa e luzida procissão; que pregue o grande dominico Fr. Luís de Granada; que repiquem ao mesmo tempo todos os sinos e garridas das tôrres de Lisboa; que se enflorem e se iluminem, de alto a baixo, os tronos e os altares de tôdas as igrejas; e que nas principais se ergam aos céus «Te-Deum» de sonorosos cantos e tudo se faça com magnificência e ostentosos brilhos.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Para Catarina de Médicis e Carlos IX seguem cartas de parabéns ardentes; e adiante irá expressamente D. Afonso de Lancastre com uma lustrosa embaixada felicitar os reis de França.

*

* *

Neste em meio, no Oriente, os turcos são vencidos. Já se prepara a paz de Veneza. Morto Pio V e subindo ao sólio pontifício Gregório XIII, e como que dissolvida a «Liga», a fisionomia política da Europa altera-se. E' agora menos necessária a intervenção da armada, que, surta nas nossas águas, espera ordens. Já D. Sebastião maquina em aproveitá-la para certa emprêsa...

Súbito, levanta-se, redemoïnha, esfuzia no Tejo tremenda tempestade. O rio cresce, avoluma-se, encapela-se. Suas ondas são como as do mar costeiro — altas tôrres, esbravidas e mugidoras; as chuvas de varas — dilúvios, que tudo alagam; e o vento é furacão devastador. Medonho! Num instante, sob o ciclone pavoroso, as naus, as caravelas, as galeotas são desarvoradas, as amarras partidas, e, garrando, elas ali vão rio abaixo, na fervedura da massa enorme e veloz das águas revoltas, que as jogam às margens, encalhando umas, metendo outras a pique. A armada portuguesa é desbaratada, totalmente destruída.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Enorme calamidade!

Embora!

Se ainda fôr precisa, outra armada se preparará tão numerosa em galés, em homens, em armas e em fé!

Embora!

Os heróis, como os santos, alimentam-se de dificuldades. Lutará! Triunfará!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XIII

PORTUGAL DE ALÉM

A ÍNDIA, O BRASIL, A ÁFRICA

UMA segunda-feira de quente sol de Julho, em 1572, regressa da Índia, do seu triénio administrativo, o grande vizo-rei D. Luís de Ataíde, êsse aquém, algum dia, Carlos V quis armar cavaleiro [93]. Seu prestígio corusca: é sol a chover pedrarias nas águas arrepiadas do mar; e sua fama de longe soprada vai de ponta a ponta de Portugal.

A cidade alarma-se em regozijo. Como em tempo D. Manoel usou com Duarte Pacheco, o governador da Índia é esperado em festa pelo rei, pela côrte, pelos fidalgos, altos clérigos e muito povo que acorre à margem do Tejo. A nau que o traz sobe o rio, entre fumaradas, no meio de estrondos de bombardas, de trons, de canhões. Desembarca. Soam trombetas e charamelas. Estrugem foguetes, repicam sinos; chovem palmas. E cercado de grandes e

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

por entre milhares de pessoas o admirado D. Luís de Ataíde atravessa as ruas de Lisboa, debaixo de um pálio de brocado de oiro onde o sol chispa. Em acção de graças, e ofertada ao apóstolo guerreiro Santiago, D. Sebastião ordena uma longa e faustuosa procissão da sé a São Domingos, em que êle próprio se encorpora, levando à sua direita o vizo-rei — honra máxima como a de o sentar a seu lado, sob o mesmo régio dossel, na capela-mor de São Domingos, durante a missa solene que, ao recolher o piedoso cortejo, lá se canta[94]. Ao Evangelho, sobe ao púlpito um sábio jesuíta que faz a apoteose do governador da Índia, a quem enaltece por suas emprêsas e vitórias; e o sermão é cheio de citações eruditas e frases magnificentes, tauxiadas de fúlgidos nomes de heróis antigos, gregos e romanos, rebrilhantes como sóis, e que, trazidos à comparação, punham a par dêles o grande D. Luís de Ataíde.

Dias depois, o entusiasmo e a homenagem dilatavam-se pelas províncias de Portugal, fazendo os prègadores o relatório dos sucessos, a exaltação dos feitos — altos exemplos.

Esta propaganda nos púlpitos foi ordenada por D. Sebastião que para isso escrevera uma longa carta aos bispos[95], instruindo-os acerca das ordens que deviam dar aos seus clérigos. Ao mesmo tempo, enviava-lhes um escrito em que se sumariavam as principais acções de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

D. Luís de Ataíde, vencedor de um sítio de dez meses feito a Gôa pelo poderoso Hidalcão com seus milhares de homens de cavalo e de pé, sua muita artelharia, seus numerosos e colossais elefantes de guerra armados e carregados de bôcas de fogo, como andantes castelos aguerridos. Citava-se também o cêrco de Chaul [96], feito por Nizamabuco, que durara dez meses; e ainda as admiráveis refregas de Bocain, Damão e Onor, nas quais nós outros nos atirámos com fúria e nos batemos com denôdo. E de tudo os minguados mas porfiados portugueses houveram vitória milagrosa, pois sempre Nossa Senhora de perto os acompanhou nos combates e lhes apareceu no momento agudo do perigo. Nessas guerras os cristãos puseram tôda a sua esperança em Deus, encomendaram-se a êle com pleno coração, «confessando-se e comungando a miúdo» — como dizia o escrito do rei.

E esta era a matéria dos patrióticos sermões lançados dos púlpitos abaixo, nas igrejas, capelas e ermidas do reino, repletas de gente que ouvia, pasmava, admirava, e, ficando a conhecer os nossos negócios públicos e a nossa valentia, entumescia seus corações de sentimentos pátrios, ao mesmo tempo que as suas imaginações pareciam esbrasear-se de nobres entusiasmos, como D. Sebastião tanto pretendia. Êle procura abalar almas marasmadas, picar ânimos entorpecidos, sobretudo

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

transformar essa Lisboa mercantilizada, onde havia milhares de estrangeiros negociantes, e a última miséria vivia paredes meias do luxo asiático que a tantos endoidecia e depravava.

* * *

Em dilatadas conversas nas câmaras dos Paços, D. Luís de Ataíde relata ao rei, com pormenores, o que fôra a sua administração trienal, desde a entrega do govêrno que lhe fizera o seu antecessor D. Antão de Noronha, até a transmissão ao seu sucessor D. António de Noronha. Foram expostos todos os aspectos administrativos e económicos, e apontados todos os expedientes, tôdas as soluções dadas. Dentre os vários casos relatados, incendiavam o ânimo do môço rei as admiráveis acções dos cêrcos de Gôa e de Chaul, em que os portugueses tinham sido grandes. Eram reedições das páginas de Pacheco e Albuquerque.

Êste relatório [97] oral levou dias a proferir. D. Sebastião, ensinado, enchia a alma, ouvindo D. Luís de Ataíde; e das nossas últimas ousadias e façanhas tirava êle fortes lições de estímulo heróico — aula em que se tinha feito sua imaginação guerreira e em que sua vontade porfiava. Mas (reflectia) esta escola de guerra, excessivamente distante do reino, não era cómoda de aproveitar, como

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

igualmente era difícil de usufruir e custoso de manter tão dilatado império colonial. Por isso, D. Sebastião, ao nomear o novo vizo-rei D. António de Noronha, resolvera pôr em prática a ideia de seu bisavô D. Manoel, que dividiu as nossas colónias em províncias administrativas, com três governos distintos, embora sujeitos ao vizo-rei de Gôa. Assim, o primeiro grupo iria desde o Cabo Guardafu a Ceilão, tendo Gôa por centro. O segundo abrangeria a costa oriental de África, sob o Govêrno de Moçambique. E o terceiro seguia de Pegu à China, sendo capital Malaca.

No entanto, o rei de Portugal confia menos no futuro da Índia. As duas nomeações, com intervalo de seis anos, de D. Luís de Ataíde, feitas por êle, foram últimas tentativas, pois D. Sebastião conhecia a história dos tremendos abusos dessa colónia; o mal que causou à agricultura continental o sucessivo despovoamento; a corrupção trazida pelo luxo; e tôdas as baixezas dos mercadores traficantes. Conhecia também o seu decadente estado actual e quanto, a-pesar das recentes maravilhosas vitórias e do ainda vivo prestígio português, era complicado administrá-la e mantê-la — a «Índia, cujas receitas não chegavam para as despesas» [98], e onde dificilmente seria possível sustentar duradoiro poderio lusitano, lá tão longe, em tão extenso território e opulenta civilização, obrigando-nos a contínuos envios de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

milhares de homens para guerras permanentes com muitos e poderosos reis, príncipes e senhores nessa rica terra de inumeráveis vizinhos. Valiam-nos as mútuas rivalidades em que viviam tais povos, e o estado perene das suas dissenções intestinas. Mas no dia em que todos êsses reis, príncipes e senhores, entendidos boa-mente na divisão das terras, se congregassem para nos expulsar, êles, juntos, seriam invencíveis. Além disto, poderia a Índia acabar por sofrer a influência turca que continuava a irradiar o seu poderio no oriente, desde Constantinopla ao Gôlfo Pérsico, estendendo-se até Sumatra e Malaca, no leste longínquo; e, então, mal iria ao nosso domínio [99].

* * *

Não tinha semelhantes perigos o Estado do Brasil, onde não havia cidades opulentas, nem reis poderosos, nem pedrarias, nem sedas, nem âmbar, nem marfim, nem especiarias para comércio, tirante o pau de tinturaria e a cana sacarina. Pelo contrário, no Brasil havia apenas indígenas selvagens em terra fecunda, porém inculta; e os numerosos povos de lá não saberiam unir-se nem combater, a menos que, como na revolta dos Tamóios, os europeus os organizassem sob o comando de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

alguém, fôsse êle um corsário franco e atrevido como êsse ugonoto Villegaignon.

Contudo, também parecia a D. Sebastião difícil conter em respeito os muitos e diversos povos — os Tupinambás e os Caetés no norte, os Tupiniquins e os Tamóios no sul — tão resistentes e ousados êles eram.

Mas o Brasil, além de ser um extensíssimo continente inteiramente novo, que exigia colossal número de homens para o arrotear, colossal dispêndio de dinheiro para o explorar e industrializar, tinha, quási como a Índia, o defeito de também estar muitíssimo distante de Portugal.

O valor económico desta feracíssima e formosíssima colónia não compensava ainda todo o esfôrço e dispêndio que ela custava ao reino.

A D. Sebastião, todo voltado para outro mundo de emprêsas, afigurava-se de menor valor político êsse bárbaro Estado e terra longínqua, tão fora dos negócios europeus que mais de perto nos interessavam. A-pesar disto, obedecendo ao mesmo princípio descentralizador que presidiu à divisão administrativa da África e da Índia, depois que o valoroso sobrinho do governador Mem de Sá retomou aos franceses a baía de Guanabara, e numa airosa colina da sua margem esquerda se fundara a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, o Brasil foi repartido em dois governos, continuando o do Norte com séde na Baía

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

do Salvador e o do Sul na nova cidade, que haveria de ser, séculos depois, a capital.

Assim o regímen primitivo instituido por D. João III, um tanto ou quanto à maneira feudal, que dividia o domínio da coroa em capitanias, ao longo da costa, distribuidas a gente nobre ou que havia prestado assinalados serviços na guerra e no mais, ia adquirindo coesão, corrigindo êrros revelados pela experiência e fortificando o poder real.

A obra árdua dos colonizadores prosseguia, animada pela metrópole, ela que vinte anos antes fôra secundada pelo zêlo e abnegação dos padres jesuítas — um Nóbrega, um Anchieta — que tanto haviam ajudado os governadores na paz como na guerra, contribuindo para amansar a gentilidade brasílica, difundindo a fé, vigiando a soltura dos costumes, evitando que o conflito entre o conquistador e o aborígene assumisse os furores do extermínio, o que tudo fazia que os padres fôssem os melhores auxiliares dos donatários. O Brasil ia em aumento e já podia calcular-se que as suas riquezas futuras compensariam tamanhos sacrifícios suportados. Embora! Como a respeito da Índia, D. Sebastião confiava pouco nos interêsses políticos que do Brasil adviessem para o nosso reino.

Todavia, o rei de Portugal ligou o seu nome a uma formosa lei de humanidade, em que o seu coração foi precursor de outra, séculos

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

depois, cantada belamente por poetas e realizada por estadistas — a abolição da escravatura:

«Os índios não poderão ser vendidos nem forçados a trabalhar, excepto sendo cativos de guerra» — dizia um artigo dessa humana lei.

* * *

Na África do norte, sim, confiava abertamente. Para êle, esta era mil vezes mais interessante que a Índia maravilhosa, porém trabalhosa; que o Brasil vasto, porém ignaro. Na Índia asseguraria um domínio; no Brasil continuaria uma colonização; mas em África, aqui vizinha, conquistaria território, aumentaria proventos, dilataria a fé, defenderia Portugal no mar adjacente. Ah, a África, sim! Tinha como certo que o noroeste africano fazia parte do nosso sentido religioso de, sempre descendo, ir cristianizando a terra, limpando-a de mouros, desde o norte galego e terras estremenhas ao sul algarvio, e ainda para além do mar, até as paragens africanas que por nós deviam ser penetradas e civilizadas. Fazia parte do intuito político da expansão da nossa costa marítima, aumentando a fazenda, fomentando a economia. No norte de África estava um dos factores da prosperi-

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

dade portuguesa. Naquela hora mais nos convinha pão que pimenta e canela.

Era preciso seguir a política africana do grande D. João II, que tinha no seu programa «fazer sempre guerra aos cafres e em pessoa passar a África» [100], tarefa que teria realizado, se outros problemas internos lhe não houvessem desviado o propósito.

Indispensável corrigir o defeito político de seu bisavô D. Manoel, que, depois de tanto se haver metido em emprêsas africanas, de todo, por fim, se esqueceu delas e se voltou para a afadigosa Índia, tão rica... que nos empobreceu! Sobretudo emendar o êrro de seu avô D. João III, que abandonou as praças de Çafim, Azamor, Arzila e Alcácer, algumas das quais, como Çafim, nós haviamos mantido, firme e valorosamente, trinta e seis anos. Havia necessidade de readiquiri-las para serem os baluartes costeiros de outra conquista interior, avançante por Marrocos dentro. Além de ser um continente ao pé da porta; belas enseadas para varadouros; terra de minas de metais ricos, cobre e ferro; águas abundantes de pescarias de peixes e corais; fartas várzeas para gado grosso e montados para fáceis centeais e cevadais; óptimo comércio de lãs e pano; — era, políticamente, um dos batentes da porta ocidental mediterrânea a opor-se ao outro batente da península meridional, conquistado pela Espanha com a expulsão moderna dos

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

últimos mouros de Granada. Obtidos êstes pontos estratégicos, dêles poderiamos fazer a polícia dos mares ocidentais, limpando-os da praga da pirataria genovesa, francesa e bretã, organizada em bandos de tôda a espécie, protegidos por altas personagens, como Coligny, com os próprios sultões por aliados [101]. Além de tudo isto, tomando esta África, continuávamos a tarefa santa de exterminar infiéis que tudo sujam; e, uma vez aí instalados, e sempre na brecha das defesas vivas, essas praças tornar-se-iam, em hora tão egoista e decadente, escola de simpatias mútuas, de solidariedade, de aguerrimento, indispensável ao português audaz e cavaleiro nas emprêsas do mundo.

Demais, as nossas cidades e vilas, de Ceuta, Tânger, Arzila e Mazagão, com tanto esfôrço conquistadas, com tanto custo teúdas e manteúdas, eram sagrada herança, fidalga e popular, dos nossos reis e do nosso povo, que meteram aí lanças, nelas ganharam honra, por elas derramaram sangue, curtindo mil tratos, sofrendo sacrifícios de vidas e dinheiros. Algumas, como Ceuta, tinham sido presente de Deus, que nessas enseadas e nessas praias nos viu bem aparelhados, afoitos e decididos à luta, e porisso logo no-las entregou, para, depois, nos mostrarmos gigantes no mantê-las. Outras foram conquistadas com arrancos temerários, que, por serem nobres,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Deus ajudou. E tôdas foram sustentadas com permanentes combates, ora contra guerrilhas mouras de emboscada a cristãos confiados, ora em cêrcos, contra inexgotáveis exércitos de muitos mil homens, de cavalo e de pé, que vinham dalém dos montes, dos confins de Fez e Marrocos. Eram, em suma, património de Portugal! — não se deviam abandonar, não se deviam perder.

Já diante dos olhos deslumbrados de D. Sebastião, voltados para o passado, corriam os painéis dos nossos cometimentos nessa África trabalhosa: — investidas, escaladas, escaramuças, batalhas campais, cêrcos após cêrcos e mantenças tenazes. Eram para êle clamorosos quadros de feitos épicos, de coloridos reverberantes, como se as tintas fôssem lascas de esmaltes, e um estranho clarão de tenções religiosas os iluminasse ante o olhar agradado de Deus, amigo dos portugueses. E assim, uma vez mais, suas exaltadas pupilas reviam as páginas primorosas do Portugal heróico em terras do Magrebe.

A África mauritana, sim, enamorava-o, seduzia-o, chamava-o de longe [102]. Cometê-la-ia, essa terra do «fervor do sol», como os seus antepassados reis navegadores «ousaram cometer o grande mar Oceano» [103]. E esta era a obsessão da sua inteligência, a paixão da sua vontade. A África — o Algarve de além-mar!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XIV

SONHO ALTO E DILATADO!

DESTA maneira, o instinto de D. Sebastião, seu génio adivinho e suas lições de história, lhe diziam que o sentido político de Portugal estava em África. Os antepassados haviam fixado o território continental, correndo com a mourama até o Algarve, e estendido o domínio português por terras de além mar. Agora, e dentro da mesma tradição de irradiar a fé cristã entre gentalha infiel, e de expandir o comércio por essas paragens, o que havia que fazer era defender o conquistado torrão africano e avançar Portugal por África dentro, — «África fértil e vizinha», — que tinhamos perto, ali, a três dias de viagem. As praças costeiras — Ceuta, Alcácer, Tânger, Arzila, Mazagão, Azamor e Çafim — reconquistadas algumas delas, precisavam de ser enraïzadas no interior da terra africana, para com o senhorio de muito campo garantirmos sua defesa e lograrmos os proveitos da expansão agrícola, pecuária e mineira dêsses vales e

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

montados ricos, dessas campinas, como a de Alcácer-Quibir, que, «de hum alqueire de pão que semeam, colhem trinta» [104].

Politicamente, D. Sebastião, por atavismo inspirador, ressonha os projectos que tinham feito alguns grandes reis e infantes de Portugal, seus antecessores, nos meados da época ardorosa de quatrocentos, como D. João I e seus filhos D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique tomando Ceuta; D. Afonso V, Alcácer e Arzila; D. Fernando, Anafé; D. João II, relacionando-se com os reis de Tucurol e Tombutu para comerciar com o interior africano; D. Manoel o tomador de Çafim e Tite, o reconquistador de Azamor e Almedina.

A África!

D. Sebastião partia da ideia mística de que a África fôra para os portugueses «uma revelação de Deus», como em Arraiolos, uma tarde, à hora do bafo cálido das estevas, no brando adormecer da charneca alentejana, dissera, religiosamente, o grande velho Nuno Alvares Pereira ao seu companheiro de armas Mestre de Avis, quando êste lhe comunicou o audaz projecto da expedição a Ceuta:

— «Deus prouve de o trazer ante os olhos do vosso entendimento, assim lhe prazerá, por sua mercê, de o trazer a proveitoso fim» [105].

Parece que se repetiram na alma de D. Sebastião as almas místicas e tenazes do infante D. Henrique e do rei D. Afonso V. A mesma

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

fé portentosa; o mesmo afinco a uma ideia; o mesmo endurecimento em retê-la; a mesma febre em pô-la em prática; a mesma persistência no esfôrço; a mesma porfia na luta; a mesma intrepidez na refrega; a mesma temeridade no perigo. Herdou dêles aquelas belezas e aqueles defeitos de que são tecidas as almas dos heróis que, pelos resultados felizes que alcançam ou infelizes que sofrem, sublimam ou degradam sua fama.

Êste rei português repetiu o sonho africano de D. Henrique: descobertas as ilhas adjacentes e a costa de África, tomar posse do reino de Fez e do império de Marrocos, estendendo da outra banda do mar o poderio português, acrescentando domínio, honra e proveito.

¿Até onde mais? Não tinha horizontes a vista ambiciosa do infante navegador: dos longes mirava ainda outros longes! Marrocos, Rio do Ouro, Cabo do Não, Bojador, Guiné — sonhado Portugal de além!

Os ouvidos de D. Sebastião, alucinado de devoção e fervor, ouviam sempre a voz dura e obcecada de D. Henrique bradar na história: — «Vamos a filhar Tânger: o reino de Fez é nosso!»

Era um pregão para séculos!

Agora D. Sebastião, remido o pecado do seu avô D. João III, reconquistadas as praças que êle abandonara, queria completar a obra de D. Afonso V que «pôs os muros de Portugal

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

na costa setentrional africana», onde, nas cortinas dêstes baluartes eram fortes e fortins a praça joanina de Ceuta, as praças afonsinas de Alcácer, Arzila e Tanger, e as manoelinas de Çafim, Azamor e Larache. Como o infante D. Henrique quis garantir a posse de Ceuta com outras praças (Tânger e Arzila) que defendessem essa outra, também D. Sebastião buscava assegurar com penetrações de apoio as que já possuíamos e as que reconquistaríamos [406]. Era indispensável, na acção nova, ligar as costas às terras interiores, defendendo, assim, a retaguarda dêstes arsenais com saída apenas para o mar, fortalecendo, assim, as praças *fortes* — tão fracas... Depois, encher essas terras — larga zona de base política e comercial — de missionários para converter as gentes; de homens-bons para as educar; cobri-las de povos para as colonizar, de instruídos para civilizá-las. E tudo isto com tão estimável prática, em agasalho e mercês, que ganhássemos o ânimo dêles, sua confiança e bem-querer, de tal arte que a nossa colonização se fizesse boa-mente, sem descontentamento maior de vencidos.

Emprêsa difícil? Sim, mas nada é impossível aos homens de fé, de vontade rija e da acção aturada. Não o descorajavam os insucessos das armas de um cardeal Ximenes ou de um Carlos V no cêrco de Argel, pois bem sabia êle quanto os castelhanos eram fracos

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

combatentes e inábeis colonos. Também condenava as sentenças pessimistas de D. Pedro, primeiro duque de Coimbra, sempre oposto à expansão africana, quando de Bruges escrevia a D. Duarte, aconselhando-o a abandonar Ceuta; ou no conselho de irmãos, em Leiria, por causa da expedição a Tânger, dizia ao atónito rei seu irmão: «que esta emprêsa de África e Balamarim a tem por tão árdua e dificultosa que a vós e aos reis de Espanha, todos juntos com vosso poder e postos em um acôrdo, daria bem que fazer» [107]. Todavia, anos depois, D. Afonso V, sem «reis de Espanha», filhou Alcácer-Ceguer e Arzila; duas vezes Alcácer é cercada pelo rei de Fez com trinta mil homens de cavalo e «gente de pé sem conto», e duas vezes o sítio, com desânimo, é levantado; Ceuta triunfou sempre de investidas; e praças houve, como Azamor e Çafim, que nós conservámos por largos anos.

E' provável que D. Sebastião, génio de acção, fizesse estas considerações:

— ¡«Ah os serenos homens do bom-senso que usufruem, quietos, o que tantas vezes foi esfôrço heróico, senão loucura sublime! Como cometer grandes feitos sem perigos! O risco é a honra do herói».

D. Sebastião confiava na sua emprêsa que, se era em serviço de Deus, também era em proveito do reino; se era honra, também era ganho; se era sonho, também era siso.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Ambição? Sim, para louvor de Deus e acrescentamento do reino.

E pela mente do rei de Portugal talvez passasse a figura do poderoso Filipe II; e sua alma, picada de emulação, talvez para si pronunciasse:

—¿«Porque não serei eu como êle?»

Se D. Afonso V juntou aos títulos herdados o de *além mar*, e D. João II o de «senhor da Guiné», D. Sebastião queria acrescentar aos seus os de rei de Fez, de Mequinez, e imperador de Marrocos, e pôr novas figuras heráldicas no escudo português.

D. Afonso V era o seu rei. ¡E como êles se pareciam! Ambos encarniçados numa pertinaz ideia; ambos prestes na hora difícil; ambos destemidos no momento perigoso. Também êle — «pôsto em meio de todos, com graciosa e alegre contenença, e com palavras de devoção e grandeza, esfôrço e perfeita eloqüência» — queria ir sôbre África, tal êsse outro foi. Semelhantemente, desafiar para combate singular o rei de Fez, se tanto fôsse preciso para desagravo do reino ou lustro do nosso renome.

E tudo ¿por quem e para quê? Por Portugal e para sua grandeza e fama.

Portugal!

Esta palavra era para êle oração. Tinha-a no peito. Pronunciava-a com amor profundo e devoção de alma ajoelhada.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Portugal!

Ouvia-a como música; via-a como jóia de luz a rebrilhar de noite em profundo céu de azul violáceo. Portugal na Índia das riquezas; Portugal no Brasil fecundo; Portugal na África vizinha; Portugal nas formosas ilhas adjacentes e nas lendárias ilhas remotas! Reino extenso, forte e florido — que grande amor êle lhe não tinha!

Sua alma e a alma do torrão pátrio viviam em concêrto místico.

D. Sebastião sonhava, sonhava...

Não era um sonhar romântico, feito de devaneios voluptuosos de gozar o irreal. Era, pelo contrário, um sonhar possibilidades, um exigir realizações, dentro do legítimo desejo fundamentado na consciência do próprio valor, pôsto ao serviço das justas ambições. Era o anelo a uma distante meta, aliás ao alcance do direito que assiste aos brios e à honra dos criadores dos belos ideais, nobres no empreendimento, audazes no cometimento e perseverantes na luta.

Assim pensando, a alma enchia-se-lhe de luz; o ânimo de alvorôço; e seu valente coração jovializava-se-lhe, seguro de si e da confiança que punha em Deus.

D. Sebastião sonha. A sua visão imperial distende-se, alonga-se, perde-se... E' uma paisagem política sem fim! A linha do horizonte

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

transmuda-se, avança, em saltos doidos. Só uma imagem abrange tal ideia e diz tal fuga — o deserto: os galgões do seu galope são até os confins. Eis o símbolo da ânsia que não pára — do além no além!

E o sonho vôa às alturas, concentrado, calado, silencioso.

O Silêncio!

O Deserto e o Silêncio, irmãos, compreendem os grandes sonhadores. Caminham juntos e logo se encontram com a Meditação que os transporta ao Sobrenatural, à Religião — asa rumo ao Infinito! Seu ser religioso e guerreiro sonha graça e ardimento. Como êle sabe «crer»; como êle sabe «querer»! A sua fé é voluntariosa; a sua vontade — crente! O brilho do seu olhar é oração e acção.

E o rei de Portugal continua a sonhar, audaz e formoso, seu sonho alto e dilatado!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XV

VOZES DO POVO E DE POETAS

Além do seu instinto, do seu entendimento, do seu saber lhe dizerem que êle estava na verdade, tinha D. Sebastião por si, a reforçar-lhe a opinião, a estimular-lhe a iniciativa, as vozes rasteiras do povo e as vozes alevantadas dos poetas. As das gentes rudas eram de almas vernáculas; as dos sonhadores, de espíritos adivinhos. Umas, raízes; outras, asas; e ambas o senso profundo e o sentido belo da pátria maior.

* * *

Desde os tempos buliçosos de D. Manoel, os fidalgos portugueses consideravam as praças do norte africano como aula de exercícios bélicos para cursos de honra. Aí os capitães preparavam suas famas para um dia ser governadores da Índia e fronteiros das partes de além. Administrar e aguerrir — eis a escola. As surtidas repetiam-se. De contínuo, coman-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

dantes portugueses à frente de um pelotão de homens destemidos, deixavam as fortalezas de Tânger, de Ceuta, de Arzila, e, em tropel de cavalos, lanças estribadas, elmos com plumas de côres, peitos, braçais e coxotes de aço brunido, rompiam pelas portas fora, para brigar com centenas de mouros embetesgados nos seus aduares ou acampados em tendilhões nas pregas dos montes. Batiam-se à lançada, à espadeirada, terminando a contenda pela fuga espavorida de chusmas de arábios, que deixavam, pelas pistas e lombas dos montados, dezenas de companheiros feridos, dezenas de companheiros mortos. Terror! Era êste o esporto militar que os môços fidalgos de então praticavam contra os infiéis, num misto de cruzada e de cavalaria, quando não por mero escaramuçar guerreiro, tendo a picar-lhes a gana a rópia lusa de «meter lanças em África», com que criavam nomeada.

Os nobres Vimiosos, os Ataídes, os Barrigas, os Taroucas, os Noronhas, os Silveiras, os Meneses de grande sangue tinham enchido de façanhas e passos gloriosos as páginas do Portugal africano, provocados, em parte, pelos ciúmes dos capitães ávidos de ganhar renome, a ponto de alguns levarem suas temeridades a atirar-se em avançadas por Marrocos dentro, chegando D. João de Meneses, capitão de Arzila, a dizer que «com mais gente iria até Alcácer-Quibir» [108].

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

E êste fôra então o zêlo excelente de bem servir a pátria, ilustrando-a com painéis de honra que se vêem ao longe, com famas que voam pelo mundo.

D. Sebastião tinha presente o que lhe relataram da maravilhosa tomada de Azamor, feita pelo duque de Bragança D. Jaime, que, para a emprêsa, levou comsigo quatrocentas velas e dezóito mil homens. E já em sua vida, sendo ainda menino, e regente do reino sua avó a rainha D. Catarina, ficou célebre o formidável cêrco de Mazagão, feito por Molei-Hamete, de que milagrosamente saímos vencedores. E êste afan, êste brio, êste gôsto, êste antigo paladar dos nossos fidalgos por coisas guerreiras africanas, era mais uma vincada tradição em que o soberano português enraïzava seu empreendimento iluminado pelo fulgor do seu ânimo crente.

* * *

Também os homens-bons e a melhor parte do povo português estavam com êle, pois em seus juízos singelos, apontavam-lhe a África como já o fizeram, na era de quatrocentos, a D. Afonso V.

As antigas côrtes de 1503 haviam votado cincoenta mil cruzados «para ajuda dos gastos e despesas que se faziam nos lugares de África» [109]; e recentemente, nas de 62, pela voz

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

dos seus procuradores, os cabeças do povo, aventaram a ideia de abandonar a distante Índia, «que nada rende», e de nos voltarmos para a África «que tínhamos à porta», por ela ser mais conveniente «para se estender o império lusitano.»

Muito de trás, o povo português sempre mostrara agrado por emprêsas mauritanas; e alvoroçava-se de gáudio ao receber novas das nossas vitórias em África, como no tempo de D. João I, D. Afonso V e D. Manoel, quando das conquistas, arremetidas e escaladas de Ceuta, de Alcácer, de Arzila, de Tânger, de Azamor e de Almedina. Delirava de alegria com as proezas dos nossos fronteiros da dinastia dos Meneses, dos nossos capitães — um D. João de Meneses, um Rodrigo de Monsanto, Nuno Fernandes, João Coutinho; e chorara sinceras lágrimas, ao ter conhecimento da morte de Jabusel, leal servidor de D. Manoel. Estava ainda bem fresco na memória da gente portuguesa o que se passou, dez anos antes, quando do sítio de Mazagão: — o povo acorreu, voluntário, a alistar-se; e ao «pedido» da rainha regente, acudiu com os seus vicentes de oiro, amarelinhos, de bentas cruzes, amealhados em pés-de-meia e escarcelas, no fundo dos arcazes de castanho. E mulheres houve, como uma tal Isabel de Avelar, mãe de seis filhos, que, tendo perdido quatro nos combates da Índia e um no cêrco de Maza-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

gão, respondeu assim às condolências que a rainha lhe fêz apresentar por um sumilher:

— «Que se fôsse preciso, lhe ofereceria ainda o sexto, embora contasse com êste último para amparo da sua próxima velhice.»

Mãe heróica!

— «A êlos!» «A êlos!» — fôra sempre o grito de Portugal contra os mouros ou castelhanos. E agora, em paz com Castela, êstes «êlos» eram os mouros.

E se o entusiasmo já não era tamanho como então, havia ainda no povo, a par da estima nata pela aventura, a instintiva simpatia pelas emprêsas de África, aqui à mão, — o que em muitos era uma teima heróica.

* * *

Igualmente as vozes dos poetas o incitavam. Gil Vicente hava dito:

> Deveis, senhores, esperar
> Em Deus que vos há de dar
> Tôda a África na vossa mão.
> África foi dos cristãos
> Mouros vo-la tem roubado [110].

E no «Auto da Barca do Inferno», quando entram os «Quatro fidalgos, cavaleiros da Ordem de Cristo», que morreram nas «partes de além», o mesmo poeta cómico exalta os

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

portugueses mortos em África, pondo êste louvor na bôca do anjo que se lhes dirige:

Oh cavaleiros de Deus,
A vós estou esperando;
Que morrestes pelejando
Por Cristo, Senhor dos Céus.
Sois livres de todo o mal,
Santos por certo sem falha;
Que quem morre em tal batalha
Merece paz eternal.

D. Sebastião, cogitando no pensamento dêstes versos, repetia para si aqueles outros do mesmo mestre Gil, que, no tempo do seu bisavô D. Manoel, exortavam à peleja santa os que iam partir, sob o comando do duque de Bragança, para a defesa de Azamor:

Oh famoso Portugal,
Conhece teu bem profundo,
Pois até o polo segundo
Chega o teu poder real!
Avante, avante, senhores!
Pois que com grandes favores
Todo o céu vos favorece:
El-rei de Fez esmorece,
E Marrocos dá clamores! [111]

E tudo isto de mistura com as ideias de anti-islamismo em que fôra educado:

Vossas conquistas, grandes aventuras
São cavalarias mui bem empregadas.
Fazeis as mesquitas serem desertadas,
Fazeis na Igreja o seu poderio.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

O famoso doutor Sá de Miranda vaticinava-lhe renome:

> Digno Sebastião de tanta glória [112].

António Ferreira anunciara-lhe (ainda D. Sebastião era criança) que havia de em África desfraldar a bandeira milagrosa das quinas de Ourique:

> .....
> Depois virá um tão ditoso dia,
> Que as tuas reais quinas despregadas
> Na multidão de tôda a Barbaria [113].

André Falcão de Rèsende chamara-lhe:

> ...claro luzeiro
> Do nosso novo sol, tão sem segundo
> Sebastião primeiro,
> Resplandecente ao mundo
> Não só da Lusitânia ôlho jocundo [114].

Pedro de Andrade Caminha afirma-lhe que:

> Dêle se esperam milagrosos feitos
> Que milagres lhe está o céu prometendo;
> Marte o está esperando com conceitos
> Que sem êle não pode ir concebendo [115].

Igualmente, o sábio humanista Diogo de Teive, no livro que compôs para a educação de D. Sebastião, indica-lhe a África:

> Agora aquele rei que por milagre
> Nos foi dado, fará com seu esfôrço
> Que os termos da espaçosa larga Índia

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Se acabem lá, onde o Mundo os seus acaba.
A isto ajuntará com gloriosas
Vitórias a infiel terra Africana [116].

E Diogo Bernardes, o lírico de «O Lima», num arranco, brada-lhe êste terminante comando:

A vitória vos chama, ¿ que esperais ? [117]

O rei de Portugal ouvia estas vozes que colaboravam fundo com as suas intenções. E porque todos lhe falam em «milagres» que esperam dêle, D. Sebastião vê-se alguém a quem Deus confiou a honra e a glória do engrandecimento da sua pátria.

* * *

Porém mais «canoras e belicosas» que tôdas essas vozes tinha D. Sebastião por si as sentenças de Camões a afirmarem-lhe que êle é

..... certissima esperança
De aumento da pequena cristandade [118];

a impeli-lo à cavalaria dos

..... cristãos atrevimentos [119];

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

e a ractificarem-lhe, numa sintética oitava, tôda a sua política imperial:

> **Fazei, senhor, que nunca os admirados**
> **Alemães, galos, ítalos e inglêses**
> **Possam dizer que são para mandados,**
> **Mais que para mandar, os portugueses.**
> **Tomai conselhos só de experimentados**
> **Que viram largos anos, largos mêses;**
> **Que pôsto-que em scientes muito cabe,**
> **Mais em particular o esperto sabe** [120].

Como os demais poetas dessa pléiada quinhentista, também êste lhe aplaudia as emprêsas africanas, instando que irrompesse contra os mouros:

> **A vista vossa tema o monte Atlante,**
> **Ou rompendo nos campos de Ampelusa**
> **Os mouros de Marrocos e Trudante** [121].

Instigando-o:

> **Em vós os olhos tem o mouro frio** [122].

Apontando-lhe o sentido das espadas:

> **No sangue sarraceno as tingireis** [123].

Eloqüentemente lhe falando do

> **belicoso reino lusitano** [124]

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tão forte perante o «torpe mauritano»

com quem sempre terás guerras sobejas [125].

Vós, oh novo temor da maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deus que todo o manda,
Para do mundo a Deus dar parte grande.
..... [126]

Vós, que esperamos jugo e vitupério
Do torpe ismaelita cavaleiro [127].

E, mais concretamente, dizia-lhe que pusesse em prática seus sonhos e se fizesse capitão de soldados:

A disciplina militar prestante
Não se aprende, senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando
Senão vendo, tratando e pelejando [128].

D. Sebastião relia agora, com estudo profundo, a invocação dos *Lusíadas:*

E vós, oh bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena cristandade.
..... [129].

Vós tenro e novo ramo florescente
De uma árvore de Cristo mais amada,
Que nenhuma nascida no ocidente
Cesária ou cristianíssima chamada [130].
... .

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Vós, poderoso rei, cujo alto império
O sol logo em nascendo vê primeiro [131]
.....

Ser de fé e de fortaleza, cogita no sentido dêsses versos, e confirma-se no que de si pensa como encarregado de uma missão sobrenatural. Cada vez mais se considera um predestinado favorecido pela graça celeste para sublimes emprêsas de cavalaria cristã; e todo se abssorve nas palavras que lhe são dirigidas pela maior alma épica e lírica de Portugal. Sobretudo, êste verso o perturba, abala e transporta:

Olhando a vossa inclinação divina [132]!

— «Divina»? — medita religiosamente D. Sebastião.

Exalta-se.

Então na sua alma orgulhosa radica-se o juízo sobrenatural que de si vinha fazendo, como um escolhido do céu. Deus era por êle! Vencerá. Já D. Sebastião sente o triunfo, vê a vitória. Era absolutamente certa, certíssima.

Ah, a pátria engrandecida! Será mais um novo canto,

Dareis matéria a nunca ouvido canto [133]

na epopeia nacional que um grande poeta, tomado de «fúria grande e sonorosa», num «som

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

alto e sublimado», porá em «estilo grandíloquo», em opulentas estrofes de rimas altissonantes. Quem? Luís de Camões. D. Sebastião levá-lo há um dia consigo, a êle que, de certa maneira, se oferecera, escrevendo que tal empreendimento era

> **Digna emprêsa tomar de ser cantada!**
> **Como a pressaga mente vaticina [134],**

e que estava pronto a servi-la:

> **Para cantar-vos, mente às Musas dada [135].**

* * *

Assim, o rei, senhor e pai, tinha consigo, além da estima de uma grande parte do clero, dos aplausos da nobreza viçosa, [136] da alma dos poetas, — o siso dos homens-bons e o instinto do povo. Tinha ainda o entusiasmo dos artistas, como o músico Diogo de Teive que compusera um hino a Cristo, cujo tema era: *Africa a Sebastiano rege superabitur, ut omnium spes fuit et vota, quod a Deo precatur* [137]. Como o do pintor e arquitecto Francisco de Holanda, amigo de Miguel Angelo, que lhe ofereceu o desenho da bandeira para a expedição, com a imagem de *Nosso Senhor da Guerra,* [138] que o rei português arvoraria em Ktoubia, a mais alta almenara de Merrakech,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

na maior mesquita de Marrocos; e também o de uma cruz de ferro para plantar no píncaro do monte Atlas.

* * *

O Povo e os Poetas!

Tinha tudo. O Povo era o «humus» profundo mantenedor das aspirações da grei; os Poetas eram as flores precursoras dos frutos: — as águias divinas das divinas regiões.

O sonho da sua alma não era, pois, individual mas colectivo: — tinha apoio no pensar e no sentir íntimos de todos os melhores da sua terra. O tímbre da sua voz estava em consonância com o das vozes das gentes portuguesas.

¡ Ah, os estímulos da Terra e do Céu! D. Sebastião cada vez mais se afinca na ideia de conquistar a África, dilatando a fé, alastrando a prosperidade, prolongando o poder, aumentando a fama; — obra de crente, de guerreiro, de político, e ainda de artista, porque no cérebro dêste rei havia como que o poder criador de uma política de beleza.

D. Sebastião, todo na febre da glória que ofertará a Deus e á Pátria, vibração esta que lhe escalda o ânimo e o entonta, vive no alerta de uma hora de deslumbramento que iluminará Portugal inteiro e chamará para êle a atenção do mundo. Seu espírito tecido de fé,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

de acção, de poesia, entumesce-se do orgulho das passadas façanhas portuguesas que bravamente o estimulam, e enche-se de confiança nas emprêsas nascentes, protegidas pelo céu. Coabitam no seu espírito místico as vozes mortas dos nossos heroísmos idos; e o silêncio vivo e criador da grandeza que seremos. Sua alma abrasa-se de desejos heróicos e santos. O sonho queima-o e ilumina-o. Ser de amanhã, vive com os olhos chameados de Futuro!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XVI

EXPLOSÃO

VINTE anos!

Chegou o momento. Explode. Não vê ninguém: — vê a sua pessoa. Não ouve ninguém: — ouve-se a si próprio, à sua inspiração. Rompe por tudo. Impõe-se a sua individualidade afirmativa, o seu ser político feito consciência. Fé e acção. Crê em si como crê em Deus; crê em Deus como crê na pátria. O amor louco ao reino inspira-lhe estas certezas absolutas, e é Deus — jura-o! — quem lhe ilumina o espírito e guia os passos. Um predestinado!

Norteando-se apenas por estes pensamentos e sentimentos, não aceita opiniões de ninguém, não ouve conselhos de ninguém. Afasta de si todos os que, de algum modo, tentam exercer influência no seu ânimo, como Martinho Gonçalves e outros; e vigia de perto os suspeitos de política menos patriótica. Assim, quando o antigo preceptor, permanente confessor e perfeito amigo P.e Luís Gonçalves da

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Câmara se põe na sua frente e busca aconselhá-lo, desviá-lo talvez, D. Sebastião responde-lhe agastado, algo duro, e, afastando-o, enérgico, segue seu caminho. O bom padre, ferido mas calado, retira-se para Coimbra de onde no ano seguinte voltará para, doente e desgostoso, morrer no colégio de Santo Antão. Sábio mestre e justa alma, por êle D. Sebastião, grato ao muito que lhe deveu, chorou as mais comovidas lágrimas de tôda a sua vida!

Por êsse tempo chega de Roma, enviada por Gregório XIII, e ainda manchada com coágulos de sangue mártir, uma daquelas setas que os bèsteiros romanos cravaram no corpo môço do soldado Sebastião, que a igreja canonizara. Fôra ela suplicada pelo rei de Portugal a Pio V, quando da reforma das Ordens Militares. Morto aquele Papa, o sucessor cumpriu-lhe a vontade. E' portador da seta e do Breve pontifício o Enviado de Gregorio XIII [139], que a traz num cofre de prata, com lavores do Renascimento, forrado de seda carmesim. Passeia-a pela cidade, numa solene procissão, o arcebispo de Lisboa, sob pálio de tela de oiro, a cujas varas pegam os grandes senhores: cardeal D. Henrique, infante D. Duarte, Enviado do Papa, e o Embaixador de Castela [140]. Num erudito sermão, o magno doutor António Pinheiro exalta o significado do presente precioso; e

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Camões celebra-o em oitavas, dizendo, entre outros versos, que a relíquia de um mártir será dignificada por um herói,

> Pois dêle o fiel peito, casto e forte,
> C'o nome imperial tendes tomado [111].

Para o rei de Portugal esta relíquia santa era estímulo de desafronta mística contra tôda a raça de infiéis que cravam setas ou lanças em peitos cristãos. E assim, cada vez mais êle empreende nas ideias da guerra santa aos agarenos e nas da reconquista das nossas praças africanas. Sua imaginação heróica personificava as praças de Arzila, Azamor, Çafim e Alcácer, abandonadas pelos portugueses no tempo do seu avô D. João III; e via-as e ouvi-as, em seus lamentos de almas penadas, suplicarem-lhe que as libertasse da escravidão moura, as desafrontasse de opróbios vis. Ante a sua alma de cavaleiro, tais lástimas eram clamores de donas e donzelas, a apelarem para o desagravo da sua espada fiel a compromissos de honra; e o acorrer a elas — coisa assente em sua nova cavalaria andante por sua dama a pátria portuguesa. E então, terminantemente, todo se virou para a África.

Começou por nomear governador de Tânger o ardido D. António, prior do Crato. Já pelos rossios, ruas e vielas das cidades e vilas de Portugal; pelos adros das igrejas rurais, ata-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

lhos e caminhos de monte, batem os tambores, rufam as caixas e estrugem os anafis do bando pregoeiro, publicando a nova, alistando gente de pé e de cavalo, que queira ir à Mauritânia, na companhia do infante de Portugal, que o rei faz cercar de competentes conhecedores de assuntos de África onde êles tinham sido governadores, capitães ou fronteiros, como D. Duarte de Meneses, D. João de Meneses, D. Jorge de Meneses, D. Álvaro Coutinho, D. António de Castro, e D. João de Mendonça, que todos passaram a fazer parte dessa comitiva bem ensinada e bem aguerrida,

> ...só de experimentados
> Que viram largos anos, largos mêses,

como lhe aconselhara Camões.

Batido o pregão, acorreram ao chamamento muitos fidalgos que, dentro das tradições do Portugal de Avis, para lá abalaram a praticar façanhas, a alcançar honra, a ganhar fama.

Veio também bastante povo, algo estúrdio e aventureiro, mas rijo e de boa vontade.

Tudo organizado, vão partir.

D. Sebastião tem instruído longamente D. António, prior do Crato — o seu «honrado primo».

Antes de tudo, certifica-lhe que a missão política e militar é serviço de Deus; depois, reputação do reino, contentamento do

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

rei, honra do vassalo. Em seguida diz-lhe que sempre, «especialmente nas coisas da guerra», se aconselhasse com os capitães de qualidade que consigo levava, ouvindo-lhes o parecer de experimentados. Recomenda-lhe (conhecia-lhe o feitio impulsivo) resguardo nas palavras, propósito nas acções, pois que êste «caso maior» era matéria de segrêdo para a «honra da coroa dêstes reinos» [142].

Prestigiando a pessoa do novo governador africano, confere-lhe o título de «excelência» [143], dá-lhe dilatada jurisdição, e, a ocultas, certos direitos particulares.

Benze-se o estandarte no mosteiro de Santa Maria de Belém; e a 19 de Julho dêsse ano de 1574, abala do Tejo para o oceano a armada de D. António, composta de vários galeões e galés, levando a bordo, além de muitos cavaleiros, mil e duzentos homens de pé.

* * *

Um mês depois, a alguns dias da Assunção de Nossa Senhora [144], outra armada larga de Lisboa com rumo ao sul; esta, porém, é composta apenas de quatro galeras e de algumas caravelas, fazendo sua milícia poucos fidalgos e amigos fiéis que formam parede ao maior de todos.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

¿Que armada é esta? E' a armada misteriosa que D. Sebastião em segrêdo preparara. ¿Para onde vai? Não se sabe!

O rei embarcou em Cascais, acompanhado, no galeão real, de seu tio o infante D. Duarte, do duque de Aveiro, do conde de Vimioso. Reservado, disse-lhes que ia ao Algarve para de lá, mais próximo de África, se entender com D. António, prior do Crato, governador de Tânger; mas no mar alto declara-lhes o seu verdadeiro intento:

— Vou a Ceuta e a Tânger. Quero ver as praças, as águas, as terras, as gentes [145].

E isto mesmo comunicou, por carta régia, aos vereadores de Lisboa.

Assim D. Sebastião não conseguiu sofrear o seu abrasado desejo africano, e, a ocultas, maquinou e organizou uma viagem de estudo directo a êsses lugares de tanto prestígio e valor dos quais (pensava) ainda se não havia tirado todo o proveito comercial, ainda se não avistara todo o alcance político. Quer ver de perto as praças portuguesas, instruir-se da sua posição, da importância das enseadas que as molham, das terras que as cercam, dos montados e dos vales que com elas pegam no interior. Pisar com os seus pés essa terra de África, vê-la com os seus olhos, estudar-lhes, no próprio local, as necessidades e inteirar-se dos préstimos que têm — eis o seu desejo. Enfim, uma viagem de inspecção e instrução.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Na ausência, D. Sebastião nomeia regente o cardeal D. Henrique. Êste, assim obrigado, deixa o sossêgo da sua cela cisterciense, no mosteiro de Alcobaça, e instala-se nos Paços régios, na movediça Lisboa de muitas gentes. Lavrado um solene auto, toma posse dos selos do reino, até que seu sobrinho, regressado, lhos retome.

Surpresos por tão inesperada resolução, muitos comentam desagradàvelmente a temeridade, censurando uns, lamentando outros que se exponha a dinastia ao fortuito de uma tal viagem onde o rei poderá encontrar a morte. Os que o defendem lembram que também D. João I e D. Afonso V levaram para Ceuta, Arzila e Toro seus filhos solteiros, expondo-se todos a morrer.

No clero e nos fidalgos fervem juízos de tôda a espécie, uns bons outros maus. Esboçam-se os primeiros descontentamentos graves; e pelas mentes de alguns portugueses menos portugueses passa aquilo que, um dia, o bispo de Silves insinuara: que tanto se lhe dava dizer *beijo as mãos* como *beso las manos* [146]...

* * *

Nos Paços, o cardeal D. Henrique, alquebrado, face amarelenta e chupada, olhos cerrados, cabeça pendida ao chão, êsse, não sabe

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

dizer palavra. Seu gesto é sempre o mesmo: um desconsolado encolher de ombros. Seu silêncio é sempre o mesmo: fúnebre. E se abre os olhos é para, mudo, os erguer ao alto, na expressão de quem, resignado á fatalidade das coisas, murmura humílimo:

— Cumpra-se a vontade de Deus!

D. Catarina, a rainha avó, recebendo, de súbito, a surpreendente nova, altera-se — ela de ânimo tão sereno.

— Que vai ser! Que vai ser! — exclama atónita.

A avó teme-se pela preciosa vida do neto. Inquieta, excitada, sobressaltadíssima, quer partir imediatamente para África, para, pela insistência dos seus conselhos, pela pressão das suas palavras, pela veemência dos seus rogos e súplicas, convencer o neto a que regresse ao reino. Está fora de si:

— Que lhe aparelhem já, já, uma nau leveira!

Dissuadem-na de semelhante propósito, e ela, depois de muito lutar consigo própria, queda-se transigente. Não partirá. Mas sentando-se a uma mesa, manifesta ao rei, por escrito, numa longa carta, tudo o que quereria dizer-lhe de viva voz, e envia-lha por D. Rodrigo de Meneses, vèdor da fazenda, com êste recado de bôca: que se o neto a não atendesse, ela «passaria a buscá-lo com determinação de acabar a vida onde êle tinha a sua tão perigosa» [147].

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Avó e mãe!

O povo também não compreende inteiramente os íntimos propósitos do bem-quisto rei; mas o instinto adivinha-lhe a nobreza dos desígnios, e, admirador, está certo de que são superiores suas intenções. No entretanto, receia que perigos o cerquem, o maltratem, expondo-o à morte, lá tão longe, no meio dessa mourama renegada! As velhas, condoídas, murmuram:

— Tão novinho! — E, lacrimejando, rezam muitos Padre-Nossos e Ave-Marias a fio.

O clero, preocupado, ordena preces públicas; e há igrejas em Lisboa onde o Santíssimo é exposto todo o dia e tôda a noite, para que as orações dos fiéis sejam permanentes. ¡Como D. Sebastião é estimado, querido, amado!; e ao mesmo tempo, ¡como todos vivem sob o temor dos futuros dias políticos... Porquê? Porque sempre houve por cá almas cobiçosas que de perto estimassem a Espanha...; e por lá quem as atendesse e protegesse...

No meio de tudo isto, tecem-se intrigas diversas; e entre desvairadas vozes uma sobressai — a do despeitado Martim Gonçalves da Câmara, antigo ministro, conselheiro e instrutor, por cujas mãos todos os negócios passavam e que, dizia-se, tivera império no ânimo do rei. Êle, como homem de Estado, e por seu ascendente, julgava-se com direito à regência que D. Sebastião incumbira a seu tio

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

o cardeal D. Henrique. E, vencido e aborrecido, «parecendo-lhe ser menos estima da sua honra sujeitar-se ao novo regente» [118], vai enclausurar seu despeito amarelo e seu amuo de político numa cela do convento dominico de Bemfica.

* * *

Em África, neste intervalo de tempo, D. Sebastião, todo êle, foi frémito de alegria ao pôr, pela primeira vez, seus pés cristãos em terra infiel de mouros, mas também terra sagrada pelas conquistas religiosas dos portugueses— prestigiosos lugares pisados por seus avoengos D. João I, D. Afonso V, D. João II, por grandes fronteiros, por soberbos capitães, — terras de façanhas e brilhos épicos.

D. Sebastião instalou-se na peninsulazinha de Ceuta, de casario branco alcandorado em sete colinas verdes reflectidas nas suas duas enseadas em concha azul. Fôra recebido pelo senado, que submissamente lhe entregara as chaves da praça, e pelos trinos, que, em festas de igreja, prègaram sermões congratulatórios. D. Sebastião entrara na Ceuta de D. João I e dos infantes D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, sob pálio e entre clérigos a entoar o «Benedictus».

Demorou-se. Estudou a vila e viajou pelas comarcas do arredor. Daí escreveu ao duque

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

de Bragança, ordenando-lhe que fôsse ter com êle, acompanhado de grande número de vassalos. Queria estar prevenido com muita gente.

Passam-se dias. De vez em quando, D. Sebastião, no meio de luzido séquito, caça feras nas devesas, bate montados, muito sentindo não poder escaramuçar com mouros!

E já o espanto se espalha nas paragens do norte africano; já o prestígio dêste rei audaz semeia grandes famas entre aqueles povos esmagados, desde séculos, pelo terror que causava o auriflamado nome português.

Um mês depois, D. Sebastião, em viagem costeira, à vista da avantesma do morro abrupto de Gibraltar, dos montes rapados de Algeciras, da ponta verde de Tarifa e, à esquerda, os esfumos de Alcácer-Ceguer, arruma a Tânger, onde já tinha chegado o duque de Bragança com seus seiscentos homens de cavalo e dois mil infantes, postos em pé de guerra a expensas suas. Logo lhe encantou os olhos a pitoresca vilinha moura, em montículo de enormes cubos caiados, sobranceiros à enseada muito azul e redonda: uma Coimbra posta na baía de Cascais.

Aí, depois de ouvidas opiniões várias, e parecendo a D. Sebastião que tinha sido menos viva a acção de D. António, prior do Crato, retirou-lhe o govêrno e deu-o a D. Duarte de Meneses, herdeiro daquele outro grande ca-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

pitão do mesmo apelido, que fôra o primeiro fronteiro de Ceuta, e D. João I nomeara.

O arrebatado D. António indigna-se, destempera e abala para o reino.

D. Sebastião passa em Tânger todo o mês de Outubro, estudando extensamente esta matéria: África.

Vendo aquela turba-multa de gentalha moura — sórdida plebe de figuras sêcas, olhos mendigos, barbichas negras mal semeadas em faces mates, — teve a impressão que bastariam alguns assaltos para desfazer essas chusmas, algumas correrias para pôr em debandada semelhantes maltrapilhos. Por milhares que fôssem, poucos portugueses correriam com êles — pensava. Assim fôra sempre, assim seria agora. Então compreendeu o símbolo daquela varinha de oliveira brava que, para reger tal populacho, empunhara o conde de Viana, ao tomar conta da primeira alcaidaria de Ceuta. Isso bastava.

Impunha-se limpar a África do norte dessa imunda mourama que só tinha simpática a expressão dolente dos olhos nostálgicos e resignados.

Neste comenos, uma tarde, correm a dizer ao rei que nos cabeços dos montes ao sul de Tânger surgiram grandes massas de cavalaria moura. D. Sebastião, para certificar-se, sobe à alberrã da fortaleza da velha Tânger, de onde

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

se vêem ondas de esverdidos montados africanos, a baía azul, o mar; e ao longe, mal se avista, em névoa, a costa de Espanha. São os numerosos corpos de cavaleiros do xerife (uns cinco mil) comandados pelo alcaide Hamu-Benanza, vizo-rei de Mequinez. D. Sebastião exulta! Enfim, vai pelejar! Rápido, pôsto nas mãos de D. Francisco Castelo-Branco o guião do arcebispo de Lisboa, e plantando-se à frente de todos os seus, uns mil, sai o rei de Portugal até o campo dos Pomares, a uma légua dos muros de Tânger, e logo se defronta e pronto se atira destemido contra os mouros, aproveitando o resto da tarde em refrega dura. Mas vem a noite que, entre mouros, é voz de armistício. Suspendem. Os nossos retiram. E quando, no adivinhar do dia seguinte, os portugueses voltaram ao campo para continuar a peleja, viram que o inimigo havia debandado! Então D. Sebastião entra na antiga mesquita transformada em igreja católica e eleva orações de graça; e o dia passou-se todo em descantes e bailéus populares, e os senhores fidalgos correram canas.

Em volta, a turba-multa arabe, de mancha colorida e pitoresca, acocorada no chão, com os joelhos à bôca, assistia pasma e submissa, à alegria vitoriosa dos portugueses.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Esta visita instruiu largamente D. Sebastião. Aí estudou de perto os problemas políticos, militares e comerciais dessas colónias; e, entre várias ideias, firmou-se nesta: precisávamos de conquistar, pelo menos, uma extensa zona de terreno onde pudessem criar raízes as praças fortes do litoral, tão abandonadas de reforços interiores. Sem tal expansão, não estava assegurada a sua importância, nem firme o seu poder.

Enfim, inteirou-se; e porque o inverno se aproximava, resolveu regressar ao reino, sabedor agora do que era a terra mauritana, qual o seu aspecto, qual o ânimo e o valor da gente sarracena, o que tudo o confirmava nas ideias que disso antes tinha. ¡E como essas águas eram lindas! Dos seus olhos não saía o cetíneo azul da luminosa enseada de Tânger, e, sobranceira à praia fulva, a mancha da pinha de casas brancas com terraços recortados em céu de cobalto ferrete.

Em Portugal esperam-no em doloroso anseio. Era em fins de Outubro. O levante bravo de travessia atira as naus do Estreito às costas de Espanha. Bate-sé com as vagas encapeladas o galeão «São Martinho» onde embarcaram o rei e vários fidalgos, entre os

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

quais o duque de Aveiro. Noutros galeões, veem o infante D. Duarte e a sua comitiva. O vento rijo, em fúria doida, espalha pelo mar, distanciando-as umas das outras, as várias naus desta fidalga armada. O tempo piora cada vez mais. Levanta-se tempestade. Na dura tormenta, jogada ao mesmo tempo pelo leste e pelos ventos do norte, os navios são impelidos para o Atlântico e descem em rumo às ilhas de Porto-Santo e Madeira. O mar está encapeladíssimo: serras de ondas, vales profundos! O vento furioso esfusia e brame desabrido. Cada vez mais violento, é agora furacão, que geme nas gáveas, ruge nas cordoalhas, rasga as velas, e estilhaça os mastros. Ondas galgam a nau, de bombordo a estibordo, ou quebram-se, com ribombos de trovão, nos bojos dos navios, ora empinados nas vagas-montanhas, ora a pique nas cavas--abismos. E no meio de todos os homens com os cabelos em pé e olhos pávidos em rostos sem pinta de sangue, uma face há rosada, absolutamente serena e alegre, a regozijar-se no perigo: — a de D. Sebastião.

O temporal estende-se até às costas de Portugal. O Tejo engrossou e tempestuou. Em Lisboa, sob o pesadume das incertezas angustiosas, correm as mais trágicas novas:

—Perdera-se tôda a armada e com ela o rei, o infante, os fidalgos, os cavaleiros!

Horror!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Há dores, há pranto, há gestos desesperados. Já se grita nas ruas. Mulheres e homens fazem penosos votos. As almas arrastam-se contritas. As igrejas enchem-se de povo. Sobem ao céu fervorosas rogações a Maria Santíssima, «pelas cinco chagas de Cristo»! As gargantas opressas, clamam lacrimosas e soluçantes:

— Senhor, dai-nos o nosso rei!

Ouve-se fora bramir a tempestade. E o povo geme:

— Senhor, trazei-o a salvamento!

E as noites passam-se em dolorosíssimas insónias que extenuam corpos e almas.

Dias depois, quebra-se um pouco a raiva dos ventos, e as águas amansam-se. Há alívios na dor de Portugal. Bruxuleam esperanças.

A derrota das naus, rumo à pátria, tem-se feito a custo da Madeira à costa algarvia. Já largam de Sagres para Lisboa. Mas outra vez as águas se alteiam, se revoltam. Nova tempestade. A nau que trazia D. Duarte alcançara Lisboa. Porém a galé para onde o rei se mudara, é acossada pelo sudoeste em pôpa, que a atira violentamente para o norte, na fúria da tormenta. Na galé de vêrgas partidas, desmastreada, alagada, o pano rôto, uma borda adornada até o lume de água, o terror enrejela e petrifica a todos. A marinhagem reza ao «Senhor dos Navegantes» e prepara-se

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

para morrer. Mas na amurada, D. Sebastião em pé, os olhos cravados no negrume do céu baixo e nas ferveduras do mar em cachão, imperturbàvelmente saboreia os uivos da tempestade, os ribombos das vagas nos costados da galé, que range e se desconjunta; e quanto mais o frágil lenho se empina de prôa à pôpa, se mergulha da pôpa à prôa, se balouça de bombordo a estibordo, de estibordo a bombordo mais êle goza a volúpia estranha do perigo iminente![149]

Em Lisboa, ante o recrudescer do furacão, alguns homens há, de espírito desfalecido, que se vestem de luto, certos da morte do rei. Outros, porém, obcecados de amor e de admiração, não se convencem de que êle se tenha perdido, de que jamais se possa perder, por não compreenderem a morte dos seus ídolos. D. Sebastião é daqueles que não morrem nunca! Nas almas dos seus devotos a esperança é uma flor robusta; e, confiados, sobem todos os dias aos pontos altos da cidade, a espreitar os longes da barra, a escogitar os horizontes, com ânsia clareada de esperança, repletos de admiração pelo seu rei a quem já prestam culto. Esperam, esperam. Êle virá!

Nisto, certa manhã de Novembro, de alvadia bruma, surge, no polvilho branco do nevoeiro luminoso, a mastreação e o bordo alto da nau suspirada. Sobe o rio. Doida de alegria, que se orvalha com lágrimas felizes, tôda Lisboa acorre pressurosa aos cais de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Santos, da Ribeira, do Tojo e de Xabregas, para dar as boas vindas ao seu rei. Os sinos tocam em tôdas as tôrres. E D. Sebastião, surto do nevoeiro, e que essa cerração, vaga como um sonho, inicia, prematuramente, na Lenda e no Mistério do «Encoberto», é acolhido no sacrário dos corações lusos. Nesse dia de júbilo intenso a alegria chorou em Portugal!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XVII

A GUERRA DE MARROCOS

No regresso, largamente informado de muitas cousas, cresceu o seu entusiasmo pela conquista do norte de África e sua ânsia guerreira afervorou-se ainda mais. Os poetas, aplaudindo-lhe o ensaio, excitavam-lhe o ardor de combatente. Diogo Bernardes diz-lhe que o esperam vitórias:

> ... nos largos campos africanos,
> Onde mil soberanos
> Triunfos, déle dignos,
> Lh'ordena a fatal sorte,
> Com grande estrago e morte
> De brutos, mal nascidos sarracinos,
> Que de si despejados,
> Os currais deixarão cheios de gados! [150]

E o grande Camões, numa elegia de louvor ao capitão de Tânger, Pedro da Silva, aplaude,

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ainda uma vez, D. Sebastião a quem chama «rei valente» e profetiza-lhe façanhas gloriosas:

> Aonde o ínclito rei de motu seu,
> Movido pelo 'spírito, que o guia
> A maiores proezas, que a Theseu [151].

E assim, cada vez mais a alma do rei de Portugal se entumece de furor. O olhar fito nos longes do seu sonho, D. Sebastião avança firme, sereno, através de várias intrigas que, no seu regresso de África, encontrara nos Paços da Ribeira e nos de Xabregas, onde pousa a rainha-avó D. Catarina.

A tudo isto êle sorria, como às apreciações ouvidas ou lidas àcêrca da sua emprêsa, desde as do dr. António Pinheiro que num sermão em Tânger, cara a cara, lhe dizia que voltasse ao reino, pois que essa praça «lhe não podia prometer felicidade, quando nela tinham experimentado fortuna adversa D. Afonso V e os infantes seus tios D. Henrique e D. Fernando»; até os avisos do sensato D. Jerónimo Osório em carta dirigida ao rei: «grandes feitos se não podem executar sem grandes apercebimentos, os quais se não podem fazer em pouco tempo, como são mantimentos, munições, muita gente e maior continuação de exercícios de guerra [152].»

Não obstante o espírito de D. Sebastião sempre voejar por altos de luz, arredio de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tudo que fôsse acção rasteira, baça e morosa, não caíram em cesto rôto êstes e outros conselhos do bispo de Silves. Atendendo-o, D. Sebastião aparelhava-se com tudo que era necessário para tal guerra; e ouvindo-o ainda no que dizia respeito à melhor oportunidade («convém esperar conjunção de discórdia, que não pode tardar entre mouros, e não qualquer discórdia, mas discórdia ensangüentada») [153], punha-se à cata de um propício momento «sangrento» para agarrar a ocasião pelos cabelos. E tinha como certo que a intervenção do seu socorro a mouros desavindos daria como resultados políticos ficar o rei de Portugal «senhor dos vencidos e dos vencedores», como naquela carta lhe afirmava D. Jerónimo Osório, e êle achava bem.

Mas o risco dos grandes empreendimentos, que o prudente bispo lhe apontava, êsse, longe de o intimidar, espicaçava-lhe a alma, sempre ardorosa, sempre gostosa de luta, sempre jubilosa nos perigos. Se um São Luís, rei de França, fôra cativo de infiéis e morrera de peste em adustas terras africanas (como o senhor de Silves lhe apontara) tal morte considerava-a D. Sebastião honrosa, por ter sido em emprêsa santa. E mais uma vez dizia para si o verso de Petrarca, que sabia de cor:

Un bel morir tutta la vita onora.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Mas êle estava convicto do triunfo, pois, como o seu conselheiro lhe escrevia, acreditava que «não faltam favores divinos» aos «grandes espíritos acompanhados de grandes esperanças» [154], e êste era o caso do rei de Portugal, em tudo confiado em Deus, seus olhos postos no céu.

* * *

Ao encontro da ambição africana do soberano português veio o incidente da guerra entre Molei-Mohâmede, rei de Fez e de Marrocos, e seu tio Molei-Moluco que lhe usurpara a coroa.

Morto Abdalah, seu filho Molei-Mohâmede, representante da dinastia Sádida, instala-se no trono de Marrocos; mas logo seu tio Molei-Moluco, então em Constantinopla, corre a Argel, para o destronar, ajudado pelas tríbus mercenárias dos Kabislas e por soldados do bey e do Grão Turco, que, desta maneira lhe paga seus auxílios na batalha de Lepanto.

Em Tremecém ajunta-se-lhe seu irmão Molei-Hamete. Levanta-se um grande clamor de guerra em tôda a Berbéria. Estão em pé de batalha as cidades, as vilas, os aduares. De joelhos em terra, braços no ar, os crentes voltam-se para Meca. E velhos morabitinos abismam-se no Alcorão.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

De parte a parte, organizam-se exércitos de milhares de cavaleiros, lanças e arcabuzes. Os dois inimigos avançam um para o outro e encontram-se, com suas numerosas gentes armadas, em Er-Roken, nas terras de Beni--Uaretsîn. Lutam. As fôrças equilibram-se. Mas, à última hora, o traidor capitão andaluz El-Dogali passa-se para Molei-Moluco, e Molei-Mohâmede, vencido, foge.

Tempos depois, há um novo encontro dos dois exércitos em Mothe d'Arrajahan, e nova derrota de Molei-Mohâmede que se refugia em Montes-Claros, entre salteadores e bandidos [455]. O príncipe destronado busca então aliados na Ásia e na Europa e, em especial, na Península, que o auxiliem a readquirir o seu scetro. Dirige-se primeiro ao sultão de Constantinopla, depois pede ajudas a Filipe II, por fim, ao rei de Portugal.

Sempre os mouros do norte de África, depois do desmembramento do império da Berbéria, em reinos, regularias e alcaidarias, vinham vivendo em contínuas testilhas; e, volta e meia, rebentavam guerras civis entre os reis de Fez, de Marrocos, de Tafilete, de Tremecém, e os pequenos senhorios livres de Sus, e Dra, e ainda entre os alcaides de aduares e cabildas, à bulha com seus vizinhos.

D. Sebastião vê que êste é o melhor momento para, intervindo na contenda, dela tirar vantagens para suas emprêsas africanas. Era a tal

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

oportunidade apontada pelo bispo de Silves: «a conjunção da discórdia», semelhante àquela aproveitada pelo seu avoengo D. João I, na conquista de Ceuta, quando os Abde-el-Suaditas investiram contra o sultão de Fez, ameaçado da invasão dos seus estados por Abú-Malek, sultão de Tremecém. Situação análoga às das dissenções políticas africanas, de que o infante D. Henrique se aproveitou na sua expedição a Tânger, quando, após o assassínio de Abú-Saíde, seus irmãos se guerreiam para ocupar o trono, luta à qual se seguiram tais perturbações que a Berbéria caíu em anarquia, fraccionando-se o império nos principados de Fez, Marrocos e de Sidjelmasso. Igual fôra a questão entre Molei-Zião, rei de Mequinez destronado por seu irmão rei de Fez, incidente de que D. Manoel politicamente se serviu. Repetia-se a circunstância que quarenta anos antes provocara a expedição de Carlos V contra os maometanos de Tunis, quando Molei-Hácem, expatriado dos seus domínios pelo corsário Barbaruiva, pede auxílio ao grande imperador. Carlos V aproveita a oportunidade para, dando ajudas ao príncipe, limpar de corsários as águas mediterrâneas, bater os mouros, e dilatar o seu império [156]. Era o caso de D. Sebastião que em tudo tinha por modêlo o grande rei, cujas *Memórias* [157] muitas vezes lia, e tinha como seu catecismo político.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

O rei de Portugal não procedia, pois, à toa, mas guiado pelos exemplos de grandes reis como D. João I, e D. Manoel, de grandes infantes como D. Henrique, de grandes imperadores como Carlos V; e, repetindo o que êles fizeram, pretendia ir em pessoa à frente do seu exército.

* * *

D. Sebastião pensa e repensa. Meditam nêle três homens: o *místico* ardente por esmagar infiéis; o *político* ambicioso de estender o seu reino por África dentro; e ainda o *cavaleiro* a quem apraz defender um afrontado.

Mas velhos fidalgos há que, preocupados com as incertezas da emprêsa, se encolhem, timoratos uns, excessivamente prudentes outros.

Cogitam:

— E' um risco!

Afirmam:

— E' um perigo!

Alvitram:

— ¿Se nós o dissuadíssemos da aventura?

— Como? ¿Qual a pessoa que, neste momento, influi no espírito do rei? Nenhuma!

No entanto, criaturas insistentes metem no negócio o seu privado Cristóvão de Moura, que pronto lhes responde:

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

— ¿Como tirá-lo de tão arraïgado pressuposto? [158]

Sim, ninguém o desvia. E' uma scisma quási nascida com êle. Bebeu-a no leite. Na infância, entrou-lhe na alma; na adolescência, pela educação que lhe deram, pela ilustração que lhe fizeram — instalou-se definitivamente nêle, e, consolidada, faz parte do seu ser.

Agora lá vai o rei de Portugal negociar a aliança de Filipe II que também tem interêsses na África do norte. Ontem Sebastião por Filipe; hoje Filipe por Sebastião. Esta liga contra os mouros estender-se-ia ainda contra os turcos que ajudaram Molei-Moluco nas suas emprêsas. Afigurava-se-lhe que mouros e turcos eram um perigo comum para nós-outros, povos da Ibéria — perigo religioso e polftico. O problema é peninsular.

Aliemo-nos, portanto. Assim firme e justamente pensa o rei de Portugal [159].

E' seu embaixador em Madrid D. Duarte de Castelo-Branco, mas D. Sebastião prefere dar suas instruções de bôca a enviá-las por escrito, e por isso vai mandar um ministro extraordinário a seu tio, rei de Castela. O escolhido é Pedro de Alcáçova Carneiro, experimentado homem público, antigo secretário de seu avô D. João III. Êste nome fôra insinuado a D. Sebastião, como de pessoa idónea, pelos

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

seus privados Cristóvão de Távora e Luís da Silva, na melhor boa fé.

As instruções que lhe dá são nítidas:

Os reis de Portugal e Castela devem defender-se do mouro, inimigo comum em África, e do turco no Mediterrâneo, pois se êles tomassem posse das praças costeiras que aí tem Portugal e Castela, muito dano nos poderiam causar com as suas armadas poderosas.

O norte africano devia ser pertença peninsular.

Solicitar de Filipe II uma ajuda como, doze anos antes, Portugal lh'a deu a êle, concorrendo com uma armada de galeões, caravelas e fustas, quando o rei de Argel pretendeu conquistar a Castela as praças de Orão e Mazalquivir, e, depois Penhão Velez.

Firmar uma aliança para defesa dos interêsses comerciais dos dois povos, e, em especial, contra a pirataria do Estreito e da bôca do Atlântico [160].

Por fim, o embaixador entabularia uma negociação de outra espécie: o pedido da mão da princesa D. Isabel Eugénia Clara, filha de Filipe II, para o rei de Portugal. Casar? Sim. D. Sebastião punha agora o seu dever de rei político acima daquele anelo de paladino místico, que enlevadamente sonhara entrar virgem no campo da batalha.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

• • •

Assim instruído, mal chegara a Madrid, começou Pedro de Alcáçova suas conversas com Filipe II. Foram demoradas e, por vezes, menos claras. Parece que não se entenderam, ou que fingiram não se entender. Não admira. E' provável que o embaixador português não quizesse desagradar ao rei de Espanha nem êste a uma pessoa que já estava no rol dos seus atraídos e que êle, quatro anos depois, havia de fazer conde da Idanha... O rei de Espanha manda então conferenciar com o embaixador de Portugal o sagaz duque de Alba e o prático prior D. Antônio de Toledo, seu estribeiro-mor.

Pedro de Alcáçova falou da guerra de África, justificando e defendendo os pontos de vista de D. Sebastião, firmando que, nesta matéria, os interêsses do rei de Portugal eram semelhantes aos do rei de Castela, pois sempre o mouro foi e devia ser considerado inimigo comum dos peninsulares.

O álgido duque de Alba ouvia-o em silêncio, à espera que o Alcáçovas expusesse nítidamente as suas pretensões; mas êste, por já saber que Filipe II não concordava com a guerra, não se atreveu a atacar o ponto principal: o pedido das ajudas. Também não queria falar do casamento de D. Sebastião, que reservava

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

para o fim — para o caso de não conseguir as boas disposições do rei de Espanha na questão da guerra de África. Não se abria. O duque de Alba chegou a dizer-lhe com uma pontinha de impaciência:

— Mas diga o embaixador o que pretende.

O Alcáçova ladeou ainda. Sentia que lhe falhava o terreno. Ficaram por ali.

Numa nova sessão, mais agitada, discutiu-se vivamente a intervenção de Portugal e Castela na guerra contra Molei-Moluco. Disputaram muito, discordaram. Pedro de Alcáçova, considerando-se vencido, deu, nesta parte, por finda a sua missão.

O assunto seria tratado directamente pelo rei de Portugal, que, acrescentou, muito desejava conversar particularmente sôbre o caso com o rei de Castela. Restava-lhe ainda um outro artigo desta conferência: o casamento de D. Sebastião com a princesa Isabel Eugénia Clara. A isto foi respondido que era caso para ouvir o rei de Espanha. Assim se resolveu, e D. António de Toledo, do conselho de Estado de Sua Majestade, apresentou êste anúncio a Filipe II que com êle concertou uma resposta por escrito onde havia estas frases:

«Que Su Magestad holgará mucho de ver al Serenissimo Rey de Portugal su sobrino, a quien siempre ha tenido, y tiene por hijo, y que Su Alteza conosca de Su Majestad este amor.»

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

. . . . . .

«Que siendo este negocio (Larache) tan commun a entrambos, Su Majestad haviendo disposicion hará en el lo que piensa hazer en todas las cosas, que tocaren el Rey su sobrino.»

. . . . . .

«A cerca del casamiento del Serenissimo Rey de Portugal Su Majestad holgará de dar una de sus hijas, por lo que la desêa servir.»

. . . . . .

«Que esto por agora és secreto.» [161]

Recebida esta resposta escrita, e combinado que a entrevista dos dois reis se realizaria muito brevemente no mosteiro de Guadalupe, na próxima festa do Natal, — voltou Pedro de Alcáçova ao reino de Portugal, e D. Sebastião, tenaz em seu propósito, ficou satisfeito, confiando em que por sua acção pessoal, êle, portador da fé, do entusiasmo e da lealdade, conseguiria o que os seus serenos embaixadores — D. Duarte Castelo-Branco e Pedro de Alcáçova — não haviam obtido do frio rei de Castela.

Iria!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XVIII

«O DEMÓNIO DO MEIO DIA»

Filipe II não desconhecia a antiga e herdada má vontade portuguesa à Espanha, e as opiniões que corriam entre as gentes de cá a respeito desta entrevista da qual os homens-bons receavam que D. Sebastião voltasse desatendido e vexado. Certo disto, o sereno Filipe II, sempre com os olhos em Portugal, e dentro da sua hábil política de atracção, que, a ocultas, já vinha exercendo e cada vez mais exerceria, desdobrou-se em atenções primorosas, requintes e extremadas galanices para com o seu hospedado. Começou por dar ordem aos fronteiros e alcaides que recebessem o rei de Portugal com o máximo respeito, homenagem, estima e cortesia, «como se o recebessem a êle próprio»; e que todos os povos por onde a comitiva portuguesa passasse lhe oferecessem, gratuitamente, mantimentos em abastança.

Partiu Filippe II de Madrid para Guadalupe;

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

e, logo aí, êle mesmo escolheu para D. Sebastião os mais amplos e cómodos aposentos que havia no mosteiro, os quais mandou adornar com guarda-portas de veludo, bofetes de pau santo, cadeiras de guadamacins e leito alto aparelhado de olandas finas bem obradas. Ao mesmo tempo, em contraste, austeramente reservava para si uma simples cela de frade, como a dispor-se, vinte anos antes, para a estreiteza e nudez dos seus severos aposentos de algum dia no soturno Escurial.

Ia em meio o mês de Dezembro [162]. O tempo estava frio, mas sêco.

A comitiva de D. Sebastião era numerosa e lustrosa de fidalgos, porém unicolor e baça no aspecto grave, por todos vestirem simples gibões de pano preto, sem enfeites, acompanhando, nesta aparência de dó, o luto que ia na côrte de Castela pela morte de Maximiliano II de Áustria, sogro de Filipe II.

Além de todos os oficiais da casa real, seguiam o rei, entre outros principais, o velho D. Álvaro da Silva, conde de Portalegre, seu mordomo-mor; conde de Sortelha, seu guarda-mor; o esbelto D. Jorge de Lancastre, duque de Aveiro, — um gentil-homem; Francisco de Sá; o sumilher Luís da Silva; o antigo ministro de D. João III, Pedro de Alcáçova; Cristóvão de Távora, privado do rei; D. Luís de Meneses, alferes real; e, como secretário da puridade, — Miguel de Moura.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

O rei de Portugal foi por Aldeia-Galega, Landeira, Montemor, Évora, até à fronteira de Elvas, onde já estava o correio-mor de Castela e um aguazil com bons cavalos de sela, mandados por Filipe II. Em Badajoz era D. Sebastião esperado à porta da cidade, do lado de lá da longa ponte de muitos arcos, pelos «Vinte e Quatro» do govêrno, que, precedidos de cem alabardeiros e de um sargento-mor, o conduziram a cavalo, sob pálio de damasco branco orlado de preto, de vinte e quatro varas doiradas, altas como guiões, a que pegavam os vereadores. À rédea, o estribeiro Cristóvão de Távora.

No átrio da sé gótica, recebeu-o, de mitra e báculo, o bispo e seu cabido, acompanhando-o até à capela-mor onde se entoou um festivo «Te Deum Landamus» muito sonoroso e contrapontado.

Dormiu em Talavera, em casas de paredes colgadas de panos de oiro e seda; e como era em Dezembro e fazia frio, havia nos soalhos, de taboado ou tejôlos, enormes braseiras, umas de cobre vermelho, outras de prata brunida, com brasas vivas de cepas podadas nos oiteiros de Mérida.

Em Medelim, Madrigalejo, Venda-da-Lagana foi sempre de festa esta jornada de sela, saindo-lhe ao encontro gentes curiosas de vêr el-rei com a sua comitiva, a quem acenavam com seus sombreiros e gorras, festejando-o com

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

gestos cordiais e palavras de agasalho e bem-querer. Ao longo da caminhada, tudo fôra de antemão aparelhado para faustosa e amistosamente receber o rei; e as pousadas, com camas prontas e criadagem à espera, tinham as estrebarias bem fornecidas de forragens para as alimárias, e os eguariços a postos.

Doze dias depois da abalada de Lisboa, chegava D. Sebastião às serranias de Guadalupe, em despenhões e fragas violáceas, dentadas de neve em céu de azul frio. Era na ante-véspera do Natal. Enregelava-se.

A meia légua do mosteiro, esperava-o Filipe II, cercado dos seus. Ao vê-lo próximo, saiu do côche doirado, e logo D. Sebastião e os da comitiva pararam e se apearam dos cavalos. A pé, os monarcas foram um para o outro. O rei de Espanha abraçou o rei de Portugal, três vezes, beijando-o na face direita. E sua tez saturnina e seus olhos brancos e parados esforçaram-se por agradar. Tratou por majestade o sobrinho e deu-lhe as boas vindas com palavras afagosas. D. Sebastião, altivo, olhando-o a fito com seus olhos azuis e liais, respondeu:

— «Senhor: muitos tempos há que desejava que Nosso Senhor me fizesse esta mercê que hoje, por via da Virgem Nossa Senhora, consigo» [163].

E enquanto D. Sebastião falou, os olhos

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

agudos e disfarçados de Filipe II varavam os do seu régio e devoto sobrinho.

Fizeram as apresentações D. João da Silva, embaixador de Castela, à mão esquerda de Filipe II, e Cristóvão de Távora que dava a direita a D. Sebastião. Todos foram mesurados e sorridentes uns para os outros. Filipe II engraçou com a juventude florida do duque de Aveiro, abraçou-o, e, delicado, preguntou-lhe pela mulher [164]. Prestou cortês reverência ao velho conde de Portalegre, mordomo-mor, e para todos os demais fidalgos foi muito pação em palavras e maneiras. Diante de D. Sebastião tinha-se descoberto D. Fernando, o famoso duque de Alba, como o duque de Aveiro se descobrira diante de Filipe II. Porém, ambos os reis lhes rogaram, como aos demais títulos e principais, que pusessem nas cabeças suas gorras de veludo. Depois, partiu o côche do rei de Espanha, que levava à sua direita o rei de Portugel — «mão direita que sempre lhe deu nas igrejas, casas, ruas, e finalmente em tôdas as vistas (entrevistas), mandando além disto a todos os fidalgos que em tudo reconhecessem primeiro a el-rei D. Sebastião que a êle» [165].

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

No mosteiro jeronimita continuaram as cerimónias, mui extremadas, de Filipe II para o seu hóspede, pois êle «em certa maneira andava buscando todos os modos de venerar e honrar aquele sobrinho, como cabeça digna de grandes coroas, e ser honrado de uma dignidade acima dos outros reis, e a acatá-lo com o acatamento que sua pessoa merecia. Sobretudo lhe desejava fazer todos os gasalhados e procurar os gôstos, mostrando-lhe entranhas de paternal amor e magnificências de ânimo real, nas grandezas de honra que fazia».

Igualmente era Filipe II cuidadosíssimo no tratamento que dava aos demais portugueses da comitiva: «Andavam os ministros de el-rei de Castela com extrema abastança de mantimentos, com cargas pelas ruas e portas dos portugueses, oferecendo a cada um o que havia mister e queria, sem conto nem medida, dando as galinhas e perdizes e outras cousas a montes, e assim cevada e palha para as cavalgaduras» [166].

As afabilidades eram cada dia e a tôda a hora. Uma vez vai o rei de Portugal comer na cela despida do rei de Espanha; outra vez vem Filipe II tomar a comida nos aposentos ataviados de D. Sebastião, «nas quais comidas de tanto contentamento de ambos, e represen-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tação de pessoas, pareciam inflamadas em amor, bebendo um à afeição do outro, transformando-se os corações entre si: o de el-rei de Castela com alegria de ter à sua mesa um sobrinho, rei de tão altos merecimentos, e o de el-rei de Portugal com sumo acatamento de um tio, rei tão poderoso em estados, e grandioso em magnificências como pai».

E como Filipe II praticava com D. Sebastião, igualmente praticavam os fidalgos castelhanos, esmerando-se em honras e cortesias, com os fidalgos portugueses.

* * *

Estavam frente a frente dois homens grandes: um na astúcia, na serenidade, na reserva; outro no fervor místico, no ardor guerreiro, na beleza cândida das suas intenções perfeitas. Duas almas diferentes: a do político e a do paladino. Aquele, Filipe II — 49 anos, baixo, pouco de corpo, pele azeitonada, olhos vítreos e frios [167] — é dono da península hispânica, com excepção de Portugal, rei de Castela, de Nápoles e da Sicília; soberano dos Países-Baixos, duque de Milão, senhor do Franche-Comté, do México, do Perú, de Orão, de Tunis, das Antilhas, das Canárias e de outras ilhas. Sua voz política impunha-se nos négócios da Itália dividida em pequenos estados;

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

e a Alemanha e a Áustria eram suas aliadas e parentas. Um potentado!

Sagaz e sereno, tinha tôdas as artes e boas manhas de que os políticos precisam para viver com homens a quem só movem interêsses, ambições ou vaidades, e com nações igualmente egoístas e só egoístas.

Êste outro, D. Sebastião, — branco de pele, ruivo o cabelo, olhos azuis, 22 anos fortes e espiritualizados — tinha a alma transparente dos bem intencionados, a alma fresca e jovial dos castos. Vivia no sonho altaneiro de engrandecer a sua pátria, a ela se dando com religião, loucura guerreira, honra e galhardia.

Estão frente a frente dois homens notáveis, porém opostos. Ambos vestem gibões de veludo preto; ambos têm íris claras; e ambos se olham nos olhos à procura das almas. Mas a de um é clara e exposta como a luz do dia; a do outro sombria e refechada como cofre. Uma é praça sòlheira; outra, enviesada betesga noturna.

Os olhos de Filipe II perfuram; os de D. Sebastião vêem apenas quanto lhes permite ver um sonho interposto.

Assiste o sêco e amarelo duque de Alba, de olhos claros, de porcelana, serventes de uma alma gelada, e também alguns capitães da privança de Filipe II.

D. Sebastião fala primeiro. Filipe II sentado, o olhar firme, a mão esquerda pinçando a bôca

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

fria, ouve sereno e em profundo silêncio as palavras do seu jóvem e arrebatado sobrinho. Com calor, diz o rei de Portugal que é um perigo para os peninsulares a entrada dos turcos na Berbéria. As ajudas que êles tinham prestado a Molei-Moluco haviam de ser pagas. Se êles reservassem para si portos como o de Larache, turcos e mouros, aí instalados, muito nos poderiam incomodar e prejudicar. As costas do Algarve e de Andaluzia ficariam expostas a diversas sujeições. Ora as portas ocidentais do Mediterrâneo deviam pertencer-nos para nos dar a liberdade do comércio das naus do Levante e do Atlântico, que demandam a barra de Lisboa e os portos da Andaluzia. Com praças nossas no norte de África, segura ficaria a navegação das frotas da Índia, Brasil, Canárias, Açores e Madeira, e livre o Oceano para o tráfico dos flamengos, dos alemães, dos inglsees, dos franceses, e, de uma vez para sempre, essas águas varridas da pirataria que as infestava. Precisava, pois, D. Sebastião, se não de uma aliança para coisas de África, pelo menos de uma ajuda militar do rei de Castela para a expedição que ia empreender, indo êle próprio no comando geral.

Também a causa religiosa muito imperava na sua consciência de príncipe cristão, que entendia dever continuar a obra dos reis portugueses e castelhanos, que de todo o tempo

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

vinham limpando as Espanhas dos mouros, atacando-os em terras peninsulares e ainda, além, nos montados e areais africanos.

Êste o primeiro motivo da entrevista; o segundo, o seu casamento com a princesa de Castela Isabel Eugénia Clara.

Terminou.

* * *

Era certo que convinha a portugueses e espanhóis serem senhores do Estreito, sobretudo à Espanha que já tinha o outro batente da porta — Gibraltar. Eram pontos de defesa da navegação e do comércio; eram postos estratégicos em caso de guerra. Para Portugal era o Algarve de além-mar; para a Espanha, a outra-banda de Granada e Andaluzia.

Evidentemente que, sob todos os aspectos, interessava à Península a posse desta parte do norte de África. Mas Filipe II, além de não desejar o engrandecimento de Portugal nem àquem nem além mar, não queria correr o risco de semelhante emprêsa que se lhe afigurava custosa, perigosa, temerária, e, sobretudo, dificílima de manter. Lembrava-se do que acontecera a seu pai Carlos V no dia imediato ao da conquista de Tunis. Não, não queria arriscar-se. Preferia que a experiência fôsse feita por outrem, por D. Sebastião, sabendo, depois, êle rei de Es-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

panha, tirar proveito dos resultados dela, quer fôssem felizes, quer fôssem desastrados. No primeiro caso, jogaria com a mão da princesa de Castela, que D. Sebastião acabava de lhe pedir, e saberia ser um esperto sogro político. No segundo, astuto, manobraria os homens públicos de Portugal, de antemão certo da fraqueza em que cairia esta nação, após o tremendo desastre, pois demais estava êle informado do estado das coisas portuguesas e de como iam os nossos negócios. Contava também com a dor que, no dia seguinte ao das grandes catástrofes, a todos alucina. Contava ainda com os muitos amigos que lá tinha... e com os que teria na hora em que se dispusesse a cativá-los com mercês, a comprá-los com lugares — a peitá-los, enfim.

No caso do insucesso da expedição, convinha a Filipe II que a grande derrota arrastasse também a pessoa do rei que, finando-se, com êle finava a dinastia, não vendo Filipe II entre os máis próximos parentes de D. Sebastião ninguém com merecimentos e partido que pudesse disputar o trôno, e com saber e fôrça para governar um país arruïnado e alvoroçado. Ora para Filipe II conseguir que D. Sebastião fôsse à África, à testa dos seus exércitos como capitão da emprêsa, (se, na verdade, êle já não tivesse firme tenção de ir) bastava dizer-lhe que... não fôsse, por ser perigoso! Como também para lhe estimular o empreen-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

dimento africano, suficiente seria falar-lhe de acções semelhantes praticadas por seus régios avós, embora, com intuito de o espicaçar, salientasse a diferença dos tempos e dos homens, muito outros no valor e no ardimento.

* * *

Assim pensava Filipe II, ainda antes de ouvir o sobrinho que, afinal, não lhe disse mais do que lhe dissera o embaixador Pedro de Alcáçova Carneiro, quando, em missão especial, fôra de Lisboa a Madrid, e com quem o rei fingiu desentender-se, entendendo-se...

Logo, pois, que D. Sebastião concluira a sua fala, Filipe II dirigiu-se-lhe sorridente, nas mais gentis maneiras, e na mais eloqüente expressão cordial e amiga, como habilíssimo comediante que era em política. Começou por lhe aplaudir o intento de príncipe cristão que quer dilatar a fé em seus estados, plantando a cruz em terra de infiéis. Aplaudindo-lhe o pensamento, louvou-lhe a determinação. Era levantado. Enquanto, porém, á guerra contra turcos e mouros, não via nesses infiéis os perigos que o sobrinho via. O sultão, naquele momento todo voltado para os persas, com quem mantinha dura guerra, não pensava no ocidente, estivesse certo.

—E mais tarde? interrompeu D. Sebastião.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

E, logo recordando-se de uma frase de Jerónimo Osório, acrescentou:

— «O Grão Turco não dorme, pelo que todo o príncipe cristão é obrigado a estar alerta».

— Para êle chegar a Larache haviam as suas galés de transpor, primeiro, as águas de Veneza, Malta, Itália, Espanha — e não lhe seria fácil bater-se com tantos inimigos aliados, respondeu Filipe II.

Demais, a respeito de mouros, constava-lhe que Molei-Moluco pedia pazes e já ia dando de mão nos janízaros a quem não queria pagar o tributo da ajuda prestada.

— Se pede pazes, tem mêdo, disse D. Sebastião.

Filipe II, como se o não ouvisse, continuou a exposição das suas razões:

Entendia, portanto, que não era necessário a guerra contra os mouros. Ajuntou: que D. Sebastião se lembrasse dos desastres dos seus avós em África: — Tânger, Arzila, embora houvesse então grandes capitães e as gentes fossem cheias de fé e ardor. Que a conquista poderia ser fácil, mas a mantença difícil.

D. Sebastião agitava-se na cadeira.

Filipe II, serenamente, continuou a expor as suas opiniões. Concluiu: No entretanto, se, por qualquer maneira, D. Sebastião persistisse em semelhante guerra, êle seu tio, que o amava como pai, lhe rogava que de modo nenhum aventurasse sua real pessoa em tão

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

perigosíssima acção, mas que se fizesse substituir por alguns dos seus capitães cuja perda não faria monta maior.

Aqui D. Sebastião ergueu-se num ímpeto e disse com nobreza:

— Irei na frente do exército, no meio da flor dos fidalgos, como a Tunis e Argel foi o pai de vossa majestade e meu avô Carlos V.

Seus olhos azuis faïscavam; e a sobrancelha esquerda, mais alta que a direita, franzia-se em fuga de desvairo.

Filipe II, que terminara, ergueu-se também, acalmou o sobrinho e abraçou-o carinhosamente, como um «padre a un hijo» — dizia.

D. Sebastião, serenado, agradeceu-lhe os abraços, mas não concordou. Repetiu argumentos. Afirmou que tal emprêsa, além de necessária para a política da Península, era honra para a coroa portuguesa; e de novo asseverou que êle próprio iria como capitão em chefe, como sempre foram os reis seus avós.

— Ver-me-hão na vanguarda das hostes.

— Contra milhares de mouros? — preguntou-lhe o duque de Alba.

D. Sebastião olhou-o com ironia e respondeu-lhe com esta pregunta:

— De que côr é o mêdo?

Dobrando cortêsmente a cabeça, o Alba ripostou sereno:

— Senhor, da côr da prudência.

Houve um silêncio. Depois, a conversa con-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tinuou; e ainda sôbre os perigos da aventura, Filipe disse:

— E se morrer?

Em pé, inflamado, D. Sebastião responde:

— Para honra do meu nome basta haver exposto a minha vida pelo reino.

Rematava:

— Digo como o meu antepassado D. João I: «Os homens bons não devem fazer conta de desventuras, quando seus passos são direitamente».

Filipe II (no íntimo, exultando de satisfação) fingia-se compungido por aquela obcecação; e o duque de Alba, êsse, sorria, sob disfarce, para o mordomo-mor castelhano. Não queriam êles outra coisa!

Não havia precisão de mais estímulos. Ainda assim, Filipe II, quer, a título de gentileza, lançar-lhe um incentivo derradeiro: promete-lhe a ajuda de cincoenta galés e cinco mil infantes pagos à sua custa. Logo, porém, põe condições, restringindo a oferta, tão certo estava de que D. Sebastião não prepararia a expedição no ano seguinte de 1577.

— Não deitando fora o próximo ano.

Ia adiantada a sessão, e havia necessidade de cada um se recolher às suas câmaras, pois tinham de abalar ao lusco-fusco do dia seguinte.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Mas D. Sebastião queria ainda ouvir a resposta de seu tio, a respeito da mão da princesa Isabel Eugénia Clara:

— E o meu casamento?

Filipe II sorriu intimamente, sem que ninguém lhe visse nesse movimento uma nesga da alma. Em seguida, simples, olhou cheio de naturalidade para D. Sebastião, tocou-lhe paternalmente no ombro, e disse-lhe com perfeita cordialidade:

— «Para la vuelta.»

* * *

Na sua cela, e a sós, já no leito e antes de entrar no sono, Filipe II pensou no sobrinho e admirou-lhe a visão política, a grandeza do empreendimento, sua audácia e bravura. Quem sabe se a emulação o picou! Impressionou-o também essa fresca alma de criança, transparente, aberta, rasgada e leal. E no espírito sisudo daquele austero rei, que um dia, cansado dos negócios públicos, tedioso da política, aborrido da mentira dos homens, havia de, enclausurar-se, misantropo e taciturno, numa cela nua do Escurial — passou uma nuvem de tristeza: não poder êle ser também assim! ¡Oh duro ofício de reinar; oh, sciência difícil da política; oh complexa arte de conduzir povos!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Ser político era ser, antes de tudo, sorridente e atraente, gentil e polido; e, logo a seguir, partindo da certeza de que os homens são egoístas e ingratos, usar no trato com êles (sempre prevenido, sempre alerta, sempre esperto) de tôdas as cautelas, reservas e manhas, dentro daquele aforismo de Luís XVI: «quem não sabe fingir, não sabe ser rei». O político deve servir-se de armas extremas: sejam as da refalsa clemência, sejam as da crueldade sistemática, consoante as circunstâncias lho indicarem; mas entre as duas soluções, num dado momento, mais convirá ao príncipe «ser temido que amado», como Maquiavel aconselhava ao magnífico Lourenço de Médicis, numa regra sempre em dia.

Nesses minutos a sensibilidade de Filipe II foi doce e quebrado o seu ânimo duro. Por êle correu um vislumbre de ternura, como, de passagem, um olhar áspero se queda e alinda na graça de uma criança, ou na beleza de uma flor!... Pronto o rei de Espanha voltou a ser quem era, ou quem devia ser: o tipo do perfeito dissimulado e do sereno político, daquele que jamais lança uma mirada, pronuncia uma palavra, constrói uma frase, escolhe um amigo, dá um passo na vida, sem de antemão saber a conveniência que disso lhe advém, ou o proveito que traz ao povo que dirige na república e conduz na história, ao qual sacrifica, até à dor, tudo que de mais elevado possa haver no

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

homem: sua lealdade, sua honra, sua palavra dada, não hesitando, para servir sua causa, em enganar, falsear, atraiçoar, feloniar, tôdas as almas dêste mundo e do outro. Um político!

* * *

Na madrugada seguinte, ainda fazia escuro, e já Filipe II batia com os nós dos dedos na portinha da câmara de D. Sebastião:

— «Hijo mio, és mucho dormir para quien ha de caminar.»

Daí a pouco, estão todos à portaria do mosteiro e prestes a partir.

A comunidade, curvada, apresenta respeitos.

D. Sebastião e os seus montam e abalam.

Filipe II, no seu coche, acompanha, até Pôrto Lhano, o rei de Portugal. Aí as despedidas são tão primorosas de cortesia como haviam sido as boas-vindas, à chegada. Adeuses gentilíssimos. O rei de Castela descobre-se para se despedir do duque de Aveiro; e abraça-se carinhosamente no rei de Portugal, seu amigo, seu sobrinho, «mas que sobriño — hijo», diz em voz alta para que todos o ouçam.

Já anda o sol fora.

Partem. Tropeam os cavalos. Lá vão, lá vão...

Estacado no solo, a mão direita posta no

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

cotovelo esquerdo, a outra a pinçar a bôca, Filipe II considera, com olhos irónicos, no grupo de cavaleiros, que se afasta, se afasta... Depois, chama a um lado o silencioso duque de Alba e diz-lhe a meia voz, o olhar frígido e diabólico, indicando com dedo profético a mancha da comitiva, longe, a perder-se na distância:

— «Vaya en hora buena, que si venciere bueno yerno tendremos; y si fuere vencido (e pôs a bôca em sorriso deliciado) bueno reyno nos vendrá».

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XIX

O CONSELHO

D. SEBASTIÃO, fixo nas suas decisões, quis, por cortesia real, comunicar a alguns maiores do reino as resoluções que tomara acêrca das coisas de África. Não era consulta: era exposição. Contudo, ouviria suas vozes.

O conselho de Estado, composto de homens principais está (diz uma tradição) reünido naquela mesma pequena câmara de azulejos, nos Paços de Sintra, onde, nos começos da era de quatrocentos, se reünira D. João I e os infantes D. Duarte, D. Henrique e D. Pedro, para ouvirem do prior do Hospital, regressado da Sicília, o relato da sua missão secreta, a respeito da importância do pôrto e da cidade da alcandorada Ceuta das sete colinas.

Estão aí juntos Cristóvão de Távora e Luís da Silva, privados do rei, Pedro de Alcáçova Carneiro, secretário de Estado, Jorge da Silva, D. Francisco de Sá e Meneses, Miguel de Mou-

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ra, D. João de Mascarenhas, capitão de Diu, D. Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, outras pessoas de qualidade e saber, e vários fidalgos môços e ardorosos.

Uns, partidários da rainha D. Catarina e do cardeal D. Henrique, são contra a guerra; outros, amigos da Espanha, talvez sejam a favor dela...; mas alguns há que, embora discordantes do rei, são sinceros no seu pensar. Não existe, pois, unanimidade de opiniões. D. Sebastião sabe-o; mas, sereno, vai expor a sua inflexível resolução.

Diz que quatro motivos o impelem a esta guerra santa e patriótica [168].

O primeiro motivo é piedoso: expandir a fé entre infiéis, e esmagar-lhes o orgulho errado. O segundo, uma causa de justiça: entronizar quem de um legítimo trono fôra violentamente desapossado. O terceiro, tolher a acção dos turcos nos mares ocidentais, aniquilando as suas ambições à posse das praças africanas das Espanhas. O último, firmar e acrescentar o domínio português que Portugal tem aqui à porta, de que muito precisa e tão útil, sob vários aspectos, lhe será no futuro. E esta a sua política africana. Em abreviado: Cristandade e Pátria. Era, pois, uma emprêsa santa e, portanto, do agrado do céu; uma emprêsa patriótica, e, portanto, a bem do reino. Confia em Deus; confia em Portugal.

Cala-se. Espera objecções. Mas o conselho,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

um tanto ou quanto constrangido, fica mudo. Nos rostos de alguns velhos há expressões de fastio; e nas suas atitudes, aquele ar fatigado de ombros caídos, que parece dizer:

— ¿Para quê correr aventuras?

Indo ao encontro desta moleza e da sistemática inércia que via em várias daquelas almas, D. Sebastião diz com vigor:

— Se os reis portugueses, meus pais, se houvessem contentado com os limites lusitanos herdados, não seriamos nós hoje senhores de tão estendidos reinos e jamais houvéramos aumentado em proventos e fama.

De novo se cala, a inspeccionar as almas silenciosas dos ouvintes. São gêlo! Espera longos segundos. Nada! Põe-se então a fazer considerações gerais:

— Quem não se arrisca a perigos, jamais consegue coisas grandes. A guerra enrijece os homens. A paz entorpece os soldados. Como os indivíduos, as nações hão mister de amigos e de imigos. Os primeiros são para as folgas; os segundos, para cuidados em que nos põem a respeito da defesa pública. Avisam-nos.

Mas a assembleia mantém-se no mesmo silêncio, como que obstinada.

Então o rei de Portugal lança uma insinuação vaga «ao espírito cobarde e iniquilado, que fecha a porta a coisas grandes» [169].

Estas palavras acordam o conselho. Irritam os seus inimigos, molestam as pessoas graves.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Acicatadas, as almas fremem. Há agora uma fervedura de opiniões que sobem dos peitos, que espumam as bôcas. Querem falar, dizer de suas justiças. Levantam-se ao mesmo tempo vários conselheiros. Há borburinho. Palavras altas, sôltas. A voz do rei domina a todos. Concertados, vai falar cada um por sua vez.

Fala primeiro um clérigo idoso. Seu discurso anda à volta desta ideia: é considerar mal deixar a paz certa pela guerra incerta.

Era o tema do risco:

— Não convem meter-se a gente em pleitos de mouros, com tão poucas seguranças de vitória. Que não é bom aventurar o certo pelo duvidoso. Etc., etc.; e espraia-se em reflexões prudentes.

Um prático, trata do problema financeiro:

— Que o reino está carregado de tributos. Viviam esmagados. Não havia dinheiro.

Finaliza com esta imagem:

— Das veias onde não há sangue não se pode tirar sangue.

A maioria concorda. Era assim mesmo. No entanto, os que são pela guerra objectam que há meio de obter dinheiro, muito dinheiro.

Alguém detém-se no aspecto da oportunidade, que, aliás, é tratado por mais de um:

— Que o rei deixasse a guerra para melhor ocasião, quando o reino estivesse rico de gentes e de dinheiro, e, então, conseguisse a liga dos reis católicos contra os infiéis.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

O lado religioso pareceu interessar menos a certo conselheiro, de olhar esperto, que, beliscando incrédulos a quem o espírito de Renascimento tocara, disse com ironia:

— ¿Porque se busca propagar a fé entre mouros? ¿Não seria melhor propagá-la entre cristãos?

Houve sorrisos. O orador, os olhitos vivazes e maliciosos, insiste nos seus considerandos e remoques, e conclui:

— Há no reino muitos herejes que precisam de ser esclarecidos. Comecemos por casa...

A isto o conselho riu à farta; mas pouco depois a assembleia retomava o tom grave do comêço.

Fidalgos velhos dizem que, por haver muito que estamos em paz, D. Sebastião não tem capitães experimentados nem milícias práticas que bem o sirvam em semelhante guerra.

A gente nova protesta com orgulho e vivacidade. Trocam-se frases desagradáveis. Esboça-se tumulto. A um gesto do rei, todos sossegam.

Agora, aceita, por hipótese, a expedição, ventila-se o caso da ida ou não ida de D. Sebastião.

Dizem:

Ir o rei em pessoa à cabeça do seu exército é aventura.

Na sua cadeira, D. Sebastião agita-se insofrido.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

O orador continua:

— Se morresse? Perdia-se um rei de muito empreendimento e boa vontade nas coisas do reino. Não, não concordava! Seria imprudentíssimo.

— Depois (prosseguiu) ¡que desarranjo na escolha do sucessor! ¡Ah, em que ponto grave tal desgraça poria o reino!

Assim, longamente, arrazoaram estas sisudas pessoas.

¿E os fidalgos novos? Êsses, com o sangue môço a ferver-lhes nas veias, estavam com o rei, com o ímpeto, com a acção alevantada e primorosa.

*
* *

Respiravam-se nesta atmosfera os mesmos avisos prudentes e os mesmos pareceres timoratos, que, havia muito, na côrte, e entre velhos fidalgos e clérigos, faziam parte das conversações em voz alta e, sobretudo, das cochichadas. O cardeal D. Henrique, sempre encolhido ante qualquer iniciativa môça, fôsse ela de que natureza fôsse, pensava que era êrro aventurar-se D. Sebastião à emprêsa; mas, se tal fizesse, que de maneira nenhuma arriscasse a sua pessoa. Não devia passar do Algarve, de onde forneceria os precisos ao exército de África, daí comunicando com os

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

capitães. Tudo, menos expor o rei a sua preciosa vida.

Também assim pensam os 70 anos da rainha avó D. Catarina, que não se cansa de aconselhar a D. Sebastião que não passe à África. A guerra preocupa-a; mas, sobretudo, o que ela não quer, coitada!, é que o neto jogue a vida. E esta ideia foi nela tão contínua, tão obcecada, que, um ano depois, na sua mortal agonia, exclamava ainda:

— Oh, não passe sua alteza, em nenhum modo, à Berbéria!

E o povo? O povo, que não estava representado no conselho, mas que fazia suas assembleias nas praças, nas ruas, nos bêcos, tagarelando ao sol e à chuva, êsse alcançava, pelo instinto, as ambições políticas do rei, reconhecendo que êle buscava o engrandecimento de Portugal. Porém, não entendia as razões que impediam que êle fôsse batalhar em pessoa, quando esta foi sempre a prática dos antigos e dos modernos reis portugueses. Pelo contrário, em seu entendimento e sentimento parecia-lhe que outra não poderia nem deveria ser a sua real atitude. Seu simplismo dizia-lhe que um bravo rei, pai de um bravo povo, devia estar onde o povo estivesse, aí junto dêle, tanto na hora perigosa como na hora jubilosa. E porque o povo amava D. Sebastião, admirava seu ardimento bélico — apre-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ciava devidamente a sua determinação de querer pôr-se à frente dos exércitos, e aplaudia-o, por entender que um rei deve ser sempre o primeiro capitão entre os primeiros capitães.

* * *

Há um senso-comum tão estreito que é comezinha vista e pensar de pouca monta. Não chega a ser senso — é burguesia rasteira. Mas há também um bom-senso que é ponderação ajuizada e equilíbrio sábio. Aquele outro jamais alcança posição de onde observe a perspectiva das ideias avançadas, que não entende, que não atinge; êste consegue vê-las, mas, prudente, rejeita-as, por não se arriscar ao jôgo da vida incerta, apenas confiando nos passos dados em terreno seguro, reconhecido pela experiência. E' o siso. Mas na história horas há em que o siso não basta. Falta-lhe o atrevimento, o ímpeto que sobra nos heróis e os atira para a frente — para o futuro.

Era o caso dêste conselho de antigos, representando o senso comedido e são de sempre; do espírito assisado, mas parado, de todos os tempos, a travar os galgões da história. Era a fôrça conservadora a manter a estabilidade das coisas como a mais adequada à regra,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

à pauta, à paz das almas, à felicidade das gentes. Tais são os conselheiros de bom acôrdo nas épocas felizes. Se êstes tivessem estado no conselho de Tôrres Vedras, havido por D. João I, para se resolver acêrca da expedição a Ceuta, não teriam dito, não, como êsses outros tão resolutos:

— Ruços, além!

Mas cautelosamente, còmodamente:

— Ruços, ficai. Vossas cans vo-lo dizem que resteis.

Foram êsses que, desde o dia imediato ao da conquista de Ceuta, aconselharam o rei a abandonar a praça, pela dificuldade em mantê-la. Ao que D. João I, com inteligente sorriso, respondeu reflectida e rerenamente:

— «Quanto mais nisto penso, mais sou de opinião que ela poderá ser um dia origem de bens para mim e meus sucessores» [170].

Foram êles que, quando D. Duarte os consultou para prosseguir no esfôrço africano, congeminado pelo infante D. Henrique, disseram ao bondoso rei, de ânimo merencório e decisão tolhida:

— A África é o maior dos perigos. Nem «todos os reis de Espanha juntos a manterão», (infante D. Pedro); parece-me «desserviço de Deus» (conde de Arraiolos); «que non ha hi proveito em esta guerra de grada, he verdade» (conde Dourém) [171].

Os mesmos que, nas vésperas do esforçado

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

D. Afonso V conquistar Alcácer-Ceguer e Arzila, diziam ao rei:

— Não vades!

E sempre assim falou o clássico juízo dos moderados e dos prudentes.

Agora, diante do ardoroso D. Sebastião, surge, repetindo-se, o mesmo maciço espírito de ponderação. As vistas dêstes ajuïzados conselheiros têm tôdas as virtudes da prudência e nenhuma das belezas do arrôjo. Suas opiniões possuem as qualidades das ideias conservadoras e também a pouquidade da rotina estagnada.

E' vista, não é visão. E' o pensamento de criaturas sãmente restritas, em oposição ao transporte heróico das grandes emprêsas: — à formosura dos arrebatamentos sublimes em vôos altaneiros sôbre abismos.

* * *

Êsses conselheiros não conheciam o rei; e se conheciam o rei não conheciam o homem; e se conheciam o homem com certeza que ignoravam o herói. O profeta, o santo, o poeta, o herói, são criaturas àparte e dificilmente entendidas pelos seus contemporâneos.

O homem de génio é um ser do Presente que vive no Futuro. As linhas que traça durante

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

a sua vida mal se distinguem, mas a morte aviva-as, o futuro avulta-as.

O génio é resoluto sem prudência; audaz sem previdência. O seu andar é o galope. Não pisa a terra — aflora-a; às vezes voa. Seu corpo é asa; seu espírito é fuga. D. Sebastião, herói da acção, tem infinita fome e infinita sêde de vida maior, de vida bela. Serve Deus. Tem uma missão. Considera-se escolhido, eleito: cumprirá direitamente o seu dever.

O silêncio é a resposta sobranccira às objecções que êstes conselheiros lhe apresentam — êstes e os demais que se lhe seguirem. Duro, resistirá a tôdas as invectivas; firme, a tôdas as contraditas. Tem em si as almas empreendedoras, tenazes, lutadoras, do infante D. Henrique e do rei D. Afonso V.

*
* *

O conselho continua. Predominam as vozes contrárias aos projectos do rei de Portugal.

«Que não tinham necessidade de mais honra; que o reino estava exausto de gente por causa da peste; que era melhor e mais saudavel buscar amigos novos que despertar inimigos velhos» [172].

E mais, e muito mais se disse. Por último,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

um dos conselheiros, de-certo sentindo-se amparado nas opiniões de vários, mais afoito e seguro de si, toma-se de coragem e, cara a cara, diz a D. Sebastião:

— Na grandeza de um Estado, um rei não se deve guiar pelo seu gôsto próprio, mas pelas razões de muitos. A vontade dos reis cristãos deve fundar-se na justiça e no que convém ao bem das gentes. Que por isso sua alteza não devia olhar sòmente ao que *poderia* fazer, mas, sobretudo, ao que *devia* fazer [173].

Cala-se. Na câmara há um borborinho de justo reparo ao tom vivo dêste opositor audaz.

O rei português, já aborrecido com a demasia das vozes contrárias, que desconheciam seu alto anelo patriótico, melindra-se com a atitude ousada dêste conselheiro. Num momento, seu sobrecenho carrega-se; chispa-lhe o olhar. Depois, dominado, serenado, levanta a mão direita — sinal de que vai responder. Faz-se na sala silêncio absoluto. Então D. Sebastião, afrontando a todos com o seu orgulho real, responde com altivez e firmeza nêste discurso em quatro firmes palavras sêcas, de tom imperioso:

— Não vos reüni para ouvir vossos pensamentos, mas para vos comunicar os meus.

Ergueu-se.

Estava levantado o conselho.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XX

LANÇAS, PIQUES E ARCABUZES

D. SEBASTIÃO que, em África, tinha visto quanto era veloz a cavalaria moura, nos seus corseis estreitos e desancados, pensou se nós portugueses, com grossos cavalos peninsulares, poderíamos aparelhar arma semelhante a essa para com ela combater vantajosamente. ¿Como, pois, haveríamos de organizar o nosso exército? ¿Cavaleiros ou cossoletos? ¿Ginetes ou mosqueteiros? Esquadrões de cavalaria ou milícias de janízaros?

Para ter resposta a estas preguntas, reüniu em volta de si os capitães mais competentes por seu saber em guerras dos outros e por sua experiência em guerras nossas, na Índia e África [174]. Avisou-os: ponderassem tôdas as circunstâncias, desde o feitio do inimigo, ao terreno que tinhamos de pisar. As opiniões divergiram. Houve quem entendesse que a cavalaria era preferível para encontros em extensas

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

chans e êste seria o nosso caso nas batalhas em África. Que os portugueses eram tão destros na gineta como os mouros, pois com esta arma haviamos triunfado em muitos combates africanos. Era uma opinião tradicional.

Outros capitães, conhecedores da arte moderna de pelejar (a dos turcos na Pérsia, a dos espanhóis em Nápoles e Flandres) opinam que no exército português predomine a infantaria, a qual, bem fornecida de arcabuzes e mosquetes e uma vez reforçadamente enquadrada, com piques na primeira linha, seria muralha impenetrável às arremetidas dos ginetes mouros, por mais numerosos que fôssem, ao buscarem romper os nossos esquadrões de infantes. Os peões, assim unidos e firmes, seriam como fortaleza de homens, alicerçada numa campina. Alguém lembrou Aljubarrota. Fizeram-se objecções; — e esta matéria controversa foi discutida com calor.

Por fim, D. Sebastião, môço e avançado, aceitou as conclusões a que chegaram os que defendiam a arte moderna; e, preparando sòmente alguma cavalaria de brida como resguardo de homens de pé, quer acompanhasse, quer operasse, ordenou que o grosso do exército fôsse composto de infantaria, dando imediatamente ordens para que se abrissem os arsenais cheios de armas e os soldados fizessem recruta segundo as regras da milícia nova.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Antes de mais nada, tratou D. Sebastião de obter dinheiro, muito dinheiro de que precisava para munições, mantimentos, sôldos — «o nervo principal e parte formal dêste negócio», como o experiente infante D. Pedro apontara a seu tímido irmão D. Duarte, naquela hora de escassos recursos, quando da projectada expedição a Tânger.

Religioso, começou D. Sebastião por obter do Papa Gregório XIII a bula da Santa Cruzada, visto tratar-se de uma guerra contra inimigos da Igreja; prático, logo viu que, bem espalhada num reino fervorosamente católico, daria larga receita. Deu.

Rogou também ao Papa, e obteve, um mandado que o autorizasse a recolher um têrço das rendas dos clérigos. Êstes, porém, acharam demasiado semelhante encargo, tanto mais que se tratava de guerra ofensiva, voluntária, contra gentes de além, e não de guerra em defesa da nossa terra; e, concertados, comprometeram-se a entregar ao rei, e por uma só vez, a soma redonda de cincoenta mil cruzados, distribuindo êles, entre si, as parcelas, consoante seus benefícios. D. Sebastião aceitou o que lhe propuseram.

Aos grandes títulos (duque de Bragança, conde de Tentúgal, e outros); aos grandes

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

eclesiásticos (D. Henrique, D. Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, bispo de Coimbra, e outros), — pediu grossos subsídios; e de vários homens ricos solicitou empréstimos de muitos vicentes doirados e soantes, que prometeu pagar com vicentes valorizados.

Feitas novas matrizes, lançou ao povo o tributo de um por cento sôbre bens de raiz.

Levantou os depósitos das caixas dos órfãos, dos defuntos e dos ausentes, prometendo, na volta, tudo repor com acrescentamento.

Encabeçou na fazenda real os tratos (monopólios) do sal e do pão, que produziam muito.

Nesta ocorrência, em que por tôda a parte e por todos os meios D. Sebastião buscava obter dinheiro, os astutos cristãos-novos vieram ao seu encontro com uma proposta, no momento vantajosa para o rei, mas no futuro, semíticamente lucrativa para êles. Unidas suas almas egoístas, entendidos seus olhares de raposos, tocadas suas mãos de dedos aduncos, tudo muito bem medido e bem pesado, com inteligência sagaz e serenidade fria, combinaram oferecer ao rei de Portugal duzentos e quarenta mil cruzados, em troca da remissão dos bens que, durante dez anos, a Inquisição lhes havia confiscado. Desta arte, êles ficariam quites de uma vez para sempre com a fazenda real. Duzentos e quarenta mil

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

cruzados! Era de arregalar os olhos! Claro, D. Sebastião, ávido de oiro e preocupado com arranjar prontamente dinheiro, aceitou. A judiaria esfregou as mãos: tinha feito um belo negócio.

Logo o rei tratou de obter uma bula de Gregório XIII, suspensiva da pena do tribunal do Santo Ofício.

E a sua labuta de inventar dinheiro, de arrecadar dinheiro, muito dinheiro, continua febril.

Aos rendeiros reais oferece abatimentos, se puserem em dia os atrasados ou pagarem adiantado.

Valorizados, dá curso aos reais de prata castelhanos, que logo se carreiam para Portugal.

Enfim, pedindo emprestado, recolhendo adiantamentos, cobrando tributos, suplicando e também ordenando, conseguiu levantar grossas somas, que tôdas foram precisas para preparar uma expedição de quinze mil homens, cincoenta e tantas naus onde tudo se levava, desde a pesadíssima artelharia de bronze, pilhas de munições de guerra, (arcabuzes, balas, mechas, pólvora), artifícios vários, mil apetrechos de gastadores, e montões de mantimentos — «até a palha das cavalgaduras e a lenha para fazer o comer». Tudo!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Como no tempo de D. João I, ao juntar soldados para a ida a Ceuta, se dividiu o reino em três zonas, semelhantemente agora êle se dividirá também em quatro coronélias de quatro têrços de dois mil e quinhentos homens cada um, que, juntos, perfarão um exército de dez mil soldados. Os coronéis escolhidos e nomeados são: Diogo Lopes de Sequeira, D. Miguel de Noronha, Vasco da Silveira, Francisco de Távora.

O primeiro terá a seu cargo Lisboa e seu têrmo; o segundo, Santarém; o terceiro, o Alentejo; o quarto, o Algarve; e por todos se distribuirão ainda os contingentes que venham de Trás-os-Montes, Minho e Beiras. Cada qual, dentro da sua zona, alista gente, arma-a, instrui-a, exercita-a, «domingos e dias santos», para o que se obtém a necessária licença eclesiástica dos arcebispos e bispos.

Veem homens da planura, dos montados, das serras. São fortes e rudos, inexperientes e bisonhos. Embora! Gente, muita gente, é que é preciso arranjar. A ordem do rei, dada aos coronéis e capitães, era a de «fazer gente», sobretudo nova e sã, sejam solteiros, sejam casados, sejam viúvos. A bem ou a mal, que os tragam todos. Todos? Não. Houve mil injustiças, mil abusos, muitas e muitas des-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

umanidades. Quem tinha protecção, ficava; ficava quem tinha dinheiro para se remir, sob qualquer pretexto. Oficiais arroladores havia de «bôca larga», que exigiam quantiosas somas. Nalgumas províncias, os capitães e os alistadores encheram-se. Outros, porém, famintos, pouco podendo conseguir da pobreza, com pouco se contentavam: «dois cruzados bastavam para escusar uma pessoa».

Era a guerra! Era Portugal decadente, desmoralizado — Portugal em vésperas de perdição.

As injustiças varavam as almas, criando nelas revoltas furibundas que explodiam em blasfêmias contra Deus, em impropérios contra os mandantes. ¡Quantos protestos violentos dos pais, das mães, das espôsas a quem roubavam os filhos e os maridos — únicos amparos! Quantas mulheres tiveram de vender os seus casais e terrinhas, e, as mais pobres, — oiros, trastes e roupas!; e maridadas houve que foram forçadas a descer a pungentes vergonhas para, com semelhante sacrifício, comprar a liberdade dos que absolutamente eram indispensáveis ao amanho da sua vida e suas almas amavam. Quantas!

Mas as que não tinham os menores recursos, nem de meios nem de beleza, e viam abalar das aldeias para a guerra os seres queridos do seu coração, essas, depois da despedida em que se dependuravam dos pescoços dos

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

homens, os cabelos degrenhados, olhos doidos, bôcas torcidas e mãos crispadas nos peitos dêles, como garras de náufragos; — essas ficavam-se estáticas, no meio dos caminhos, na dor pasma que já não doi, ou punham-se a uivar os seus desesperos, a atirar para o céu gestos e bramidos de ódio, numa mistura de lágrimas e gritos, risadas e blasfêmias, em paroxismos de loucura. Era a guerra!

E assim se juntaram no reino cerca de nove mil populares.

E os fidalgos? Os ricos irão à sua custa; os minguados ou os pobres, à custa da fazenda real. Êstes formarão um têrço chamado dos Ventureiros, com seu alferes e sua bandeira, mas só a nobreza de sangue enfilará nesta brilhante companha capitaneada pelo privado mais privado do rei, pela criatura do seu «real bafo» — o nobilíssimo Cristóvão de Távora. E' o têrço da mocidade, da esperança, da beleza aguerrida e garbosa. A flor da fidalguia portuguesa. O ressurgimento das antigas alas da «Madre-silva» e dos «Namorados», no aspeito, no arranco e na galhardia.

E com êstes mil Ventureiros e com aqueles nove mil populares forma-se um exército de dez mil soldados. Chega? Não.

São precisos mais homens, muitos mais.

Já D. Sebastião manda à Alemanha o seu

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

escrivão da fazenda, a alistar cinco mil tudescos, (osterinos, holandeses e valões) [175] que serão comandados por Martim de Borgonha. Bastam? Não. Nas fronteiras e por Castela dentro, o rei de Portugal manda bater caixas para convidar gente que queira passar-se com êle a África. E os angariadores estipulam bons soldos, entremostram perspectivas de saques e apontam os demais favores e vantagens que a guerra imprevistamente sempre traz e dá.

E o bando pregoeiro, rufando caixas, junta gente que se agrupa em magotes, com suas troixas às costas, e abala para a fronteira portuguesa. Somarão ao todo uns três mil castelhanos, que o general Alonso de Aguilar comandará, sendo principais sargentos Luís Fernandes de Córdova e Francisco Aldana.

E porque nessa ocasião passe em Lisboa um têrço de seiscentos italianos que o Papa envia à Irlanda para defender os católicos dos protestantes, D. Sebastião detém nas nossas águas êsses transportes, que um temporal arrojou ao abrigo do Tejo, e assolda os homens para a guerra de África.

Bastará, enfim? Ainda não.

Busca-se recrutar mais gente nos Países-Baixos, para onde, nos começos de 1577, fôra Álvares Pereira [176], também encarregado de comprar munições. E pensa-se em soltar das cadeias do reino centenas de presidiários que comprariam a remissão das suas

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

penas com partirem para os combates de África.

Soldados! Soldados!

E durante meses e meses recrutam-se e equipam-se homens, constroem-se e aparelham-se naus, torce-se cordoalha, tecem-se cotonias, tanoam-se barris para aguada, encomenda-se armamento, encaixotam-se aprestos, embarricam-se mantimentos, enfardam-se forragens, corta-se courama, talham-se roupas e fazem-se grandes remontas de cavalos no Ribatejo e em Espanha.

* * *

¡Que faina tremenda, que dificuldades mil! Quantos contratempos, quantas adversidades, quantas combinações desfeitas, quantas faltas ao prometido, quantos atritos e oposições de tôda a ordem que houve necessidade de remover, pôr em bom caminho, vencendo, realizando! ¡Que prodigiosa actividade a dêste môço rei de 23 anos! Materialmente, foi necessário comprar mil objectos; moralmente, várias almas. Preciso foi manejar homens, seguindo, no trato dêles, ora estrada chã, ora atalhos, torcer caminho, descer, subir, e, sempre perseverando, avançar, chegar!

Que esfôrço!

Portugal decaía a olhos vistos. A coragem

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

falhava. O pundonor entibecia-se. Dormitava a indolência. D. Sebastião era um ideal a conduzir ânimos frouxos ou pervertidos. Era um rei antigo, que vivia fora do seu tempo.

As más vontades estavam no reino ou vinham de fora. E D. Sebastião, num dado momento, tinha de voltar-se ora para a política interna, ora para a política externa e, cá e lá, desatar intrigas, esclarecer equívocos, desfazer complicações, afastando tôdas as dificuldades, triunfando de todos os estorvos.

A readmissão dos cristãos novos havia desagradado sumamente em Castela ao inquisidor-mor, o bispo de Cuenca, e ao poderoso Filipe II, que logo instruiu o seu embaixador em Lisboa, D. João da Silva, para, de sua parte, dizer ao rei de Portugal que se não servisse de semelhante dinheiro fatídico.

Luís da Silva, depois de repetidas instâncias junto de Filipe II, que ia dilatando o cumprimento das promessas de Guadalupe, tem regressado de Castela sem alcançar as negociadas ajudas: — cincoenta galés e cinco mil homens. O rei de Espanha diz que a guerra de Itália lhe leva todos os homens. Desculpa!

D. Sebastião reconheceu nesse momento a falsidade do tio, que «lo amava como a hijo» (!), e ainda a mentira sorridente do seu primeiro ministro:

— «Entendi ao revés o duque de Alba» — escrevia.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Cá dentro, as coisas viravam para mal.

Agora é Pedro de Alcáçova Carneiro que, como se diria hoje, «se sangrava em saúde», antevendo a devassa ordenada, tempo adiante, pelo cardeal rei. Esta alma incerta, depois de muito espalhar no conselho e na côrte ideias contrárias à expedição, fixa as suas razões num longo escrito [177] que lê ao rei, expondo-lhe várias dificuldades em vez de trabalhar com êle para as resolver. Bem sabia D. Sebastião que as dificuldades, eram, na verdade, grandes, mas nem porisso entendia dever desistir da sua emprêsa, e, pelo contrário, elas o estimulavam a trabalhar com mais pertináCia, a lutar com maior vigor, para, segundo o seu programa de luta tenaz,— melhor triunfar.

Na côrte apática boquejam-se más vontades pronunciadas na sombra; na sombra vivem almas traidoras, cativas já das simpatias castelhanas... Entre fidalgos velhos, de outros tempos, ouvem-se vozes dissidentes, alimentadas umas por isto, outras por aquilo. As opiniões do cardeal D. Henrique e da rainha-avó, inteiramente opostas à ida de D. Sebastião à África, influem em muitas almas que por seus interêsses e temores fazem côro com os pusilânimes que procuram furtar-se aos riscos da emprêsa.

O facto do conde da Àtouguia, D. Luís de Ataíde, que fôra vizo-rei da Índia, não haver

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

aceitado o convite, feito pelo rei, do comando da armada, presta-se a interpretações diversas, e aumenta o desânimo de alguns, acirra os maldizeres de vários, e serve de pretexto aos encolhimentos dos muitos que em tudo buscam escoras para justificar a sua cobardia.

Reproduz-se o diálogo entre D. Sebastião e o octogenário D. João de Mascarenhas que dissera, referindo-se ao rei:

— Se partir, leve a mortalha para enterrar o reino em sagrado!

Chamado à presença do rei, D. Sebastião pregunta-lhe:

— Que idade tendes, D. João?

O velho capitão de Diu, percebendo-lhe o intento responde:

—Eu, senhor, para vos servir em campanha, tenho vinte e cinco anos; mas para vos aconselhar a que não vades a África — tenho oitenta.

E o rei dizia para si:

— Será mêdo?

D. Sebastião para quem não existia a noção do mêdo, fica perplexo. ¿Como poderá ser? Não tem maneira de entender! ¿Muita idade? E só depois de o mandar examinar por um conselho de físicos é que se inclina à ideia de que a velhice traz hesitação, receio, mêdo. A-pesar disto, D. Sebastião, jóvem, forte e destemido, não compreende como tal possa

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

existir na alma de um homem, ainda que velho.

Dizia-se (não é crivel) que Martim Afonso de Sousa, que fôra também governador da Índia, proferira em voz alta, na ante-câmara do rei, para êle ouvir, esta desbocada frase:

—Prendem-se loucos por desatinos ¡¡ e não se prende êste môço que nos quer perder a todos?!¹⁷⁸.

A mesma frase é atribuida também ao barão de Alvito que procura o irmão, o bispo do Pôrto, para lhe propor:

—¿Porque não prendemos êste homem que nos perde?

Espalham-se boatos para impressionar o povo: que a alma de D. João III aparecera a um frade agostinho, da Senhora da Graça, de Lisboa, e lhe dissera que dissuadisse o rei de ir á Africa.

Corre também que uma noite, nos campos de Almeirim, aparecera a Vasco da Silveira (que por tôda a parte lamentava o seu rei) um gigante extraordinário, vestido de luto, apostrofando em lágrimas:

—¡Chora por ti e por mim!

Era a Pátria!

Fervilham, de mão em mão, manuscritos anónimos, em prosa e verso. Entre os papéis impressos, há uma longa e agoirenta carta do

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

P.e Inácio Martins, tôda em tercetos, dêste quilate:

> Casos são da cruel vida mesquinha,
> Em que por culpa de homens temerários,
> Por graves desventuras se caminha.
>
> Ninguém se livra de sucessos vários,
> Se não se conservar com a paz amada,
> Em seus termos suaves e ordinários [179].

Eram os partidários da rainha e do cardeal a trabalharem na sombra!...

Enfim, para nada faltar, uma noite de Novembro aparece sôbre Belém, virado ao sul, temeroso cometa, côr de fogo, e comprida cauda láctea. Viu-se durante quarenta noites [180].

Aterrados, os astrólogos e os doutos do tempo discorreram, longa e preocupadamente, acêrca da sua significação. As opiniões foram diversas, mas num ponto todos estavam de acôrdo: o astro funesto era sem dúvida aviso patente, tremendo agoiro de morte, vaticínio de perdição! E êste fúnebre presságio esmagou as almas.

O povo, supersticioso, certo de que o cometa era evidente sinal de próxima calamidade, estarrecia-se, e, com olhos de pavor, punha-se a rezar:

— Senhor, Senhor, olhai por Portugal!

Mas D. Sebastião, superior a crendices populares e às alquimias dos inscientes astró-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

logos, encolhia os ombros aos boatos tétricos e, bem humorado, calemburava:

— O cometa diz-me que *acometa*. Acometerei!

E era esta uma das raras almas portuguesas a quem aquele extraordinário astro não parecia anúncio fatídico, nem sinal trágico. Os outros entenebreciam-se; êle ria. Era o são humor das consciências sãs; o jovial riso dos heróis.

E D. Sebastião lá continua na sua formidável tarefa. Tem o génio da vontade e da acção. Está em tôda a parte: ora no campo dos exercícios dos infantes, ora entre a fumarada espêssa dos arcabuzeiros e artelheiros, ora no cais do Tojo, por vezes desbarretado e à sòlheira, a assistir ao embarque das munições, a dar ordens, tudo vendo, tudo indagando, tudo dispondo, em tudo mandando e ordenando. Come à pressa. Dorme pouco. Não para! E' um redemoinho! E não há alma tão alegre, nem viçosa como a sua, repleta do júbilo, da ufania e do orgulho, de cumprir o seu dever religioso, o seu dever fidalgo, o seu honrado e altíssimo propósito de bem servir a sua amada Pátria.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XXI

«MUITAS E DESVAIRADAS GENTES»

Passou-se um ano em exercícios militares, provisões de guerra, apercebimentos e preparos de tôda a espécie. Estamos em 1578.

Em Janeiro, o rei de Portugal tem respondido a novas insistências [181], aparentemente solícitas, que, por intermédio do duque de Alba, lhe envia Filipe II. O rei de Espanha aponta-lhe, uma vez ainda, os perigos da expedição, e roga-lhe que a não faça; e, se a fizer, de maneira nenhuma vá nela. ¡Como se D. Sebastião pudesse por-ventura esquecer-se de que quem comandou a de 1415 foi D. João I, a de 1458, D. Afonso V, e que D. Manoel se preparava para capitanear em pessoa a de 1501! Sempre o mesmo estímulo indirecto!

Em Fevereiro morre, com 71 anos, a viúva de D. João III, a rainha-avó D. Catarina; e na morte, que a merecia ter plácida quem tão virtuosamente reinou e regeu, pede aos que lhe assistem demovam seu neto do temerário

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

propósito de se passar a África. E já na agonia diz ela, apavorada, como se seus olhos, a entrarem na eternidade, visonassem a trágica derrota:

— Que sua alteza não vá, não vá!

Chegamos a princípios de Junho. Oferecida formalmente pelo rei ao cardeal D. Henrique, e não aceita (êle sabia-o) a regência do reino [182], durante a sua «breve ausência», logo D. Sebastião nomeia quatro governadores para olharem por Portugal: D. Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa; Francisco de Sá, senhor de Matozinhos; D. João de Mascarenhas, que fôra vencedor em Diu; e Pedro de Alcáçova Carneiro, antigo homem de Estado. Como secretário do reino ficará Miguel de Moura. Confia na sua «muita experiência» por «concorrerem nêles aquelas muitas qualidades e partes» que permitem ao rei de Portugal seguir viagem descansado, como, na verdade segue, e tanto que lhes deixa seu real sêlo que diz *Rey* — símbolo de todo o poder.

Vai abafadiço êste Junho de sòlheiras escaldantes. Dentro de dias, a expedição abalará barra fora. Tudo prestes, tudo a postos. Nunca Lisboa foi cidade de tão «desvairadas gentes» como nessa ocasião [183]. Os rossios, as ruas, as vielas estão abarrotadas de milhares de tudescos, castelhanos, italianos e portugue-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ses, gente movediça e alvorotada, que esmaga a terra com as suas sapatorras disformes, gesticula muito e por largo, vozea em falatório de picarices e chufas, gargalhadas com as bôcas estúpidas e as faces alvares. Soldadesca! Mistura-se a língua portuguesa urbana com a língua rural e ambas com as línguas estrangeiras. Algarvios, alentejanos, estremenhos, beirões, minhotos, durienses e trasmontanos tocam seus cotovelos nos cotovelos dos de fora, e tudo da parte dos saloios provincianos são olhares basbaques, enxebres exclamações, e bôcas abertas ante as novidades da grande cidade e a estranheza causada pelas figuras, trajes e falas dos soldados de diversas nações, cuja pronúncia parecia, a ouvidos duros, obstrusa e gutural algaravia.

A cidade, de lés a lés, é uma grande feira de ano, em pleno borborinho, sob a ardentia do sol. E' extensíssimo arraial multicolorido, no variegado das tintas dos gibões, dos calções, dos chapéus, das carapuças do povoléu; nos cascos dos soldados de terra, nos barretes dos soldados do mar; nos capacetes e arnêses dos fidalgos; na turbulência dos passos; no desmedido da fala; nos pregões; nos cantos; nas estúrdias e nas farfalhadas das gentes aldeãs reünidas em magotes, consoante os lugares e os rincões de onde são; nas pasmaceiras do povo boquiaberto; no repenique da alegria que o imprevisto cacareja nos

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

olhos alacremente surpresos; e ainda no alvorôço a todos comunicado pelas fumaças da aventura que tonteia as almas e endoida os olhares.

— ¡Eh rapazes, toca a dar cabo dessa mourama! — exclamavam às risadas.

E em côro:

— A êles! A êles!

Como numa descomunal romaria, tôda a cidade baixa, praças, rossios, terreiros, ruas e betesgas, está coberta de tendas e encovada de tabernas, negras e fundas, cheias de comestíveis e de bebidas, frituras e fumarâda. As bodegas atulham-se de soldadesca e marinhagem ęstrangeira e portuguesa, sempre a comer, a beber, a jogar, a cantar, e a derriçar com moçoilas palreiras e dadivosas, por êles brutalmente beliscadas nas polpas carnudas dos braços e das coxas, ou apertadas contra os peitos duros, e beijadas por bocarras grosseironas e vorazes. Suas rusgas nas tascas fumarentas metem pela noite dentro, a desoras, de onde, de roldão saem para as ruas, em desequilíbrios de corpos cambalantes e roucos cantarolares de vozes avinhadas. Eram ingentes bebedeiras que alvorotavam os velhos bairros, terminando, muitas vezes, em rixas sangrentas, provocadas por isto ou por aquilo, sobretudo por coisas de mulheres, umas as vivandeiras que os tudescos traziam consigo, outras as colarejas da Mouraria e de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Alfama, que, aguardentadas, gandaiavam com os de cá. E umas e outras, com uns e outros enchiam os terreirinhos com os seus bailéus de danças às arrecuas e também às arremetidas de fados batidos, umbigos contra umbigos, sarilho de nádegas, sapateio e repeniques de estalidos cantantes, no zanguizarrar convulso e lascivo das violas de arame e dos cavaquinos de tripa. E no meio da brincalhotice pegada irrompiam palavrões, estalavam bofetadas, ressoavam murros, fulgiam facas e espadas. E tantas e tão repetidas eram estas brigas entre os bandos ébrios e arruaceiros, alfariados pelo cio animal dos tudescos, castelhanos, italianos, portugueses (já tinha havido mortes na praia da Boavista, no Rossio, e rara era a madrugada que os aguazis não encontravam gente assassinada nas valetas das ruas de Lisboa) — que el-rei mandou lançar um bando, que pregoava ser imediatamente arcabuzado qualquer homem, português ou estrangeiro, que na cidade arrancasse da espada fôsse para quem fôsse.

* * *

As naus ancoradas no Tejo — galeões, galeras, urcas — estão repletas, dos porões aos tombadilhos, de mil provimentos de guerra: artelharia grossa de campo e mar; carretas

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

e pelouros; muitas e muitas caixas de pólvora; milhares de barricas de farinha; quintais de queijos e de carne salgada; [184] montes e montes de piques, lanças e arcabuzes; pilhas de enxadas, alviões, alavancas e escadas de que uns quatro mil gastadores e pioneiros se servirão, em terras de mouros, para escavações e escalamentos; carros de bois e de muares; centenas de cabeças de gado, para levar a artelharia, para transportar munições e bagagens; e milhares de montadas para milhares de cavaleiros. A par disto, mil utensílos diversos, mil aprestos de tôda a espécie: só de sapatos de malha havia um galeão cheio!

Os fidalgos apresentaram-se belamente [185]. Não se tinham poupado a nada para se mostrarem com riqueza, pompa e brilho. Os ricos gastaram à larga; os remediados endividaram-se. Venderam-se terras; venderam-se casais; venderam-se jóias; venderam-se baixelas. Empenharam-se morgadios, comendas e reguengos; receberam-se rendas adiantadas; hipotecaram-se valores. Foi a «Índia» da Rua Nova; foi o «São Miguel» dos judeus e dos onzeneiros!

Também se encheram os mercadores, os aljubeteiros, os armeiros, os correeiros, os tendilhões de inúmeras barracas de campanha, algumas das quais eram de seda, com grimpas doiradas, que os fidalgos haviam en-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

comendado em França e Inglaterra, para, no acampamento, acamaradarem briosamente com as do rei, que mandou vir as suas da Alemanha. E com todos êstes gastos e sacrifícios os fidalgos de «grandes prendas» obtiveram, para si e seus equipamentos, luxo e donaire. Com tecidos preciosos — veludos do Tibet, damascos, sedas e cetins da Índia, telas de oiro e de prata de Flandres, passamanes, espiguilhas e trochados de Itália — os aljubeteiros, dentro do engenho dos sastres castelhanos, compuseram trajes de gala, ricos e vistosos, à compita entre uns e outros. Profusão de plumas nos chapéus e nas gorras, com brochas de diamantes de Narcinga, pérolas de Ceilão, aljôfares pérsicos, esmeraldas e rubis, orientais ou camafeus de Nápoles. Nas dianteiras dos gibões e nas ilhargas das pantalonas, os botões que as apresilhavam eram franceses, de oiro, de pérolas, de cristal facetado ou de pedras em cabuchão, boleadas e brilhantes como seixinhos molhados. Muitos trancelins; muitas telilhas de oiro. O correame tinha vindo de Córdova e os aços de Toledo. As librés dos escudeiros, môços de espora, pagens, lacaios, eguariços, eram feitas nas côres próprias das casas de seus senhores; e os panos destas roupas iam desde os de raxa aos de grã, vestindo alguns calças e meias de seda.

Os cavalos vinham soberbamente aparelhados. As testeiras das cabeçadas eram esmal-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tes sôbre azul, como os peitorais e as nóminas. Havia estribeiras de oiro, muito lavradas, ou com baixos-relêvos abertos em Veneza; e os jaezes dos bornais, nos arções das selas, eram de veludo; como de veludo eram, uns carmesins, outros azuis ou prêtos, e todos franjados de oiro, os telizes de gala, que tinham no campo, bordado, com suas luzes e metais, brasões solarengos, cercados de paquifes de verdes velhos. E no meio de tanta opulência e brilho, ainde sobressaíam as gentes de peleja do duque de Bragança, que vinham uniformemente vestidas de amarelo, com adornos vermelhos, e a numerosa criadagem, com gibões e calças de encarnado fino. Era luxo e também orgulho; e já tanta riqueza, poder e arrogância molesta os que sempre viram nos propósitos dos senhores de Bragança afronta aos senhores de Avis.

Enfim, a fidalguia portuguesa fêz magnificamente parada de honra ao seu rei; e tão certa ela estava da vitória, que levou consigo tudo que necessário fôsse para a festejar lá, em estacadas, com brinquedos públicos de torneios, jogos de canas, bafordo e alcanzias.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Ajustam-se os últimos corseletes, apertam-se os últimos cinturões, afivelam-se as últimas esporas de prata ou aço, correadas de cordovão.

Estamos na ante-véspera do embarque. Balançam-se no Tejo cincoenta naus de alto bordo, cinco galés, e várias urcas e venezianas, que esperam para cima de treze mil homens [186].

Escreveram alguns, que neste 13 de Junho, dia de Santo António, D. Sebastião fizera o seu testamento [187], ¡como se fôsse concebível que pela cabeça dêsse ardente môço, que absolutamente fiava da sua fôrça e absolutamente cria na sua predestinação, pudesse jamais passar a ideia de ficar vencido ou morrer!

No dia seguinte, logo de manhã, D. Sebastião, vestindo de gala, sua telilha perolada, com debruns de torçal de oiro, gôrra de veludo vermelho com plumas brancas, e, nas mãos, guantes de camurça almiscarada; — D. Sebastião, a cavalo, sai dos Paços da Ribeira para a sé, no meio de centenas de fidalgos, que formam rebrilhante comitiva, com seus chapéus de tafetás negros e plumas amarelas, roxas e verdes; gibões de veludo e de seda; coletes de anta e calças de camurça;

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

botas altas de cordovão; capas carmesins, negras e leonadas; arnêses brunidos; cascos empenachados; espadas fúlgidas. Montam soberbos cavalos com arreios e selas ricas, jaezes bordados a oiro, a prata, a matis. Pela calçada fora — ¡ que tropeada de sonora galhardia! Enorme e lustrosa, a cavalgada é um painel de côres e metais heráldicos, como enorme pano de rás, ou, melhor, colossal guadamacim cordovês.

O povo, que enche a praça, aplaude com loucura o seu belo, forte e audaz rei cuja esbelteza e poesia faz pular nos peitos os corações das donzelas, entala as gargantas dos seus devotos e solta lágrimas nos olhos admirados. Há gestos, há palmas, há exclamações, há gritos de júbilo estilhaçado.

O rumoroso e vistoso cortejo volta para a larga Rua Nova dos Ferros, repleta de lojas que vendem tôda a espécie de artigos — faianças, porcelanas, couros, livros, panos, sedas, drogas, tapetes e miüdezas de fancaria — que faz dela um brilhante e movediço bazar oriental. Nos seus três e quatro sobrados de muitas e variadas janelas, tôdas colgadas com tapetes e colchas de Flandres e da Índia, há, de alto a baixo, centenas de olhos que admiram, centenas de mãos que palmeiam calorosamente à passagem do rei. No chão, de lajes espinhadas, tropeiam mil patas arrogantes. Como é atroador! Na frente, num brioso cavalo

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

de parada, vai o alferes real com a bandeira emburilhada na haste. Fidalgo, môço, sua nobre figura transportada e religiosa é como arauto espiritual.

Os sinos e as sinetas da sé e da Madalena repicam alegres em chalradas de rapazio em gáudio.

Agora é o rei que surge. Então, das lojas debaixo dos esteios, tôda a gente acorre com os olhos alvorotados de festa, as caras a estoirarem de alegria, os braços no ar, epilépticos, a aplaudir, a aplaudir! Que delírio! As palmas são como foguetes a estralejar; e tantas e tão sonorosas, que sobressaem no arruído grosso da cavalgada a tropear, e parecem súbitas bátegas de verão em ramadas de vinhas folhudas.

Chegado ao terreirinho fronteiro à catedral, D. Sebastião apeia-se e com êle a comitiva que, seguindo-o, sobe a escadaria até o adro. O sol patina de amarelo quente a velha fachada da igreja gótica. Os sinos repicam, repicam sempre. Dentro da sé, levando à mão direita o áspero D. António, prior do Crato, e à esquerda o delicado duque de Aveiro, e logo atrás a alta cleresia, cónegos, prebendados e capelães que todos o vieram esperar à entrada, o rei sobe a nave, entre várias filas de fidalgos comprimidos pela compacta massa de povo. A capela-mor, cheia de oiro, está engalanada com damascos vermelhos. Ardem mui-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tas e muitas velas. Brilham as armas e os cetins metálicos das roupas dos grandes.

Do lado do Evangelho, D. Sebastião sobe um estrado e instala-se no seu cadeiral dosselado.

O arcebispo de Lisboa canta missa de pontifical, entre dois bispos revestidos de aurissamitos.

Ao Evangelho sobe ao púlpito Fr. João da Silva e prega nobres dizeres, aplaudindo, com grosso entusiasmo e grandes palavras, o rei, os fidalgos e o povo que o acompanha.

D. Sebastião, todo o tempo de joelhos numa almofada de veludo encarnado, reza fervorosamente, com os olhos virados às abóbadas, a alma posta no céu.

Terminada a missa, o arcebispo D. Jorge de Almeida, mitrado e revestido com capa de asperjes, entre os bispos do Pôrto e de Coimbra, diante do estandarte, benze-o e asperge-o, pronunciando latinas palavras lidas no Ritual; e faz com o hissope cruzes no ar. A bandeira, tendida nos braços pundonorosos de D. Luís de Meneses, está posta ao alto. Todos a vêem agora. Os corações estremecem. De damasco carmesim franjado de prata, tem de um lado a imagem de Jesus na cruz, do outro as cinco quinas reais, azuis com besantes de prata — as cinco chagas do Redentor.

E' uma asa santa; é uma estrêla divina.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

A bandeira sagrada da Pátria! A bandeira de Ourique! Subi às alturas, corações portugueses!

As bandeiras são símbolos. As bandeiras são corpos. As bandeiras são almas. As bandeiras vivem nas serras e no mar; nos oiteiros e no campo; nas praças e nas ruas. Seres de ar livre, o vento fala com elas e elas falam com o vento; e, seres de sacrário, as almas nelas se recolhem. Sua fala é de clamor para a multidão; e de reza para os devotos. A bandeira é um ser civil e religioso, e a sua roupa é ao mesmo tempo militar e talar. Serve a Pátria e serve a Religião, ora batalhando, ora rezando.

Bandeira sagrada de Portugal — de joelhos todos, e pelas alturas os corações portugueses!

* * *

O rei volta da sé. Vai embarcar imediatamente. Quer levar para África, no seu gibão de veludo, as gotas de água-benta com que foi espargido e o perfume do insenso bento de que êle se impregnou. Foi à igreja a última visita que fêz em terra de Portugal. Despede-se da pátria!

O cortejo organiza-se. Na frente, o alferes-real traz agora a bandeira desfraldada ao

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ventinho fresco, que a freme. Cheira ao Tejo. São adeuses à arajem suave, ela que vai para os ventos candentes da África tórrida; são adeuses ao ar e à luz da pátria cristã e meiga, ela que passa às terras infiéis da Berbéria.

A benção do estandarte estendeu-se ao rebrilhante cortejo em cujo fulgor há agora a mais a dulçura da piedade que a todos toca e enleva.

A cavalgada avança em direcção ao cais. No meio dos seus fidalgos, D. Sebastião sorri, sereno, com a consciencia segura de quem pisa a estrada do dever, a face feliz e o olhar iluminado de quem segue confiadíssimo na sua estrêla alta e radiosa. E o povo português, ao ver os lindos e garbosos vinte e quatro anos do seu rei bem amado; ao reconhecer todo o arroubo da sua alma doida de amor por seu reino; certíssimo das intenções formosíssimas de quem, pelo engrandecimento da pátria vai longe, exposto a mil perigos, arriscar a vida; — sente em todo o seu corpo arrepios de orgulho e na sua alma ondas de ternura pelo sacrifício belo dessa mocidade em flor. Então a multidão, fora de si, lança-se em frenéticos aplausos, clamando e palmeando, chorando e rindo, sem regra e sem medida, num desmancho absoluto de atitudes, naquele estado de paixão nobre em que os homens são só alma e esta arde tôda em sagrado delírio!:

— Viva o nosso rei! Viva o nosso rei!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Outros atiram para o ar as suas preces:
— Senhor, olhai por êle!
Os seus receios:
— Que Deus o guie!
As suas esperanças:
— Que Deus o traga a salvamento!
E todos o seu amor:
— O nosso queridinho rei!

Naquele instante, D. Sebastião era, num só homem, o sonho de milhares de homens. Sua bela figura física, sua primorosa figura moral faziam do rei de Portugal um ser de eleição, um ser de predestinação, um ser de assombro, um ser de mistério, todo êle a refulgir valor, fastígio e graça.

O cortejo real, apertado pela multidão compacta, mal pode seguir. As aclamações continuam estridentes. E' a atoarda uníssona de todos os corações a vibrarem ao mesmo tempo. Portugal inteiro exulta. ¡Como o grande sentimento português em escâncaras de bem-querer, todo se mostra e dá!

Os clamores enchem de lés a lés o terreiro do Paço, galgam o Tejo larguíssimo e ouvem-se lá longe, na outra banda, na alcandorada e branca Almada.

D. Sebastião sorri ao seu povo. Sua face é orgulho e beleza.

As palmas sucedem-se em cargas cerradas. Não param! O delírio é contínuo, transbordado,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

desiquilibrado, doido. Os peitos estão exaustos mas as vozes roucas, gritam ainda:

— Viva! Viva! Viva!

D. Sebastião chega ao cais. Desmonta e logo desce e entra no bergantim lacado e doirado, que o espera. Já batem os remos nas águas — já navega. E enquanto êle fende o rio, a multidão, arrepiada de enternecimento, com lágrimas nos olhos e na garganta, e sempre a acenar milhares de lenços convulsos, atira despedaçados soluços, atira as almas, em direcção ao bergantim, que vê afastar-se, afastar-se, e lhe leva o seu amado rei talvez para sempre, talvez para a morte:

— Adeus! Adeus! Adeus!

E essas sentimentais almas portuguesas desfazem-se em dor, despejam-se em saudades!

No meio do largo Tejo azul, espelho do alto céu azul, a galé «São Martinho», branca e oiro, o gurupês em riste, o castelo da pôpa toldado de carmesim, e tôda ela empavezada de multicores galhardetes, pavilhões e flámulas de seda nos topes dos mastaréus, — recebe, com júbilo e orgulho, ¡êste maravilhoso cruzado de antiga era, que vai atirar-se, repleto de altíssimos sonhos, no ardor da fé e na obstinação da honra, de encontro a chusmas de mouros nos areais da África berberesca, para, em sacrifício ingente, sagrar a sua alma de herói numa epopeia de sangue!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XXII

ABALADA DAS VELAS E DAS ALMAS

PORTUGAL embarcou-se: povo, nobreza e clero. Está a bordo o Minho, Trás-os-Montes, o Douro, as Beiras, a Extremadura, o Alentejo, o Algarve — gente ribeirinha e serrana; gente quieta da colina sôlheira, gente agitada da charneca; gente piedosa da beira-mar, gente livre das lezírias da borda-dágua. Mas o povo desta hora lusa não é o mesmo que aclamou o Mestre de Avis nas ruas de Lisboa; que se bateu na campina dos Atoleiros, nas várzeas de Aljubarrota e nos oiteiros de Valverde; que se apoderou de Ceuta e depois valorosamente manteve a prêsa; que escalou Arzila, que pelejou nas águas de Ormuz, que defendeu as muralhas de Diu. E' muito diferente. A refulgência da Índia, seu oiro e pedrarias, estonteou-o e desmoralizou-o; o rigor religioso do último reinado embiocou-o; a menor vida municipal alheou-o da causa pública; a igno-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

rância absoluta estupidificou-o; e cincoenta anos de paz pôdre entorpeceram-no. No entanto ainda é, por sua natureza, afoito e destemido; ainda é, por sua índole, crente, fiel e manso. Alma lavada e recta, é homem de palavra; bom rapaz e prazenteiro, riso claro, humor aberto, fala com o coração nas mãos e folga com estúrdia escancarada. Ama como um toiro bravo, mas, enamorado, arrulha afagos: a sua sensualidade é vulcão e brisa, ardentia e meiguice. Para os plainos de África leva arcabuzes e violas, coragem e cantigas; e também, para a eminência do perigo, alguns levam aquele golpe de temeridade, aquele grãozinho de loucura aventureira que, fascinando-os pelo tremeluzir da glória e ainda atraindo-os pelas riquezas, atirava para as estradas dos oceanos e dos sertões, dos areais e dos palmares, os seus grandes antepassados descobridores e conquistadores.

Igualmente, os nobres sofreram em seu antigo espírito de arrôjo: — a diferença que vai da Idade-Média, ruda e forte, á Renascença polida, civilizada e artística. A-pesar disto, a maioria dos nobres lusos continua a ser a primeira no ardimento, na lealdade, no garbo: e nesta hora de rompante nos bons vassalos foi muito do ânimo antigo quem se embarcou para a África.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Está a bordo tôda a fidalguia portuguesa. O sangue real de D. João I é representado por D. Teodósio, 2.º duque de Barcelos, primogénito do 6.º duque de Bragança, uma criança de doze anos, que substitui seu pai D. Jaime, adoecido gravemente em Lisboa, à última hora. O de D. João II, pelo duque de Aveiro e marquês de Tôrres Novas, um gentil-homem, e por seu primo o galhardo D. Jorge de Lancastre [188]. O de D. Manoel por seu nêto D. António, prior do Crato, assomadiço e irrequieto, mas sempre esforçado e corajoso.

Os galeões encheram-se de povo; e as galés, de sessenta remos, — de títulos e principais. A bordo delas está o conde de Tentúgal, o conde de Vimioso, o conde do Redondo, o conde da Vidigueira, o conde de Mira, o conde de Linhares, o conde de Sortelha, o conde de Monsanto, o conde das Idanhas, e o barão de Alvito.

Além dêstes, tôdas as grandes casas fidalgas de Portugal têm representantes nesta colossal e refulgente cavalgada de orgulho e galantaria, que vai a África pelejar por sua Pátria como se fôra a uma liça jogar ao bafordo ou quebrar lanças por sua dama.

Seus apelidos heráldicos registram-nos rútilos brasões, de côres vermelhas, azuis, ver-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

des e prêtas; de metais ricos, oiro e prata, orlados de divisas em latim e português velho, cercados de paquifes de verdes folhagens estilizadas, e sob brunidos elmos cimeiros de timbres de fama. Estas luzes e estes esmaltes são significativos de vitórias guerreiras, de lealdade, de fidelidade, de firmeza, de clara eloqüência, de propósitos limpos e de boas manhas prestimosas, tudo experimentado e provado em refregas de ardimento, em mostranças de saber, bem servindo o rei, o reino e a grei.

A cavalgada, em seus apelidos heráldicos, é variegado mapa de esmaltes primorosos. Pôsto no chão, seria como estuário de pedrarias de múltiplas côres onde o sol reverberasse. O anel de rubi, dos Meneses; o golfinho de prata, em ondas de águas azuis, dos Távoras; as fachas veiradas e contraveiradas de prata, em fundo negro, dos Vasconcelos; as cunhas azuis, postas em oiro, dos Cunhas; a cruz de prata, aberta e florida nas pontas, dos Pereiras; os besantes argênteos, dos Melos; as chaves mouriscas, dos Cogominhos; as fachas enxequeteadas, dos Sotomaiores; as serpes de prata, dos Freires; os castelos de oiro, lavrados de prêto, dos Rolins; as estrêlas vermelhas, dos Coutinhos; os escaques, prêtos e azuis, dos Sás; as fachas de oiro, em campo vermelho, dos Mascarenhas; as arruelas azuis, dos Castros; o áureo e rompente

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

leão, dos Castelos-Brancos; a dupla cruz, com bordadura de oiro e de oiro seus besantes, dos Almeidas; as quinas portuguesas, dos Eças; a águia preta, dos Azevedos; a banda azul, dos Almadas; as quartelas, dos Sousas; — e tantos e tantos outros apelidos de nobreza que cercaram seu rei: os Albuquerques, os Noronhas, os Mendonças, os Silveiras, os Oliveiras, os Alcáçovas, os Teles, os Mendes, os Câmaras, os Saldanhas, os Ataídes. E' o sangue de reis e de filhos de algo, dos que nos primeiros tempos da monarquia portuguesa ajudaram a filhar o reino aos mouros, a defendê-lo de Leão e Castela, a dilatá-lo por África dentro, a povoá-lo no Brasil ferassíssimo, e a enaltecê-lo nas proesas épicas da Índia das maravilhas.

Para esta mobilização de fidalgos, fez-se a chamada pelo *Livro Velho das Linhagens* e pelo *Nobiliário do Conde D. Pedro* — pergaminhos de grandes sangues. Aula de cavalaria antiga, o bedel foi a voz pundonorosa dos armoriados tempos de antanho. E ninguém faltou, e com que brio veio! E' a honra dos virtuosos séculos idos, é a lealdade certa, a fidelidade exacta, que lhes galhardeia as almas de topête e arranco, neste acamaradar com o seu rei em horas de perigo. Todos estão nos seus postos; a consciência segura de si; firme o ânimo; o peito ufano; o olhar de denôdo, ao alto.

Fidalgos!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

A clerezia não se representa extensamente, mas a que vai será dedicada até o heroísmo.

A bordo está Alexandre Formento, Legado do Papa, que de Roma veio carregado de indulgências, graças e previlégios para repartir com o exército português. D. João da Silva, embaixador de Castela, representa a Espanha de Filipe II. Estão os bispos do Pôrto e de Coimbra, D. Aires da Silva e D. Manoel de Meneses. Levam os seus báculos e também as suas lanças.

Capelão-mor é o terceiro Fr. Bernardo da Cruz, que, depois, escreverá a crónica desta fidalga jornada destemida. Vão ordens, regulares e diversas religiões, para confessar e administrar sacramentos — medicina sobrenatural para aguerrir as almas, na hora trágica do encontro da Vida com a Morte...

Seguem também vários prègadores instigadores da fé, inflamadores dos ânimos combatentes.

Junto do rei, em discreta fala, — o seu confessor Gaspar Maurício, justo e sábio jesuíta.

E' comandante da armada D. Diogo de Sousa; e no exército de terra, sob as ordens do rei e chefe, vão quatro coronéis: D. Miguel de Noronha, Vasco da Silveira, Francisco de Távora, e Diogo Lopes de Sequeira. Em especial, é general da artelharia Pedro de Mesquita, Bailio de Ordem de São João; e da cavalaria, o duque de Aveiro. Cristóvão de Távora, o privado

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

querido do rei, é general dos nobres Venturreiros — nova ala dos «Namorados» — que formam a vanguarda dos corações intrépidos, e se baterão como leões.

Mestre de campo é D. Duarte de Meneses, o heróico defensor de Tânger. Alferes-real é D. Luís de Meneses — aquele de olhar religioso, que levou à sé de Lisboa a bandeira a benzer; e alferes do guião — D. Jorge Telo, tôdo êle um frémito de guerra.

Os têrços castelhanos são comandados pelo experimentado D. Alonso de Aguilar; os têrços de recrutas tudescos, mercenários, por Martim de Borgonha, senhor de Tamberg; e os italianos, pelo marquês de Stukeley, lord inglês. As numerosas massas de gastadores, de carreteiros, de azeméis, comanda-as Manoel Ribeiro de Quadros, provedor das Valas das lezírias de Santarém.

Na expedição há antigos capitães da Índia, como João de Mendonça; vèdores, como Manoel Quaresma; desembargadores do Paço, como António de Távora; alcaides-mores, como António Lobo e Álvaro Pires.

Seguem também o meirinho-mor do reino D. Miguel de Noronha; o aposentador-mor Manoel de Sousa; o regedor das justiças Lourenço da Silva; o ouvidor do campo António Velho Tinoco; e os corregedores da côrte Belchior do Amaral e Francisco Casado.

Todos, vão todos!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Guarda-roupa do rei é Lucas de Andrada; Gaspar Nunes vai como seu mantieiro-mor; e de enfermeiro em chefe encarrega-se o bispo de Coimbra, D. Manoel de Meneses, sendo seus assistentes Jorge de Vasconcelos e Jorge da Silva. Muitos físicos e cirurgiões. O alcaide é Marcos Lopes Carração; provedor-mor do campo, Luís César, o intendente dos armazéns do reino. Vários deputados da Mesa da Consciência. Ao lado dos sargentos-mores, enfileiram Fr. Estêvão Pinheiro, carmelita, e o asceta Gama, arrancado ao isolamento da sua cela de eremita, êle que de boa-mente trocou a contemplação pela acção.

Historiadores, como Fr. Bernardo da Cruz, que escreverá a «Crónica de el-rei D. Sebastião»; Jerónimo de Mendonça, futuro autor da «Jornada de Africa»; e Miguel Leitão de Andrada, o da «Miscelânea» — embarcam também.

Vão os poetas Luís Pereira Brandão e Diogo Bernardes, cantor de «O Lima» para pregoar, em verso altissonante, as façanhas dêste rei cujo ardor belicoso e vitorioso já de antemão (dizia-se) estava a ser exaltado num novo poema épico — «O Africano» —, começado a compor pelo grande Camões, ao tempo precocemente envelhecido e triste, êle que seis anos antes publicara os «Lusíadas» e dois anos depois morreria — «com a Pátria».

Todos, vão todos!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

As cincoenta naus de guerra de alto bôrdo e duas cobertas, as cinco galés e ainda várias urcas e caravelas de que se compõe a grande frota, transportam em seus porões e conveses (prenhes de munições, mantimentos, trinta peças de artelharia e montões de bagagens) cêrca de nove mil peões e gastadores portugueses, mil castelhanos, três mil tudescos, seiscentos italianos e centenas de cavaleiros, Ventureiros e voluntários.

E' manhã alta da luz em glória do dia de São João, 24 de Junho. Vem o sol vermelho e latejante dos lados da serra da Arrábida. O céu, os montes, as águas do rio são um fresco painel de azuis, de verdes e de oiros trémulos e ridentes.

A bordo há a faina, a azáfama, o alardo e o alvorôço da hora da largada ao desamarrar as âncoras. Cordoalhas e enxárcias correm nos moitões, nos cabrestantes, nas bigotas. Gemem as adriças a içar bandeiras e guincham os cabos aspérrimos nas roldanas, a erguer as velas, e rangem os mastros, que sustentam, nas vêrgas retesadas, os panos de cotonia, já tensos. No ar cruzam-se os sinais dos apitos e as vozes firmes de comando dos pilotos e dos capitães. As velas pandas, com seus enormes bojos de muito pano, rosados pela luz baixa

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

do sol nascente, empavesam-se como bando colossal de colossais perus de peitos soberbos, em entumecida e arfante marcha guerreira e donairosa.

Já a armada desce lenta e ufana o largo Tejo, cujo cetim esverdeado, húmido pela luz fresca da manhã, as quilhas vermelhas rasgam em ferveduras de espumas nevadas.

São oitocentas velas brancas, com as cevadeiras, as gáveas e os joanetes sinalados com a cruz vermelha de Cristo — divisa sagrada de um reino cristão, que o infante D. Henrique e o rei D. Manoel usaram religiosamente. A distância umas das outras, ferrados os papafigos, colhendo os velachos e as gatas, à bolina, um nortezinho fresco, seus aparelhos redondos e latinos enchem o rio de lado a lado, lindamente, como um andante bosquete outonal, de mastros e de vêrgas, em que, por milagre, súbitamente rebentasse uma primavera maravilhosa de enormes magnólias listadas de encarnado — as velas pandas persignadas com o sangue de Jesus.

Nos galeões, nas naus, nas galés, nas caravelas, o vento de feição, arrumando à barra, boja as redondas dos traquetes, dos mastros grandes e das mezenas, com orgulho e bizarria. Tremulam viçosas, nos topos dos mastaréus, as bandeiras com os sinais de Portugal; e na galé do rei, que rompe principal, com sua proa de beque, sua ré de alto castelo ten-

Digitized by Google · Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

dado de carmesim, seus mastros com velas de pendão — o galhardete de majestade crepita a longa e estreita tira de seda, no céu de anil, pregueada numa alegria azul e branca, vibrante, como estrídulo clarim de cobre ao romper da alvorada.

Rebentam tiros de artelharia; dezenas de tambores e tamborins batem sonorosos como em alacre arraial; grilam pífanos e dulçaínas; estrugem charamelas; e as trombetas bastardas sopram seus clangores com as tubas brunidas enristadas ao azul esmaltado do firmamento, para que no céu as oiçam e de lá admirem a armada formosa de côres e de intenções, que navega rumo a terras ardentes e infiéis.

O Tejo está esteirado de bergantins, que foram às despedidas, cheios de pessoas principais, magistrados, ordens militares e gente de condição.

Em revoadas, grasnam bandos de gaivotas brancas em volta das naus.

Na alegria da luz, da música, dos trons a rebentar, dos sinos a repicar, do estralejo de milhares de mãos a palmear, do alvorôço de milhares de lenços a acenar, lá na multidão parda e movediça que se estende ao longo do cais, desde a Ribeira a Santos, de Santos ao Restêlo, e assiste ao descer da frota rio abaixo; — ninguém vê os borbotões de lágrimas que irrompem dos olhos e se choram por quem

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

parte, os novelos de soluços que ennodam as gargantas, nem ouve os ais de saudades que soltam os peitos oprimidos. Os fidalgos esquecem, por êsse Portugal fora, seus castelos roqueiros, suas honras, seus solaros, seus morgadios; e a soldadesca ruda, vinda da charrua e das rêdes, da leira e da praia, do oiteirinho sòlheiro e dos covões de luz estagnada, de além dos montes, da borda dágua ou da charneca, não se lembra dos seus casotos de telha-vã, colmatos ou apriscos, dos seus barcos ou espigueiros, — dos lares onde lá longe, penam pais, mães, espôsas, filhos e irmãs, na incerteza dos perigos iminentes dos qae andam sôbre as águas do mar! Os que partem, levam os olhos tonteados com as luzes das novidades e dos imprevistos, os ânimos agitados de sobressaltos belos, que os deslumbram, lhes alheiam as almas e as jogam, invadidas de poesia, à embriaguez da aventura gloriosa!

E a frota bela, empenachada de ideal, lá vai, barra fora, rumo ao sul, florida em suas côres, fidalga em suas determinações, santa em seus propósitos! Abalada das velas e das almas de cometimentos augustos — é uma emprêsa mística e patriótica em demanda de sonhos que agradem a Deus e honrem a nação.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

*
* *

¡Oh Senhora de Cârquere, para lá de Rèsende, que recebestè as acções de graças do conde de Borgonha; oh Jesus crucificado, de D. Afonso Henriques; oh Senhora da Oliveira, de D. João I; oh São Domingos da Queimada, em montados de Lamego, a quem rogou D. João II; oh Virgem do Restêlo, que recebeste a promessa de D. Manoel; oh Santa Maria de Seiça e São Jorge de Aljubarrota, com quem Nuno Álvares se apegou; oh Santa Maria de Assumar do voto dos Atoleiros; oh Senhora do Carmo, do voto de Valverde; oh santos e santas, anjos, arcanjos e serafins da côrte do Céu, ante cujas imagens os peitos crentes dos reis, infantes, governadores, fronteiros, capitães, soldados, marítimos portugueses se têm aberto em horas temerosas de pelejas ingentes por amor da pátria; — vós bem sabeis, almas celestiais, que são puras e formosas as intenções dêste rei de sonho! Piedoso como os mais piedosos dos seus antepassados; guerreiro como os melhores; herói como os maiores; — êle lá vai, lá vai, em derrota grandiosa, criar história bela!

Como os santos mártires entravam nas fogueiras, certos de que as línguas das labaredas lhes não tocavam, ou, através de procelas,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

seus pés pisariam enxutos as águas do mar; — igualmente êste rei místico, absôrtos seus olhos de fé em luminosidades celestes, avança para a guerra de além, de almà intrépida e florida, seguro do prémio que Deus conferirá ao esfôrço assinalado que êle, com nobreza e beleza, pôs no cumprimento da missão divina que o céu lhe confiou.

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XXIII

MAR COSTEIRO

TRANSPOSTAS cêrca de cento e cincoenta milhas de mar nosso, num dado momento do dia seguinte, soa pelos tombadilhos de tôdas as naus da armada o mesmo sinal de folgar as escotas, dando pano às velas em mesura à terra: — é a magnífica frota que dobra o religioso cabo de São Vicente onde no século quarto arribara o corpo de um mártir santo, que, depois, numa barca desarvorada e abandonada, dois corvos místicos, um à pôpa outro à ré, guardaram e guiaram até às praias da Olissipo antiga.

Agora, clérigos, fidalgos e marinheiros, recordando que, século e meio antes, igual homenagem nesse mesmo lugar prestaram os portugueses idos na primeira expedição a Ceuta, chamam à presença da sua alma a de São Vicente e rogam-lhe boa viagem e ventura na emprêsa encetada.

Logo adiante, passam à vista de Sagres, fragoso promontório abicante pelo mar dentro,

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

na verdade «sacrum» pela beleza do misticismo patriótico do infante D. Henrique, duque de Viseu e senhor da Covilhã. Estão defronte do mar por sôbre o qual êste ínclito filho de D. João I estendeu seu cúpido olhar para lá do horizonte, até perdê-lo nos aléns do «mar tenebroso», do «mar pestilento», onde sua ânsia acreditava na existência dos mundos, E' um mar chão, atraente, sedutor, como os cantos das ondinas criadas pela fantasia poética dos antigos que muito viveram no sonho da beleza. O encanto repete-se: se o empreendimento, que a todos arrasta nessa hora de travessia, é, por um lado, político e comercial, por outro tufa-o o ideal de propagar a fé e de engrandecer, honrar e afamar a pátria. D. Sebastião é o herdeiro e o continuador dos sonhos do Infante, e ainda daquela temeridade que o atirara um dia às escaladas de Tanger:

Depois, a frota sobe a costa do reino do Algarve e vai aportar na ancha bafa de Lagos, plena de sol que pincela matizes azuis nas águas azuis, onde um ventinho fresco do norte toca de velo branco o rebordo das maretas, acarneirando, com golfinhos de espuma branca, êste mar pagão.

Demoram aí quatro dias calmosos, a fazer aguada e a receber gente, alentejana e algarvia, alistada pelo coronel dos têrços Francisco de Távora que bateu a charneca transtagana e as aldeias caiadas da terra das figueiras e

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

das alfarrobeiras, para recolher o mais que poude de soldadesca [189].

Levantam ferros; e, deixado o oceano das descobertas insulares e continentais, Madeira e Porto Santo, Vera Cruz, cabo Bojador e Guiné, e o da rota da Índia, arrumam logo ali, a levante, para o Estreito da lenda de Hércules — porta ocidental das remotas gentes fenícias de Tiro e Sidónia, que até ela velejavam e àquem passaram, em demanda do mitológico velocino das brumas setentrionais. Águas de poesia para os sabedores da história lendária dos mares!

Pelos fins de Junho chegam a Cádiz onde o estádio é maior — oito dias — para esperar e, depois, meter os restantes castelhanos: tez queimada, alma cantante, recrutados na sonorosa Andaluzia de sol e laranjais. O golfo azul da antiga Cales colore-se e adorna-se com a enorme e vistosa armada real. Tão grande número de naus enche de pasmo a multidão acorrida ao cais; e quando vê descer os fidalgos portugueses, brilhantes em suas armas, luxuosos em suas sedas e veludos, — tanta grandeza assombra-os e encanta-os. O governador da praça, D. Afonso Peres de Gusmão, duque de Medina Sidónia, visita o rei no mar; e, a seu convite, os fidalgos desembarcam para assistir a festas que êle e os nobres da cidade lhes oferecem. São belas. Há touros e jogos de canas; nquetes, passeios e cantares [190]. A soldadesca

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

desembarca também. E as ruas e rossios da pequena cidade, em socalcos sôbre a farta baía, enchem-se, naqueles oito dias, dos risos, dos cantos e da algaravia de milhares de soldados portugueses, tudescos, castelhanos e italianos, com seus passos estrepitosos, gestos excessivos, modos bruscos e vozes altas e descaradas no desplante insolente de invasores que pisam terra conquistada.

O rei de Portugal, recolhido em seus pensamentos mantém-se a bordo, desembarcando uma vez apenas, e recatadamente, para vir a terra ouvir missa numa humilde ermida nas cercanias de Cádiz. São passos religiosos. Sua alma de oratório (a missão que leva é mística) não estima folgar e quer entrar em África com o gibão de veludo a cheirar ao insenso de que se impregnou, e ainda com as gotas de água benta aspergida pelo hissope de prata do arcebispo de Lisboa.

Dias depois, a frota levanta as âncoras e larga para defronte, para a ambicionada terra africana — terra de promissão. Já no mar, D. Sebastião afasta-se dos mais com quatro galés e mete direito a Tânger — a alcandorada e branca — dando ordem a D. Diogo de Sousa de levar tôda a armada para o ancoradouro de Almodrava, adiante, a duas léguas de Arzila, onde êle a irá encontrar.

A' meia noite está à vista Tânger. Picam o negrume raras luzinhas esparsas na cidade

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

em montículo: são as adornadas candeias mouras de latão vasado. Silenciosa, parece adormecida, mas, na verdade, está vigilante. Todo o dia alerta tem esperado o rei de Portugal. O xerife, principalmente, pôs esculcas na costa para espiarem o mar com olhos ávidos, e logo elas correrem com o aviso alviçareiro, mal aponte a frota.

Chega a nova. Imediatamente o xerife manda a bordo da galé «São Martinho», acompanhado do vice-rei de Mequinez e de alcaides, seu filho Molei-Xeque, uma viva criança de dez anos, que, em nome do pai, visita o Senhor D. Sebastião, e lhe dá as boas vindas àquela sua terra e não vai êle próprio por ser desoras. O rei de Portugal recebe o principezinho no meio da galé e leva-o daí à porta da sua câmara, no castelo da proa, onde lhe toma, em pé, a régia visita, e é muito cortês e afável para o atónito mourito de afagosos olhos negros em tez de bronze claro e riso simpático de dentes alvíssimos.

No dia seguinte, logo na manhã fresca de grande luz por sôbre o mar liso, é o próprio xerife quem vem cumprimentar D. Sebastião. Cerca-o uma comitiva de alcaides e mouros nobres, em colorida flotilha de pequenas fustas embandeiradas. Os remadores são arábios de braços e peitos negros, faces morenas de feições duras. A baía, entre colinas de capim verde, é pintada de côres tão vivas, tão metáli-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

cas, que tôda ela parece um colossal azulejo hispano-árabe. Atracam à galé real. D. Sebastião espera-os no portaló; e, desbarretado, recebe o mouro no meio da nau. O xerife, em traje de gala, vestido de pelotão de veludo pardo com largo cinto mourisco de pedrarias, tufadas pantalonas vermelhas e bicudos burzeguins de seda bordada com pérolas, — curva-se reverente até o soalho do tombadilho e da mesma maneira os da comitiva; e assim uma vez, duas vezes, três vezes, em manifestação de respeito venerador. Em seguida, como sinal de cordialidade perfeita, beija D. Sebastião no ombro, e logo se dão religiosos abraços de amizade e paz, num velho cerimonial mauritano, que vem de reis a reis.

O xerife é criatura de 30 anos, corpo mediano e fraco. Os seus inimigos alcunham-no de El-Aba — o «Negro» — e, na verdade, é um mestiço quási negro, por ser filho de brônzeo e de preta [191]. Terminados os cumprimentos, D. Sebastião leva-o à pôpa onde, sentados, conversam. O xerife olha-o com admiração. Sua alma está pávida e rendida. O prestígio pessoal do rei português, acrescido aos prestígios acumulados dos seus avoengos de tanto assombro entre gentes da Berbéria, o aparato da galé e dos fidalgos estonteiam o xerife e aterram-no. Êle tem diante de si Portugal, secularmente triunfante dos da sua raça. A soberania e a galantaria de D. Sebastião, a

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

grandeza que o cerca, amedrontam êste príncipe destronado e todos os mais da comitiva, que permanecem atónitos e humildes.

Mas o xerife afoita-se e diz que, depois que viu com seus olhos a majestade e o poder de Portugal, reviveram suas esperanças de readquirir o trono usurpado. Cala-se. E' interrogativa a expressão da sua bôca larga, pasma a da patina da sua face quási negra; e os carbúnculos pretos dos seus olhos africanos postos nos olhos europeus e claros do rei português, a perscutar-lhe o pensamento fundo, suplicam uma resposta. D. Sebastião, o porte altaneiro, sereno e digno, responde-lhe:

— A isso venho e a lançar fora da Berbéria, e para não mais voltar, o turco de além.

E seu gesto sóbrio e nobre volta-se para Levante.

O mouro, restituido a si próprio, tranqüiliza-se. Respira fundo. Sorri-lhe a alma nos olhos rebrilhantes e nos dentes alvos. Já êle ganha ânimo, pondo em confiança suas esperanças de vencido.

A conversa continua. Falam dos seus negócios polfticos [192]. Ratificam-se os tratados anteriormente estabelecidos por intermédio do marquês de Vila-Real, em Ceuta, e pelo governador de Tânger, D. Duarte de Meneses. Firmam-se ajustes e alianças: logo que se instale no trôno, Molei-Mohâmede agradecerá

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

o socorro prestado por D. Sebastião, dando-lhe tôda a costa oceânica que lhe pertence ou pertencerá, com cidades e vilas (entre elas Çafim e Larache) e uma facha de seis léguas de terreno para as servir [193]; e, como refens da negociação, ali lhe entrega seu filho Molei-Xeque — penhor de sangue que o generoso rei de Portugal dispensa.

Em seguida, praticam os dois seus entendimentos àcêrca de coisas de guerra, de tudo D. Sebastião se informando com minúcia e cuidado. O xerife procura convencê-lo da fatal defecção dos que cercam neste momento Molei-Moluco:

— Todos se voltarão para cá. Basta que vejam em África o belo exército português.

D. Sebastião está contente. As novas são excelentes, como esperava. Continuam a conversar; e entre várias combinações, assentam na imediata ida do esperto xeque, em companhia do experimentado comandante Martim Correia da Silva e seiscentos homens de cavalo, adiante, pela costa abaixo, de Arzila a Mazagão, a recolher mouros que sigam a voz do xerife.

Termina a visita e a conferência. O xerife despede-se. De novo êle e a sua comitiva, postados diante do rei, se dobram até o taboado do convés, humflimos, repetindo à saída as cerimónias das velhas fórmulas usadas à

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

chegada, em sinal de homenagem à preeminência.

Nessa mesma tarde, D. Sebastião desembarca e instala-se em Tânger.

Durante dois dias, concerta seus planos de guerra com D. Duarte de Meneses, fronteiro da praça, que o seguirá com duas companhias de soldados, munições e vitualhas.

E aí, sempre belicoso e airoso, entretém-se a montear nas brenhas arrabaldinas de Tânger, e a assistir, nos plainos das cercanias, a vivos exercícios militares do xerife pôsto na frente dos seus cavaleiros principais envoltos em albornozes brancos, tufados pelo vento, e de muitos mouros de jilabas curtas, que escaramuçam uns com os outros, em simulacro de renhidos combates. No meio de uma infernal algazarra de gritos guinchados, espadas, agomias e lanças no ar, ora êles se atiram, em ataques furiosos, entrecruzando-se e ennovelando-se, ora, no meio de nuvens de poeira, debandam em fugas a tôda a brida, montados à gineta em seus corséis de fraca estampa, mas de muito pé.

São amostras de batalhas que estremecem e formosamente excitam a sua alma belicosa.

Depois, ao cair da luz, a cavalgada lustrosa, composta de homens de prol, bem montada, com seu majestático rei no meio dêles, regressa a Tânger na hora morna das tardinhas

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

mouras, em que o bafo, vindo dos longes de Fez e de Marrocos, traz o cheiro da charneca e nêle o vago da alma dos desertos do sul, com a onda religiosa dos ensinos e dos mistérios do Islame: hora de paz crepuscular, quando nas almenaras as vozes dos almuádens, aqui, ali e além, clamam a oração do entardecer, langorosamente, em pungentes ais de profunda resignação, esmagados pela fatalidade dos fados — ais de arrastada lástima, que são lágrimas que pingam no ar e no ar se dissolvem, tal se definha e apaga a moribunda luz do dia!...

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XXIV

EM TERRAS DO MAGREBE

PEQUENA demora: já as quatro galés, molhadas nas águas da branca Tânger, de tintas azuis, amarelas e violetas, de tons metálicos como os das caudas dos pavões, levantam ferro e, «rendido o quarto de prima», metem no rôlo do mar, proa à costeira Arzila, indo na da frente D. Sebastião e na da capitania o xerife, com seus maiores e almocadens. Avisada a frota de jazeda em Almodrava, logo desancora e abala. Em dois dias, amarram todos defronte de Arzila para não tardarem de novo a zarpar e fazer-se à vela, direitos a Larache, segundo a traça riscada em Lisboa.

Mas, uma vez em África, foram melhormente informados de que o rio de Larache, que traz, juntas, as águas do Luco e do Mucazim, suficiente de calado, era, todavia, de bôca estreita, dando apenas para duas naus a par. Se nesse vau os mouros metessem a pi-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

que um navio, logo a barra ficaria empachada, impedindo as comunicações entre a armada e o exército de terra. Considerando também que, próximo, o porto de desembarque, Castelo-dos-Genoveses, estava entre iminências inexpugnáveis e, porisso, exposto, sem defesa, aos ataques vindos dos altos; e reflectindo ainda nas dificuldades de desembarcar tôda a gente num só dia por não darem para nada as seis horas da maré; — pensou-se em mudar de plano. Ouvido o conselho, muito agitado entre opiniões opostas, pois diziam uns que deveriamos ir pela costa, — a «beber no mar»; outros, que por montados, caminhada trabalhosa, porém segura; ao que enérgicamente se objectava, dizendo que, demorada, corria esta marcha o risco da falta de mantimentos, e ainda o de expor-nos a inesperados assaltos, chegando alguém a dizer ao rei:

— «Não se meta pela terra dentro, que se vai a perder!» E a discussão foi viva de parte a parte. Finalmente, D. Sebastião resolveu pôr de parte o plano primitivo e ir de Arzila a Larache por terra, com suas gentes unidas em quadrado reforçado, bem prevenido contra qualquer emboscada inimiga, «o que realmente, bem considerados os inconvenientes que nos outros pareceres havia, não era mal acertado conselho» [194]. Nesta resolução havia um rasgado aspecto que sobremodo agradava à au-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

dácia do rei e ao seu firme empenho, de, sempre altaneiro, em tudo manter o tradicional prestígio do nome luso: mostrar que os bravos portugueses, metendo pela terra de África dentro, jámais se temiam de mouros. E porque a grandeza e o luzimento maravilhosos do nosso exército, assim patenteado em marcha soberba e vistosa, não deixaria de assombrar a sarracena gente, tinha D. Sebastião como coisa absolutamente certa que essa admiração, gerando pasmo e temor, provocaria fatais defecções, no negrume traiçoeiro das noites mouras. A história das contínuas testilhas, lutas e guerras civis naqueles povos, ensinava-lhe ser esta a fisionomia da mourama, indolente pelo clima, religiosa com fanatismo, supersticiosa por mêdo, ingènitamente cobarde e desleal, sempre atida ao mais forte, sempre disposta a voltar-se para a parte mais bem parada, ela que tinha por divisa de campanha: «Viva o vencedor!»

Assente seguir por terra, correu voz na armada do desembarque em Arzila e a azáfama começou, agitada e clamorosa. Durou dias [195]. As naus despejaram em terra seus bojos repletos de carga, que se amontoou na praia e nas ribas. Sob o capim e nos campos próximos, os cavalos, os bois e os jumentos eram tantos que tudo aquilo, sob a sôlheira e entre poeira, parecia uma enorme e murmorosa

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

feira de gado alentejana; e, pelo variegado das côres — um «zoco» mouro.

Várias personagens instalaram-se na alcáçova e muitos, na praça. Os larguinhos ficaram atulhados, e nas estreitas ruas de Arzila não se podia andar. O numeroso do exército acampou fora, para além das muralhas e do fôsso, derramando-se pelas terras do litoral, sobranceiras à vilinha caiada, posta à borda de um mar de cobalto franjado de espuma. E era extenso e vistoso o arraial de centenas de tendas brancas com as suas bolas doiradas e brilhantes nos topos dos mastros. Em volta, as massas multicores dos têrços e da criadagem; a mancha brônzea das peças de artelharia; as rimas de mochilas; as pilhas de pipos de aguada, de sacos com farinha, de barricas de bolacha, de caixotes de munições, de bagagens sôbre bagagens; os carros de transporte; a boiada a mugir; as récuas de cavalos a relincharem; muitos burros e camelos; — tudo tinha o aspecto e o grosso cachão sopeado, a que se juntava o bramir do mar, das feiras populares e das romarias solhosas e poeirentas.

E a soldadesca das bandas da Torreira e da Murtosa comparava os cones brancos das tendas dos fidalgos aos montes de sal na ria de Aveiro, nos outonos de luz de oiro.

Fidalgos, senhores da melhor privança a clérigos-mores cercavam a tenda do rei. O duque de Barcelos mandou os seus muitos cria-

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

dos armar sete tendas, das vinte e duas que levava. Numa iminência, tudo espiando em redor, instalou-se o xerife e seus alcaides. E na ponta do acampamento, voltado para o lugar do Facho, de propósito escolhido êste sítio arriscado, colocou-se o sempre destemido e orgulhoso D. António, prior do Crato, e a sua gente, êle que, no embarque em Lisboa, tinha tido uma testilha de menos respeito com Cristóvão de Távora, a quem via com olhos ciúmentos pela grande amizade e especial privança que o rei tinha com êle; — «bafo da sua real bôca».

Atalaias avançadas e atalhadoras alerta, esculcam, dia e noite, as espias da cavalaria inimiga que (sabem-no) nas pregas daqueles montados estuda, pesquiza e acompanha os movimentos do exército cristão.

Passam-se dias. Uma tarde, alguém avista, longe, num alto, enorme massa de cavaleiros de jilabas pardas e albornozes brancos. E' o inimigo!

¿Simples inspecção ou ataque decidido? ¿Avançada, ou insidiosa chamada ao internamento dos cristãos? Informam: são as gentes de Molei-Moluco, comandadas por Susiam, alcaide de Alcácer-Quibir. Calculam-nas em dois mil de cavalo.

Pronto, nas cortinas das muralhas e no acampamento, tocam os tambores, estrugem os clarins. O arraial alarma-se. Esboça-se a confu-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

são; e já muitos soldados, inexperientes em coisas de guerra, bisonhos e poltrões, pensam em fugir para o mar onde se balouçam as naus. Aparece D. Sebastião. Levanta as almas do povo. Convoca os coronéis. Está radiante! Seu espírito, fresco e claro, é uma alvorada de Maio. O ar que respira parece-lhe fagueiro e feiticeiro. Dá ordens. Soam trombetas de guerra. Há frémito e aleluia. Pronto D. Sebastião, airoso como para uma festiva parada, à frente dos seus brilhantes fidalgos revestidos de armas brancas, — sai a campo para bater-se. Avançam a trote vivo e sonoroso. Refulgem os cascos, os peitos, os braçais, as espadas, as lanças brilhantes como prata brunida. Tremem no ar as sedas dos pendões. Alegria: vão combater! Mas os mouros, que se têm aproximado a mêdo, e apenas escaramuçam aqui e ali, logo que avistam êste luzido tropel português, fazem frente à retaguarda, abalam a unhas de cavalo e somem-se nas suas terras, longe. Os nossos perseguem-nos, mas, não os podendo alcançar, estacam. Depois, regressam.

Aquilo não passou de um brilhante passeio militar; no entanto, veem animosos e contentes. Voltam a passo. Os cavalos, cobertos de espuma, suam em bica, e exalam nuvens de vapor.

Dias depois, novo rebate, desta vez, porém, mais importante por serem numerosas e de-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

cididas as gentes inimigas. São os milhares de cavaleiros de Saer-Ben-Hesi que descobrem campo. Feito o alardo, saem-lhes à testeira os mouros de Molei-Hamete e com ímpeto e brilho brigam e refregam. Já há muitos mortos e, entre êles, Beheca, irmão de Cid-Hamubenanza, e Chirben-Mançor, alcaides do xerife. A peleja é cada vez mais renhida. Da retaguarda inimiga têm acorrido reforços. Os mouros de cá assustam-se. Acode-lhes D. Duarte de Meneses com os seus adestrados cavaleiros de Tânger; e com tal arranco e fulgor, que os mouros logo debandam e fogem em tropel amotinado, deixando em campo os seus muitos feridos e mortos. O habilíssimo fronteiro, no encalço dêles, galopa, perseguindo-os, mas não os fere, porque D. Sebastião tem mandado, por Simão da Veiga, imperiosas ordens a D. Duarte de Meneses para, apenas, os acossar, pois quer ser êle e seus capitães, (melhormente diria: seus barões) os primeiros a golpear mouros. Como D. João I, em Ceuta, ordenou a D. Duarte que não desembarcasse sem êle permitir; como o infante D. Henrique, em Tânger, quer, antes que ninguém, pôr os pés em terra e bater infiéis; — assim igualmente procede D. Sebastião em África. Mas o rei de Portugal, e seu esquadrão de sôfregas espadas e lanças, em vivíssimo trote, não consegue alcançar o inimigo por êle ir já muito distanciado dos portugue-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ses, que corriam atrás das gentes do fronteiro de Tânger, seguindo êste na piügada dos cavaleiros do xerife. Os ginetes dos cristãos, cada vez mais apressados, continuam a galopar até Taurete, quatro léguas de Arzila. Estacam: há muito que deixaram de ver os mouros que se internaram nas suas terras escusas, trás-os-montes.

Perdeu-se uma excelente ocasião de rechassar nêles, desprestigiando, desde o comêço, o exército inimigo. ¡Ao que leva o alvorôço guerreiro de uma alma esforçada!; ao que levam os zelos amorosos da preeminência das capitanias; — ao que leva, sobretudo, a sofreguidão da vitória! Ah, os excessos dos brios guerreiros! Se D. Sebastião tivesse dado licença a D. Duarte de Meneses, no segundo corpo de avanço, de auxiliar a reguarda das gentes do xerife, que, na dianteira, iam escaramuçando com a retaguarda inimiga, enquanto, na frente, milhares dêles se escapavam a tôda a brida; — não só o fronteiro tolhia a retirada, que, mais ou menos, se bateria, mas dava tempo a que D. Sebastião chegasse com os seus. Assim se prejudicaria a fuga; e os mortos, os feridos deixados em campo, e o desbarato dêsses milhares de cavaleiros de Ben-Hesi, criaria ousio nos nossos e encheria de assombro e pavor as gentes de Molei-Moluco que, nesse momento, em Suk-Quemis, a seis milhas ao sul de Alcácer-Quibir, organizava

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

o seu numeroso exército composto de gentes de Sus, Tudela, Trudante e Mequinez, começado a reünir em fins de Junho, quando êle abalara de Marráquex, lá longe [196]. E êste primeiro e estrepitoso triunfo português seria sinistra notícia e funesto agoiro para a supersticiosa mourama; e, ¿quem sabe?, talvez provocasse a defecção geral dêsses agrupamentos guerreiros, compostos de cobardes gentes e de falsos alarves com que os chefes jamais contam.

Ah, ¡como o entusiasmo louco dos ardimentos belos precipita em tremendos desacertos as almas dos bravos, ciosas de feitos assinalados, ávidas de glória!

* * *

Nas vésperas dêste sucesso, diz-se haver Molei-Moluco escrito uma longa e astuciosa carta a D. Sebastião, em que, embora afirmando a formidável fôrça do seu invencível exército, se sentia a incerteza das coisas da guerra e o receio dêle se defrontar com a afamada gente portuguesa. Nessa carta (apócrifa?) [197] Molei-Moluco faz ofertas, e propõe um encontro com o rei de Portugal. «Vejamo-nos Eu e Tu, irmãmente, onde mais seguro quiseres». O ódio de Molei-Moluco, diz êste,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

não é contra o rei de Portugal, mas contra o xerife — «o pior dos piores cães, o mais traidor dos *perros* de todos os *perros*».

Dizem que D. Sebastião lera a carta, lhe percebera a astúcia encobridora de mêdo. E que tudo isto lhe fizera trasbordar a alma de ardor, certificando-o absolutamente no êxito do seu empreendimento. Neste estado, não quer continuar a viagem sem primeiro comunicar, uma vez ainda, com os governadores de Portugal. Portador do escrito será Lopo Rodrigues «que contará tudo muito bem». E' uma carta-relatório [198], expondo-lhes o que, depois da sua estada em Cádiz, até aquele momento se tem passado, e ainda o que planeia fazer. Minucioso no relato, embrecha nos seus dizeres piedosas frases como estas: «com a ajuda de Deus»; «espera em Deus»; está «certo do auxílio do Senhor». Sempre o herói místico, norteando a sua consciência por ditames celestes, e seus passos por clarões sobrenaturais.

E naquelas escaramuças, nestes entendimentos e inevitáveis preparos demorados e disposições da última hora para que nada faltasse, se gastaram dezóito preciosos dias no acampamento de Arzila, durante os quais Molei-Moluco melhor aparelhava o seu enorme exército.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Dia de Santa Marta, uma terça-feira 29 de Julho de 1578, levanta-se o acampamento para se pôr em marcha na direcção de Larache, distante umas seis léguas, por pistas, em montados. Ao mesmo tempo ordena-se que a frota, com uma parte do exército, siga para Larache, de onde socorrerá os portugueses que vão tomar por terra esta praça, garantia da saída por mar.

Dispõem-se as tropas em corpo de exército, que tem de seguir em marcha de guerra, unido e cauteloso [199]. E' mestre de campo D. Duarte de Meneses; e vários coronéis vão à frente dos seus têrços, para comunicar suas ordens aos sargentos em contacto com os soldados.

Na frente, a grande distância, pelos altos, batem montados, pela direita e pela esquerda, muitas vigias e sentinelas mouras, a cavalo. São espias de aviso. Lá segue o exército. A vanguarda é formada pela artelharia grossa, e logo os têrços dos arcabuzeiros, um dia os dos castelhanos, outro os dos tudescos, dos portugueses ou dos italianos. Caminham unidos, em quadrado reforçado, e bem ladeados pela cavalaria numerosa. O rei comanda os tiros da esquerda; o duque de Aveiro, os da direita seguidos êstes pelos têrços do xerife.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

No centro, em seus belos cavalos e mulas de aparato, as numerosas personagens de qualidade da honrada comitiva: os embaixadores, os bispos, os clérigos regulares; vão aqui os não combatentes. Na retaguarda, um exército de gastadores; e no couce, bagagens, carros, cavalos, bois, guardado tudo, nos flancos e nas costas, por muita gente de cavalo. E tôda esta enorme massa se move pesada e lentamente: no primeiro dia andaram apenas uma légua indo acampar junto do Uad-Halu — o rio doce [200].

Têm passado Almenara.

Vão agora em terras de Had-Algarbia. Os caminhos são de monte aos torcicolos, por seculares pistas, pisadas pelas caravanas de todos os tempos que vão da costa oceânica às terras interiores de Alcácer, Fez e Marrocos. Sempre por altos, os olhos andam nos horizontes. Uniformemente ondulado, entre vales pouco profundos, o terreno rapado é um mar verde-escuro às corcovas. A côr das terras próximas é ora avermelhada, ora saibrosa nos sítios onde houve plantio, — torrões de lama parda e endurecida, como escória. Os montados seguem-se uns aos outros, cobertos da verdura tostada dos ervaçais ressecos pelo verão calcinante: — os cantiscos, os troviscos, os fetos, os cardos e as carquejas queimadas. Além, no rebordo das colinas, cactus e piteiras bravas furam o céu azul com as suas

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

fôlhas lancioladas de picos agressivos. Nas terras fundeiras, verdejam restos de cevadais e de milhinhos de resteva, de bandeira pendida, estiolada pela séca. Palmares rasteiros, naínhos, alastram-se e cobrem, às vezes, lombas inteiras, de alto a baixo. De onde a onde, espêssos carvalhidos seculares. Escondida numa prega de oiteiro, lá aparece, (coisa rara) uma aldeia de casas de adobes pardos e de colmatos cínzeos, entre alta e dura sebe de figueiras bravas, com carnudas e espalmadas fôlhas espinhosas, semelhantes a centenas, a milhares de mãos verdes com pelos de ferro que muralhassem, a tôda a volta, o pobríssimo aduar serrano para o defender dos ataques dos lobos, dos chacais e dos homens! Aqui e além ossadas brancas de camelos, de burros — restos de caravanas! A secura farelava pojeira por sôbre as fôlhas das piteiras e das restevas dos cardos ressequidos. O céu dêsse fim de Julho ardente é o do azul bebido pelo sol africano, que pulveriza a atmosfera. E por aqueles montados fora, adustos e selvagens, sem casas, sem árvores, sem rebanhos — sem viv'alma — pousa a grandeza do silêncio, desdobra-se a desolação dos desertos!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

• • •

O exército avança morosamente, sempre receoso das curvas das encostas, das bôcas dos vales, em que os mouros se embosquem — almas refalsas, gentalha de ciladas. Além disto, quem marca o andamento é o passo pachorrento dos bois que, na vanguarda, arrastam as pesadíssimas carretas e os canhões de bronze; o andar, balouçado e moroso, dos camelos, e ainda o trotelho dos muitos jumentos lanzudos, carregados de aprestos, ou, sem albarda nem estribos, montados por mouros descalços, de cabeludos peitos ao léu, de negras pernas a bamboar. Sob a sôlheira, mordidos pelos moscardos, com os pescoços enramalhados de carvalho, o gado caminha no meio dos «hés!» dos praguentos boieiros e azeméis vermelhuços, apopléticos, a escorrer suor. A soldadesca, com os morriões pendurados das armas aos ombros, dobrada sob a mochila, afogueada pelo calor, solta palavrões, regouga frases desbocadas. Cavalos e cavaleiros—numa sopa! As altas são contínuas com mêdo que os animais abafem sob o calor calcinante dêsses tremendos últimos dias de Julho africano; com receio de que os homens do norte, não afeitos a semelhante sol, sucumbam; e que as pessoas de idade não aguentem e tenham de suspender viagem.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Por tudo isto, quási que só se aproveitam as horas frescas do princípio do dia, metendo-se a caminho na antemanhã, à primeira suspeita do dealbar da claridade, e à tarde, quando a luz se some e o calor esmorece.

A sêde devora o exército; mas a água é raríssima. Quando a encontram, num fundo de vale, debruçam-se ávidos sôbre ela, e bebem de bôrco nos esfiapos, entre ervaçais, dêsses ribeiros meio sêcos. Aguados, refrescados, repousados, lá avançam de novo. E assim várias vezes. E tôdas estas operações são tão arrastadas, tão lentas, que o exército, como nas primeiras vinte e quatro horas, pouco mais anda diáriamente que uma légua! Ao chegar a noite, depois de um longo dia de fadigas esfalfantes por terrenos areentos e saibrosos, escolhido um bom sítio plano e airoso, o exército acampa para pernoitar, cercando-se de esculcas cada vez mais vigilantes, embora estejam avisados de ser quási certo que os supersticiosos mouros não os atacarão de noite. Aqui e acolá há lumieiras no arraial, como que para espantar o lôbo-homem!

O exército, estenuado, dorme. Silêncio. Dos montados vem o cheiro das estevas e dos troviscos bravos. Ouvem-se cigarras e ralos; e quando, próximo, há vessadas, o côro é feito com o coachar das rãs, — vozes de lamento, monótono e triste.

Todos os dias assim. Começa a marcha, en-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tre lusco e fusco, sempre cautelosa, não vá surpreendê-los, em mau passo, o inimigo poderoso e ardiloso que está em sua casa, conhece o terreno a palmos, onde melhor emboscar, de onde melhor surgir de improviso. E esta possível aparição é pesadelo constante para aquelas imaginações inquietas, a quem todos dizem ser o exército mouro potentíssimo, de cem mil cabeças, e êles ignorarem se o têm longe, para as bandas de Alcácer, se, menos distante, os esperam nas imediações de Larache, ou próximo, já ali ao lado, nas pregas traiçoeiras daqueles montes de recantos ignorados.

* * *

Ao terceiro dia, trotando largo de Arzila para baixo, no encalço do exército português, chega, no meio de um poeirento esquadrão de quinhentas lanças castelhanas, o sargento Francisco Aldana, militar experimentado, astuto e enérgico, a quem Filipe II, antes, havia mandado a Marrocos para estudar a emprêsa... e, agora, punha em campo para, dizia, «auxiliar os portugueses». Sinistra figura esta, sombra funesta de uma funesta alma, a do duque de Alba! Formidável personagem èsquiliana, Iscariotes bíblico, Iago medieval, — jàmais houve, na história ou na literatura, tão estupenda criação como esta, elaborada no po-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tentíssimo cérebro político de Filipe II, que, aliás, já tinha no exército português habilíssima espia no seu embaixador D. João da Silva. O Aldana é a tríplice-essência do maquievelismo praticado pelo plenipotenciário-mor da astúcia, do ardil, da manha infinita que foi êsse rei castelhano, de sorriso gelado e frígido olhar verde e metálico. De Espanha, sua alma comunica, por invisível fio, com a alma do Aldana, em África. ¡Que papel infernal êle vai representar nesta tragédia histórica!

Aparenta ser apenas o portador de confiança de uma carta do duque de Alba para D. Sebastião, onde há frases como estas:

«Nuestro Señor dè a V. Majestad buen successo en la jornada, etc.»

Mentira!

«Plegue a Dios suceda como desea Su Majestad, etc.» [201]

Mentira!

E, oh irrisão!, o rei de Espanha envia-lhe, não as prometidas ajudas, concertadas, fixadas, muitas vezes pedidas e outras tantas proteladas (cincoenta naus e cinco mil homens), mas simplesmente uma relíquia histórica — «una celada que fue del Emperador mi Señor que sea em gloria». Era o elmo de aço com que Carlos V, quarenta e três anos antes, entrara triunfante em Tunis, após a derrota do corsário barbiruivo, terror das águas mediterrâneas.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

E o extenso exército de milhares de cavaleiros e de milhares de peões — enorme mancha multicôr, estrepitosa e clamorosa — lá segue, guiado por mouros práticos, por essas calcadas pistas seculares de terra violácea e luzidia. Os soldados, ora sobem encostas, corpos dobrados sob o pêso do armamento e munições; ora descem a vales, fincadas as lanças e os pés na terra e nos toros dos raïzeiros bravios. Nas subidas, os boieiros aguilhoam o gado, berram-lhe, irados, e, mãos às rodas, braços duros e negros como cêpas invernias, lá ajudam os carros, carroças e carrêtas: são arrancos possantes, os pés de encontro ao chão, o corpo caído para a frente, e todo êles músculos de bronze a empurrarem, a empurrarem. Nas descidas, obliquados para trás, seus valentes braços, retêsos como cabos, seguram valentemente os timões, o rodado, a ter mão, a sustar, a travar, não vá tudo aquilo rolar por ali abaixo, aos tombos, até o fundo dos vales. Ao mesmo tempo, outros sopesam as cabeçalhas, agarram os bois pelos cornos, amparam as cangas, alargam os arcos nos pescoços dos animais para que se não esganem sob o pêso da carga dos carros dianteiros. E tudo isto no meio do atroador vozerio, dos «Hus!» e dos «Hès!» dos mouros, das

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

pragas e dos palavrões ordinários dos boieiros portugueses e espanhóis, de troncos núS e luzentes, a escorrerem suor, a pingarem água, como saídos de um banho quente!

Pelos visos dos montes verdes postos em céus azuis por igual, é bem colorido painel essa cavalgada de homens de prol, revestidos de armas fúlgidas, em montadas de belos jaezes; êsse exército composto de variegada soldadesca, de milhares de homens de cavalo e de pé, de morriões luzentes, arcabuzes e lanças aos ombros, carregados de mochilas e violas, entremeados de centenas e centenas de mouros montanheses com suas curtas jilabas côr de saragoça ou raxadas de tintas vivas, com debruns de «medronhos» azúis, verdes, amarelos, nos pés, babuchas de pele de vitela crua; e outros, os mouros de qualidade, de albornozes brancos e turbantes de musselina em volta do fez encarnado.

Às vezes encontram caravanas de beduinos andrajosos, e topam com ossadas brancas, de camelos, de burros e de cães que os chacais devoraram e os corvos esburgaram. De quando em quando, passam revoadas de cegonhas de grandes asas negras e brancas, e vôo lento; outras vezes, são nuvens negras de corvos a grasnar, quando não de altaneiras águias reais de pios agudos. Adejando, rasteiros, bandos de purgabotes, nevados e sagrados como ibis igípcias, têm, desde longe, acompanhado a

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

boiada e os rebanhos do couce; e nas paragens, nas horas de descanso, pousam, familiares, nos lombos dos animais, e catam-nos com carinho doméstico.

De onde a onde, nas colinas rapadas, uma ou outra palmeira e raros aloés.

No dia um de Agôsto acampam em Cabeça de Ardana, em terras de pastos, junto da ribeira Tiquisina. Estão próximos.

* * *

Ao fim de seis longos dias dêste arrastado caminhar a passo de boi sob a sôlheira escaldante de fins de Julho e começos de Agôsto tórridos, a expedição tem deixado barrancos e montados, atravessado o Raigana e outros confluentes do Luco e entrado em terras baixas, onde houve trigais e cevadais. Aí tem conhecimento exacto de que, do outro lado do Mucazim, os espera o exército de Molei-Moluco, numerosíssimo em gentes de cavalo e de pé; e que, adiante, a ponte (alcântara) sôbre êsse rio, que êles chamam Mekhâzen, estava bem defendida.

D. Sebastião, sempre impávido, dispõe-se a avançar; não obstante, quer ouvir o conselho dos capitães entendidos e, sobretudo, o xerife e seus alcaides, práticos nas terras que tinham

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

de percorrer. Dividem-se as opiniões: Que não se transpusesse aquele rio, mas que se descesse a juzante, pela margem direita, até onde êle se lança no Luco e que, em seguida, se continuasse êste até à embocadura, para o exército se aproximar do Oceano e pôr-se em comunicação com a armada que, havia dias, se balouçava defronte de Larache. Ela forneceria munições e mantimentos que com tão longa marcha (tinham-se calculado cinco dias e gastaram-se sete) já iam minguando. E, em caso de perigo, os recolheria.

Objectou-se que o caminhar para a bôca do rio seria encurralar o exército entre as águas dêste rio, cada vez mais grossas, e o estuário alagadiço de Larache, ou, na foz, contra as escarpas abruptas de onde o inimigo poderia atacar do alto; se é que, antes, o não acossasse pela retaguarda, precipitando-o nó mar.

Mas semelhante movimento tinha aos olhos de muitos, e, em especial, aos de D. Sebastião, o aspecto desairoso de um desvio para a direita, para trás, pior — o de uma retirada; e já êle antevia os funestos efeitos morais de tal manobra: no exército português — desânimo; no exército mouro — vanglória; Seria amostra de mêdo. De maneira nenhuma!

Renome e prestígio portugueses eram valores com que D. Sebastião desde sempre contou para vencer. Esta fama antiga e luminosa era um outro exército moral embrechado

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

no exército material, que o seu espírito capitaneava, como sua voz comandava êste outro. De maneira nenhuma!

D. Sebastião era o general de um exército de espanto, que vinha do fundo da história de Portugal, e assim com êle entraria e avançaria pela África dentro.

Ficou, pois, assente que, visto estar destruída a ponte, procurariam, descendo o Mucazim, um vau apropriado e por aí o vadeariam, embora tivessem de, logo além do rio, se defrontar com as fôrças de Molei-Moluco, do lado de lá, diziam, à espera que êles saíssem para os atacar entre a planície onde êle estava e o rio que deixavam.

Embora!

Assim resolvido, e escolhido o vau, uma légua abaixo da ponte destruída, em Barcain, galgam o Mucazim; e instalados entre êste que lhes abriga a reguarda e o afluente Uad-Uarur, que os defende pela direita, passam aí o dia 3 de Agôsto, um domingo, véspera da batalha.

¿E o ingente exército de Molei-Moluco? Havendo recuado a montante do Mucazim, derivou para a campina de Adáraca, plantou-se aí e não se mexeu! Porquê? Porque, além de uma planície como essa de Alcácer-Quibir ser o lugar estratégico por excelência para os movimentos da sua cavalaria, êle receava que

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

a impressão de assombro causada pelo aspecto do exército cristão provocasse nos mouros uma debandada de defecções para as gentes do xerife, que no acampamento de Molei-Moluco tinha, entre elches e alcaides, numerosos partidários. O rei mouro estava inquieto. As defecções eram numerosas, a-pesar do cordão de sentinelas que dia e noite vigiavam o seu exército. Além disto, talvez conviesse a Molei-Moluco esperar por estar gravíssimamente doente, — tão prostrado, tão desanimado, tão sucumbido, que quando, por um espião, soubera que o exército português tencionava descer a juzante do Luco, logo disse vencido:

— Larache é dêles [202]!

¡Que esmagador espanto, que aniquilador assombro causava nas mentes mouras o fúlgido nome português enaltecido, apregoado, cantado por tantos descobrimentos belos, por tantas façanhas africanas, por tantas vitórias épicas nas águas remotas do maravilhoso Oriente!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XXV

VIGÍLIA DE ARMAS

Noite de domingo, 3, primeira da lua nova de Agôsto, as estrêlas, cravejadas no cetim azul-nocturno dos céus africanos, rebrilhavam com o máximo fulgor [203].

Cerrado entre o rio Mucazim e um esteiro do Luco, D. Sebastião pensava em avançar para levante, no sentido de Alcácer. Sua alma franca, ávida de planura, está sôfrega de campina dilatada onde se lance na fúria ingente de um duelo de morte de raças e de religiões, entre brancos e brónzeos, entre os de Jesus e os de Mafoma.

Armadas as tendas e cercado o exército com carrêtas de artelharia, bagagens e animais de carga, que o entrincheiram para o caso de um imprevisto assalto, o acampamento é vasto e rumoroso sob o plácido firmamento de luzeiros scintilantes. Defronte, coisa de meia légua, a massa negra do inimigo mouro, composta de milhares de atiradores berberes, granadinos

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

e azuagos, de milhares de ginetes nervosos, é comandada por um rei e grande general e capitaneada por muitos práticos almocadens e alcaides. Vê-se a sua mancha tenebrosa; sente-se o seu rumor soturno. ¡Como deve ser poderoso! Num e noutro lado, estas são horas apreensivas nas almas dos combatentes.

O exército cristão, extenuado por seis dias de longas marchas por ásperos terrenos de monte, sob a ardentia do sol africano — repousa. Do chão gretado pela sôlheira escaldante exala-se a calentura das charnecas abrasadas. Uns dormem de-bruços, profundamente, derreados pela canseira exaustiva. Outros, estirados no capim de cantiscos e na resteva de cardos sêcos, em que serviam de travesseiro as mãos cruzadas sob a nuca, respiram o relento e, despertos, olham o céu alto formosamente estrelado. Alguns, de almas paradas, não pensam; muitos, porém, lembram-se da sua aldeia, e dos seus, tão distantes... Além, em magotes à volta de lumieiras, há quem ria, quem cante — quem «seus males espante»!... Alguns deitam contas à sua vida, e meditam; e muitos remexem nas consciências, e já o pavor da morte em pecado mortal os toma e avassala!

Padres e frades percorrem o campo, e falam a todos nas indulgências e graças que o Papa lhes enviou pelo Legado, e lêem-lhes a Bula plenária da Cruzada de Gregório XIII, que os absolve. De teor semelhante ao da de Urbano VI,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

que, na tarde de Aljubarrota, remia também os pecados pela acção valorosa contra os infiéis ou inimigos da pátria, é forte e meiga. A guerra contra os mouros é santa. No céu, Jesus espera pelos que, fiel e ardidamente, se batem por êle. As palavras caricio-sas do Papa, falando aos soldados como a filhos, penetram os corações dos homens, encorajam os timoratos, balsamizam de graças os crentes e os piedosos. Alvejam esperanças nas almas esmorecidas, e a fé aquece-as e eleva-as. Comovidos, põem os olhos no firmamento, e o tremeluzir das estrêlas religiosas parece dizer--lhes «que sim» — que Jesus lhes sorri amigo e com êles firma êste trato sagrado: se a batalha os levar, seu seio os espera com amor.

Hora medrosa! Hora vesperal de batalha! Hora ante-câmara da morte! Os peitos opressos respiram a custo; e os olhos espantados olham para além da noite!.., perfuram para além da vida!.., numa mirada agónica a avançar pela eternidade dentro!..

Aos centos, soldados, joelhos no chão, mãos postas, confessam-se por detrás dos carros, das bagagens, das carrêtas de artelharia, das tendas, ao lado de bois deitados, de cavalos em pé a cabecearem de sono. São confissões rápidas, a meia voz, ou, nalguns amedrontados com a ideia da morte, impùdicamente em voz alta, completas, baldeando a alma inteira, na desnudez da hora extrema, os olhos em alarma;

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

e propósitos firmes de emenda, caso saiam salvos da tremenda emprêsa. E' o arrepio religioso das consciências apavoradas!

Milhares de almas rezam. E tantas são as orações, tantas, naquele areal mouro, que o poder delas salga o chão infiel, alimpa-o, e como que o torna bento. Ouvem-se, vêem-se as preces: são baforadas alvas nas bôcas dos crentes. Olhos místicos, habituados ao sobrenatural, que de longe observassem o acampamento, poderiam ver por sôbre êle, como, ao dealbar do dia, por cima da linha dos ribeiros, luaceiros de névoas: — era a Via-Láctea das Ave-Marias e dos Padres-Nossos, alastrados por sôbre a terra, antes de se dissolverem no espaço e sua essência divina ascender aos Céus.

* * *

Noite alta. No campo mouro, onde chegara a notícia da opulência do exército português, há temor, embora os de lá sejam quási dez vezes mais que os de cá.

Um renegado fugido diz:

— E' grande o mêdo que os mouros têm dos cristãos! [204]

Outro informa:

— O Moluco mandou pôr guardas a impedir que os seus viessem aos cristãos [205].

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

A-pesar disto, têm acorrido, durante a noite defecções assinaladas: passam-se para cá, com suas gentes, Molei-Náçar, irmão do xerife, e três elches. Um dêstes é o alcaide Almançor, conhecido pelo cognome de «Raposo» [206], com sangue peninsular nas veias, cristão sacrílego, que tivera seu casal e morgadio no reino do Algarve. De novo abjurando, prometia agora fidelidade perfeita e longa ao rei de Portugal. D. Sebastião, que o recebe em pé à entrada da tenda, fita os olhos leais nos olhos esguelhados de Almançor e ouve desconfiadamente suas informações pronunciadas a meia voz. Cercam o rei Cristóvão de Távora, Luís da Silva e vários outros fidalgos. O «Raposo» diz que o exército mouro era extraordinário de ginetes e de infantes. Um sem número!

D. Sebastião, longe de se atemorizar, exulta, e pensa para si:

— Mais gloriosa será a vitória!

O mouro, apalpando as almas dos ouvintes, continua:

— Aquelas gentes estão providas de mantimentos, repousadas de muito esperar, e têm a reguarda em comunicação fácil com a vila de Alcácer-Quibir, de tudo apercebida.

— Os nossos têm o atrevimento bélico que lhes falta, a êles — riposta em pensamento o rei de Portugal.

O alcaide acrescenta:

— Os mouros estão em terra sua.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

— Mas, cobardes, desertam dela ou vendem-se; e os nossos, em terra alheia, avançam sempre, frente ao inimigo, e batem-se até à morte! — afirma o cogitar oculto de D. Sebastião.

Enfim, segreda o «Raposo», depois de menear, em tôrno de si, um olhar receoso de profunda esculca:

— Molei-Moluco está envenenado e seus físicos juram por Mafamede que não verá dois sóis.

Num gesto cordial, aproxima de si os fidalgos, posta-os em círculo, e, abaixando ainda mais a voz, cicia em confidência absoluta, o olhar perito a luzir ganância:

— Se houver dilacção, amanhã o exército mouro entregar-se há a Portugal.

A êste fecho, D. Sebastião sente descer diante dos olhos uma baeta de fúnebre crepe; mãos em garra apertam-lhe o coração; e num momento, ruem com estrondo seus sonhos grandes. Instintivamente, recua diante do mouro refalso. Esmagada, indignada, furibunda, sua alma morde-se, remorde-se:

— ¡O quê, o meu inimigo morto de morte natural e não às minhas mãos?!

Seu olhar, de sereno, transfigura-se. Vê evaporar-se a vitória sonhada, afagada, certa. Era o fácil triunfo sem peleja, sem sangue; era a entrega plácida das bandeiras em vez de ser a violenta tomada delas, arrancadas, à

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

fôrça, das mãos inimigas. ¿Onde a glória de vencer lutando, de triunfar desbaratando? ¡Não podia ser, não devia ser! Estava agitado, irritado. Tempestuava! Fervia nêle o ideal da cavalaria. As informações do «Raposo» traidor, longe de lhe moderarem o ânimo, esporearam-lhe ainda mais o ímpeto, e lançaram-lhe a alma fora de si, em arrebatamento bravo, em fugas de arroubo. Mas contendo-se, D. Sebastião, que todo o tempo, embora molesto e enojado, ouvira silencioso as insinuações do mouro, teve afinal, como resposta, esta única palavra nobre e arrogante:

— Batalharei!

E abalou para dentro da sua real tenda de seda carmesim.

Os fidalgos recolheram-se, cabeças erguidas, as esporas de oiro a tinir; e o alcaide, mudo e sorrateiro, afastou-se encolhido.

* * *

Alta noite, D. Sebastião, sózinho, sai da sua tenda e sobe a uma pequena iminência de onde se vê todo o arraial. Que extenso e magnífico que é! Quadro admirável! Milhares de almas conduzidas por uma alma! Tudo aquilo tinha sido obra sua. Olhando a vastidão do acampamento, onde o povo representava tôdas

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

as províncias de Portugal, e os fidalgos tôdas as grandes casas nobres; e por a maioria dêstes ser de môços que pela primeira vez cometiam emprêsas de guerra, D. Sebastião considera em que o arraial é uma colossal vigília de armas. No dia seguinte, após a maravilhosa vitória, e na própria liça onde o inimigo haverá de ser vencido, todos os seus escolhidos companheiros de batalha serão por seu rei, a uns fazendo acrescentamentos, em mercês e benefícios, a outros criando títulos novos, premiados por feitos de honra. Portugal fidalgo, formosamente representado pela flor da nobreza, será todo, e à uma, armado cavaleiro. E esta será uma gloriosa tarde antiga, como as de Aljubarrota, Ceuta e Arzila, que de si deixará dilatada fama.

* * *

A noite cálida, lúcida e serena avança no Tempo: as estrêlas frouxas, silenciosas vão caindo no horizonte.

O acampamento parece dormir. Sómente acolá e além, de magotes sombrios e esparsos na massa densa, saem fios de cantos doloridos, que havendo sido rezas se terminam em trovas, que tendo começado em cantigas acabam em preces... Ouvem-se também tremu-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ras musicais de cordas feridas. São as violas amaviosas das aldeias do Minho e das Beiras, são os corações do povo português que se desfibram em saudades, sôltas no ar para que o suão que, porventura, de madrugada se levante e sopre dos longes de Fez e do deserto, as leve pelo espaço fora às bandas do norte, até os lares da pátria querida, assim como transporta, por sôbre as águas do oceano, a poeira das suas areias leves—até o reino do Algarve. E os peitos desabafam os seus pesares, e as almas espantam os seus males. As gargantas cantam, cantam magoadas; e as cordas trinam, trinam suspirosas, na calentura da noite quêda, azul e estrelada, por sôbre a adusta planície africana!

.....

Mas, no mistério das coisas, já o azul-violáceo se arroxeia de tristeza, as estrêlas anuviam seus brilhos, e a noite trasmuda seu aspeito de sereno em inquieto, de plácido em atormentado; e logo como se adivinhasse a tragédia do dia seguinte, e repentinamente a envilhecesse a dor ingente de presencear ingente dor, sua expressão é agora lívida e macerada, tal um sudário sangrento. Paira no ar um espírito pressago; e o luaceiro das estrêlas tornou-se mortalha. Então aqueles cantos humanos, que mais parecem psalmos nocturnos, e aquelas cordas a desfiarem-se

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

em lágrimas dir-se-hiam ser a própria voz da noite ferida por estar a ver, com vinte e quatro horas de antecipação, um arraial de milhares de vivos transformado em cemitério de milhares de mortos insepultos!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XXVI

ALCÁCER-QUIBIR

I

Noite velha ainda, uma segunda-feira, 4 de Agôsto, dia de São Domingos, e já o arraial português estava acordado e alerta. D. Sebastião nem pelo sono passara. Era a insónia da alegria: ia combater; era a insónia da glória: ia triunfar! O exército, êsse, pouco havia dormido, no sobressalto de sentir, ali perto, a coisa de alguns tiros de arcabuz, o cachão sopeado da formidável massa negra do exército mouro. Eram milhares de arcabuzeiros e milhares de cavaleiros, êstes montados em ágeis ginetes de carreira, selas altas, estribos curtos, rédeas sôltas, bandeiras verdes e carmesins despregadas, jilabas e albornozes ao vento, lanças, piques e alfanges no ar — prontos para, ao sol fora, entre gritas, guinchos e alaridos, na vozeria das algaradas disformes, se atirarem, (acometendo, rompendo,

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

cingindo) de encontro ao inimigo cristão; ao inimigo que, vindo de além mar, afrontosamente calcava a terra santa de Alá, na pretensão de apossar-se do que lhes haviam legado seus antepassados após lutas constantes e tremendas com povos vizinhos, vencidos às vezes, à custa dos socorros vexantes dos turcos industriosos.

O céu estrelado é ainda de azul escuro e já o campo cristão começa a mover-se. Vozes humanas, relinchos de cavalos, ruídos diversos crescem, distendem-se em denso e prolongado borborinho.

Vai esmorecendo no firmamento o brilho das estrêlas, vai alvorescendo no espaço a luz de leite e absinto aguado, das antemanhãs estivais.

A azáfama, o barulho aumentam.

Pela esquerda, numa intensa facha gris de pérola iluminada, para além das serras de Bernigobete, anuncia-se a claridade auroreal. Vinda das sombras da noite, bebida à primeira luz matutina, mostra-se, pouco a pouco, a enorme planície verde, distendida para os lados e para a frente, rasa, igual — a perder de vista. Lançada de nordeste a sudoeste, entre os oiteiros de Bugemune e, a poente, o rio Luco, tem na extrema direita o Sadi-Guedar, e ao longe, a duas folgadas léguas, sempre em campina sôlta, as terras arborizadas de Alcácer-Quibir, e no fundo sul a cordilheira

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

do Gibel, onde já anda franco o sol, e é oiro o pico do Sar-Sar recortado no azul. O exército português tem nas costas os braços das águas do Mucazim e pela direita, a ribeira do Uad-Uarur, àquem do Luco, que proteje a retaguarda.

Molei-Moluco, vindo das terras de Tâmosna, a quarenta léguas de Alcácer, transpusera nas ante-vésperas, por alturas de Nedjamasa, o antigo e lendário Luco, e escolhera para si essa campina folgada, da Adáraca [207] onde libérrimamente os seus milhares de alfaras delgados, de pequeno corpo elástico, garupa desancada, olhos-lume, ventas vermelhas e arreganhadas, patas em novelo e a brida sôlta, pudessem galopar em todos os sentidos; e piqueiros e arcabuzeiros, uns de cavalo, outros de pé, com carabinas de escopeta e pistola, todos dispostos em meia-lua, manobrar sua tradicional táctica de cêrco envolvente, como quem, encurtado o espaço, cingindo o campo, constringe reses bravas para depois, em arena cerrada, as tourear ao sol das lezírias.

O exército mouro!

Os portugueses têm notícia de que é numerosíssimo: talvez uns quarenta mil, uns sessenta mil de cavalo; uns dois ou três mil de pé, afora a tropa colectícia, armada como cada um podia. Mas nessa madrugada, logo que dealbou, e o guerreiro cristão viu ao longe a mancha enorme dêsse monstro ar-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

mado de florestas de lanças altas, floridas de estandartes, e ouviu o seu arruído estrondoso de distante mar nocturno encapelado e estarrecedor, é que teve a noção exacta da sua grandeza apavorante. Era, na verdade, estupendo!

— ¡Cruzes, tanta soma de gente!, exclama, «cortada de mêdo», a galuchada cristã; e logo passa nessa basbaque soldadesca da retaguarda, campesina e serrana, o álgido calafrio que enregela a espinha e ao mesmo tempo martela o ventre, deslocando para as costas o estômago contorcido. Os Ventureiros e os soldados experimentados, êsses, cônscios de que a quantidade não corresponde à qualidade, olham-no impávidos com sobranceria sorridente. Mas o xerife, conhecedor da arte de guerra do seu vencedor de Tremicém e Candoque, das astúcias dos almocadens, das mil manhas dos seus compatriotas, assusta-se com o plano de, cedendo o centro, juntar as pontas, o que se pode realizar com sacrifício de massas de soldadesca: e desta dispunha Molei-Moluco em abundância.

O céu, para as bandas do oriente, é agora de tintas de arrebol.

O exército português fortifica-se, cercando os flancos e as costas com barricadas de bagagens, de carrêtas, sendo os coronéis de opinião que não se movessem dali, onde os rios

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

eram as naturais trincheiras da retaguarda, pelo fundo e pela direita.

Do campo inimigo chegam notícias. Os alviçareiros andam em rodopio, vindos por longe, ora pelos lados de Bugemune, ora por Uladbucham. Ditos, lios, intrigas. Galopa a traição. Lá, a-pesar-de o exército ser numeroso e muito armado, há mêdo — tal era a temerosa fama da gente portuguesa; cá, estupefactação nos bisonhos, e frémitos de audácia e impaciência de combater nos denodados fidalgos e nos experimentados soldados das guerras de África.

Molei-Moluco, estirado na sua liteira de cortinas, está gravíssimamente doente, quási moribundo. Diz-se que fôra envenenado por um alcaide turco incorporado no exército marroquino [208]. Mas bacoreja-se também que o «tocigo» fôra propinado por Lela Osunha, roubada ao xerife, que tem no campo mouro muitos partidários que jogam, atentos, à oportunidade, dispostos, à menor suspeita de vitória do exercito cristão, a mudarem-se para cá. Êstes devem saber com exactidão tudo o que se passa, a qualidade da peçonha, e, por seu efeito pronto, o tempo que restará de vida ao envenenado. Por tudo isto, o xerife diz aos seus alcaides, ao rei e principais reünidos em conselho:

— Há que esperar [209].

— Esperar?! retorquiram com espanto os portugueses impacientes.

— Sim. Molei-Moluco não viverá. Logo que

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

no campo inimigo se souber que o seu rei está moribundo, começa a desorganização do exército; e quando o souberem morto — a debandada geral.

Esta nova era gravíssima. Alterava tudo!

Alguns portugueses, olhando-o de soslaio, ouviam o xerife com aquele fundo de desconfiança com que sempre se ouve um mouro. Mas o «Negro» está tão seguro do que diz, que volta a afirmar, e agora com a maior segurança e intimativa:

— Há que esperar!

— Muito?

— Até amanhã.

— E se Molei-Moluco não morre?

— Não morre?! — ripostou o xerife, num pulo de frase assombrada! Os olhos feriam lascas de alegria, os dentes brancos, nus, sorriam com diabólica volúpia — êle que, na calada da noite, de tudo fôra bem informado. Todos se olhavam varados de espanto. Depois o xerife, não querendo denunciar um segrêdo de Estado, fechou o rôsto, trasmudou pronto a expressão, de radiante em sisuda e, quedando-se grave, disse dissimulado, medindo as palavras:

— Sim, pode ser que não morra... Pode ser. Embora: — durante a noite passar-se-hão para cá muitos mouros, como já aconteceu de ontem para hoje. Lá a divisão é grande.

D. Sebastião que viera a África para meter

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

lanças em mouros, contorcia-se insofrido. Outros, igualmente impacientes e exaltados, objectaram:

—¿Esperar, se no campo português não há mantimentos? Contava-se, entre Arzila e Larache, com uma marcha de cinco dias, e gastaram-se sete!

Pessoa bem informada emendou:

—Há ainda muitas barricas de biscoito para as gentes, muitos fardos de forragem para o gado. No exército não se ouve o menor rumor de fome.

Alguém, assisado:

—E se minguassem os mantimentos, tinhamos os bois e as bêstas de carga.

A isto retorquiram vivamente pessoas assustadiças:

—Recurso para dias! ¿Se nos cercam? Mortos pela fome! Pior: vexados! Nunca!

—¿Como? disseram os coronéis, ¿se temos a retaguarda defendida pelo Mucazim? Em caso de perigo, se a necessidade a isso nos obrigasse, retiraríamos pela direita do Luco, até Larache e aí tomaríamos a esquadra de Diogo de Sousa, que nos espera.

Ao que os mesmos imprudentes logo acudiram:

—Se, primeiro, os milhares de cavaleiros mouros nos não acossarem, nos não precipitarem nas águas!

Houve um estremeção de pavor e de revolta.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Era a perspectiva vexatória; e nada poderia ofender mais aqueles esforçados ânimos batalhadores do que semelhante derrota batida. À frente dêles está a alma pundonorosa de D. Sebastião. Impacientes, inquietos, sôfregos, querem guerrear. A batalha atrai-os. Pronto, sem mais discussão nem delonga, resolve-se não esperar para o dia seguinte.

O xerife, certíssimo de que Molei-Moluco não poderá viver muitas horas, e querendo, à viva fôrça, aproveitar esta extraordinária circunstância de tempo, insiste vigorosamente no perigo a que nos expomos de ser cercados pelos mouros; e, amarrando-se a todos os recursos, propõe, para ganhar tempo com preparos demorados, a defesa em trincheiras.

Não o atendem!

Então êle, desaustinado, clama com tôda a fôrça dos seus valentes pulmões esta profética sentença:

— E' a nossa perdição!

Está fóra de si. Os olhos estoiram-lhe de furor. Arrepela as barbas curtas, e com unhas raivosas rasga no peito o caftam bordado. Seus gestos são turbilhão. A custo o acalmam. Serenado, o «Negro» rebusca, nos recessos da sua alma moura, um ardil, uma astúcia que salve a situação. Então, manhoso, surrateiro, pretextando o excessivo calor daquela hora, queima o último cartuxo, e aventa, num murmúrio:

— Ao menos, metam horas em meio...

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Todos encaram nêle, silenciosos.

O xerife esclarece:

—Deixem a batalha para a tarde, pela fresca [210].

Trocam-se olhares transigentes. Era talvez melhor. Concordaram.

Por fim:

—Que sim, que ficaria para a tarde.

O xerife respira fundo. Seus olhos rebrilham. Exulta. Finalmente, salvo! Depois, fora da tenda e a sós com os alcaides, o olhar incendiado de felina alegria, em voz baixa, diz para os seus:

—E' meu o trono de Fez!

Seriam seis horas da manhã. No ar parado e no céu sem nuvens, o sol vermelho e já muito quente, anunciava um dia abrazador. Na frente, a meia légua, o enorme exército mouro, com uma milha de frente em hiante bôca engamelada para cá, —não se move.

À direita, próximo, em pequeno montículo, o sol oira as sebes verdes das figueiras bravas do aduar de Uladbucham; e, distante, desce a luz amarela na serra de môsto do Sidi-Guedar.

Os outeiros de Bugemune, como sombras de nuvens nas montanhas, estão cobertos de manchas de arábios, homens, mulheres e rapazio, vindos dos aduares e alhelas circunvizinhas e das comarcas de Tetuão, de Xexuão, de Al-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

cácer, da Serra de Farrobo, e que, num dado momento, daí, com suas infernais algaradas, seus gestos alvorotados, criarão coragem nas almas dos mouros combatentes, excitando-os até o paroxismo. Espreitam. Esculcam. Farejam. São como corvos que pressentem carniça pôdre — chacais, que, depois, cevarão seus ódios nos cadáveres dos vencidos, roubando-os, sejam mouros, sejam cristãos. São aves nocturnas que satisfarão suas gulas nos despojos da batalha, se a vitória fôr do seu lado como, crentes e piedosos, esperam da protecção do grande Alá.

* * *

Já vai alto o sol. No campo português dispõem-se as coisas para combater à tarde, quando o calor declinar. Acertada resolução e mais acertada se esperassem para o dia seguinte (se «metessem a noite de meio») e melhor ainda, muito melhor, se não arredassem pé do entrincheirado lugar onde excelentemente estavam costodiados pelas águas do Mucazim e do Uad-Uarur. Embora: o ficar a batalha para a tarde será a salvação!

Nisto, rompe pela tenda dentro de D. Sebastião — olhos estoirados de quem vem de ver a morte, gestos convulsos de quem vem

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

de pelejar com o diabo, todo êle arrebatamento estranho, redemoinho e vendaval, — a figura sinistra do sargento Aldana, [211], asqueroso precito, assoldadada alma vesga que Filipe II pusera junto de D. Sebastião para com o seu «muito saber da arte da guerra,» lhe prestar os melhores serviços, dizia a refalsada carta do duque de Alba, ditada pelo grande rei político. Aldana, comediante exímio, gritava, gesticulava, barafustava, exaltadíssimo, «que se perdia a batalha!», que a «derrota seria tremenda!», se não se «combatesse já, já», — imediatamente! E repetia para o rei, para os fidalgos, para os coronéis, para os principais, que o ouviam pasmos, perturbados com a insólita atitude do castelhano iracundo:

— Imediatamente!

E pronunciava esta tremenda palavra, silabando-a com soberania, com tirania.

Foi um alevante! Em semelhantes almas inflamáveis, a menor faísca as incendiava. Aldana falava num dêstes supremos momentos em que a energia da atitude, o ardor do olhar, a intimativa da voz, o golpe das palavras, o poder penetrante das inflexões, o rasgo empolgante dos gestos resolutos — a eloqüência, enfim, das persuações esmagantes decidem, num relâmpago, de situações agudas, escrevendo, nesse instante, as páginas trágicas ou felizes da história.

¿Que teria dito êsse estupendo Iago? ¿Com

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

que facúndia o teria dito? ¿Que beijo de traição absoluta teria pôsto na face pura do rei essa bôca de Iscariote vilíssimo? Sabemos sòmente que os ouvidos que o ouviam estavam excelentemente dispostos para o ouvir; e as almas, admirávelmente aparelhadas para o atender: — campo amanhado a receber e aceitar as suas palavras de alarme, deixar-se conduzir pelas suas ideias de arrebatamento, lançar-se no incêndio, estilhaçar-se explodindo, a começar por D. Sebastião, o mais arrebatado de todos, sempre pronto a batalhar, sempre enamorado do perigo.

Aldana, o maquiavélico espanhol, que uma ardilosa alma de longe manejava, falou, penetrou, convenceu, abalou, persuadiu. E como os heróis, em sua pureza de intenções, muito têm da ingenuïdade das crianças que fàcilmente são enganadas, — D. Sebastião, em sua boa-fé posta em ânimo resoluto, aceitou como bom o pérfido conselho do pérfido sargento mercenário que (é convicção nossa) o grande político, senhor das Espanhas, rei de Nápoles e dos Países-Baixos, manobrava a seu talante, com secretas instruções que a história não pôde recolher, mas que a lógica poderá presumir e a crítica adivinhar.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Resoluto a romper, dispõe D. Sebastião o seu exército em quadrado reforçado; e, conhecedor de que a mouros é preciso não mostrar jamais uma ponta de receio, uma sombra de mêdo, sai do seu bem defendido poiso e, afrontando o perigo, avança direito ao poderosissimo inimigo, postado no vantajoso lugar que muito hâbilmente escolhera. Aí, Molei-Moluco espera os cristãos, firme, em três fileiras cerradas de arcabuzeiros azuagos, guízulos, andaluzes, granadinos, renegados e africanos, fronteando cerrada floresta de lanças de cavaleiros montados em milhares de ginetes, dispostos em curva de distantes pontas, ao fundo de uma planície ligada à bem fornecida Alcácer-Quibir, que defenderá, equipará, a retaguarda dêste monstro guerreiro. Junto, em leiras de milho maduro, ocultam-se os esmerilhões que jogarão bombardas atroadoras, fumaçando o espaço, aturdindo o ar, estarrecendo as almas.

Os cristãos avançam. Na frente, trinta peças de artelharia, capitaneadas pelo bailio Pero de Mesquita e por João da Cunha, cercados de gastadores sob as ordens de Gonçalves Ribeiro Pinto. Seguem-se os três floridos pelotões dos fidalgos Ventureiros, admirável fragor de almas decididas, de que eram capitães Cristóvão de Tá-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

vora e João da Silva, ladeados de mangas de destros arcabuzeiros de Tânger, experimentados, fortes e fiéis. Depois, pela esquerda, o brioso môço e alferes-mor D. Luís de Meneses, que empunha, estribado, o sacro-santo estandarte real, com a imagem de Cristo crucificado; e, junto, D. Jorge Telo segura o guião das quinas. Aqui, o rei, armado, com sobre-cota de anta, bacinete com tauxia de oiro, lança alta, no meio de grandes fidalgos, substituidas as garridas vestes de seda e veludo, por fulgentes armaduras, lanças e espadas a coruscarem, e, entre êles, o duque de Barcelos D. Teodósio, uma criança de onze anos, representante de seu pai o duque de Bragança, o conde da Vidigueira, D. Francisco de Portugal, filho do conde de Vimioso, o barão de Alvito, D. Fernando de Mascarenhas, e vários outros e muitos principais e senhores de qualidade em numerosa e rebrilhante hoste.

Logo atrás, os têrços castelhanos — mar de cascos e murriões de ferro — uns dois mil homens, sob o comando do capitão D. Alonso de Aguilar e dos sargentos D. Luís Fernando Cardoso e Francisco Aldana. Pela direita, na ponta oposta àquela onde vai o rei, o galhardo duque de Aveiro e seu primo D. Jorge de Lancastre, com os seus duzentos cavalos montados pela flor da fidalguia môça, olhares altaneiros, faces brancas, resplandecentes nos seus arnezes de aço — suas almas bem educadas

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

na honra dos seus maiores, seus anseios postos em novos actos de bravura que leguem fama.

Segue-se o prestigioso governador D. Duarte de Meneses com os audazes fronteiros de Tânger e de Ceuta. Atrás o xerife — o «Negro» — entre alcaides seus e cavalaria sua, de belas montadas de cabeças altas, narinas frementes e caudas penachadas. A êstes, os mercenários têrços tudescos conduzidos por Mr. Tamberg, e os arcabuzeiros italianos «del Signor Ercoles», e, pegadas, levas de prisioneiros de Tânger, entalados entre estrangeiros e gastadores portugueses, para não poderem arripiar caminho.

No flanco sinistro, guarneciam os têrços de D. Alonso de Aguilar os escopeteiros castelhanos, capitaneados por D. Luís Godi, e os esquadrões de D. Francisco de Távora que comandava as gentes de Alentejo e Algarve, fortes e vermelhuças, de trajes raxados de côres vivas e quentes como o seu sol transtagano. No centro, as ordens e os clérigos não combatentes, e no fundo, uns trezentos mosqueteiros, com as armas derribadas nos ombros, sob as ordens do coronel D. Miguel de Noronha, de Vasco da Silveira e de D. Diogo Borges Cerqueira. E imediatamente atrás, enormíssima massa, variegada nas suas roupas diferentes, o ânimo incerto, uns oito mil soldados serranos, quási todos de picaria, gárrulos uns, bisonhos outros, todos rústicos.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

carregados de armas, mochilas e violas — a tal gentinha ruda, amanhada como Deus quis num alistamento violento, gente «tirada por fôrça do arado e das cabras», [212] improvisando-se nela arcabuzeiros pela primeira vez exercitados na recruta desta milícia nova. No couce, munições, aprestos, bagagens; por último, na extrema cauda, um enorme exército de seis mil gastadores para trabalhos de trincheiras e escaladas, carreteiros, azeméis e capatazes para tarefas de tôda a espécie, e no meio dêles, a pé ou nas carroças, centenas de vivandeiras tudescas, «o cisco das suas matronas», com os filhos ao colo e crianças dependuradas dos peitos [213]. E ao redor, muralhando o exército, uns dois mil de cavalo.

* * *

Os cristãos estacam, instalam-se. D. Sebastião, rei e sargento-mor, «vestido de ponto em branco, com armas azuladas, posto em um cavalo mui formoso e acobertado, com a lança na mão, com o conto no chão, e o elmo alevantado» [214], sai da fileira e, ora na frente, ora na retaguarda, ora no flanco direito, ora no esquerdo, está aqui, está ali, está acolá, dispondo, ordenando, corrigindo. Não pára. Tudo vê, tudo mede, tudo resolve, a tudo atende. Não pára!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Afinadas as tropas, aprestados os ânimos, o rei junta os coronéis, os fidalgos, e, numa fala que lhe sai do fundo da sua alma crente e ardente, diz-lhes, em tom iluminado, que, certíssimo da ajuda de Deus, tem por segura a vitória, tanto mais que vê na sua presença alguns capitães de África e das partes da Índia, «cujo valor tantas vezes o tem espantado» [215]; insiste, lisonjeando-os e estimulando-os. Adverte que os mouros só são ousados diante de cobardes, e que nos devemos rir dos seus «alaridos em que êles se querem mostrar ferozes e causar espanto em gente bisonha». Por isso, convém avisar os desprevenidos e animar os irresolutos. Que êle dará sempre o exemplo, pelejando na frente. «Certifico-vos que, se me buscardes, vos hei de aparecer diante de todos os esquadrões. Tende-me por companheiro fiel que tanto hei de aventurar minha pessoa na conservação das vossas vidas como por honra da vitória».

A sua palavra é serena e seus olhos de milagre, em luz de visão, os de alguém que, seguro da pureza e beleza do seu propósito, senhor da bravura do seu ânimo e da valentia do seu braço, está absolutamente certo da santidade da sua emprêsa, à qual num momento de perigo, Deus acorrerá das alturas com o auxílio celeste, como acorreu em Ourique, em Santarém e no Salado, quando os cristãos de outrora pelejavam contra sar-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

racenos renegados, como os cristãos de agora pelejam contra mouros infiéis.

* * *

No campo inimigo, sabido que D. Sebastião dispõe o exército para acometer, Molei-Moluco, quási moribundo, faz o incrível esfôrço de arengar aos seus.

Testa alta, olhos grandes e claros em face côr de papel pardo, emaciada e lustrosa pelo suor da febre [216]. Está na sua tenda doirada e jaz numa liteira de morte, guardado à vista pelo alcaide Taba, um genovês seu grão-privado [217]. O peito ofegante, a garganta estertorada, a palavra prêsa sai-lhe ora em aspérrimos síbilos, ora lhe cai e se perde, sumida, entre penosos gemidos. São dizeres derradeiros de uma vida a esvair-se. São afirmações postumeiras e solenes do testamento político de um rei mouro prestes a subir à presença do seu Profeta, testamento ditado no campo de batalha, numa tremenda hora incerta em que se joga a sorte de um reino e o destino de uma crença. Comunica-o a seu irmão e herdeiro, o xerife Hamete, ao vice-rei Zareo, aos xeques, aos alcaides, aos almocadens que lhe cercam o catre, sôbre que se debruçam para melhor ouvirem, entenderem e recolherem as sumidas mas preciosas palavras de um mo-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

narca vencedor de tantos combates, e amigo do Grão Turco, um rei que os preparou para a guerra, escolheu o campo de batalha, os trouxe ao combate, mas que uma súbita doença impede de comandar. Trágico desespêro!

O que mais insulta o seu espírito de maometano, e para o outro mundo leva atravessado na sua alma religiosa, é o pacto feito pelo híbrido xerife (filho de um «renegado e de uma cabra» — diz [218] —) com o rei cristão. Contra tal insólita atitude de «perro» traidor, tôda a sua alma se revolta, todo o seu ser se contorce insofrido, em nome da lei divina do Profeta e dos preceitos augustos do livro sagrado. ¿Quando jamais se viu um filho de Mafamude unir-se a gente de religião adversa para pegar em armas contra os da sua crença, da sua tribu, do seu sangue? Infámia que nada redime; pecado monstruoso que nenhum purgatório expia! Era uma apostasia contra a religião; uma felonia contra a raça. Renegado! Renegado!

E Molei-Moluco, com os clarões dos seus olhos rebrilhantes pela febre e pelo ódio, os dentes brancos a rangerem, raivosos, uns nos outros, a morderem os lábios exangues, a face brônzea, amarela de desespêro, soergue-se no catre mortuário para, escaveirado e sinistro, fremente de ira, enorme na sua dôr de patriota, ordenar aos seus que repilam, que lavem, que vinguem aquela injúria sacrí-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

lega ao grande Alá! Fala, fala. Suas frases são relâmpagos de fé, são trovões de rancor. Extenuado pelo arrebatamento da cólera, parecia não poder continuar a orar. Amparam-no. Mas êle, num novo esfôrço sobreumano, prossegue no seu discurso. O xerife, diz êle, era ainda um traidor à pátria por haver pensado em parti-la, dividi-la com o aliado. «Perro» maldito! E, fora de si, brada:

— «Batalhar, batalhar até à morte! A vitória será nossa; mas que o não fôsse, mortos os corpos, vossas almas, amigos, colherão nos céus que Mahâmede nos entremostrou, o prémio de tamanho sacrifício feito em prol da nossa crença e do nosso património».

Prometia recompensas, mercês, alvíçaras. Animava-os à luta santa. Que partissem para as fileiras, seguros de si e confiados em Alá. Êle, que ia morrer, esperava-os no céu. Despedia-se. E, por fim, num último e penoso arranco:

— «O nosso Profeta favorecerá vossos zelos e vossas fôrças, em guerra tão justa na defesa das vidas, da fazenda, dos homens, dos filhos, das mulheres, da pátria e, sobretudo, da vossa seita prègada e ensinada há tantos séculos pelo Profeta e seus cacizes».

O suor molha-lhe a testa e escorre-lhe pelas faces de latão brunido; e, cerrando os olhos, cai nos almadraques da liteira, num abatimento mortal.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Seus homens soerguem-no; enxugam em si próprios as lágrimas de dor e de furor e, reverentes, beijam-lhe os pés. Em seguida, incendiados pela eloqüência sagrada desta fala política e religiosa, trovejante como a do legislador do Sinai, abaladora como a dos profetas do Islame, arrançam ardidos para as fileiras combatentes, num cego furacão de energias alucinadas!

Já no campo, no meio do exército sarraceno, patriarcais figuras de velhos morabitos, de longas barbas brancas, com o Alcorão nas mãos, plangem, solenes, os versículos do livro sagrado; e vários marabus e magos, possessos de fanatismo religioso — olhos estoirados, cabelos em pé, gestos doidos — correm a bradar o alardo bélico de que a guerra é santa e «em nome de Deus»:

— *Bisme Alá! Bisme Alá!*

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XXVII

ALCÁCER-QUIBIR

II

Tudo prestes, os portugueses vão romper fogo e acometer. Coronéis e sargentos lançam as últimas interjeições de coragem; e prègadores clamam as derradeiras apóstrofes de confiança. Corações crentes pronunciam a palavra — Deus; ânimos fiéis, a palavra — Pátria. E em uns e outros, Deus e Pátria, casam-se em ditongo celeste e arrebatado.

D. Sebastião, numa nova correria de ponta a ponta do seu enorme exército, e pelo meio dêle, busca incendiar com a sua mística e guerreira alma em chamas as almas dos mais.

Chegou a hora! Deus o quer!

D. Sebastião manda dar Ave-Maria. Instante de suprema religiosidade!

Pára a vida mortal e os espíritos suspendem-se no infinito. Soam trombetas e saca-

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

buxas — clangores de luta e de morte. E' o alardo celeste da guerra santa de cristãos contra infiéis. Padres e frades, com suas batinas e hábitos, a cavalo, passam em grosso tropel vivo e sonoroso. No meio dêles, o jesuíta Alexandre de Matos, em saliente aprumo, a forte cabeça rubicunda e os cabelos brancos cheios de sol, leva na mão esquerda um crucifíxo erguido e com a direita espalmada traça no ar, de alto a baixo e de lado a lado, largas cruzes sôbre o exército bento e absolvido plenàriamente pela bula de Gregório XIII.

Todos se prostram de joelhos em terra, se desbarretam ou tiram os morriões, e é metálico o borborinho do entrechocar dos escudos, das lanças, das espadas. No meio da infantaria só ficam em pé, desfraldadas e altivas, as bandeiras e os guiões dos têrços multicores e as cruzes alçadas dos monges. Estacados os cavalos, os cavaleiros erguem no ar as suas lanças e as suas espadas, que são prata ao sol, e sôbre as quais a bênção da Igreja é crisma de fé e nobreza. Rezam os lábios, oram os corações. Momento sobrenatural de alados transportes; momento religioso de falas com Deus; momento místico de apêgo dos homens com a Divindade.

A oração do rei foi curta e muda: olhos no firmamento, sua prece puríssima varou o espaço, entrou no céu, e ofertou a Deus a alma

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

inteira. Pronto, voltou à terra: agora, todo é acção. Batalhar! Batalhar! Batalhar!

Técnica — mínima; bravura — máxima. Algumas ordens, e sobretudo, muita intrepidez alucinada e comunicativa. Afrontar, descarregar, sustentar, desbaratar — eis os verbos de comando. Seja cada alma um dragão! Que todo o exército se contagie de uma só epidemia: a da loucura heróica a investir, a avançar, a galgar, como labaredas. E aqui, ali, acolá, além, em tôda a parte, D. Sebastião, é o rastilho da fé e do ardor que lavra nas almas, as inflama, as explode.

* * *

No campo fronteiro, os alcaides e os almocadens, exaltados por aquelas palavras de crença e fogo do seu grande rei moribundo, e receosos de que êle a todo o momento lhes morra; e ainda porque observam que os portugueses se têm aproximado e já tocam às armas, resolvem romper também, começando por alarmá-los, atemorizá-los, confundi-los com os tiros dos seus estrondosos esmerilhões, ocultos num milheiral da encosta. Os cristãos rezavam ainda, quando os mouros lhes lançaram as primeiras bombardas atroadoras, que encheram o espaço de densa fumaceira negra e espalharam espanto e terror, sobretudo nos inexperientes soldados da re-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

taguarda, que pela primeira vez na sua vida ouviram semelhante estrondeio de morte. A estas, outras bombardas se seguiram, que aumentaram nesses têrços mal amanhados o calafrio do pavor, o pasmo do mêdo, tudo lançando em perturbação e comêço de desordem.

Na frente, os artelheiros portugueses querem responder aos bombardeiros mouros, mas, surpresos e atónitos, e um tanto ou quanto canhestros, não pegam fogo, com a rapidez necessária, às suas peças, em campo aberto, expostas aos pelouros dos canhões inimigos.

O alarido dos mouros é o de hordas selvagens em batuques epilépticos! São milhares de bôcas, às gritas, aos berros, numa algaravia de vozes guinchadas, latidas, de urros e rugidos de feras, de zunidos de milhões de bezouros, que se misturam com os sons estrídulos das dulçainas e dos anafis, o rufar de dezenas de caixas, o soalhar de dezenas de adufes, o bater de dezenas de tambores, troando todos juntos, todos a um tempo, em clamorosa e fabulosa vozearia!

Porque na cobarde retaguarda o alevante é de pavor, D. Sebastião, pressuroso, acorre lá. Antes, porém, diz aos da bandeira e do guião, e, em seguida, na ala direita, ao duque de Aveiro e aos seus belos cavaleiros (com quem absolutamente conta e por-isso reserva para momento próprio):

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

— Não se bulam dêste lugar com o estandarte nem com os esquadrões, em quanto eu não vier, em pessoa, dar essa ordem [219].

E rápido galopa para o fundo do campo, para ter mão na desordem em que o pânico das primeiras bombardas lançara as numerosas companhas dessa gente sertaneja, aldeã, inexperiente e de ânimo frouxo, disposta a atirar as armas ao chão e a fugir aos primeiros assaltos desfreados das álgaras inimigas, que tudo varrem e assolam.

Levantando-lhes os ânimos, D. Sebastião brada:

— ¡Que é isto, meus portugueses! ¿Esqueceis o valor e a honra de Portugal? [220]

E:

— Não temais. O que fôr cobarde não escapará ao inimigo [221].

E assim, pelo campo fora, continua a falar a uns e a outros.

Mas já os arcabuzeiros fronteiriços começam a descarregar sôbre os cristãos as suas escopetas. Agitam-se as fileiras infiéis. Esquadrões de ginetes manobram ao longe as distantes pontas da sua lua islamita, no sentido envolvente.

Os Ventureiros querem romper antes que os castelhanos. Há porfia. Uns e outros aguentam as avançadas dos trôços mouros.

D. Sebastião, de novo na vanguarda da ala esquerda, espera, sereno, que se dissipe o as-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

sombro causado no seu exército pelos primeiros tiros inimigos. Neste violento, esperar é virtude. E' o esfôrço de um espírito indómito que estuda atitudes, averigua disposições, na expectativa de medir o ataque, de esporear a arrancada.

Das primeiras filas, D. Jorge de Albuquerque, muito bem montado num belo ruço, grita-lhe que dê voz de «Santiago»!; e o mesmo lhe berra, num relámpago, Pero Peixoto que, recadeiro entre os têrços, morrião na cabeça, rodela no braço, espada erguida, passa para o fundo, em galope de alviçareiro.

Uma arcabuzada mata o capitão João Gomes Cabral — primeira vítima, baptismo de sangue. Sacramento e incêndio! Então D. Sebastião dá «Santiago»!; e a êste alardo santo e bélico investe com fúria alucinada de temporal desfeito, arrastando consigo os fidalgos que tem próximo, o conde da Vidigueira, o conde de Vimioso, o barão de Alvito, D. Francisco de Portugal, D. Fernando de Mascarenhas, D. Jorge de Albuquerque, Luís de Brito, e muitos e muitos outros — um pelotão inteiro de filhos de algo, que, bravos, à lançada, à espadeirada, entram pelos mouros, num tufão de morte. Os soberbos Ventureiros, capitaneados por Cristóvão de Távora e João da Silva, atacam, de lanças baixas, de roldão, os arcabuzeiros de pé que, desguarnecidos de piqueiros, são mortos e desbaratados em

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

chusma, logo se pondo em fuga desabrida muitos cavaleiros mouros, cavalgando corséis ágeis como galgos, velozes como setas. Na abalada desenfreada, não param nunca.

Na ala direita, o galante duque de Aveiro, à frente dessa louçã mocidade de fidalgos esforçados, espera, vassalo obediente ao seu rei e senhor, que D. Sebastião chegue e lhe ordene, pessoalmente, a avançada; mas êste, na esquerda, no ardor da peleja, mal pode comunicar com êle, ou, se pode, não dá voz por entender não haver chegado a oportunidade do avanço dessa poderosa reserva e da de D. Duarte de Meneses.

Ante a arremetida admirável de D. Sebastião, dos seus e dos Ventureiros, que tinham fereza e asas, os azuagos e os elches, na ponta esquerda, têm recuado; mas os guísulos e andaluses da banda direita aproximam-se e quási tocam no pelotão rebrilhante do duque de Aveiro, que, um pouco teimoso em sua fidelidade e porte, espera ainda a presença do rei. Súbito, num arrebatamento, (e o mesmo fazem os dos estandartes) o donairoso duque e a sua florida gente despede de encontro aos mouros, e tão bravamente que o embate dêstes esquadrões de almas patrícias, lanceando, espadeirando, inflecte as filas da infantaria contrária, as quais, como corda em arco, se encurvam sob a pressão do acometimento violento. Já António Mendes se agarra ao pes-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

coço de um porta-bandeira mouro, lhe enterra um joelho no ventre, o derriba e lhe arranca das mãos o estandarte auri-verde. Os arcabuzeiros inimigos surgem, cercam o português e defendem a tiro o seu guião sagrado. Caem-lhes em cima os Ventureiros, com lanças de arremêsso e desfazem e põem em debandada o grupo atacante.

O «corpo da batalha» está cravado no campo em espêsso quadrado de muitos têrços, os de Diogo Lopes Sequeira e D. Miguel de Noronha de um lado, os de Vasco da Silveira e Francisco de Távora de outro. Os peões das primeiras linhas, um joelho em terra, espetam os contos dos piques no chão saibroso, as duas mãos nas hastes de zambujo, e assim aparam as investidas da cavalaria inimiga, que os arcabuzeiros das segundas e terceiras filas zagaloteiam. Os cavalos árabes, lanceados e arcabuzados, empinam-se, cabriolam, caem, e com êles os cavaleiros com as cabeças esmigalhadas, os peitos golpeados, as caras sangrentas crivadas de zagalotes de chumbo.

De parte a parte, já há muitos mortos; mas, enquanto os pelotões mouros se esfacelam de encontro ao baluarte do quadrado, os audazes Ventureiros — ala antiga de «Namorados» e da «Madre-silva», na fé, no patriotismo, no destemido, no alinho — defendendo o centro, atacam as ilhargas inimigas, abrindo nelas clareiras por entre florestas de piqueiros que

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

rechaçam, para que os cavalos portugueses avancem e derrotem. Reforçando os Ventureiros, os castelhanos, os italianos e os experimentados fronteiros de Tânger e de Ceuta, com D. Duarte de Meneses à frente, carregam contra os mouros, de lanças caladas. São entradas portentosas, com ousio e vantagens tais, que, em pouco tempo de embate, mangas de mouros voltam costas ao exército português e abalam espavoridas pela planície fóra, em debandada desaustinada, que sòmente sofreiam por alturas de Alcácer, quando não ainda mais longe, já em caminho de Fez. São nuvens de poeira vermelha! Lá vai no meio delas Molei-Hamete, irmão do rei. Como êle foge! [222]

Foi demais! E' urgente que os portugueses refreiem a galopada para não perderem a ligação com o seu exército. Suspendem. Regressam. Mas os mouros interpretam esta manobra como esmorecimento; e, encorajados e afreimados, atacam os portugueses pelas costas. Então de novo os poletões dos Ventureiros, e com êles os demais de cavalo e de pé, da vanguarda e dos flancos, cara aos mouros, atiram-se contra o inimigo e desta vez ainda com maior frenesim, melhor segurança, mais confiança, lanceando e acutilando, com audácia, estrondo e brio. Frente a frente, seus cavalos a pino, mouros e cristãos, em sanha raivosa, cruzam armas, chovendo golpes de alfanges nos morriões e nas rodelas de

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ferro; mas as espadas portuguesas, vibradas de alto e de través, com fé e valentia, abrem banhos sangrentos nas cabeças, fendem peitos, golpeiam pescoços, de chuço apunhalam, de montante derribam e matam; e os que caem da montada, logo acabam atropelados pelas patas dos cavalos que lhes estoiram as arcas dos peitos, lhes esmagam os rostos, lhes esfacelam os ventres. Maravilha!

Os mouros vão vencidos! Já no campo cristão se grita:

— Vitória! Vitória! [223]

* * *

E' o momento de pânico antecente às fugas em massa, o das defecções cobardes que o mouro logo pratica ao pressentir a derrota, êle sempre pronto a bandear-se com o inimigo, a virar-se para o lado da fôrça, a seguir a voz que vibra triunfo, pois tem como lema de guerra: — «Viva o vencedor!» E já nas fileiras contrárias o pavor se alastra como, no estio, queimada em montado de piornos sêcos. Então, Mohâmede Zareo, vice-rei, e alguns inquietos alcaides e almocadens, de tudo conhecedores, galopam até o fundo do campo, à tenda de Molei-Moluco. Êste, dentro da sua liteira, os olhos agónicos em órbitas negras, a tez de latão, jaz, ardendo em febre e arque-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

jante, no seu estreito catre-esquife. Sacodem-no, espertam-no, agitam-no, rogando-lhe que se erga, que monte e se mostre ao exército incerto da vida do seu rei, duvidoso da vitória, pronto à debandada, esmorecido e frouxo no ataque. Sacrifício incomportável para um agonizante!

Mas porque assim o ordena a sua religião, o bem da pátria, a honra da raça, êste rei heróico chama a si os restos das suas energias vitais e, sobreumano, ergue-se do leito. Em pé, a sua magreza é espectral. Fraquíssimo, não se tem. Amparam-no. Revestem-no de cabaia bordada de oiro, cobrem-no com marlota de damasco encarnado e branco, à moda turca. Poem-lhe na cabeça um turbante de alva musselina em fez de vermelho vivo; à cinta, cimitarra recamada de pedrarias [224]; e, como símbolo do império, Molei-Moluco empunha na mão direita uma pequena maça de aço. Montam-no num rucilho claro, com sela coberta de jaez de terciopelo verde, e laços de oiro. Com barretes amarelos, adornados de plumas de avestruz, cerca-o a sua guarda particular de Piques segurando-lhe a umbela oriental, de brocado, cravejada de diamantes e pérolas. Segue-o a sua guarda de duzentos renegados alabardeiros e muitos cavaleiros principais com albornozes brancos, turbantes vermelhos e babuchas amarelas [225]. E êste pelotão de Estado, frenteado de muitos

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

pendões auri-verdes, seguidos de tamborins mouriscos, estrídulos pífanos e anafins de prata que soam uma marcha guerreira, — abala a trote largo a mostrar o rei ao seu exército em pleno fragor de batalha. A voz real de Zareo e as dos almocadens, altissonantes, fingem repetir as palavras que em tom baixo Molei-Moluco vai clamando ao seu povo:

—Aqui estou convosco! Vosso rei está vivo! Batalhai! Batalhai! A guerra é santa! A vitória é nossa!

E assim trota pelo extenso campo fora, êste arraial de guerra, êste incitamento à luta brava, espicaçando as almas de freimas religiosas e sanguinárias.

Mas já a cavalgada trágica — a da morte, que quer criar vida! — pára, estaca. O rei não pode mais! Exausto, sua vida chegou ao extremo. Está por um fio! Então Molei-Moluco, vendo, num relâmpago de génio guerreiro, as conseqüências funestas da sua morte em plena batalha, e não tendo fôrças para articular uma só palavra em que dissesse aos circunstantes que ocultassem a sua morte e escondessem o seu cadáver, rebusca em si uma réstea de fôrças derradeiras, para erguer a custo o braço pesado, abrir a mão já fria e levar o dedo indicador aos lábios exangues, como querendo dizer:

— Silêncio! Que ninguém saiba que morri!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Cai-lhe da mão o scetro de aço e êle próprio tomba para a frente, sôbre o arção da sela e logo, morto, do cavalo ao chão. E assim acabou o Grão Miramolim de Marrocos, rei de Fez e de Turudante! Num momento, fecham-lhe a bôca destampada, atam-lhe o queixo pendente, cerram-lhe os olhos baços, e ensombram-lhe a cabeça dentro do capuz do albornoz. Levantam-no do chão, de novo o montam; e, dissimuladamente amparando-o por todos os lados, por debaixo dos régios caftans, de jeito a sustarem-lhe direito o busto na sela alta, a não deixar suspeitar que o rei vai morto, a não parecer que é um cadáver quem cavalga, — regressam à tenda doirada. Pelo caminho, em volta dêle, é agora mais frenética, mais epiléptica ainda a grilada dos pífaros a das dulçainas, os rufos dos tamborins, o bater dos tambores. Há exclamações loucas de entusiasmo à passagem do trágico pelotão. Galopam mouros, à gineta, nos estribos curtos, jilabas tufadas, e braços negros e nus, que agitam no ar cimitarras scintilantes, e, bôcas escancaradas, vão gritando infernalmente!

Atravessadas as fileiras e chegados à tenda real, desmontam o defunto, instalam-no na liteira, cobrem-no com uma oriental colcha de cetim, e guardam absoluto segrêdo da morte de Molei-Moluco. E enquanto, em religioso silêncio, os seus Piques e Sulaques lhe velam o

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

cadáver a arrefecer-se e a inteiriçar-se — lá ora é ingente a peleja!

* * *

Sob a canícula, o sol do meio dia, côr de uma rodela de sangue em cachão, lateja chamas que mordem as peles brônzeas, trigueiras e brancas, onde o suor escorre. A luz é avermelhada e densa como feita de tejôlo pulverizado. O ar pesa. Abafa-se!

A batalha cruenta continua rugindo, encarniçada de parte a parte. São tigres e chacais de dentes assanhados! Truculento combate de corpos e de almas! Tudo é furor, raiva, cólera selvagem e infernal, em cegueira de paixão diabólica. Engarfam-se as lanças cristãs nas lanças mouras; cruzam-se as espadas nas espadas. Rédea sôlta, briga-se à lançada, à cutilada, segurando as armas com as duas mãos acima da cabeça e jogando-as em sarilho a modo de montante medieval. Travam-se, enroldam-se, uns a pino, peito a peito, outros por terra, embrulhados, os cavalos nos cavalos, os homens nos homens. São felinos hidrófobos. Fauces escancaradas, seus dentes carniceiros sentem ganas de combater às mordedelas! E no meio da fumarada negra dos trons, dos arcabuzes, e da poeira avermelhada da campina ardente, misturam-se e agitam-se

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

os pardos dos hábitos, os estamentos das jilabas, dos alquicés e dos zurames, com os brancos dos albornozes, os negros das batinas, os encarnados dos fêzes, as côres das roupas variegadas da soldadesca, os penachos e as plumas dos elmos dos fidalgos e dos grandes, entre o luzir dos arnêses polidos, o fulgor das lanças e das espadas, tudo em movimento incessante e alucinado. Os tiros, o entrechoque das armas, as gritas, os clamores, o alarido, os relinchos dos cavalos, tumultuam neste fluxo e refluxo de coloridas ondas humanas, encapeladas de ira, a bramirem e a atirarem-se furiosas umas contra as outras! [216].

— Matar! Matar! Matar!

O sangue salta dos golpes, estravaza-se das feridas. As testas, as faces, as barbas — são sangue. Os cabelos desgrenhados são fogaréos doidos, e os olhos em chama, incêndios de ódios. Nesta guerra de raças e de religiões, todo o chão tropeia sob as patas de milhares de cavalos, tôda a planície ferve e referve, em rancores de inferno! Aquela boa terra que deu pão, está agora ensopada em dôr, até os abismos da sua alma sacrificada.

Matar! Matar! Matar!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Os Ventureiros, sempre na avançada, têm alcançado as bombardas inimigas, lá no fundo do campo, entre milhos, e deitado a mão a dois pendões mouros. Mais um arranco e chegarão à entrada da tenda onde jaz Molei-Moluco de cuja morte já sabem pelo grito atirado numa correria por D. António, prior do Crato:

— O Moluco é morto!

Uma vez aí, lançar-se-hão sôbre o seu cadáver para lhe decepar a cabeça e a espetar na ponta de um pique, passeando, em seguida pelo campo da batalha, vitoriosos, êste trofeu sangrento. Nos mouros a impressão será de assombro e nesse minuto de pavor começará a debandada geral, em atropêlo desesperado e clamoroso.

E o avanço audaz continua. Estão próximos: um instante ainda e ei-los, os portugueses, a degolar o cadáver do rei de Marrocos, a cravar-lhe a cabeça numa lança alta, a correr com ela pela planície fora, bradando triunfantes:

— Matámos o vosso rei!

Nisto, precisamente quando os cristãos estavam no limiar da vitória, já ao alcance do triunfo, surge, na frente do exército português, de alabarda atravessada, a travar o furor

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

«mais que humano» dêsses heróis assinalados, um sinistro homem, um fatídico homem (não se sabe ao certo se foi o sargento Pero Lopes, se quem foi) a gritar com vozeirão destemperado:

— Ter! Ter![227]

Como quem diz:

— Parem! Suspendam!

Dir-se-ia uma voz de estratagema, erupta do areal islamita ultrajado, insofrido e vingativo da gente cristã; dir-se-ia a voz de traição de um odiento inimigo castelhano — de um segundo Aldana que, espiando as fases do combate e reconhecendo estarem os portugueses prestes a alcançar vitória, acorrera lá do fundo da terra peninsular, secularmente adversária de Portugal, para de acinte perverso provocar o pânico nas fileiras, o tumulto nos pelotões, tudo desorganizando, tudo confundindo, tudo perdendo!

— Ter! Ter!

Terrível palavra! Diabólica palavra! Palavra fatal!

Lançado o pânico, os esquadrões dos intrépidos Ventureiros sofreiam o ímpeto dos seus cavalos lançados a tôda a brida, e estacam um momento, pasmos e indecisos, suspendendo as espadas; os arcabuzeiros, surpresos, abaixam as armas e não descarregam; as lanças e os piques retraem-se. Arregalam-se de espanto os olhos dos destemidos. Esfuziam no

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ar mil preguntas e mil respostas. Correm ordens e contra-ordens. A onda de soldados recua. O tufão equestre reflue. Desfaz-se o grande quadrado. Desunem-se as fileiras. Desordenam-se os pelotões. Começam as correrias. O alarme é pavoroso! Há atropelos, colisões, vozearia, tumultos. Confusão! Vendaval! Desorganização completa!

Já muitos, em debandada espavorida, voltam costas ao inimigo. Desastrado instante! Desventurado momento! Os mouros, que presenceiam o tumultuoso alevante, e a precipitada fuga, animam-se; a sua cobardia transmuda-se em fumos de coragem; e, em gritas de alegria ferina, os peões bem unidos acometem em álgaras de sedeiros de lanças enristadas. A cavalaria cai sôbre os portugueses, acossa-os, persegue-os, esmaga-os, desbarata-os; e, vendo-os recuar, tudo varrem, limpam. São aludes temerosos; são correrias furibundas. A derrota é, sobretudo, nos tudescos, recrutas e mercenários, que foram os primeiros a debandar [228], e na massa espantadiça, desafoita, da numerosa gente portuguesa da retaguarda, a parte popular do exército, que, desde o princípio, após o alvorôço causado pela artelharia inimiga, não acompanhou, não secundou com o mesmo atrevimento o rompante intrépido da fidalga vanguarda. Os mouros, que logo de comêço pressentiram ser êste o ponto fraco, para aí concentraram as

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

suas atenções e os seus ataques, cingindo, pouco a pouco, por êsse lado, o exército cristão; e agora, vendo tudo desorganizado e esta parte ainda mais incerta e falha, atacam-na desassombradamente, com a violência dos cobardes que se assenhoreiam da fraqueza alheia. As pontas da lua vão-se aproximando. Os cristãos estão quási cercados. Anuncia-se a derrota. Os mouros, em delírios de vingança, cegos e desabridos, cada vez são mais sanguinários.

A-pesar disto, na frente e nas ilhargas, os melhores portugueses, almas de lei, não esmorecem um momento e lutam com frenesim desesperado. Fazem prodígios! Mas é tarde! Vai caindo morta muita gente, e da melhor: os fidalgos de raça; os soldados experimentados — aqueles bravos fronteiros de África! Que mortandade! Cavalos e homens uns por cima dos outros, em posturas horríveis e macabras. Os corpos arrastam-se pelo chão e estrebucham, contorcionados pelas dores, os gestos crispados, os dedos de rapina, os olhos em esgares de agonias. Por terra, cavalos em convulsões, escouceiam o ar. De mil feridas, os corpos esvaem-se em sangue. Bôcas escancaradas sugam o último ar para o derradeiro arfar dos pulmões a morrerem. Olhos voltados ao céu embaciam-se. E as ralas dos moribundos são tantas, tantas, que, se súbitamente, mágicamente, a cavalaria e a infantaria sus-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

pendessem os seus ataques, tôdas as bôcas combatentes se calassem, tudo parasse, emfim, — êsses estertores fariam um tão compacto côro de milhares e milhares de trágicas cigarras roucas, que encheria a planície de lado a lado, de Bugemune ao Luco, do Mucazim à cordilheira do Gibel!

* * *

E o rei? Viu tudo; quer salvar tudo! Num relâmpago, para evitar a confusão, corre à frente dos têrços de infantaria e de cavalaria, e busca, com o poderoso fastígio da sua pessoa, desfazer o pânico, ter mão na desordem, suster a debandada, unir as fileiras, ordenar os pelotões, organizar os regimentos do exército espavorido e tumultuoso. O seu esfôrço é prodígio! D. Sebastião está em tôda a parte. Maior que a ordem de um general, êle é o exemplo de um homem que se põe à frente de homens. A sua presença é disciplina, é ordem, é fôrça, é mando. Cria confiança, incita coragem. Cruz e bandeira do seu exército de crentes e ardidos, é um clarão de fé, um estímulo celeste vivíssimo, refulgentíssimo. Mas é tentar o impossível!

Desorganizados os têrços e os esquadrões; as companhias sem comandantes, os comandantes sem soldados; — desfeito o núcleo do

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

exército cristão, rôta a sua unidade moral, a batalha transforma-se em duelos singulares de pelotões com pelotões, de grupos com grupos, de homem com homem. Um magote de portugueses desfaz um magote muitíssimo maior de mouros; mas, desbaratados êstes, logo acorrem outros, vindos do fundo inexgotável dêsse exército muçulmano, de contínuo reforçado por gente que naquele momento, certa da vitória, tem deixado seus aduares e descido os montes, vindo de tôda a parte, com lanças, piques, espadas, alfanges e setas. Embora! Um português basta para dez mouros, como foi nos cêrcos de Ceuta, nos ataques de Tânger, nas escaladas de Arzila, em Çafim, em Azamor, em Mazagão. Êstes painéis do passado glorioso relampejam diante das pupilas dos aguerridos portugueses, desaustinam-lhes o olhar, enfurecem-lhes os ânimos, enrijecem-lhes os músculos, atirando-os para a morte em paroxismos de bravura heróica. Quanta audácia. Quanta valentia! Quantas façanhas!

D. Teodósio, herdeiro do duque de Bragança, uma criança de doze anos, bate-se como homem de trinta.

João de Mendonça, antigo governador da Índia, parte a lança cravando-a no peito de um mouro e diz, ofegante e bem humorado, para os seus companheiros pasmos:

— Não sou obrigado a mais! [229]

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

E com uma nova lança nas mãos continua lanceando.

O barão de Alvito, João Lobo, morre como um lobo: estracinha nos dentes um vermelho barrete mouro, e, sarilhando com as mãos a espada de dois gumes, morre a matar [230].

João da Cunha, cavaleiro de Malta, um ôlho vasado por uma lança, entra, desvairado pela dor, pelos mouros dentro. Vendo-o tão chagado, a cara numa posta de sangue, alguém lhe brada condoído:

— Recolha-se! Recolha-se!

— «Recolho» mas é a lança nestes mouros! [231].

E metendo por êles, ali acabou.

André Gonçalves, alcaide-mor de Coimbra, levando na cara uma seta profundamente cravada, combate a exibir com ufania êste penacho de honra, de onde irrompe sangue vermelho aos borbotões [232]. O capitão Alexandre Moreira, aleijado, apeia-se para morrer mais depressa [233]. O cabo Álvares Correia, de Roças, com uma mão segura as tripas e com a outra brande a espada [234]. D. Simão de Meneses, ferido de morte, calcando um monte de cadáveres mouros, e agitando no ar uma bandeira inimiga, incita os mais à conquista de outros estandartes e batalha até cair morto [235].

Sebastião de Sá, quando alguns portugueses acossados por muitos mouros batem em reti-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

rada, e alguém que foge lhe grita que volte também, troveja indignado:

— O meu cavalo não sabe voltar! [236]

E, embrenhado nos mouros, joga-se à morte.

E tantos e tantos outros casos semelhantes, de heroicidade sublime!

¡Oh belo Portugal antigo!

* * *

Lá corre D. Sebastião! E' uma fúria alada —um dragão! Aqui, ali, além, atira-se contra o inimigo, desbrava troços de piqueiros, derriba grupos de cavaleiros. ¿Golpeiam-no? Não sente as cutiladas e avança a escorrer sangue! ¿Ferem-lhe de morte o cavalo? Apeia-se, salta para outro, esporeia, galopa — a espada brilhante no ar cheio de sol. Que furacão! Já matou, entre outros, os colossos Almançor e Çolimão, membrudos e possantes turcos afamados pela valentia [237]. Prodigioso, dêle dirão, depois, os mouros:

— Era fogo do céu, e ninguém ousava encarar nêle! [238]

A seu lado, incendidos pela sua bravura, pelejam denodados companheiros que o seguem por tôda a parte, e, entre outros, D. Rodrigo Lobo, pagem da lança, e o alferes-real D. Luís de Meneses. Êste môço, com o estandarte alçado e despregado, numa refrega,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

perdida a montada, caído por terra, entre inimigos, abraça-se à haste, bradando:

— Defendei, cavaleiros, a bandeira de el-rei! [239]

Acode Ribeiro Pinto, capitão de gastadores, cobrindo o alferes com a sua rodela, esgrimindo a espada, até que Luís de Brito, montado no seu quarto cavalo, surge, salva-o, arranca a bandeira das mãos dos mouros, gritando, fora de si, ao arvorá-la:

— Portugal! Portugal!

E quando os muitos mouros que o cercam lhe estilhaçam o pau, envolve no braço esquerdo o pano bento que os inimigos só dêle arrancam depois que êsse braço é cadáver!

Os castelhanos, coléricos, defendem-se e atacam com surriadas de arcabuzes e mosquetes.

Os têrços do Alentejo e Algarve, que o valoroso coronel Francisco de Távora consegue, um tanto ou quanto, manter, seguem-lhe o exemplo. Que entradas, que estragos feitos por êstes valentes!

O xerife, com os alcaides e à frente dos seus seiscentos mouros de cavalo e quatrocentos de pé, arremete com desespêro, em defesa da sua própria causa de rei destronado.

E a batalha lá continua furibunda. Nas refregas, corpo a corpo, com cavaleiros armados, os mouros jogam os alfanges às mãos

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

cristãs; com peões, as agumias sarracenas buscam as articulações das armaduras para se cravarem nos corpos. Que fúria! São fornalhas de cóleras em labaredas! Passam a galope esquadrões de cavaleiros mouros, como lufadas de vento. Outros cercam núcleos de soldadesca postada em quadrados defendidos por lanças em riste, contos cravados no chão, despejando o centro descargas de arcabuzes. Andam no ar, fumarento e poeirento, gritos, pragas, preces, brilhos de espadas, choques de armas, imprecações de raiva vencida, silvos de alegria vitoriosa. Os olhares fuzilam, as bôcas escancaram-se, os gestos são agudos, destrambelhados, convulsos, heróicos. Dentro das almas há cavalgadas de ardores, de sonhos, de belezas; e a fé, de um lado e outro—às golfadas.

Luta-se pela Vida, pela Pátria, pela Religião.

E os alfanges, as lanças, os piques, os arcabuzes, as setas mouras continuam a matar os nossos maiores!

Morrem os bispos de Coimbra e do Pôrto, que combateram revestidos com as suas murças vermelhas postas em sobre-cota. Morre Alexandre Formento, núncio do Papa. Morre o nobre conde de Vimioso e seu filho D. Manoel de Portugal. Morre o conde de Tentúgal, primogénito do marquês de Ferreira, que, velho, se fêz representar em África por três fi-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

lhos. Morre o conde do Redondo e morre D. Vasco Coutinho. Morre o velho fidalgo D. Diogo Castelbranco. Morrem D. Pedro e D. Lourenço, filhos do conde de Linhares, e os dois filhos, Jerónimo e Manoel, de Fernão Teles. Os Meneses D. Diogo e D. Francisco, e ainda o filho do aio D. Aleixo que, com aqueles, juntos vieram à batalha e juntos morreram. Morrem os condes da Vidigueira e de Mira. Um pelouro entra pela bôca dentro de D. Diogo de Melo, primogénito do conde de Tentúgal; e D. Álvaro de Melo morre estilhaçado por uma bombarda. Morre o marquês Thomas Stukely; morre D. Alonso de Aguilar e o bailio Pedro de Mesquita; morre D. António Castelo-Branco; morre o octogenário Jorge da Silva. Da comitiva do duque de Barcelos morre seu tio D. Jaime e D. Luís de Noronha, seu aio e estribeiro; morrem os alcaides mores de Chaves, de Souzel, de Melgaço, de Alter do Chão; os comendadores de São Pedro de Macedo, de São Vicente de Quadramil e diversos vassalos e fidalgos da casa e serviço de seu pai [240]. E outros, e tantos outros!

A hecatombe é nos Ventureiros, talvez por serem os que mais se arriscaram; os que com mais sanha invectivaram; os que com mais temeridade jogaram suas vidas à morte [241].

Tanto sangue fidalgo a ensopar o plebeu campo africano de saibro pulvorento e cardos sêcos! Quanto arrojo, quanta bravura! Que

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

destemidos são! Mas é tarde!: já o crescente islamita uniu as pontas, fechou o circuito. Os cristãos, cercados por numerosos mouros, estão perdidos! Chegou o momento dos desesperos nobilíssimos, em que os grandes portugueses querem morrer com glória, batalhando até o derradeiro instante, naquele estado de pundonor e orgulho que se lança na morte honrada para se sublimar no sacrifício. E embora a decadência se alastrasse em Portugal; e a-pesar-de ir no fim a era de quinhentos, ainda em Alcácer-Quibir havia portugueses do século quinze, no destemido e na vertigem religiosa de morrer com honra.

O programa desta dignidade estóica está todo no brado dos fidalgos ao povo:

—Morrei como valentes, rapazes!

E ainda na frase sublime do desembargador António Velho Tinoco, ouvidor do campo, que, a cavalo, pregoa religiosamente impassível:

—Agora, senhores, aqui não há mais que a alma a Deus e o corpo à honra! [242]

Era a extrema-unção da Cavalaria!

* * *

Montado num cavalo ferido, surge D. Sebastião. Como o Cid de Bivar, todo êle está coberto de sangue até os cascos do corsel! Amolgado o elmo; rotos os calções; em farrapos a

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

sobrecota; a camisa — um carvão. Moribundos, por terra, reconhecendo-o, soerguem-se num derradeiro esfôrço, levantam para êle os braços trémulos, os olhos espantados cheios de lágrimas enormes, as bôcas escancaradas e soluçantes, e bradam repletos de profundo desalento misturado de desespêro:

— Tudo perdido! Tudo perdido!

E D. João de Portugal, trespassado de golpes, tem apenas fôrça para dizer:

— Senhor, senhor, só resta morrer! [243]

D. Sebastião, espada alta no braço erguido, no céu o olhar místico, responde-lhe, sereno e olímpico, oferecendo a Deus seu sacrifício cruento:

— Morrer, mas de-vagar! [244]

E orgulhoso lá segue na carreira augusta, fascinado pelo clarão do dever, êste bravo rapaz de vinte e quatro anos indómitos, como jamais se viram mais belos no mundo.

O senhoril duque de Aveiro, com uma mão decepada, quási em pé nos estribos, a cabeça ufana, a espada no ar, brada para os seus ardorosos companheiros, almas patrícias como a sua, numa voz de entusiasmo florido de estranha glória fidalga para além da vida, para além da morte:

— Sigam-me! Sigam-me!

Com o cabelo loiro desmanchado na testa branca, nos olhos azuis a chispa da honra em desvairo, mas a figura intactamente heráldica

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ainda, na alucinação cavalheiresca daquele trágico instante, êle e os seus galopam desabridos em flecha de corséis apocalípticos, metendo-se pelos mouros dentro, de encontro a uma sarça de lanças em riste. Nunca mais foi visto. O seu cadáver apareceu todo lanceado.

Que nobreza na vida!

Que nobreza na morte!

*
* *

O segundo cavalo que D. Sebastião monta, mal caminha, de chagado. O rei encontra, muito ferido, D. Jorge de Albuquerque. Fala-lhe:

—Se o vosso cavalo ainda está bom, empresta-mo.

O fidalgo donatário de Pernambuco cede-lho, pressuroso:

— Todo eu sou uma chaga! Não o posso acompanhar. Salve-se vossa alteza nêle (e aponta-lhe uma aberta de poucos mouros) que eu morrerei aqui assás contente dêste serviço ao meu rei e a Deus [245].

Ante esta palavra «salve-se!», D. Sebastião estremece de pundonor e brada, cavalheiro:

— E a minha honra?

Pé no estribo, mão esquerda nas rédeas e no arção, espada na direita, monta de um pulo e larga a galope, direito a magotes de mouros que ao longe pelejam com cristãos. No cami-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

nho encontra, estendido no chão, D. António, prior do Crato, junto do seu cavalo lanceado. O filho do infante D. Luís, reconhecendo D. Sebastião, ergue-se a custo, e certíssimo de que a batalha está fatalmente perdida, aponta ao rei um escape, rogando-lhe solícito:

— Fuja! [246].

D. Sebastião que, para o ouvir, sofreara um momento a correria, de novo se sente varado pelo insulto da ideia da fuga e de novo responde com orgulho:

— E a minha honra?

E, esporeando o cavalo, abala vertiginoso.

* * *

Todo o enorme campo está coalhado de cadáveres: mouros, turcos, portugueses, castelhanos, italianos e tudescos.

Só arábicos, disse-se, depois, que morreram dez mil! Entre os cadáveres, há para cima de oitocentas mulheres (vivandeiras e comborças tudescas) e de duzentas crianças, muitas de peito [247]. Uns de bruços, beijam a terra; outros, ventres para cima, olham para o céu com olhos parados. Há corpos torcidos em arripiante rigidez; há gestos convulsos e expressões crucificadas. Os cabelos estão empapados de sangue, as faces lívidas e lanhadas. «O sangue quási dá pelo artelho» [248]. Lama de sangue! E

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tudo, cristãos e mouros, em montões, uns por cima dos outros, os cavalos com as patas para o ar, os pescoços golpeados e sangrentos, os ventres estripados e verdes, no meio de charcos de sangue onde o sol tórrido das duas horas da tarde flameja. Armaduras, jibalas, selás, bandeiras, capacetes, turbantes, plumas, muitas espadas e lanças, umas inteiras outras partidas, arcabuzes, piques, morriões amolgados, escudos fendidos, rodelas rasgadas, arcos quebrados, flechas, elmos, babuchas amarelas, violas, farrapos, esteiram o chão. Do sangrento arraial sobe um clamor de morte — lamentos, queixas, choros, gritos desesperados, ais compungentes — que o enchem de lado a lado. Dor! Dor! Dor! Alasões fulvos, espantados e relinchantes, os corpos luzentes de suor, galopam com as crinas esparsas, as caudas em penacho, incendidas pelo sol, e os estribos de metal amarelo, pelo ar, a brilharem.

A batalha vai no fim.

Têm-se reconciliado inimigos: abraçam-se mouros nos mouros, cristãos nos cristãos; e, ao passarem um pelo outro, pedem-se mútuos perdões D. Cristóvão de Távora e D. António, prior do Crato.

A batalha vai no fim. Durou duas horas infernais!

Seguros da vitória têm descido dos oiteiros circunvizinhos aqueles lobos humanos que espiavam o combate para ser os primeiros a

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

lançarem-se sôbre os mortos. Tudo roubarão: dinheiro, armas, jóias, cortando os dedos para arrancar os anéis, pondo os corpos nus para lhes levar as roupas. Serão como corvos sôfregos, cravando os boticões dos seus bicos na podridão. No dia seguinte à batalha haverá no campo milhares e milhares de cadáveres nus, para outras aves de rapina: os abutres; outros esfaimados: as hienas.

O xerife, certificado da derrota, tem fugido da batalha; e ao atravessar o Luco, atolada a montada no lamarão, o «Negro» é arrastado pela maré que vaza forte, e morre afogado à vista dos seus fiéis alcaides Cid-Abdelerim e Cid-Hame, que o haviam seguido na fuga e ficaram da margem do rio. Antes lançar-se a nado e arriscar-se a morrer que ser prêso pelos seus rancorosos inimigos, que o esfolariam vivo, como depois o esfolaram morto!

* * * *

D. Sebastião está agora no meio de um punhado de fidalgos portugueses, vassalos fiéis que, jamais o desamparando, lhe seguram o cavalo, e tentam, num desesperado esfôrço de amor veemente, arrancá-lo para fora do campo — salvá-lo. Para isso, expõem as suas vidas pela vida preciosa do seu rei. Súbito, uma chusma de arábios acorre, cercam-no e

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

aos seus companheiros, numa epiléptica ronda de canibais em delírio, ébrios de alegria, por poderem deitar a mão àqueles refèns cristãos. Já dois mouros disputam entre si a quem o mais armado — o rei — deve pertencer. Então, no meio de atroadora vozearia, Cristóvão de Távora, seguro da perda fatal de D. Sebastião, ata um lenço branco na ponta da espada e ergue-a ao ar, pedindo tréguas [249]. Êsse lenço branco é o último e supremo recurso, o fanal da derradeira esperança: salva um rei, salva uma dinastia, salva a independência de uma nação, salva a ventura de uma pátria. E' o éco formidável de uma formidável voz de súplica que nesse momento enche todos os corações de Portugal, lá longe, lá longe, em estupenda prece! E' a síntese dos rogos de todos os sermões prègados; é a essência de todos os cantos dos poetas portugueses, anelando pela vida do seu rei e pela glória do reino; é a honra de uma estrofe dos *Lusíadas;* é o sonho alto de Camões!

Ante o sinal de paz, os mouros suspendem um momento a algarada, acedendo; mas apontando para a temerosa espada do rei, bradam pela voz de um língua renegado:

— Que largue primeiro as armas! [250]

— Só a morte me pode arrancar da mão esta espada real! [251] — ripostou soberbamente D. Sebastião.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

O busto erecto; as pernas retesas nas estribeiras de cobre; grande e belo na sua desgraça de vencido: a cabeça ruiva sem elmo e golpeada; as faces a escorrerem sangue; a camisa negra de poeira e empapada de suor; o camal lanhado — D. Sebastião olha altaneiro e impávido para essa repulsiva turba-multa de gentalha esfarrapada, inimigos da sua raça, da sua crença e da sua pátria.

Cristóvão de Távora, vendo D. Sebastião irremediàvelmente perdido, levanta para êle as mãos suplicantes e os olhos desventurados, e clama com voz traspassada:

— Meu rei e meu senhor ¿que remédio teremos? [252]

— O do céu, se as nossas obras o merecem — responde-lhe calmo o rei de Portugal [253].

E com as pupilas obcecadas numa ideia longínqua, as íris azuis na translucidez da estranha luz celeste da honra e do devaneio, D. Sebastião, «sem escuitar mais acôrdo», crava as esporas de oiro nos ilhais do formoso cavalo de D. Jorge de Albuquerque e atira-se, num último arranco desesperado, para cima da chusma de imundos plebeus, ¡ao encontro da morte que o imortalizará! A ela, por seu amor louco à Grei, ao glorioso Portugal antigo, sereno se oferece em holocausto, com tôdas as purezas do seu corpo virgem, tôda a alvura da sua alma cândida, tôdas as intenções nobilíssimas do seu arrôjo supremo! Seus êrros

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

belos expia-os no vexame infinito de, num momento, ver destroçados os sonhos de uma vida inteira e no de saber que vai acabar às mãos de miseráveis inimigos maltrapilhos, que em breve porão mãos sujas no seu corpo branco, o rachaçarão a êle e àquele punhado de portugueses fidelíssimos, que acompanham na morte o seu rei, porque nenhuma dessas almas fidalgas padece viver depois de testemunhar tão crudelíssima tragédia. Espada alta servida por um braço potente, que durante horas seguidas desfechou em tôdas as direcções golpes mortais; o cavalo empinado, cujos olhos são fogo, cujas ventas arreganhadas deitam lume, cuja bôca vermelha remorde o freio entre espumas brancas e bravas;—D. Sebastião é um semi-deus descido das alturas para batalhas de extermínio. Essa espada de fúria e luz ainda faz espirrar muito sangue; ainda mata inimigos; ainda cria espanto; ainda abre em tôrno de si clareiras de morte!

Mas ao alarido guerreiro têm-se juntado muitos mouros, muitos [354], que encurtam, apertam, estrangulam o terreno a êste rei de lenda, que até o derradeiro momento despede formidáveis cutiladas com a sua espada de furores sublimes.

Matam-lhe o cavalo. Em pé, batalha ainda. Por fim, uma espadeirada certa, vibrada ao pescoço sem gorgeira, abate-o. Por terra, crivam-no de lanças. Entre a vida e a morte, ao

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

sentir-se varado no peito, êle, que mais preza a honra que a vida, orgulha-se que o matem pela frente — cara ao inimigo.

Seu sangue, real e cristão, espadana de mil feridas e forma à sua volta, na terra ardente, uma pôça de sangue — auréola do seu martírio, aurora da sua fama. D. Sebastião agoniza; e na fulguração do trespasse clarividente, seu espírito, no limiar da eternidade, deve ter visto, num esfumo de sangue em dealbo de oiro, aquele verso de Petrarca, que para si tantas vezes repetia, como divisa de morte e de vida:

Un bel morir tutta la vita onora.

Morre; e a sua sacrificada alma, branca como anémona, pura como açucena, expiando na morte êrros próprios e êrros de muitos, ascende ao céu onde Deus a acolhe com afago, a recebe com louvor!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

XXVIII

O «ENCOBERTO»

LENDA DA MORTE.

Entre a partida da expedição, na segunda quinzena de Junho, e a chegada, em meados de Agôsto, das primeiras notícias da batalha, passaram-se uns arrastados cincoenta e alguns dias de nevoentas e dolorosissimas incertezas, durante os quais as mentes conturbadas engendraram muitas apreensões tristes, muitas suspeitas tenebrosas, muitas fantasias lúgubres, criando densa atmosfera de pungimento, que ensombra a inteligência e aperta o coração.

Foi nesta angústia de almas oprimidas, que chegaram, incertas, vagas, contraditórias as primeiras novas da calamitosa jornada de África. A voz era de rumor, informe, e espalhava constar que o exército português havia sido totalmente desbaratado, nada se sabendo da pessoa do rei. E isto é assim como espêssa lufada de negrume, e no coração dêle a voz

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

de um sino, desgrenhada por sinistro vento! E as almas esmagam-se a si próprias e mortificam-se!

Dias depois, chega a Lisboa Salvador de Medeiros, criado do cardeal D. Henrique. Acorrem a êle. Cercam-no. Apertam-no. Devoram-lhe o olhar, comem-lhe as palavras e os gestos, caindo-lhe em cima com chuveiros de preguntas:

— O exército? A armada? Quando foi a batalha? Onde? Como? Quem morreu? O rei?

O Medeiros traz notícias preciosas: estivera na batalha, assistiu ao desastre. Que mortandade nos mouros! Que desbarato na gente portuguesa! Milhares de mortos!

— Quem? Os nomes, os nomes!

E cada um lançava os nomes dos seus maridos, dos seus filhos, dos seus irmãos.

— Tudo perdido!

— E o rei?

Preguntavam com ânsia, com avidez, com febre.

— Que bravura!

— Morto? Vivo?

E então Salvador de Medeiros lançou a palavra nebulosa:

— Corria por lá que se salvara...

Respiraram fundo. Sim, devia estar vivo. Nas mentes e nos corações dos que muito o admiravam e amavam não cabia a ideia nem o sentimento de poder ser vencido pela Morte

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

quem tão destemido encarava nela, quem tão querido era das gentes, quem tão amado era de Deus, que do céu o protegia como seu «capitão» na terra.

E os dias e as noites passam-se nesta incerteza, neste cuidar de amor, ora alvaiado de esperanças, ora laivado de dúvidas roxas, maceradas... Que tormento!

— Os nossos maridos, os nossos filhos, ¿que é dêles? — eis o grito rouco das almas angustiadas! E o mulherio desesperava-se e arrepelava-se.

Nisto, entra no Tejo parte da esquadra que estivera fundeada em Larache, de guarda às costas do exército de terra. E' seu capitão D. Diogo de Sousa que, semblante contristado, confirma em poucas e lutuosas palavras, a notícia da grande catástrofe; mas a respeito da pessoa do rei é tão obstinadamente silencioso, que logo, à bôca pequena, corre a voz de que êle o trouxera escondido a bordo. Cogitavam:

— ¿Porque não ficou aquela frota em Larache, em Arzila ou em Tânger para, com outros navios mais, prestar socorros, recolher fugitivos e os primeiros remidos do cativeiro?

A resposta pronunciavam-na aqueles corações virados ao amor pelo seu rei:

— Para dar rápida fuga a D. Sebastião e trazê-lo a ocultas ao reino, onde, vergonhoso e repêso, se esconderá em casa de bons fidalgos.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

E em pouco tempo esta voz, de baixa, passou a voz alta; e de simples suspeita a opinião tão arreigada que, quando, logo adiante, chegam a Lisboa as cartas de Belchior do Amaral, a dizer que êle próprio assistira ao entêrro do rei de Portugal, na vila de Alcácer, — ninguém acreditou no que nesses papéis estava escrito:

— E' falso! Cá ou lá, D. Sebastião vive.

* * *

Seguem-se dias de mortal angústia. Os governadores, atónitos, têm chamado a Lisboa o velho cardeal D. Henrique, cada vez mais envelhecido e esmorecido, que passava o calmoso verão entre as espêssas e frescas paredes do mosteiro de Alcobaça, no aprazível convívio dos frades cirtercienses, seus amigos, de quem, por muito lhes querer, se fizera abade-mor. Scéptico a respeito do bom andamento dos negócios públicos, desde muito vindos de mal a pior; decrépito, saturado do egoísmo próprio dos velhos e dos doentes, não devera ter custado pouco arrancá-lo à paz da sua cela monástica. Mas veio.

O pesadelo nocturno continua nas almas: mãos de ferro apertam as gargantas, mós de granito pesam nas arcas dos peitos. Quantas dolorosíssimas incertezas! Quem viveria?

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Quem morreria? Quási todos tinham em Alcácer um pai, um filho, um marido, um irmão, um parente, um amigo! ¿Que seria feito dêles?

¡Anseio e opressão! As preguntas são olhos redondos, enormes, postos no horizonte; são braços em desespêro atirados para o céu!

Em Xabregas, rodeado de velhos fidalgos e de lacrimosas fidalgas que o interrogam, o doente cardeal, outra vez criança na velhice, não sabe senão chorar.

Vão chegando mais notícias. Está averiguado: foi uma tremenda derrota, um desastre colossal! Milhares e milhares de portugueses mortos! Os fidalgos ceifados uns, prisioneiros outros. O povo — montões de cadáveres! Contam-se trágicos pormenores; contam-se acções extraordinárias. Tudo se aumenta, tudo se avoluma, tudo se exagera. As almas emudecem pávidas.

— E o rei? E o rei?

Dizem que Luís de Brito o havia visto, no fim da batalha, avançar pelo campo fora, aproveitando uma clareira limpa de mouros. Devia ter-se escapado.

Contràriamente a êste boato, afirmava-se que o rei pelejara bravamente até à morte, e que o seu cadáver fôra encontrado, numa extrema do campo, no meio de outros, dois dias depois, desfigurado, abandonado e nu. Sebastião de Rèsende, seu môço de guarda-roupa,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

reconhecendo-o, atou-lhe no pescoço uma tira da sua fralda e veio denunciar o achado. Depois, por ordem de Molei-Hamete, voltou ao sítio onde o rei jazia, vestiu-lhe a sua própria camisa, as suas ceroulas, o seu gibão e, carregando-o para cima de um «cavalinho castanho» e êle na garupa, trouxe-o atravessado na sela à presença do xerife. Posto de bruços, como mochila em arção, a cabeça tumefacta coberta de livores, sangue pisado e lama — trazia as mãos atadas e pendentes, como os pés; e seu cadáver, depressa estragado pela sôlheira, tresandava podridão. Viu-o passar Miguel Leitão de Andrada e desviou de tanta miséria humana seus olhos compungidos [255].

Vários fidalgos portugueses, (D. Duarte de Meneses, D. Jorge de Cantanhede, D. Duarte Castelo Branco, D. António de Noronha, José Rodrigues de Sá e outros prisioneiros (cêrca de vinte, entre êles Belchior do Amaral, corregedor da côrte), [256] chamados, reconheceram o rei de Portugal, a-pesar-de desfiguradíssimo na morte: — cabeça inchada, lívida, já decomposta pela canícula de dois dias africanos; e disso se lavrou um auto [257].

Outros, porém, asseguravam que êle fôra um dos cinco fidalgos embuçados, que, na noite do desastre, a desoras, alcançaram as «portas de terra», de Arzila, cujo fronteiro, ao anúncio de estar ali o rei de Portugal, abriu os batentes, rocolhendo-o na alcáçova e dan-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

do-lhe, em seguida, num veleiro, fuga para a Europa.

E como estas, várias outras opiniões dissemelhantes e contraditórias, que a todos lançava em penosíssimas dúvidas, embora nos que o amavam continuasse predominando a opinião de que êle estava vivo, escondido, e apareceria oportunamente para tirar desfôrço da derrota sofrida.

Mas ¿onde estará? Responde-se:

— Palmeia o mundo, para penar seus pecados, indo, por fim, à Terra-Santa, rojar-se ante o sepulcro do Redentor. Expiadas as suas culpas, limpa a alma pela contrição, perdoado pelo Senhor — regressa ao reino.

E os corações comovidos e esperançados juntavam assim os primeiros fios do que mais tarde foi meada de crespas lendas de bem-querer e devoção.

* * *

No entretanto, o cardeal D. Henrique, após consultas aos governadores, aos principais e aos juristas de mais nomeada; e logo a seguir às primeiras exéquias fúnebres feitas em Belém a D. Sebastião (em que o povo, abalado pela eloqüência trovejante e audaz de Fr. Miguel dos Santos, que a todos inculpara no desastre, muito chorou, muito soluçou, muito

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

uivou); — tem tomado conta do reino, um tanto ou quanto provisòriamente, apenas como «curador», «governador» e «defensor» [258]. Também os doutos juristas duvidavam da morte do rei de Portugal!

Mas um mês depois, confirmado o falecimento, D. Henrique toma, definitivamente, fruição dos selos do reino: — fruição oficial e solene, dada com todos os preceitos legais, praxes da côrte e cerimónias religiosas. Na volta da sé, atravessa a cidade, montado numa mula preta, gualdrapada de escarlata, ajaezada com rédeas doiradas. Vai dobrado como se carregasse com o mundo às costas: é o pêso dos anos, das doenças e das responsabilidades públicas. Pela primeira vez, considera as honras, que tanto lhe apraziam pela vida fora, como onerosíssimo encargo. Na sua rica loba de chamalote de seda cardinalícia, sôbre o roquete de finíssimas rendas brancas, ficaria bem, em pano de grã e desenho recortado, o camelo simbólico que o rei D. Duarte fizera bordar no fôrro do seu gibão de veludo. O poder nesse momento era, como êle próprio dizia, «o castigo mais severo que Deus me poderá dar nesta idade e estado em que me vêdes» [259]. A-pesar-dos oiros e do fausto da aclamação do novo rei, as almas estão em crepes, nessa hora de *tristeza* vexante para a maioria dos portugueses, e de *vileza* para alguns em véspera de felonia à pátria...

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Conhecem-se longas listas de mortos nobres. Estão de luto as casas de Bragança, de Aveiro, de Tentúgal, de Vimioso, da Vidigueira, do Redondo, de Mira, da Idanha, de Vila Nova de Linhares, de Sortelha, de Cantanhede, dos Meneses da Pampulha e de tantas e tantas outras famílias principais, de qualidade e posses. E as pedras de armas, das honras, dos paços, dos solares, dos morgadios, cobrem-se de baeta negra e golpada.

Nas cidades, vilas e aldeias choram-se os mortos; e nas orlas do mar, nas ribeiras, nos oiteiros, nos montados, nas serranias — por todo êsse Portugal fora — há uivos de dor ao desamparo. Os pescadores olham para a linha do mar; os serranos para os longes onde o sol se põe; mas da Natureza não vem senão silêncio, silêncio que mais isola e amargura a sua soledade... E as expressões quedam-se pasmas, e as almas esfriam-se em mortal desconfôrto...

Nas sete províncias, do norte ao sul, do nascente ao mar, é raro o casal nobre, morada de meios, pobrinha têlha-vã, ou miserável colmato, onde não falte um marido, onde não falte um filho, onde não falte um irmão; e em muitos e muitos, além da dor, há fome!

Portugal chora. Portugal soluça. Portugal

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

geme. Portugal desgrenha-se, arrepela-se, depena-se, na sua desgraça, na sua vergonha, e na sua inquietação, vendo no trono um velho caquético, e sentindo próximo o hausto da ambição voraz da Espanha poderosa, a irromper pelas fronteiras dentro. Sem fôrça, sem honra, sem pão, vencidos, enxovalhados, pobres, soou a hora desesperada dos múltiplos ralhos alterados, com razão ou sem razão, despedidos contra êste, contra aquele, contra tudo e contra todos. ¡A paixão cega e enfurece; a dor gera injustiça e rancor! E as tremendas palavras do sermão de Fr. Miguel dos Santos surgiam como espectros, pungiam como remorsos: «¿Pois quem vos matou, meu formoso? Matou-vos o clérigo, matou-vos o frade, matou-vos a freira; matou-vos o grande, matou-vos o pequeno, matou-vos o privado, matou-vos o baixo, matou-vos o povo, matei-vos eu, matámo-lo todos quantos somos, pois entre nós não houve um timoneiro que lhe tivesse mão na rédea, como já se fêz a outro rei dêste reino» [260]. E o povo néscio, afinando seus clamores com os do frade prègador, vociferava contra os grandes que não souberam defender o reino do império do rei que nos arrastou à África—à desgraça; contra os confessores que lhe não intimidaram a consciência; contra os conselheiros que o não preveniram ou, se tal fizeram, não se impuseram eficazmente; contra os capêlos que o não en-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

sinaram; contra os prelados aquiescentes que lhe beijavam a mão; contra o clero que lhe arranjou dinheiro; contra os judeus que lho ofereceram; contra os validos que o lisonjearam; contra os fidalgos que em tudo eram por êle.

Ah, os fidalgos, os fidalgos!

Sarcásticos e dolorosos, preguntavam:

—¿Porque estão êles vivos e o nosso rei morto?

E fora de si, o povo gritava:

— Apedrejemo-los! Apedrejemo-los! — era o grito de ódio destas almas amotinadas.

E ainda outras recriminações, outras acusações choviam: contra os coronéis que haviam recebido dinheiro para alistar em vez de bons homens, homens inexperientes; contra os angariadores corruptos que por tudo se vendiam; contra os recrutadoros desumanos que, quando não havia dinheiro para lhes tapar a bôca, roubavam os filhos — o amparo dos velhos e das viúvas pobres!

Mas para muitos, muitíssimos que amaram D. Sebastião, que o acompanharam em seu sonhar alto à luz do sol, que observaram de perto sua energia portentosa e viram sua tenacidade de aço; — para êsses, aquela figura forte e audaz, ergue-se nobre e bela e salva-se pela sublimidade das suas intenções, pelas admiráveis qualidades de pertinácia na acção, que lhe reconhecem e nêle admiram com entusiasmo de-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

lirante. Um génio é sempre grande na graça ou na desgraça. Um génio guerreiro pode erguer a pátria à suprema glória ou abismá-la na perdição; mas quando os seus propósitos são alevantados, fica sempre um maior. Na morte, todos os valores aumentam; as virtudes avultam; os propósitos enobrecem-se. A visão da Morte é mais justa e verdadeira que a visão da Vida. Por-isso vêem e reconhecem agora quanto êle era bem intencionado no sonho formoso e persistente de engrandecer o seu reino e de o afamar por longe!

Era maravilhoso! ¡Oh alma de luz, ¿porque não tiveste outras luzes com quem a tua se aparelhasse? ¡Oh alma trabalhadora, ¿porque não tiveste quem te ajudasse na tarefa admirável? Reconhecem então que, por vezes, se encontrara só. No entanto, a sua emprêsa, ainda assim, não falharia se (aparte os inexperientes soldados da retaguarda do seu exército, os cobardes mercenários tudescos da vanguarda, e, de uma maneira geral, os inferiores ânimos que uma época decadente lhe fornecera) certa conspiração misteriosa de circunstâncias, absolutamente imprevistas, não houvera enredado os acontecimentos e ocasionado o desastre, tudo precipitando na catástrofe! Duas vezes a batalha esteve ganha! Um mal-entendido — aquele infernal «Ter! Ter!» — tudo perdeu! Esta era a verdade! E bem considerando em tudo isto, a figura de D. Se-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

bastião aumenta na desgraça, cresce em prestígio, torna-se grande, enorme! A sua imagem santifica-se.

E assim, dominadas pela beleza moral dêste herói, às mentes portuguesas repugna a ideia do seu desaparecimento. Não, não é possível que a morte o tenha vencido. D. Sebastião vive, e, mais dia menos dia, surgirá. E esta ideia–*sentimento,* nos amigos e no melhor do povo, é alimentada pelo *pensamento*–malícia dos fidalgos a quem convinha que tal opinião se mantivesse para quebrantar, de certo modo, o ódio votado pelo vulgacho aos que mais concorreram para a ida de D. Sebastião a África. A Esperança refreava-os.

*
* *

E ¿como seria a dor de Camões, ante este trágico

...rumor que de bôca em bôca voa?

Alma épica, alma lírica, sua dor, feita das dores da pátria calcada, dos vexames das ilusões destruídas, devia de ser rugido de leão raivoso, bramido ingente, fúria sublime, posta em alta e canora rima oitava; ou um altivo orgulho crucificado; ou ainda, em tercetos dantescos, aquela elegia nobre que se chora com olhos fechados e enxutos.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Devia ser um sofrer fidalgo

> ...um sofrer alto
> Qual nos fortes varões foi conhecido,
> Como em estranha, em Lusitana gente;

ou um vergonhoso carpir ante o «silêncio miserando» das almas vis do

> ...povo ignaro,
> Tão ingrato aquem tanto faz por êle,

da sua «Sião sagrada», da sua «Sião divina».

Mas também, ¿quem sabe se a isto se não misturaria um íntimo remordimento por êle tanto haver instigado a alma de D. Sebastião ao bélico furor contra a África mauritana!

Então, seu espírito, que havia muito andava «solitário entre a gente», encovou-se ainda mais em si (se escreveu, guardou ou rasgou) e esmorecendo-se, definhando-se, sumindo-se dia a dia, morria-se, por fim, dois anos depois — morria-se com a inditosa «pátria amada»!

* * *

Os vencidos da campina do Luco, logo após a batalha, são feitos prisioneiros. Lançam-se sôbre êles como sôbre reses para levar aos «zocos»: — são animais para vender. Algemados com correias e baraços, apostos

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

dois a dois como juntas de bezerros, ou três a três como tiros de potros; feridos, montados em jericos lanzudos sem cabeçada nem albarda; — lá vai aquele vilipendiado rebanho humano, no meio da sórdida populaça moura de andrajosos maltrapilhos, até Alcácer-Quibir, Fez, internando-se por Marrocos dentro em terras de Sus. Que assuada infernal em volta das levas ultrajadas! Mendigos, mulherio e rapazio vaiam-nos, apedrejam-nos, cospem-lhes, atiram-lhes às caras com tôdo o escremento de cavalos e de jumentos que encontram nas pistas dos montes. Repete-se o quadro dos insultos e dos chascos, de quando da ida do infante santo, o humílimo D. Fernando, de Arzila a Fez, por ásperos caminhos onde lhe saíam gentes que «faziam escarnhos e cuspiam-lhe no rôsto, levantavam pedras e çanbarcos e paus [261]». E no meio de nuvens de poeira vermelha, e sob a sòlheira tórrida, os fidalgos portugueses, os padres e os frades, feridos, rôtos, escalavrados, as cabeças atadas, os braços ao peito, seguem silenciosos mas altivos.

Uma vez chegados, espalham-se pelas ságenas, pelas judiarias, e pelos albergues, em vilórias e aduares. Além dos muitos sob o poder do xerife, há aqueles a quem os mouros puderam deitar a mão. São depósitos de guerra, e também valores para mercadejar. Presos e aviltados, os cativos portugueses

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

dormem em chãos de terra, sofrem fome e suportam os maiores ultrajes; e muitos são vendidos em leilão!

Só mais adiante a sua situação é melhorada em aposentoria, passadio e liberdade.

Formam-se longas listas de prisioneiros, que são enviadas para Portugal. As famílias de meios e as remediadas juntam dinheiro para a remissão; e as empobrecidas amealham os últimos recursos para salvarem os seus. O cardeal D. Henrique organiza caritativamente o resgate dos desprotegidos, e para isso exhaure do tesoiro público o que lá ainda encontra. Os fidalgos ricos salvam-se a pêso de muitos mil cruzados. Outros, a quem os preparos da expedição puseram às portas da pobreza, acabam de arruïnar-se, empenhando os derradeiros haveres. Abrem-se os saquitéis de seda dos argentários. Novo «São Miguel» para os judeus! Empenham-se os restos dos recheios das casas ricas ou abastadas de algum dia: jóias, peças de baixelas, belos estofos, mobiliário artístico vindo da Flandres, porcelanas trazidas da India. O reino é saqueado pelos usurários. A' derrota segue-se a miséria!

Mas há resgates de uma beleza suprema: os feitos por alguns santos missionários que, em seu altruismo celeste, ficam pelos cativos, penam reféns, chegando a dar suas vidas pelas dêles! E como são devotados os padres da Santíssima Trindade!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

O prior do Crato, o popular D. António, por seus estratagemas e favor de amigos, é dos primeiros a salvar-se; e esta nova, uma vez chegada a Portugal, clareia os corações ensombrados dos muitos que acreditam no seu rijo patriotismo, e põem a sua melhor confiança futura neste bizarro e bem-quisto infante.

E, no meio das lutas que, dada a velhice do rei e a não sucessão, se travam entre os vários pretendentes ao trono, das antipatias do novo rei por D. António, prior do Crato, e das manifestações populares a seu favor, assim se vai arrastando o reinado do cardeal D. Henrique, velho, ético, dispéptico, com a bôca febril e os lábios exangues postos no seio branco e pojado de Maria Mota, que o alimenta ao peito como uma criança de... setenta anos!

* * *

Morto em Portugal o «Capitão de Deus», ri em Espanha o «Demónio do Meio-Dia». Êste milhafre político paira alto, de asas sinistras, pupilas agudas, avidez no bico e nas garras aduncas, tudo observando, tudo inspeccionando, para, na precisa oportunidade, se abater, súbito, célere, sôbre a prêsa indefensa. De longe, através dos ocultos agentes Cristóvão de Moura

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

e duque de Ossuna, tece a sua amável teia política de atracção, de aproximação, captivando as almas com agrados e atenções, lisonjeando-as com títulos, captivando-as com mercês, enaltecendo-as com grandezas, enamorando-as com promessas, corrompendo-as com dinheiro, pois sempre no mundo houve os que

> **Negam o rei, a Pátria, e, se convém,**
> **Negarão, como Pedro, o Deus que têm** [262].

Alguns espíritos nobres protestam contra a cobardia e a venalidade de tais portugueses, sem honra, sem apêgo ao torrão, sem amor à pátria. Indignados, ante semelhante baixeza, bramem iracundas palavras e agitam-se em belas fúrias. Infelizmente, são em minoria! E então a figura luminosa de D. Sebastião de novo brilha a seus olhos com maior e mais puro fulgor. E esta é a estrêla guiadora e consoladora das suas longas noites de insónia dolorosa — os olhos abertos, a alma em espertina. ¿Onde estará o rei? Não o sabem, mas estão certos de que vive escondido em qualquer parte e que um dia virá e remirá: Um dia!... Um dia!...

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Passam-se dois arrastadíssimos anos. E sempre, de espaço a espaço, as almas obcecadas no amor ao seu rei, ouvem em si esta nevoenta voz de balada:

— D. Sebastião virá, virá, em certa manhã de nevoeiro...

O enfermo cardeal, cada vez mais alquebrado de corpo, dispéptico, magríssimo, debilíssimo, amarelo como cera, mal podendo falar, a morrer aos bocados, falece uma noite, no derradeiro dia de um Janeiro triste em que houve em Lisboa eclipse da lua. Também Portugal, sem fé, sem fôrça, sem brio, invernoso e nocturno, vinha acabando aos poucos. A enfermidade era de longe, a agonia durara dois anos: de 1578 a 1580. Neste período de baixezas, há apenas, de valor, as conspirações patrióticas do prior do Crato com a sua fiel gente, tôda ela arrancada de patriotismo devoto, que nobremente amotina os povos, pelo reino fora, de Lisboa a Bragança, de Lisboa a Faro; as prègações-comícios do bispo da Guarda; e ainda as apóstrofes heróicas de Febo Monis — chamas admiráveis de patriotismo a arder, mas apenas de aparente vitalidade colectiva. Muitos estavam com os «defensores do povo», em sentimento, em pensamento,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

em palavras...; mas raros os acompanhavam na acção valente e pertinaz! Os mais, incluindo os doutos, os sisudos e até os honrados; — os mais encolhiam os ombros, encolhiam a alma, resignados ante os factos consumados, para os quais havia concorrido uma série de circunstâncias que arrastavam Portugal ao cativeiro. Esmagados por um fatalismo supersticioso, vencidos por tôdas as doenças da vontade, aceitavam agora, sem repugnância, e até como boa solução, o casamento político entre Portugal e Espanha. E aqueles versos

Portugueses, castelhanos
Não os quer Deus juntos ver.

substituem-se por êstes outros de vergonhosa variante:

Portugueses, castelhanos
Já os quer Deus juntos ver.

Abjecção!

* * *

Filipe II, servindo-se dos embaixadores Rodrigo Vasques, Molina Guardiola e de vários outros agentes, que trabalhavam na sombra, atraia e peitava a todos. De longe, habilíssimamente vinha tudo dispondo para, sem estôrvo maior, se assenhorear de Portugal. Reünindo na fronteira seus têrços castelhanos,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

italianos, tudescos e flamengos (uns dezanove mil homens), e à frente dêles o duque de Alba, manda que de Badajoz avancem sôbre o indefeso e morto reino dos portugueses, certo de que tudo aquilo não passará de um vistoso passeio militar. Assim foi. Tendo apenas ouvido, como sinal de resistência, alguns tiros da artelharia no forte de Cascais, e escaramuçado um pouco às portas de Alcântara com o valente D. António, prior do Crato e as suas bravas gentes, o terrivel instituidor do «Tribunal de Sangue», nos Países-Baixos — hirta e sêca figura de velho amarelo com claros olhos de louça, parados e severos — entra triunfante em Lisboa. ¡Oh, Portugal heróico, que falta te fizeram então os fidalgos Ventureiros de Alcácer-Quibir! As almas portuguesas vergam-se, humilham-se, aviltam-se, negando-se a si próprias. Mas (Pátria louvada!) aqui, acolá, além, barafustam ainda os partidários de D. António, (melhor: os fanáticos do Portugal independente) e muitos padres, muitos fidalgos, muitos homens-bons, protestam furiosamente contra a usurpação, e pagam com a vida a nobreza das suas convicções patrióticas e a coragem de as clamar nas ruas e nas praças. ¿Os nomes dêstes mártires? Perderam-se!

Lá estão no rol anónimo do «Auto dos ignorados» — auto de heróis máximos: os da abnegação, da humildade, e... do silêncio!

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

A ocultas, engolindo as lágrimas, almas nobres do povo, almas grandes dos homens-bons, entre rangeres de dentes raivosos contra Castela, regougam suas indignações patrióticas, que segredam entre si, e ao mesmo tempo semeiam, como desafôgo, lascas vivas de esperanças: D. Sebastião está vivo, voltará, remirá, salvará. E atoardas várias vão-se alastrando, próximo e ao longe.

Corre entre o povo que o vencido de Alcácer-Quibir estivera no Algarve e fôra visto em Sagres, no convento dos Capuchos da Piedade. Outros dizem que êle anda em penitência pelos Lugares-Santos. Alguns comunicam, vagamente, constar-lhes que D. Sebastião vive contrito, num deserto; muitos, porém, mais nebulosos ainda, segredam, sibilinos, aos ouvidos uns dos outros, que êle está «Encoberto» numa ilha desconhecida, longe, entre brumas...

Já o maravilhoso intervém: afirma-se que no dia da batalha, no momento da formidável carnificina e do desbarato, a terrível nova foi conhecida ao mesmo tempo em Portugal, França e Espanha. Em Alcobaça, revelara-a o beato Fr. Cosme, leigo no mosteiro; e a virtuosa abadessa de Coz, D. Beatriz de Aguiar, comunicou-a ao seu confessor. Em Paris, no dia seguinte ao da batalha, 5 de Agôsto, o geral dos trinos foi levar a tristíssima nova a Henrique III. Soube-a em Madrid a fundadora do

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

mosteiro dos Anjos. Também o grande coração sensibilíssimo de Santa Teresa de Jesus, tal um místico sismógrafo de amor, deu rebate de que nesse instante se passava algo de calamitoso no mundo; e sua alma santa chorou e pediu misericórdia! [263].

E a pressão de Castela continua. As almas cativas gemem, e seus suspiros sobem até à imagem de D. Sebastião — São Sebastião! — entre esfumos de esperança. E êste é o único remanso das suas atribulações.

* * *

Em tal estado de amargura e ansiedade, de desespêro e também de esperança, Portugal cria os seus falsos «Sebastiões», *falsos* como realidade histórica, mas *verdadeiros* como sonhos do coração. O «sebastianismo» é, por um lado, a crise doentia de um reino enfraquecido, pisado, vexado — um caso de neurastenia colectiva, mas por outro, é expressão de vitalidade espiritual, anelo augusto, arroubo de patriotismo proferido por almas algemadas.

O primeiro falso D. Sebastião (O «rei de Penamacor») é de grosseira criação popular. Nunca foi mais certo o prolóquio: « é fácil

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

cada um acreditar naquilo que deseja acreditar».

O segundo falso D. Sebastião (O «rei da Ericeira») é habilíssima conspiração em que entram nobres figuras, tudo dispondo e urdindo, para abalar o sentimento popular, sobretudo o de Lisboa, em certa noite de folguedo, bailéus e cantares. Então, tudo se levantará e com êle colaborará. ¡Que formosa atitude a dêste sacrificado, ao expor, dias antes de lhe deceparem a mão direita e de subir as escadas da fôrca, o seu plano salvador!:

— «Era tenção minha, (diz êle) entrar em Lisboa na noite de São João, quando todos tocam, cantam e bailam. Aclamado pela multidão, daria um golpe de Estado. Em seguida, falaria assim: amigos, olhai-me bem: eu não sou o rei D. Sebastião, mas sim um homem de fé e coragem, um bom português que vos livrou do jugo castelhano. Agora, libertos, escolhei e proclamai o vosso rei».

Belo!

O terceiro, Gabriel de Espínola (O «pasteleiro do Madrigal») é uma aspiração igualmente nobre, bem arquitectada pelo grande devoto de Portugal: o culto e audaz prègador emigrado Fr. Miguel dos Santos.

O quarto, Marco Túlio (O «calabrês») — uma notável peça patriótica ao serviço de uma alevantada obcecação política. E porque o teatro dêste caso era muito distante de Portugal, em

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Veneza, Florença e Nápoles, e tinha a impôr autenticidade não só o testemunho do visionário D. João de Castro, mas ainda o do insuspeito D. Cristóvão, filho do prior do Crato, — êste falso D. Sebastião foi dos quatro aquele em que mais se acreditou.

E todos êstes homens, verdadeiros mártires da pátria, sofreram perseguições, prisões, torturas. Três dêles tiveram as mãos cortadas, e acabaram vaiados, garrotados ou enforcados, sem que nos cadafalsos patibulares as suas atitudes deixassem de ser, até o momento derradeiro, serenas e nobilíssimas em seu sacrifício sublime [264]. Morreram em pé, as almas viradas à pátria, os olhos no céu. Heróis!

E Portugal em dor continuou sofrendo e sonhando. Jamais nesta terra foi tão perfeito o casamento da Saudade com a Esperança. Noite e dia, a Dor é ideia fixa — fura que fura; mas, ao lado dela, o Sonho é asa que levita os corpos e abalança os espíritos pelas alturas!

* * *

Filipe II mantém os amáveis compromissos tomados com Portugal na habilíssima apresentação política das côrtes de Tomar. Bem expertamente êle via que êste era, de começo, o melhor caminho a pisar. Mas os espíritos

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

inteligentes percebem o que o rei de Espanha pretende: a absorpção suave e lenta do nosso reino. Almas nobres, só aparentemente submissas, remordem consigo próprias seus vexames. Têm o pensamento encarcerado, os corações sopeados, cosidas as bôcas com barbante e a pontos miúdos: nem chus nem bus! Como sofrem!

Todavia, a Esperança nunca morre. O Sonho nunca deixa de ser quem é. A Dor nos grandes, quando bem sofrida, floresce em poesia ou misticismo. Esta poderia ter sido uma época, senão de santos, pelo menos de poetas. Mas não foi uma coisa nem outra. A decadência continuava! Os melhores espíritos sucumbidos, absorviam-se em Camões, apenas para o ler, e os poetas letrados apenas para o imitar: fazem-se treze edições dos *Lusíadas*, e as epopeias camonianas veem datadas de 1588 a 1636.

Os *Lusíadas!* ¿Como se leriam então estas laudas belas da nossa epopeia? ¿Como? Como os judeus devotos pela pátria rezam seus psalmos: mãos e corações de encontro aos muros sagrados dos seus templos em ruínas. Quantas lágrimas caídas, quantos beijos postos nesse pergaminho de honra! Ah, a história dos sagrados silêncios!

Os poetas escrevem então os seus poemas: Gabriel Pereira de Castro, a *Elegíada;* Fran-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

cisco de Andrade, o *Primeiro Cêrco de Diu;* Vasco Mousinho de Quevedo, o *Afonso Africano;* Jerónimo Côrte-Real, o *Sucesso do segundo Cêrco de Diu.* Eram lições das nossas glórias, postas em painéis de arte; era o alento aos espíritos vencidos; era o apêlo ao devaneio patriótico. E muitos dêsses autores dizem, através da ficção literária, o que não se atrevem a dizer em voz directa. Fala «em cifra» dos seus corações amordaçados [265].

Também os historiadores, falsos, mas amigos da sua nação, buscam firmar a história de Portugal em bases de excepcional protecção divina, que a todos dê a certeza de que a pátria não morrerá, por mais tratos que sofra, por mais dolorosos transes por que passe, ainda que pareça estar morta. Apenas letargia: — reviverá. E êstes são historiadores-animadores, que nos seus estudos, sempre que podem, interfilam esperançosas frases dêste teor: «E' lei imutável que à dor sucede a alegria». E dentro dêste mesmo ponto de vista patriótico, inventam-se as «côrtes de Lamego» — baptismo místico da nossa história política, e significado de que semelhante nação, tendo em si um espírito divino, jamais desaparecerá [266].

E outras fábulas então se inventaram, tôdas trabalhando de sapa as almas portuguesas, para criar nelas a consciência do sobrenatural e acender a confiança no milagre — na Restauração.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Aquela voz suspirosa de um sapateiro, judeu oprimido, que, muitos anos antes, anelara por um príncipe, que remisse a sua raça, une-se agora à ânsia desta época escrava, a apelar também para uma alma redentora. Essas vozes diversas aparelham-se, abaladas por causas idênticas, ao serviço de emprêsas semelhantes. Êsse Messias religioso ditonga-se nêste Messias político. Os dois como que se fundem numa só personalidade, num único sonho. Aquelas trovas populares do Bandarra, lidas por corações sebásticos, aplicam-se à vinda do príncipe D. Sebastião, cuja figura os entendimentos obcecados pelo fanatismo da remissão também afeiçoam a outra mais antiga, igualmente vaga, vinda das bandas da Espanha, nos cantares de um Rocacelsa, de um Merlim: «El Encubierto» [267]. Os sangues semitas e arianos, misturados aqui e ali, facilitam a aproximação, a concepção una. Na essência, são as esperanças de povos que suspiram por um Salvador, as quais (pensamento e sentimento enovelado no tempo) engendram o mito de libertação. E mais uma vez o maravilhoso urde a teia das realidades e excita e conduz os homens.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

* * *

Passam anos—meio século de opressão. Filipe IV desvia-se da política marcada por Filipe II, e mais ou menos mantida por Filipe III. Agora, há agravos profundos. O clero é atingido. As ordens perseguidas. Os jesuítas fomentam nas almas as esperanças sebásticas, êles que, segundo D. Francisco Manoel de Melo, seguiam «não só a vulgar dúvida da sua morte, mas que esperavam, com a sua vinda, a restituïção do seu império». Reeditam-se aquelas sibilinas interpretações feitas por D. João de Castro à obra do sapateiro de Trancoso, embora o alvo seja agora outro.

Lançam-se no ar extraordinários vaticínios que já correm de bôca em bôca: o missionário José de Anchieta que lá longe, no Brasil, tivera notícia da derrota de Alcácer-Quibir, no mesmo dia da batalha, afirma que D. Sebastião está vivo e reinará. Espalha-se que êste rei tem aparecido a alguns frades em oração.

A reacção prossegue. O povo move-se. Acredita-se piamente nas profecias. Espera-se o milagre. ¡Sempre o milagre, como factor da história de Portugal!

Enfim, chegou 1640.

As almas respiram fundo. D. João IV responde, um tanto ou quanto, à ânsia dos que,

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

62 anos depois da morte de D. Sebastião, vinham esperando por um rei português. As profecias do Bandarra, lidas por um genial prègador, apropriam-se com facilidade ao facto do chamamento de um Bragança ao trono. O P.e António Vieira concretiza assim, no príncipe bragantino, o mito sebástico entretecido nas almas ansiadas, Mas os sebastianistas puros não aceitam bem esta interpretação.

Seguem-se as guerras da Restauração. Depois, entra-se num período de tal ou qual bem-estar. Contudo, aqueles outros sebastianistas, exigentes, reconhecem que êste não é ainda o príncipe «Encoberto», e continuam a suspirar pelo seu verdadeiro monarca.

As trovas do Bandarra de novo se divulgam e de novo se proíbem.

Nasce e morre o século XVIII. Durante êle, não só a maioria ignara e beata, mas também alguns espíritos cultos esperam ainda por D. Sebastião.

Esta crença intensifica-se nos princípios do século XIX, quando Portugal sofre a afronta, o enxovalho e os estragos das invasões francesas. Então as almas saudosas voltam-se de novo para a memória do lendário rei «Encoberto», e apelam para o seu braço vingador, mas em vez de imitarem sua acção defendendo-se dos invasores — rezam! Eis o «ora»

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

sem o «labora»! O «sebastianismo» não passa então de um trôpego sentimento, sem deixar de ser, aliás, alívio na hora de opressão; apêlo ao devaneio que dulcifica as dôres; culto de esperança que sorri ao desalento. Sugestionando-se a si próprios e uns aos outros, revivem ideias e sentimentos antigos; agrupados, sobem aos altos, a perscrutar os horizontes; em seitas, reúnem-se a ocultas, repetindo lendas e profecias, como as do Preto do Japão, as dos religiosos de Santo António dos Capuchos, as do lavrador do Algarve, as do mouro de Granada; — e, as suas horas canónicas são rezadas pelo livro ortodoxo por excelência entre os «sebastianistas»: as *Trovas* do BANDARRA. O ciclo misterioso da vida dêste *Rei que por milagre nos foi dado* [168], gira entre lendas: as do nascimento — o «Desejado»; as da morte — o «Encoberto».

* * *

A piedosa nação sebastianista apelava para o seu rei como apelam, numa hora desesperada, os crentes para os santos das suas devoções. Mas ¿como é possível, três séculos e meio passados, estar ainda vivo D. Sebastião? Por milagre. ¿Como alcançá-lo? «Com lágrimas, com penitências, com muitos actos de virtude», segundo prègava, séculos antes, o

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

teatino Ardizone Spinola, a apelar também para outra ressurreição: a de D. João IV.

¿E era lógico acreditar em semelhante milagre? Sim, era. A uma nação fervorosamente crente, cuja história, por vezes, mal se explica sem a intervenção do sobrenatural, — lógico seria aceitar mais um. ¡Quantos milagres, diziam, na nossa história heróica! ¿Não foi milagre a aparição de Cristo crucificado, nos campos de Ourique, ajudando, com a sua presença, D. Afonso Henriques a desbaratar milhares de mouros? ¿Não foi milagre a batalha de Aljubarrota, em que os castelhanos eram cinco vezes mais que os portugueses? ¿Como se explica Valverde senão milagrosamente? Milagre a proeza de Duarte Pacheco contra o poderoso rei de Calecute, e a de Jorge de Albuquerque contra o rei de Pacém. Milagres, as vitórias de Afonso de Albuquerque na Índia. Milagres os triunfos portugueses no cêrco de Mazagão, em 62, na primeira e segunda entrada dos mouros numerosíssimos.

¿E a Restauração não foi um acontecimento miraculoso? ¿Não a profetizaram os astrólogos Puget e Belot? ¿Não a denunciara no seu túmulo, com sinais estranhos, a estátua de D. Afonso Henriques, sôbre cuja cabeça, um dia, descera o lume do céu?

¿E o Cristo que, na aclamação de D. João IV, despregara o braço da cruz, para abençoar o

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

seu povo? Na Ásia, na América, na África, no próprio dia 1.º de Dezembro de 1640, por milagre se soube a nova da Restauração. Milagre, enfim, a independência de Portugal, liberta da potente Castela, vencedora de outros reinos peninsulares: Galiza, Leão, Astúrias, Navarra, Aragão, Granada e Córdova. Por tudo isto, as almas portuguesas, tendentes ao maravilhoso e pertinazmente absorvidas nestas ideias-sentimentos, suspiravam por um D. Sebastião que as redimisse, um Messias que as salvasse.

Na verdade, (rejeitadas muitas crendices ignaras e mil superstições estúpidas) vários favores e mercês deve Portugal a Deus. ¡Mas mal vai aos povos e aos individuos que se quedam de braços cruzados, à espera que essas deferências divinas lhes caiam do céu, em vez de, por seus propósitos alevantados, nobres ações, luta persistente, se esforçarem por obtê-las, mostrando-se, assim, dignos de merecer graças tão sobrenaturais!

* * *

O «sebastianismo» é um estado de sentimento saudoso de alguém que puramente viveu e procedeu no ideal da pátria. «O messianismo» é uma disposição de espírito obcecadamente confiante na acção poderosa de um

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

ser eleito que, surgindo, tudo organize e salve. Sempre o «sabastianismo» e o «messianismo» aparecerão nas horas depressivas e desesperadas dêste pequenino Portugal, verde e sôlheiro, lindo e afectuoso, ora rebentina ora quebranto, obra bravura ora carinho, todo pendente ao lirismo, mas também disposto á cegueira dos sentimentalismos insanos: — almas, enfim, jogadas, periguadas às monções dos ventos imprevistos...

Cautela, portugueses de hoje! Não vos deixeis acabrunhar por excessos de saudade doente, que atrista as almas e as emmurchece em elegias lacrimosas, nem cegar pela confiança absoluta na inteligência e na acção de um único homem. Pelo contrário, oh filho de Portugal!, afasta para longe tais dolências, e aprende a retemperar-te na amargura e a confiar em ti. Rebusca, em teu ser desconhecido, profundos e são valores, e põe-nos em giro vivo e tenaz. Lê a tua história gloriosa, edifica-te e impõe-te o dever de criar nova história bela. Das almas antigas portuguesas tomarás o que nelas houve de grande em sua fé, ideal, franqueza, lealdade, denôdo e garbo; das modernas, a ambição atiçada, mas justa, o desembaraço febril, mas honrado. Faze em ti a síntese do Passado e do Futuro. Submete tudo à inteligência culta, à disciplina austera, bem casadas com a intrepidez bela e com todos os sentimentos de alto e nobre sentido. Se o «sebastianismo» é sinó-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

nimo de confiança, que esta jamais se afaste dos corações portugueses, mas em lugar de confiaram nos outros que, um por um, só se fiem de si. Se «messianismo» é sinónimo de esperança, que cada um aparelhe tão bem o seu pensamento, o seu sentimento, a sua vontade — a alma e o braço — que chegue à convicção de que será alguém com que todos podem contar na hora precisa. Não esperes um Messias que nos salve, mas esforça-te por seres tu próprio êsse homem que te salve e aos outros.

Dêste modo, num dado momento, a selecção histórica surgirá e elegerá, entre muitos como tu, um ser de escolha que reùna em síntese o são pensar e o nobre sentir comuns, a mais as qualidades necessárias e excepcionais de organização, direcção e mando. E então êsse que chamarás Messias será apenas uma cabeça mais alta, sobressaíndo numa multidão de cabeças, decididas, tôdas iluminadas pela mesma luz dos enlevos patrióticos.

Êste «sebastianismo» é energia; êste «messianismo», lição. O «sebastianismo» é uma fôrça tradicional e espiritual da nação portuguesa. O «sebastianismo» é ontem, é hoje, é amanhã. O ontem está na seguranca que o português sempre teve nas energias sobrenaturais que constituem a trama sensível da sua pátria; o hoje, na consciência delas e na tenacidade para as pôr em acção; o amanhã, no

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

brilho de esperança que timbra os olhos patriotas.

Assim considerado, o «sebastianismo» não tem o bafio de um arcaismo, mas sim a frescura de um neologismo. Poderá, portanto, dizer-se que o «sebastianismo» foi, é e será sempre o mesmo que nacionalismo.

Reza, sonha, educa-te, ilustra-te e trabalha. Vive na Ilusão que te enamore e abale, e na Acção que te dignifique. Desta arte, tuas realidades, tendo raízes no idealismo são ainda vôo, e todo o vôo, quer nas alturas da Terra, onde vibra a luz e o som, quer no além das almas, onde fulge a religião e a arte; — o vôo, amigo, é sempre sonho, sempre poesia, sempre beleza. O Ideal é a suprema e eterna Realidade!

FIM

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

NOTAS

1 — p. XII — Álbum do Ex.mo Sr. António Bernardo Ferreira (Pôrto).
2 — p. XVI — SR. RICARDO JORGE, *Diário de Noticias*, de 21-3.º-923.
3 — p. XVI — A. DE SOUSA COSTA LOBO. *Origens do Sebastianismo*, p. 20.
4 — p. XVI — ITEM, *Item*, p. 24.
5 — p. XVI — OLIVEIRA MARTINS, *História de Portugal*, t. 2.º, p. 48 (5.ª ed.).
6 — p. XVI — C. CASTELLO BRANCO, *Narcóticos*, vol. I, p. 38.
7 — p. XVI — SR. ANTÓNIO SÉRGIO, *Virtudes fundamentais da reforma da educação*, p. 23.
8 — p. XVI — ITEM, *Considerações histórico-pedagógicas*, p. 40.
9 — p. XVI — ITEM, *Bosquejo da história de Portugal*, p. 37.
10 — p. XVI — ITEM, *Ensaios*, t. I, p. 264.
11 — p. XVI — SR. JÚLIO DANTAS, *Outros tempos*, p. 66.
12 — p. XVI — ITEM, *Arte de amar*, p. 118.
13 — p. XVI — PINHEIRO CHAGAS, *História de Portugal*.
14 — p. XVI — JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, *Os Sebastianistas*, 2.ª parte, p. 8.
15 — p. XVI — RIBEIRO GUIMARÃES, *Sumário de vária história*, parte IV, p. 116.
16 — p. XVI — BRUNO (JOSÉ PEREIRA SAMPAIO), *O Encoberto*, p. 191.
17 — p. XVI — MANOEL BENTO DE SOUSA, *O doutor Minerva*, p. 171 e seguintes.
18 — p. 2 — D. JUAN DE BAENA PARADA, *Epitome de la vida y hechos de D. Sebastian dezimo sexto Rey de Portugal y unico deste nombre*, c. I, § 2.
19 — p. 3 — DIOGO BARBOSA MACHADO, *Memórias para a história de el rey D. Sebastião*, parte I, liv. I, c. 1.

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

20 — p. 3 — PARADA, obr. cit. c. I, § 2.°.

21 — p. 8 — D. MANOEL DE MENESES, *Chronica do muito alto, e muito esclarecido principe D. Sebastião decimo sexto rey de Portugal*, c. 7.

22 — p. 12 — FRANCISCO DE ANDRADE, *Chronica do muyto alto e muyto poderoso rey destes reynos de Portugal D. João III*, vol. IV, parte IV, c. 108.

23 — p. 29 — ITEM, *Item*.

24 — p. 30 — SÁ DE MIRANDA, *Elegia á morte do Principe D. João filho de El-rei D. João III*.

25 — p. 34 — Pelo tom em que D. Catarina sempre se dirige a Carlos V, êste deve ter concorrido para a pôr na regência. Vid. estas cartas na obra do SR. TORRIGLIA: *Contribuicion al estudio de la reina de Portugal Hermana de Carlos V, D. Catalina de Austria*.

26 — p. 37 — Cf. êste «instrumento de aceitação, ratificação e aprovação da tutela e regência da rainha Dona Catarina», em BARBOSA, obr. cit., parte I, liv. I, c. 3.

27 — p. 39 — Nasceu em 1507; casou em 1527; faleceu em 1578.

Os seus nove filhos foram:

D. Afonso (n. 1526; m. de um mês).

D. Maria (n. 1527; m. 1545[1.ª mulher de Filipe II]).

D. Isabel (n. 1529; m. de meses).

D. Beatriz (n. 1530; m. de meses).

D. Manoel (n. 1531; m. em 1537).

D. Filipe (n. 1533; m. em 1539).

D. Dinis (n. 1535; m. de dias).

D. João (n. 1537; m. em 1554 [pai de D. Sebastião]).

D. António (n. 1539; m. em 1540).

28 — p. 39 — Vid. os retratos de D. Catarina, na Misericórdia e Madre de Deus de Lisboa e, sobretudo, o retrato de António Moro, no Prado, de Madrid.

29 — p. 41 — Cf. Carta de Carlos V a Filipe II, de 8 de Agôsto de 1557. Vem em GACHARD: *Retraite et mort de Charles V*.

30 — p. 41 — BARBOSA, obr. cit., parte I. liv. I, c. 7.

31 — p. 42 — Vid. o seu retrato, feito por Zurbaran, no museu de Sevilha. Em 1557 tinha 47 anos, pois havia nascido em Granada, em 1510.

32 — p. 42 — Nasceu em 1512.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

33 — p. 44 — W. STORCK, *Vida e obras de Luis de Camões* (Versão da Snr.ª D. C. Michaëlis de Vasconcelos, § 18, M. e § 394).
— DAMIÃO DE GOES, *Chronica de D. Manoel*, parte III, c. 27.

34 — p. 47 — MENESES, obr. cit., c. 47.

35 — p. 55 — ITEM, *item*, c. 103.

36 — p. 57 — FR. MANOEL DOS SANTOS, *História Sebástica*, l. I, c. 16.

37 — p. 57 — BARBOSA, obr. cit. parte I, liv. I, c. 14.

38 — p. 58 — P.e PEREIRA BAYÃO, *Portugal cuidadoso e lastimado*, t. I, c. 19.

39 — p. 59 — SANTOS, obr. cit., liv. I, c. 4.

40 — p. 60 — GONZAGA DE AZEVEDO, *O Jesuita*, t. I, p. 158.

41 — p. 61 — *Cartas de San Ignácio de Loiola*, t. VI, p. 35 e 37.

42 — p. 62 — BARBOSA, obr. cit., parte II, liv. II, c. 22.

43 — p. 64 — *Ex fontibus praedicare* (ERASMO).

44 — p. 71 — Carta de Pio IV a D. Sebastião. Vid. BARBOSA, obr. cit., parte II, liv. II, c. 11.

45 — p. 77 — Vid. o prólogo das obras de Gil Vicente, na edição de Hamburgo, p. 36.

46 — p. 80 — SANTOS, obr. cit., liv. I, c. 16.

47 — p. 83 — DAMIÃO DE GOES, *Chronica do Principe D. João*, c. 27.

48 — p. 84 — GARCIA DE RÉSENDE, *Chronica del Rey Dom Joam II*, c. 76.

49 — p. 87 — DAMIÃO DE GOES, *Chronica de Dom Manoel*, parte I, c. 70 e 71.

50 — p. 87 — ITEM, *item*, parte II, c. 28 e 29.

51 — p. 87 — ITEM, *item*, parte III, c. 12.

52 — p. 97 — JERÓNIMO DE MENDONÇA, *Jornada de África*, liv. I, c. 2.

53 — p. 99 — ITEM, *item*, liv. I, c. 3.

54 — p. 100 — Foi sempre, em tudo, um precoce. Aos nove anos parecia mais idoso. Em TORRIGLIA, obra citada, vem este trecho de uma carta de D. Catarina: «El-Rey mi nieto está muy bueno y para ser de sua hedad, que Enero hará nueve años, parece de mas hedad asi en cuerpo y cristiandad y buenas maneras».

Venturino, em 1571, dava-lhe 28 anos, quando D. Sebastião tinha apenas 17. (Vid. A. HERCULANO, *Opúsculos*, t. 6.º, p. 81).

55 — p. 102 — ICONOGRAFIA. Segundo o Sr. Dr. José de Fi-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

gueiredo, os únicos retratos autênticos de D. Sebastião são:

a) O gravado pelo flamengo Hieronimus Cock, aos 7 anos.

b) O das «Descalzas Reales» (Madrid), aos 11 anos.

c) O do museu das Janelas Verdes, de Cristóvão de Morais, aos 17 ou 18 anos, reproduzido na capa dêste livro. (Cf. DIÁRIO DE NOTÍCIAS, *Número da Primavera* de 1922).

56 — p. 104 — GACHARD, *Chroniques belges*, p. 293, citado por LE COMTE DE SÃO MAMEDE, no livro *Don Sébastien et Philippe II*, p. 39.

57 — p. 106 — SANTOS, obr. cit., liv. I, c. 13.

58 — p. 110 — MENESES, obr. cit., c. 126.

59 — p. 112 — BARBOSA, obr. cit., parte III, c. 3.

60 — p. 112 — ITEM, *item*, parte III, c. 1.

61 — p. 113 — SANTOS, obr. cit., liv. II, c. 2.

62 — p. 118 — Cf. «Viagem do cardeal Alexandrino», nos *Opúsculos*, t. 6, de A. HERCULANO.

63 — p. 122 — SANTOS, obr. cit. liv. II, c. 1.

64 — p. 124 — ITEM, *item*, liv. II, c. 9.

65 — p. 129 — Nasceu a 14 de Maio de 1553.

66 — p. 129 — COMTE DE SÃO MAMEDE, obr. cit., p. 14. PASSIM.

— Sôbre êste mesmo assunto vid. VISCONDE DE SANTARÉM, *Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal*, t. III, p. 377-387-396. PASSIM.

— BARBOSA, obr. cit., parte III, c. 12, onde se encontram as cartas a que se refere êste capítulo.

67 — p. 132 — *Monumenta Historica Societatis Jesu-Sanctus Franciscus Borgia*, t. v. p. 316, *Apud*, SR. FORTUNATO DE ALMEIDA, *História de Portugal*, t. 2.º, nota 4.ª da p. 407.

68 — p. 134 — PAUL BONNEFON, MARGUERITE DE VALOIS. *Memoires*, Introduction et notes.

— SAINT-PONCY, *Histoire de Marguerite de Valois*.

69 — p. 137 — SR. FORTUNATO DE ALMEIDA, obr. cit. t. 2.º, nota 1.ª, de p. 408.

70 — p. 140 — ...«E posto que o Legado saiba já de muy como aceitarey por dote do Christianissimo Rey de França entrarmos ambos na liga...» «...Aceitarey por dote entrarmos ambos nesta liga».

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

— Trecho de uma carta escrita em 1572, por D. Sebastião a João Gomes da Silva. Cf. *Revista de História*, vol. 6.°, ano 1917, artigo do SR. EDGAR PRESTAGE.

71 — p. 146 — RIBEIRO GUIMARÃES, *Sumário de vária história*, vol. II, p. 154 e seg.

72 — p. 147 — Cf. BARBOSA, obr. cit., parte III, liv. I, c. 15.
— W. STORCK, obr. cit. §§ 354 e 357.
— RIBEIRO GUIMARÃES, obr. e lugar citados.

73 — p. 150 — ANDRÉ DE RÉSENDE, *História de Évora*, p.

74 — p. 150 — BARBOSA, obr. cit., parte III, c. 16.

75 — p. 150 — REBELO DA SILVA, *História de Portugal nos séculos XVII e XVIII*, t. I.
— OLIVEIRA MARTINS, *História de Portugal*, vol. II, c. III.

76 — p. 151 — ITEM, *item*.

77 — p. 153 — BENEVIDES, *Rainhas de Portugal*.

78 — p. 153 — Esta visita, como a de Coimbra, foi no ano seguinte, em 1570.

79 — p. 153 — Tinha morrido 75 anos antes, em 1495.

80 — p. 155 — D. ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA, *História Geneologica*, t. 11 (1.°) p. 67.

81 — p. 155 — BARBOSA, obr. cit., parte III, liv. I, c. 26.

82 — p. 155 — ITEM, *item*.

83 — p. 155 — P.e L. GONZAGA DE AZEVEDO, ob. cit.

84 — p. 156 — SR. A. M. SIMÕES DE CASTRO, *Notas acerca da vinda de el-rei D. Sebastião a Coimbra*.
— VILHENA BARBOSA, *Estudos históricos e archeologicos*, t. II, p. 127.

85 — p. 157 — SR. A. M. SIMÕES DE CASTRO, *El-Rei D. Sebastião e a espada de D. Afonso Henriques*.

86 — p. 158 — BARBOSA, obr. cit., parte III, liv. I, c. 126.

87 — p. 158 — ITEM, *item*.

88 — p. 160 — BARBOSA, obr. cit., parte III, liv. I, c. 26.
— RIBEIRO GUIMARÃES, obr. cit., parte II, p. 154.
— W. STORCK, obr. cit. p. 677.

89 — p. 163 — EDGAR PRESTAGE, art. cit. *Revista de História*, 1916.

90 — p. 163 — SANTOS, liv. II, c. 3.
— BARBOSA, obr. cit., parte III, liv. II, c. 4.

91 — p. 163 — ITEM, *item*, parte III, liv. II, c. 6.
— P.e PEREIRA BAIÃO, obr. cit., c. 39.
— A. HERCULANO, obr. cit. t. 6.

92 — p. 165 — VASCONCELOS, *Crónica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*, t. IV.
— B. TELES, *Crónica da Companhia*, t. II, p. 24.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

93 — p. 168 — Barbosa, obr. cit., parte III, liv. II, c. 15.
94 — p. 169 — Diogo do Couto, Dec. IX, c. 11.
95 — p. 169 — «Carta aos bispos», em Santos, obr. cit. liv. II, c. 16.
96 — p. 170 — Diogo do Couto, Dec. VIII, c. 38.
97 — p. 171 — Vid. «Relatório» em Santos, obr. cit., liv. II, c. 16.
98 — p. 172 — Diogo do Couto, *Diálogo do soldado prático* — «Diálogo» II.
99 — p. 173 — Item, Dec. VIII, c. 33.
— Schaefer, *História de Portugal*, (trad.) vol. IV p. 127 e seguintes.
100 — p. 177 — Garcia de Rèsende, obr. cit., c. 76.
101 — p. 178 — Ruy de Pina, *Crónica de D. Afonso V*, c. 138.
102 — p. 179 — Pedro Nunes, *Tratado da Sfera*.
103 — p. 179 — João de Barros, Dec. I.
104 — p. 181 — Damião de Goes, *Crónica del rei Dom Manoel*, parte I, c. 70.
105 — p. 181 — Azurara, *Crónica de D. João I*, parte III, c. 21.
— Cf. Paiva Manso, *Hist. Ecl. Ultr.*
106 — p. 183 — Cf. Soares da Silva, *Memórias*, t. IV, p. 330. *Apud* Luís Teixeira de Sampaio, *Les Portugais au Maroc*. (Inédito).

— Ao Ex.mo Sr. Luís Teixeira Sampaio agradecemos, penhoradíssimos, a cativante gentileza de nos ceder o seu manuscrito «Les Portugais au Maroc», que nos instruiu para várias passagens dêste nosso livro, em especial para o capítulo «A guerra de Marrocos».

O que é o livro dêste erudito, penetrante e elegante autor (livro que S. Ex.ª não deixará de publicar, a-pesar-de nos dizer que desistiu de o fazer) mostra-o a *Introdução* «Antes de Ceuta», publicada no «Arquivo de história e bibliografia», vol. I, e, depois, em separata, onde se estudam as «relações dos Estados muçulmanos do norte de África com as nações cristãs, anteriormente ao século XV, e a parte que nesse trato teve a nação portuguesa». Aí se mostra quanto D. João I, além do «enthousiasme chevaleresque et le coté politique», tinha a instigá-lo o conhecimento do valor comercial de Ceuta, «entreposto entre o comércio de Alexandria e o ociden-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

te», como escreveu Paiva Manso. «D. Jean I etait renseigné de tout», diz COUR, no seu livro *Etablissement des chérifs*. E porque os judeus conheciam tudo isto, não podiam êles deixar de ser os seus auxiliares.

Interessantíssimo estudo o do Ex.mo Sr. Luís Teixeira de Sampaio.

107 — p. 184 — RUY DE PINA, *Crónica de D. Duarte*, c. 14 e 19.
108 — p. 189 — DAMIÃO DE GOES, *Crónica de D. Manoel*, parte I., c. 70 e 71; parte II, c. 28 e 29.
109 — p. 190 — ITEM, *Item*, parte I, 67.
110 — p. 192 — GIL VICENTE.
111 — p. 193 — ITEM, *Exhortação á Guerra*.
112 — p. 194 — SÁ DE MIRANDA, *Obras*.
113 — p. 194 — ANTÓNIO FERREIRA, *Cartas*, 1.ª, liv. II.
114 — p. 194 — ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE, *Obras*.
115 — p. 194 — PEDRO DE ANDRADE CAMINHA, *Poezias*.
116 — p. 195 — DIOGO DE TEIVE e FRANCISCO DE SÁ, *Regras para a educação de el-rei D. Sebastião*, versão portuguesa de Francisco de Andrade.
117 — p. 195 — DIOGO BERNARDES.
118 — p. 195 — CAMÕES, *Lusiadas*, I — 6.
119 — p. 195 — ITEM, *Item*, VII — 14.
120 — p. 196 — » » X — 152.
121 — p. 196 — » » X — 156.
122 — p. 196 — » » I — 16.
123 — p. 196 — Epístola III
124 — p. 196 — » » III — 26.
125 — p. 197 — » » IV — 100.
126 — p. 197 — » » I — 6.
127 — p. 197 — » » I — 8.
128 — p. 197 — » » X — 153.
129 — p. 197 — » » I — 6.
130 — p. 197 — » » I — 7.
131 — p. 198 — » » I — 8.
132 — p. 198 — CAMÕES, *Lusiadas*, X — 155.
133 — p. 198 — ITEM, *Item* I — 15.
134 — p. 199 — » » X — 155.
135 — p. 199 — » » X — 155.
136 — p. 199 — SANTOS, obr. cit. «Quando D. Sebastião participou a sua resolução aos prelados, aos grandes, e às cidades do reino, a maior parte lhe beijou a mão».
137 — p. 199 — P.e L. GONZAGA DE AZEVEDO, obr. cit. pag. 177.

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

138 — p. 199 — Cf. SOUSA LOBO, *Origens do Sebastianismo*, pag. 27.

139 — p. 203 — 9 de 1574. A bula tem a data de 8 de Novembro de 1573.

140 — p. 203 — SANTOS, obr. cit. liv. II, c. 21.

141 — p. 204 — CAMÕES, *Epistola* III.

142 — p. 206 — BARBOSA, obr. cit. parte IV, liv. II, c. 26.

143 — p. 206 — D. ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA, obr. cit., t. VI, p. 147.

144 — p. 206 — 17 de Agôsto de 1574.

145 — p. 207 — «Pera milhor e de mais perto tomar resolução e mândar proceder nas cousas dafrica».
Elementos para a história do municipio de Lisboa, t. I, p. 591.

146 — p. 208 — Carta do bispo de Silves ao P.e Luís Gonçalves da Câmara.

147 — p. 209 — BARBOSA, obr. cit. parte III, liv. II, c. 27.

148 — p. 211 — FR. BERNARDO DA CRUZ, *Chrónica de elrei D. Sebastião*, c. 10.

149 — p. 218 — «Tanto erão estas viagens da arte delrei, que aquela tormenta era a frescura que o refrescava, e os mares agoas cheirosas com que os mimosos se borrifavão».
ITEM, *Item*, c. 12.

150 — p. 220 — DIOGO BERNARDES, *Peregrino, Lima*, p. 95.

151 — p. 221 — CAMÕES, *Elegia VII*.

152 — p. 221 — D. JERÓNIMO OSÓRIO, *Carta in* BARBOSA, obr. cit. parte III, liv. II, c. 28.

153 — p. 222 — ITEM, *Item*.

154 — p. 223 — ITEM, *Item*.

155 — p. 224 — Vid. *Nota* 2, p. 452, e *nota* 3, p. 454, na obra *Les sources inédites de l'histoire du Marroc de 1530 a 1845, par* LE COMTE HENRY DE CASTRIES.
— Vid. NOZHET, *Histoire de la dynastie Sasdreem* (trad. de HEUDAS).

156 — p. 225 — ROBERTSON, *The history of the Reign of the Emperor Charles V*.

157 — p. 225 — *The autobiography of the emperor Charles V*.
Recently discovered in the portuguese language by baron Kervyn de Lettenhove, member of the royal academy of belgium.
The english trasnlation by LEONARD FRANCIS SIMPSON, M. R. S. L. London, Long-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

man, Green, Longman, Roberts & Green, 1862.

158 — p. 227 — JERÓNIMO DE MENDONÇA, obr. cit. c. II.

159 — p. 227 — «Les relations de Moulay Abd el Malek avec la Porte et le sejour prolongé au Maroc des troupes turques constituaient un danger réel pour l'Espagne et le Portugal.» CASTRIES, obr. cit. *nota* de p. 578.

160 — p. 228 — BARBOSA, obr. cit. parte IV, liv. I, c. II.
— SANTOS, obr. cit. liv. II, c. 27.

161 — p. 231 — BARBOSA, obr. cit. parte IV, liv. I, c. 2.

162 — p. 233 — A conferência foi entre 23 de Dezembro de 1576 e 7 de Janeiro de 1577.

163 — p. 235 — SANTOS, obr. cit. liv. II, c. 127.
— BARBOSA, obr. cit. parte IV, liv. I. c. 5 a 8.
— PARADA, obr. cit. c. 3 §.

164 — p. 236 — D. ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA, obr. cit. t. 11 (1.ª) p. 67.

165 — p. 236 — FR. BERNARDO DA CRUZ, obr. cit. c. 38.

166 — p. 237 — ITEM, *Item.*

167 — p. 238 — Vid. o retrato de PANTOJA.

168 — p. 252 — BARBOSA, obr. cit. parte IV, liv. I. c. 17.
— PEREIRA BAIÃO, obr. cit. liv. IV. c. 8.
— PARADA, obr. cit. c. 6 § 1.

169 — p. 253 — PEREIRA BAIÃO, obr. cit. lugar cit.

170 — p. 259 — AZURARA, *Crónica D. João I*, c. 96 e 98.

171 — p. 259 — RUY DE PINA, *Chrónica do Senhor Rei D. Duarte*, c. 17, 19 e 22.

172 — p. 261 — PEREIRA BAIÃO, obr. cit. lugar citado.

173 — p. 262 — ITEM, *Item.*

174 — p. 263 — BARBOSA, obr. cit. parte IV, liv. I, c. 24.
— RIBEIRO GUIMARÃES, obr. cit. parte IV, p. 116.

175 — p. 271 — D. João da Silva, embaixador de Filipe II, escrevia do continente alemão: «Estes alemães não são alemães, mas Osterinos (de Hostein) holandeses e «vallons».

O embarque das tropas e munições fez-se em Antuerpia.

Seriam uns cinco mil. Era gente nova e inexperiente. Desembarcaram em Cascais. Uma epidemia dezimou-os. Ficaram uns três mil (CASTRIES, *obr. cit.*)

176 — p. 271 — O príncipe de Orange prestou serviços a Álvares Pereira. Chegou a oferecer ao rei de Portugal armar-lhe dois regimentos alemães. Queria, assim, conseguir de D. Sebas-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

tião empenho junto de Filipe II para obter a paz dos Países-Baixos. O rei de Espanha não gostou, e queixa-se de D. Sebastião, por intermédio do seu embaixador João da Silva. CASTRIES, *obr. cit.* Nota 24 da p. 379.

177 — p. 274 — *Memorial de Pedro de Alcáçova*, em BARBOSA, parte IV, liv. II, c. 18.

178 — p. 276 — SANTOS, obr. cit. liv. II, c. 31.

179 — p. 277 — MIGUEL LEITÃO DE ANDRADA, *Miscelânea*, Diálogo 7.º

180 — p. 277 — Em 2 de Novembro de 1577 começou a ver-se um grande cometa, cuja cauda, curva com a concavidade para baixo, chegou a ter 22 graus de comprimento. Foi observado por Tycho Brahe, vendo-se já mal em Dezembro, e desaparecendo pouco depois do fim de Janeiro de 1578 (PINGRÉ, *Cométopraphie*, Paris, 1783, vol. I, pag. 511-519).

181 — p. 279 — Vid. estas cartas em BARBOSA, obr. cit. parte IV, liv. II, c. 1.

182 — p. 280 — Segundo D. João da Silva, D. Sebastião nunca teve intenção de oferecer a regência ao cardeal D. Henrique. Êste, portanto, apressou-se a recusar. CASTRIES, *obr. cit.* Nota 2 da pag. 468.

183 — p. 280 — A. HERCULANO, *Opúsculos*, tom. VI.

184 — p. 284 — Nuno comprou em Flandres: 25 mil quintais de pólvora; 12 peças de campanha; 2 mil balas; 3 mil mosquetes; 4 mil arcabuzes; 12 mil mechas; 6 mil barricas de farinha; 3 mil quintais de queijo; 4.500 quintais de carne salgada. CASTRIES, obr. cit. *Nota* 22, p. 379.

185 — p. 284 — *Relação da jornada de el-rei D. Sebastião e do aparato da armada e gente que por seu mandado se fez passar a África, no ano de 1578.*

Mss. da Biblioteca Real, publicado no «Bibliophilo», n.ºs 1 e 2, Abril e Maio de 1849.

— *Carta a um abade da «Beira»* «Bibliophilo» Julho e Agosto de 1849.

186 — p. 287 — Variam as opiniões dos cronistas, acerca do número dos combatentes que Portugal pôs em Marrocos. No entanto, poder-se-há dizer que a expedição se compunha, números re-

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

dondos, de 15 mil homens, assim distribuidos:

Portugueses peões combatentes e gastadores	9.000
Portugueses Ventureiros	1.400
Castelhanos	1.000
Tudescos	3.000
Italianos	600
	15.000

187 — p. 287 — BARBOSA, obr. cit. no fim do t. IV.
— A. CAETANO DE SOUSA, obr. cit. «Provas» t. III.

188 — p. 297 — Êste duque de Aveiro, 2.º de título, casado com D. Madalena Girão era D. Jorge de Lancastre. Iiá na batalha outro D. Jorge de Lancastre, primo daquele.
Cf. A. CAETANO DE SOUSA, obr. cit. t. II (1.º) p. 67.

189 — p. 311 — JERÓNIMO DE MENDONÇA, obr. cit. c. 3.
— FR. BERNARDO DA CRUZ, obr. cit. c. 53.

190 — p. 311 — MIGUEL LEITÃO DE ANDRADA, obr. cit. Dialogo 7.º

191 — p. 314 — CASTRIES, obr. cit. p. 504.

192 — p. 315 — Cf. NOZHET, *Histoire de la dynastie Sasdreem*, trad. de HEUDAS.

193 — p. 316 — «Luy promit encor, outre cecy, luy donner deux ou trois ports de mêr en Barbarie, et plusieurs terres pour le service et soustien d'icelles villes; et pour cecy il offrit et donna son fils en ostage.»
FRAY LUIS NIETO, cap. 8 (Na edição francesa, citada por CASTRIES, obr. cit. p. 471.)

— «Encor faut-il sçavoir par quels presents Mulei Mahamet recognoissoit le secours de ce roi chrestien. Il lui donnoit tout le rivage qu'il tenoit sur la mer Oceane avec six lieues en terre ferme, toutes villes et citez qui en despendoyent, entre lesquelles estoyent Arzile, Saphin et l'Arache, ville très grande, très riche, très forte et très importante. A cela, il adjousta, par le second ambassadeur Alcacarquibit, Equituan.»
(Cf. AGRIPPA D'AUBIGNÉ, *Histoire Universèlle* [Transcrit par CASTRIES, obr. cit. p. 637]).

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

— O xerife pediu socorro a D. Sebastião «prometendo-lhe a fortaleza de Larache com algumas cousas mais.»
JERÓNIMO DE MENDONÇA, obr. cit. c. 1.

194 — p. 320 — JERÓNIMO DE MENDONÇA, obr. cit. c. 3.

195 — p. 321 — FR. BERNARDO DA CRUZ, obr. cit. c. 59.
— JERÓNIMO DE MENDONÇA, obr. cit. c. 13.

196 — p. 327 — CASTRIES, obr. cit. *Nota* 1, p. 536.

197 — p. 327 — BARBOSA, obr. cit. parte IV, liv. II, c. 10.
— MIGUEL LEITÃO DE ANDRADA, obr. cit. Diálogo 7.º

198 — p. 328 — «Carta de D. Sebastião aos governadores», JERÓNIMO DE MENDONÇA, obr. cit. t. III, e em BARBOSA, obr. cit. parte IV, liv. II, c. 9.

199 — p. 329 — FR. BERNARDO DA CRUZ, obr. cit. c. 60.

200 — p. 330 — Em CASTRIES, obr. cit., vem um mapa com a reconstituïção desta marcha de Arzila a Alcácer — umas dez léguas. Está de acôrdo com as descrições dos cronistas FR. BERNARDO DA CRUZ, JERÓNIMO DE MENDONÇA e MIGUEL LEITÃO DE ANDRADA, nas obras citadas.

201 — p. 335 — Em SANTOS, obr. cit. c. 33.
— BARBOSA, obr. cit. parte IV, liv. II, c. 13.

202 — p. 341 — FR. BERNARDO DA CRUZ, obr. cit. c. 62 — diz: «Já Larache não tem remédio.»

203 — p. 342 — No dia 3 de Agôsto de 1578 a Lua Nova foi às 9h 47′ da manhã, tempo civil. (Vid. *Repertório dos tempos*, de VALENTIM FERNANDES, na reimpressão do Snr. Joaquim Bensaúde).

204 — p. 345 — CASTRIES, obr. cit. p. 399.

205 — p. 345 — «Et, sans faillir, ceste garde fut cause de la ruine de Mahamet, d'autant qu'il n'y avoit homme qui osast sortir de son cartier ny de sa tente durant la nuit.»
(FRAY LUÍS NIETO, c. X, em CASTRIES, obr. cit. p. 482.)

206 — p. 346 — BARBOSA, obr. cit. parte IV, liv. II, c. 14.

207 — p. 354 — A planície de Alcácer-Quibir chama-se também Tamita, Adaraca ou Uderaca.

208 — p. 356 — EL-OUFRÂNI, historiador árabe do fim do século XVIII, citado por CASTRIES, na obra citada.

209 — p. 356 — FR. BERNARDO DA CRUZ, obr. cit. c. 62.
— JERÓNIMO DE MENDONÇA, obr. cit. c. 5.

210 — p. 360 — ITEM, *item*.

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

211 — p. 362 — Fr. Bernardo da Cruz, obr. cit. c. 62.
— Jerónimo de Mendonça, obr. cit. c. 5.
— Santos, obr. cit. liv. II, c. 34.

212 — p. 367 — Miguel Leitão de Andrada, obr. cit. Dialogo 7.º

213 — p. 367 — D'Aubigné, *Histoire Universelle*, diz que havia «garses»; e também isto diz Castries, obra citada.
— Vincent Leblanc, *Voyages* (1.ª ed. 1649, 2.ª ed. 1658).
— «Cisco das suas matronas» — *Carta a um abade da Beira*, ed. no *Bibliófilo* (1849) p. 199.

214 — p. 367 — Fr. Bernardo da Cruz, obr. cit. c. 64.

215 — p. 368 — Fala de D. Sebastião, em:
a) Fr. Bernardo da Cruz, obr. cit. c. 62.
b) Jerónimo de Mendonça, obr. cit. c. 6.
c) Santos, obr. cit. liv. II, c. 34.
d) Barbosa, obr. cit. parte IV, liv. II, c. 16.

216 — p. 369 — Castries, obr. cit. p. 626.

217 — p. 369 — Item, *Nota* 9 de p. 613.

218 — p. 370 — Fr. Bernardo da Cruz, obr. cit. c. 65.

219 — p. 377 — Jerónimo de Mendonça, obr. cit. liv. I, c. 6.

220 — p. 377 — Relação de Luís de Oxeda, em Castries, obr. cit. p. 607.

221 — p. 377 — Item, *item*.

222 — p. 381 — Castries, obr. cit. p. 618.

223 — p. 382 — Jerónimo de Mendonça, obr. cit. liv. I, c. 6.

224 — p. 383 — Vincent Leblanc, obr. cit.

225 — p. 383 — Castries, obr. cit. p. 602.

226 — p. 387 — Jerónimo de Mendonça, obr. cit. liv. I, c. 6.

227 — p. 389 — Item, *item*.

228 — p. 390 — «Les Tudesques, en lâchant pied, auraient été le principale cause de la defaite.»
Torres de Lyma, f. 127, V, — citado por Castries, obr. cit. p. 611.

229 — p. 393 — Fr. Bernardo da Cruz, obr. cit. c. 66.

230 — p. 394 — Jerónimo de Mendonça, obr. cit. liv. I, c. 6.

231 — p. 394 — Fr. Bernardo da Cruz, obr. cit. c. 66.

232 — p. 394 — Jerónimo de Mendonça, obr. cit. c. 6.

233 — p. 394 — P.e Pereira Baião, obr. cit. c. 19.

234 — p. 394 — P.e Carvalho, *Corografia portuguesa*, tom. I, c. 32.

235 — p. 394 — Barbosa, obr. cit. parte IV, liv. II, c. 16.

236 — p. 395 — Fr. Bernardo da Cruz, obr. cit. c. 66.

237 — p. 395 — «El-Rey que se tiene por cierto que aquel dia hiço maravillas de su persona, matando, con

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

sus reales manos, a muchos de los enemigos que se lo acertaron a poner delante, particularmente a Çoliman y Almançor, Turcos de naçion, tenidos entre ellos en reputaçion de valientes.»

CASTRIES, obr. cit. p. 614.

238 — p. 395 — «Muchos de los moros deziam que era fuego del cielo, y ninguno le osava aguardar.»

CASTRIES, obr. cit. p. 496.

239 — p. 396 — FR. BERNARDO DA CRUZ, obr. cit. c. 68.

240 — p. 398 — D. ANTÓNIO CAETANO DE SOUSA, obr. cit. vol. VI, p. 308.

241 — p. 398 — «Ils, les «Aventureiros», se jataient au milieu des Maures sans aucune crainte, on en vit même ayant les jarrets coupés, sans pieds, couverts de blessures, hurlant comme des taureaux et accomplissant sur place des prouesses incroyables.»

TORRES DE LYMA, f. 128, citado por CASTRIES, obr. cit. nota 5, p. 396.

242 — p. 399 — JERÓNIMO DE MENDONÇA, obr. cit. liv. I, c. 7.

243 — p. 400 — BARBOSA, obr. cit. parte IV, liv. II, c. 17.

244 — p. 400 — ITEM, *item*.

245 — p. 401 — FR. BERNARDO DA CRUZ, obr. cit. c. 66.

246 — p. 402 — ITEM, *item*, c. 67.

247 — p. 402 — VINCENT LEBLANC, obr. cit.

Vid. trad. de OLIVEIRA MARTINS, na *Jornada de África*, II, p. 155.

248 — p. 402 — MIGUEL LEITÃO DE ANDRADA, obr. cit. Dialogo 7.º

249 — p. 405 — BARBOSA, obr. cit. parte IV, liv. II, c. 17.

250 — p. 405 — ITEM, *item*.

251 — p. 405 — ITEM, *item*.

252 — p. 406 — ITEM, *item*.

253 — p. 406 — ITEM, *item*.

254 — p. 407 — FR. BERNARDO DA CRUZ, obr. cit. c. 68.

255 — p. 414 — MIGUEL LEITÃO DE ANDRADA, obr. cit. Dialogo 7.º

— «Venia el que trahia el cuerpo, cavallero en una bestia de albarda, y trahialo delante atravessado, atadas las manos, por que não colgasen los braços...»

CASTRIES, obr. cit. p. 621.

256 — p. 414 — ITEM, *item*.

— FR. BERNARDO DA CRUZ, obr. cit. c. 71.

— JERÓNIMO DE MENDONÇA, obr. cit. liv. II, c. 3.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

257 — p. 414 — MIGUEL LEITÃO DE ANDRADA, obr. cit. Diálogo 7.º

258 — p. 416 — SANTOS, obr. cit. liv. II, c. 38.

259 — p. 416 — ITEM, *item*.

260 — p. 418 — Cf. CAMILO CASTELO BRANCO, *As virtudes antigas*.

261 — p. 423 — FR. JOÃO ÁLVAREZ, *Crónica do Infante Santo D. Fernando*, c. XVIII.

262 — p. 426 — CAMÕES, *Lusíadas*, canto IV, 13.

263 — p. 431 — BARBOSA, obr. cit. parte IV, liv. II, c. 19.

264 — p. 433 — MIGUEL DANTAS, *Les faux Don Sebastien*.

265 — p. 435 — A. DE SOUSA SILVA COSTA LOBO, *Origens do Sebastianismo*, pag. 81. *Passim*.

266 — p. 435 — ITEM, *item*.

267 — p. 436 — Sr. J. LÚCIO DE AZEVEDO, *A evolução do Sebastianismo*, pag. 11. *Passim*.

268 — p. 439 — DIOGO DE TEIVE, obr. e trad. citadas.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

DATAS

1554 — 20 de Janeiro. Nasce D. Sebastião.
1557 — 11 de Junho. Morre D. João III.
— D. Sebastião é aclamado sucessor do reino.
— Regência de D. Catarina.
1558 — Morre Carlos V, no mosteiro de São Justo.
1560 — Escolhe-se o P.e Luís Gonçalves da Câmara para preceptor de D. Sebastião, sendo já seu aio D. Aleixo de Meneses.
1561 — A regente pensa em abdicar.
1562 — A regente quer retirar-se para Espanha.
1563 — Conclusão do Concílio de Trento.
1568 — Maioridade de D. Sebastião.
1569 — «Peste-grande» em Lisboa.
— Visita D. Sebastião Alcobaça.
— Morre D. Aleixo de Meneses.
1570 — Visita D. Sebastião a Batalha e Coimbra.
1571 — Vem a Portugal o cardeal Alexandrino, em missão de Pio V, para D. Sebastião entrar na cruzada contra os turcos.
1572 — *Lusiadas* de Luís de Camões.
— 24 de Agôsto. São Bartolomeu *(Saint-Barthélémy)*.
— Morre Pio V. Sucede-lhe Gregório XIII.
1573 — Morre em Madrid D. Joana de Castela, mãe de D. Sebastião.
1574 — Vai pela primeira vez D. Sebastião a Africa.
1575 — Morre o P.e Luís Gonçalves da Câmara.

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

1576 — Entrevista, em Guadalupe, de D. Sebastião com Filipe II.
1577 — Aparece um cometa sôbre Belém.
1578 — 12 de Fevereiro. Morre a raínha D. Catarina, viúva de D. João III.
— 14 de Junho. Benção da bandeira.
— 24 de Junho. Partida da expedição.
— 25 de Junho. Chegada a Lagos.
— 29 de Junho. Chegada a Cádiz.
— 7 de Julho. Tânger.
— 10 de Julho. Arzila.
— 29 de Julho. Marcha de Arzila para Alcácer.
— 30 de Julho. Acampamento de Almenara.
— 1 de Agôsto. Acampamento de Truxena.
— 2 e 3 de Agôsto. Acampamento próximo do Mucazim.
— 4 de Agôsto. Batalha de Alcácer-Quibir. Morte de D. Sebastião.

Digitized by Google Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Digitized by Google

Original from
THE UNIVERSITY OF TEXAS

ÍNDICE

	Pag.
I — O «Desejado» — Lenda do nascimento	1
II — Corpo e alma de antepassados	16
III — Scetro de oiro em mãos de criança.	28
IV — A regente	39
V — Aio e preceptor	56
VI — Ambiente religioso	64
VII — Educação religiosa e misticismo guerreiro	73
VIII — Rei	100
IX — Após orações, consulta a nação	120
X — Sua Dama	129
XI — Lição dos mortos	146
XII — Rebate de alma	160
XIII — Portugal de além — A Índia, o Brasil, a África	168
XIV — Sonho alto e dilatado!	180
XV — Vozes do Povo e de Poetas	188
XVI — Explosão	202
XVII — A guerra de Marrocos	220
XVIII — O «Demónio do Meio-Dia»	232
XIX — O Conselho	251
XX — Lanças, piques e arcabuzes	263
XXI — «Muitas e desvairadas gentes»	279
XXII — Abalada das velas e das almas	295
XXIII — Mar costeiro	309
XXIV — Em terras do Magrebe	319
XXV — Vigília de armas	342
XXVI — Alcácer-Quibir (I)	352
XXVII — Alcácer-Quibir (II)	373
XXVIII — O «Encoberto» — Lenda da morte	409
Notas	445

Digitized by Google
Original from THE UNIVERSITY OF TEXAS

Digitized by Google

Original from
THE UNIVERSITY OF TEXAS

Digitized by Google

Original from
THE UNIVERSITY OF TEXAS

Digitized by Google

Original from
THE UNIVERSITY OF TEXAS

Digitized by Google
Original from
THE UNIVERSITY OF TEXAS

UNIVERSITY OF TEXAS AT AUSTIN - UNIV LIBS

3018007478

0 5917 3018007478

Digitized by Google

Original from
THE UNIVERSITY OF TEXAS